Era para ser um noivado de aparência...
Mas me apaixonei de verdade.



Sem Saída

ELSIE SILVER

CHESTNUT SPRINGS • 5

ARQUEIRO



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

Sem Saída



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

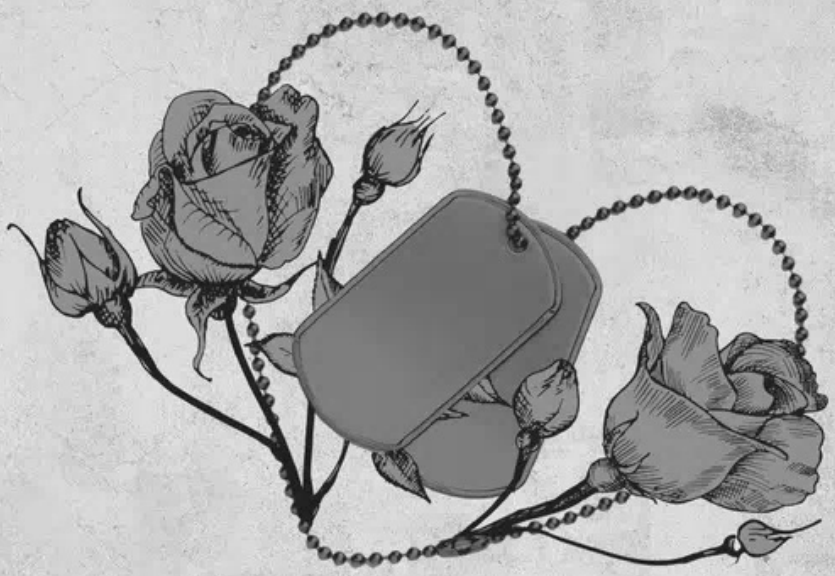
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Traduzido por Livia de Almeida



Sem Saída

ELSIE SILVER

CHESTNUT SPRINGS • 5

ARQUEIRO

Título original: *Hopeless*

Copyright © 2024 por Elsie Silver
Trecho de *Wild Love* copyright © 2024 por Elsie Silver
Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Taís Monteiro

preparo de originais: Fabiana Araujo

revisão: Juliana Souza e Rachel Rimas

diagramação: Adriana Moreno

capa: Sourcebooks

imagens de capa: lisima/Shutterstock (flor), Mega Pixel/Shutterstock (tags)

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S591s

Silver, Elsie
Sem saída [recurso eletrônico] / Elsie Silver ; tradução Livia de Almeida. - 1. ed. -São Paulo : Arqueiro, 2026.
recurso digital (Chestnut springs ; 5)

Tradução de: Hopeless
Sequência de: Sem juízo
Formato: epub
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-5565-995-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Almeida, Livia De. II. Título. III. Série.

26-103463.0

CDD: C813
CDU: 82-3(71)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 2894-4987
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para cada um dos leitores (e foram muitos)
que mandaram mensagens, e-mails ou deixaram
comentários implorando por um livro do Beau.

Este aqui é para vocês.

SUMÁRIO

1
Beau

2
Bailey

3
Beau

4
Beau

5
Bailey

6
Beau

7
Bailey

8
Beau

9
Bailey

10
Beau

11
Bailey

12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25



26



27



28



29



30



31



32



33



34



35



36



37

Bailey

38

Beau

39

Bailey

40

Beau

41

Bailey

42

Beau

Epílogo

Bailey

Cena bônus

Harvey

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro

Nota para os leitores

Este livro aborda temas como alcoolismo, transtorno de estresse pós-traumático e queimaduras/enxertos de pele.
Espero tê-los tratado com o cuidado que merecem.

1

Beau

Achei que deixar meu irmão fulo da vida e dar no pé me faria sentir alguma coisa.

Me enganei.

Até mesmo agir como um idiota raivoso quando eu deveria estar ajudando um amigo da família a se mudar para a casa nova é… sem graça.

Enquanto caminho pela rua principal de Chestnut Springs, fecho as mãos, cravando as unhas na pele.

Nem isso eu sinto.

Sinto apenas cansaço.

Mas não o suficiente para dormir.

A buzina de um trem soa, e eu travo. Durante anos, escondi de todos que barulhos altos me assustam, mas agora é diferente.

Seria de esperar que eu escolhesse entre lutar ou fugir, mas, hoje em dia, eu paraliso.

Paro.

Espero sentir algum tipo de emoção. Medo, ansiedade, decepção.

Mas atualmente não sinto nada.

Dou meia-volta na esquina da Rosewood com a Elm para ver o trem passar soltando fumaça. Seguindo seu caminho. Indo e vindo. Do ponto A ao ponto B. Carregar. Descarregar. Esperar a noite passar. Começar tudo de novo.

– Eu sou um trem – murmuro ao olhar para as rodas esmagando os trilhos.

Fico o dia inteiro no rancho porque é o meu trabalho. Faço tudo no automático. Detesto cada segundo.

Uma mulher passa por mim empurrando um carrinho de bebê e me lança um olhar confuso. Sua expressão muda para surpresa quando me reconhece. Será

que fizemos o ensino médio juntos? Bem, isso vale para qualquer pessoa nesta cidade que tenha nascido na mesma época que eu.

– Ah, Beau! Desculpa, quase não te reconheci.

Provavelmente porque não corto o cabelo há meses.

Não lembro o nome dela, então forço um sorriso.

– Sem problema. Estou bloqueando a faixa de pedestres, né? Pronto…

Estico o braço para apertar o botão do semáforo para ela.

A mulher, que não faço ideia de quem seja, me lança um sorriso agradecido, ajeitando uma bolsa no ombro enquanto tenta segurar o carrinho abarrotado de coisas.

– Obrigada! É bom ver você por aqui. Você deixou toda a cidade preocupada por algumas semanas.

Minha bochecha se contrai mediante o esforço de manter o sorriso. Sim, eu era da JTF2, a força de operações especiais do Canadá. Sim, eu deliberadamente perdi o nosso transporte porque quis salvar um prisioneiro de guerra. Sim, passei algumas semanas desaparecido e fui encontrado totalmente debilitado.

Ainda estou em péssimo estado.

As pessoas adoram tocar nesse assunto.

Você nos deu um belo de um susto.

Tenta não perder a carona da próxima vez, hein?

Aposto que está adorando receber toda essa atenção.

É quando acham que não estou ouvindo que os comentários se tornam menos bem-humorados e ficam mais parecidos com punhaladas nas costas.

Parece que ele vai surtar a qualquer momento.

Nem o terapeuta conseguiu dar jeito nele.

Pra mim aquilo foi estupidez, não heroísmo.

Sei que todos são bem-intencionados, mas a maneira como expressam interesse me incomoda. Como se o fato de eu ter ficado preso em território inimigo fosse problema deles. Como se eu tivesse optado por deixar as pessoas preocupadas ou simplesmente decidido não atender o telefone. Civis não conseguem entender toda a merda que eu vi, as decisões que fui obrigado a tomar.

Então eu os ignoro.

– É incrível o apoio que a gente recebe em uma cidade pequena.

É o que sempre digo, porque não posso dizer o que realmente penso. Ser o verdadeiro eu, o novo eu, só deixaria as pessoas desconfortáveis.

– Bem, você tem apoio de sobra.

Com um aceno gentil, ela se vira e atravessa a rua.

Eu desvio o olhar, sem querer pegar o mesmo caminho, mas também sem

saber para onde ir. Na direção oposta, acho.

É quando meus olhos avistam o The Railspur, o melhor bar de Chestnut Springs.

Não importa que o céu esteja azul e o sol brilhe em uma linda tarde de verão. Não importa que eu tenha irritado meu irmão Rhett. Não importa que um amigo precise da minha ajuda para carregar móveis a alguns quarteirões daqui.

Neste momento, o bar da cidade me parece um esconderijo bom pra caramba.

E uma bebida também não é má ideia.



– Gary, se você não pegar leve, vou confiscar as suas chaves.

O homem mais velho, de rosto avermelhado, zomba do aviso de Bailey quando puxo um banco perto dele. Viro o assento, apoiando o cotovelo no balcão, de frente para a porta. Este pode ser só mais um bar de cidade pequena, mas a última reforma deu a ele um toque de sofisticação que eu aprecio. A decoração em estilo faroeste domina o ambiente: o lustre em formato de roda de carroça pendendo sobre o piso de madeira polida e os potes de conserva que são usados como copos dão um toque rústico ao local.

– Não sei quando você ficou tão atrevida – resmunga, tirando o copo de cerveja da boca. – Você mal falava com as pessoas aqui. Agora está o tempo todo me dando ordens que nem uma ditadorazinha.

O cabelo lustroso, quase preto, balança sobre os ombros bronzeados de Bailey Jansen. Ela fica de costas e se abaixa para tirar os copos da pequena máquina lava-louças atrás do balcão.

– Acho que me acostumei. E você bem que precisa de alguém para te colocar na linha, velhote. Passa o dia sentado aí, só me perturbando.

– Nada disso. Eu sou muito legal com você, isso sim. Um dos poucos, inclusive.

Ela se vira com o pano branco na mão e aponta para o único cliente no bar vazio.

– É verdade. E eu te considero um amigo. Por isso te digo todo dia pra maneirar na bebida.

O olhar dela se fixa no meu. Os olhos escuros se arregalam com surpresa, como se ela não tivesse me ouvido chegar por causa da música country e do barulho da máquina lava-louça.

– Se eu parar, você vai ficar sem trabalho. E talvez sem amigo também.

Gary fala como se não tivesse percebido minha presença, mas ela responde

sem tirar os olhos de mim.

– Eu vou sobreviver, Gary.

Bailey faz uma pausa, a ponta da língua surgindo entre os lábios.

Lábios carnudos e atraentes.

– Beau Eaton. Que bom ver você.

O homem se vira, agora ciente da minha presença.

– Cacete, esse aí é Beau Eaton? Sujeito grandão, hein? – balbucia Gary, e Bailey estica o braço para surrupiar as chaves do balcão.

Os olhos de Gary se fecham, e ele geme.

– Todo dia essa merda.

– É. Todo dia. – Ela enfia as chaves no bolso de trás da calça e se vira para a máquina lava-louça, onde os copos estão empilhados. – O que vai ser hoje, Beau? Está acompanhado? Vai se sentar no seu sofá favorito, né?

Engulo em seco e olho para o sofá onde meus irmãos, amigos e eu nos divertimos tantas noites. Parece que era uma versão diferente de mim que se sentava ali. O novo Beau se senta no balcão diante da vizinha tímida, que, inclusive, preenche uma calça jeans como ninguém.

Do lado do bêbado triste da cidade.

– Não, sou só eu hoje. Vou querer o mesmo que Gary estiver tomando.

– Desce uma cerveja gelada para o herói da cidade! – diz Gary, dando um tapa no balcão, e estremeço com o barulho repentino.

E pelo que ele disse. Vou acabar sendo esmagado pelo peso de ser colocado num pedestal por todos à minha volta. Todo mundo está *sempre* me observando.

Olho fixamente para a mão envelhecida de Gary, rente à madeira polida do balcão. Fecho os olhos por um momento, e passo a língua na parte de trás dos dentes tentando não rangê-los. Quando levanto o olhar, me forçando a agir naturalmente, Bailey está com as sobrancelhas franzidas e as íris escuras perfurando o meu rosto como se me desvendassem por inteiro. O sorriso amarelo em meus lábios não parece impressioná-la. Na verdade, antes de me dar as costas para servir a cerveja com colarinho, ela balança a cabeça sutilmente, como se estivesse decepcionada.

Volto a observar seu corpo, e quebro a cabeça para lembrar a última vez que a vi. Ela sempre foi a doce e tímida Bailey Jansen. Infelizmente, nascida na família mais infame da cidade. O pai e os irmãos se envolveram em tudo de ruim que se possa imaginar – drogas, prisão, roubo –, e a mãe meteu o pé anos atrás.

O pior de tudo é que o terreno deles faz fronteira com o nosso. Dá para vê-lo da minha casa no rancho, do outro lado do rio. Então tratei logo de colocar uma cerca de arame farpado para que aqueles babacas não passem nem perto.

Mas, para mim, Bailey sempre foi diferente.

Sempre me senti mal por ela, sempre tive vontade de protegê-la, mesmo de longe. Dos olhares, das fofocas. Imagino que seja horrível viver em uma cidade pequena onde quase todos os moradores sabem de alguma história da sua família. Por isso sempre fui legal com ela. Eu gosto dela – não tenho razão para não gostar –, mesmo que mal a conheça.

Ela trabalha no The Railspur há anos, só não sei quantos. Por alguma razão, só agora notei a maneira como a camiseta dela sobe e mostra um pouco da pele lisa de sua barriga. E que seus seios perfeitamente redondos caberiam direitinho nas minhas mãos.

– Há quanto tempo você trabalha aqui, Bailey? – pergunto, observando seus ombros ficarem um pouco tensos.

Ela pigarreia.

– Pouco mais de quatro anos. Comecei aos 18.

Vinte e dois.

Porra. Tenho 35, o que significa que eu era adolescente quando… Afasto o pensamento e baixo os olhos quando ela joga um porta-copos na minha frente, seguido de uma cerveja dourada, com espuma branca transbordando.

– Obrigado – resmungo, passando a mão pelo cabelo.

– Mm-hmm. – Isso é tudo que ela diz.

Desde que voltei, Bailey é a única pessoa na cidade que não se desdobra para me dizer que sou um herói. Ela não me olha boquiaberta, como se eu fosse um animal raro no zoológico.

Ela trabalha em silêncio, e tento evitar que meus olhos a acompanhem. Me pergunto por que ela interrompeu a conversa despreocupada assim que me sentei no bar.

– Desaparecido por duas semanas, hein? – começa Gary.

Vejo Bailey revirar os olhos enquanto seca um copo de cerveja até ele ficar brilhando.

– É.

– E como foi?

Ah, que ótimo. Esse é de fato o único assunto que as pessoas têm comigo.

– Gary!

Bailey deixa as mãos caírem ao lado do corpo, e seu rosto é tomado por puro choque.

– O que foi?

– Você não pode sair por aí fazendo perguntas assim.

– Por quê?

Não consigo evitar. Dou uma risada e decido aliviar o lado de Bailey. Ela não precisa me socorrer.

– Estava um calor danado. Arranjei um belo bronzeado.

O homem franze o cenho num movimento um pouco lento. Eu me pergunto há quanto tempo ele está aqui, porque mal passou da hora do almoço e ele já está visivelmente mamado.

– Soube que você se queimou. Só não foi o tipo de queimado que eu desejaria.

– Ga-ry.

Pela maneira como Bailey pronuncia o nome dele, fica claro que esse tipo de questionamento realmente a deixa horrorizada.

Passo a mão pelo balcão, chamando a atenção dela.

– Está tudo bem. Todo mundo sabe das queimaduras.

Os olhos de Bailey ficam um pouco vidrados.

– Sério, eu prefiro que as pessoas sejam diretas do que puxem meu saco ou fiquem cheias de dedos comigo. Por que você acha que estou me escondendo aqui no meio do dia?

– Porque a Bailey é a melhor bartender da cidade!

Ela bufa, esboçando um sorriso enquanto volta a polir um copo. Tento lembrar se já a vi sorrindo de fato. Não tenho certeza. Bailey está sempre ocupada tentando passar despercebida, e eu só venho aqui nos dias mais movimentados. Nem sei se já tinha ouvido a voz dela direito até agora. Há um tom melodioso nela – uma gentileza – que é quase reconfortante.

Estou de saco cheio de falar com as pessoas, mas ouvir a voz de Bailey não me parece tão ruim assim.

O primeiro gole da cerveja desce gelado e refrescante. Dou um suspiro, sentindo um peso sair dos meus ombros na presença do bêbado local e da pária da cidade.

Agora os reconheço como semelhantes. Sou um desajustado em minha própria cidade.

– Fiquei com queimaduras de terceiro grau nos pés – anuncio, já que a franqueza parece ser um oferecimento da casa. – E fiz enxertos de pele.

– Não se preocupe. Alguma garota com fetiche bizarro por pés vai adorar essa merda.

Bailey apoia as mãos na beirada do balcão e abaixa a cabeça com um gemido.

– Meu Deus, Gary. Chega de cerveja.

– Desde que seu pau esteja funcionando. – Ele faz um movimento com as mãos como se estivesse escaneando meu corpo. – O rosto está ótimo, não é, Bails? Vai ficar tudo bem, garoto. Você vai encontrar alguém que te ame.

Mesmo bêbado, Gary tocou em um ponto sensível. Nunca fui vaidoso ou

obcecado pela minha aparência. Nunca precisei ser. A boa genética e a necessidade de ficar em forma para meu trabalho ajudaram bastante.

Quem diria que cicatrizes nos pés abalariam a minha confiança? Malditos *pés*. Como se eles fossem grande coisa. Poderia ter sido muito pior. Eu deveria me sentir grato. Mesmo assim…

Bailey e eu ficamos nos encarando. Seu cabelo escuro tem um brilho de mogno nos pontos em que a luz bate. É sedoso e macio, descendo em camadas, da franja comprida, que chega à altura do queixo, até o ombro, e depois mais para baixo, até as costas. Parece que Bailey também não corta o cabelo com frequência. Minha atenção é atraída para seus cílios; são tão grossos e pretos que ela fica parecendo uma daquelas bonecas antigas. Ela não está usando um pingo de maquiagem, revelando algumas leves sardas salpicadas pelo nariz.

Um rubor intenso tinge suas bochechas quando ela responde com suavidade.

– É.

Ela pisca e desvia o olhar.

Seus olhos e aquela palavrinha… fazem meu sangue correr mais depressa.

Fazem com que eu enfim sinta alguma coisa em um mar de entorpecimento.

Sinto um bolo na garganta quando engulo em seco, tentando dissipar o momento. Talvez eu não esteja pronto para sentir nada, afinal.

Tomo outro gole e me pergunto quantas cervejas vou precisar entornar para conseguir dormir por mais do que algumas horas hoje à noite.

Então tomo mais um gole, passo a mão no queixo com a barba por fazer e me viro para Gary.

– Amor é a última coisa de que preciso. Mas esta cerveja está caindo bem demais. Obrigado, Gary.

Falar com ele parece seguro o bastante. Mais seguro do que falar com Bailey Jansen, que me observa intensamente com aqueles grandes olhos de corça.

2

Bailey

Faz duas semanas que Beau Eaton entrou no meu bar no meio do dia. Duas semanas desde que o vi e quase deixei o copo escorregar da mão. É difícil ignorá-lo: alto, ombros largos, corpo definido e pernas longas que o deixam mais de um palmo maior do que a maioria dos homens que entram por aquela porta. O cabelo castanho-claro, um pouco comprido demais, cai sobre sua testa e emoldura perfeitamente aqueles olhos cinza-prateados. Mesmo com o visual um pouco desleixado que ele adotou nos últimos tempos, Beau Eaton é um gostoso. Me sinto totalmente intimidada.

Além de gostoso, Beau também é gente boa. E engraçado.

Uma tripla tentação – pelo menos costumava ser.

Ele nunca me tratou com ar de superioridade, mesmo sendo esse o comportamento da maioria. Eu só o conheço do bar, e ele nunca usou a reputação da minha família contra mim. Sempre me dirigiu palavras gentis, deu toques educados no cotovelo e deixou generosas gorjetas no final da noite.

Ele continua sendo o príncipe da cidade, e eu ainda sou a escória. Ele é o herói e eu sou a bartender.

Ele é um Eaton e eu sou uma Jansen.

Mesmo assim, ele vem aqui todos os dias desde a tarde em que entrou parecendo um animal que tinha acabado de sair da jaula.

Beau Eaton, todo santo dia bebendo com aquele filho da mãe do Gary.

Na primeira vez ele foi fofo. Encantador, na verdade. Mas, nas últimas duas semanas, seu humor mudou da água para o vinho, transformando sua presença em uma nuvem carregada.

Chegamos ao ponto em que ele já está deixando todo mundo desconfortável. Dá para sentir a tensão no ar, como se um raio estivesse prestes a cair.

Também já estou ficando de saco cheio. Ele me faz lembrar do meu pai e dos meus irmãos, e tenho pouca paciência para esse tipo de comportamento tóxico.

Beau chega no meio da tarde e toma suas cervejas devagar, em silêncio, fervilhando por dentro. Juro que consigo ver sua frustração atingir o ponto de ebulição diante dos meus olhos. Sua mão aperta o copo e ele toma goles tensos, chegando a ficar com os nós dos dedos brancos.

Tenho quase certeza de que ele vai quebrar um copo qualquer dia desses. Ele é grande demais, forte demais, zangado demais para apertar algo tão frágil com tanta força.

Quando lhe dirigem a palavra, ele passa a língua na parte de trás dos dentes como se fizesse um esforço consciente para não morder os outros ou coisa parecida.

– Então, o que você fez naquelas duas semanas que passou no deserto?

Fico sem ação com as palavras de Gary. Sei que a intenção é boa, mas o sujeito não está captando a tensão do ambiente. Não está prestando atenção em Beau. Não deve ter percebido como ele ficou tenso com o estrondo da tempestade há menos de trinta minutos. Até agora não relaxou.

Sim, Beau está a ponto de explodir, mas Gary não percebeu.

– Tentei ficar vivo – diz Beau.

Há um tremor em sua voz, algo que me faz lembrar o rosnado de um cachorro. É um aviso para recuar.

Só que Gary está bêbado demais para perceber.

– Dizem que você perdeu seu voo de propósito para ficar para trás e salvar aquele jornalista. Vai ter complexo de herói assim na casa do caramba.

Suas palavras se engrolam, a voz arrastada.

Beau apenas encara a cerveja, contemplando o líquido dourado. Eles já conversaram sobre isso, mas o álcool deixa as pessoas repetitivas. Sei disso porque passei anos estudando os bêbados. Sou especialista no assunto.

– Imagina como seria sua vida se você não tivesse feito aquilo.

Fecho os olhos, porque meu instinto me diz que existe um limite, e Gary acabou de ultrapassá-lo.

Ou simplesmente fez picadinho dele.

Beau faz um movimento brusco com o braço musculoso e derruba o copo dos dois no chão. A cerveja espirra em alguns clientes sentados por perto e, se não fosse pela música alta, tenho certeza de que o bar estaria em completo silêncio enquanto a confusão se formava.

Beau se levanta tão rápido que seu banco cai para trás com um estrondo. Gary parece aterrorizado.

– Imagine como seria a sua vida se você não estivesse sentado aqui bebendo

e passando vergonha todo santo dia. Já pensou nisso, Gary?

Ele solta um arquejo, a cerveja derramada fazendo a camiseta de algodão grudar em seu peitoral definido. Só uma pessoa que cresceu numa casa como a minha pararia tudo para dar uma bela conferida em um cara nesse momento.

Bem, o Beau não é meu pai, então não fico com medo.

– Beau. – Minha voz sai clara, sem hesitação.

– Sozinho todo santo dia, conversando com uma menina. Isso é coisa de tarado…

– Beau Eaton, cala a boca e dá o fora.

Ele se vira e fixa os olhos cinzentos nos meus, como se tivesse acabado de notar minha presença. Como se não esperasse que a pequena Bailey Jansen rosnasse para ele.

Beau endireita a postura, parecendo mais alto, mas sua altura não me amedronta.

Ele não me amedronta.

Nem quando está assim.

Aponto para a saída de emergência que leva ao pátio, e minha mão nem treme. Não estou nervosa. Estou é puta da vida.

Beau tensiona o corpo e se afasta, contornando o final do balcão, passando pela estação dos garçons e indo em direção à luz fraca da saída. Se eu não soubesse quanto ele andou bebendo, não notaria seu leve cambalear nem a maneira como ele se apoia na porta um pouco mais do que o necessário.

Antes de passar pela portinha vaivém do bar para ir atrás de Beau, olho para Gary.

– Peguei pesado, né? – pergunta ele, desviando o olhar.

Contraio os lábios.

– É, Gary. Você passou do ponto.

Ele corre as mãos pelo cabelo ralo e abaixa a cabeça, dando um tapinha nas chaves que colocou sobre o balcão assim que se sentou.

– Vou pegar um táxi.

Assinto com firmeza antes de sair para o pátio escuro. A tempestade de verão afugentou todos que estavam sentados lá fora, seus copos abandonados agora parcialmente cheios de água da chuva.

Ainda dá para sentir o cheiro do temporal. O de Beau, também. Pinho e limão se misturam com algo mais profundo, mais sensual. Tabaco, talvez. Algo parecido com charuto.

Ele está apoiado contra a fachada de tijolos da estação de trem que virou bar. Quando me aproximo, ele enfia os punhos cerrados nos bolsos da calça jeans, abaixa a cabeça até o queixo quase tocar o peito e mantém os olhos fixos nos

tênis que sempre usa.

Eles não têm nada a ver com o estilo dele – são brancos e lustrosos demais, limpos demais.

– Você não pode fazer uma merda dessas no meu bar – digo.

Ele dá uma risada de desdém, ainda se recusando a fazer contato visual.

– Ah, seu bar, é?

– É, Beau. Meu bar. Meu lugar. O único lugar nesta cidade em que as pessoas não me tratam que nem merda. Eu dou duro trabalhando aqui. Ralo todos os dias para os clientes gostarem de mim. Aquele balcão de madeira é a *minha* bolha. Gary não é um tarado. Ele é solitário à beça. E é uma das poucas pessoas que sempre é gentil comigo. Então, se você acha que pode chegar no meu bar bancando o babaca intocável e assustando todos os meus clientes assíduos com as suas palhaçadas, está muito enganado.

Agora seus olhos estão em mim, um pouco instáveis, semicerrados.

– Bancando o babaca intocável?

– É.

Cruzo os braços, como se eles pudessem me proteger dele. Beau parece meio agressivo hoje, meio perigoso – bem diferente do cara bem-humorado que todo mundo conhecia antes de sua última missão.

A luz prateada brinca com suas feições. Sua pele bronzeada e seus olhos quase reluzem. A única coisa que se move entre nós é seu peitoral, subindo e descendo, acompanhando minha respiração.

Mas não desvio o olhar. Estou cansada de homens que tentam me intimidar. E isso nem combina com a personalidade dele, então não vai acontecer.

Depois que nossa troca de olhares passa de um momento acalorado para um território estranho, ele pisca, trincando o maxilar.

– Fiz um papelão, né? – Sua voz está rouca e vibra sobre minha pele.

– Fez, sim. Sorte sua que você é um Eaton, então todos vão te perdoar e voltar a beijar os seus pés no minuto em que você voltar lá e abrir um sorriso.

– Porra, Bailey. Você realmente acabou de me dizer isso?

– Aham. – Inclino a cabeça. – Porque é verdade. Bastou eu nascer para que todo mundo me olhasse como se a parte ruim da minha genética fosse dar as caras a qualquer momento. Como se de repente eu fosse deixar de ser trabalhadora e educada e virar um gênio do crime caipira, só porque meu sobrenome é Jansen. – Ele franze mais a testa à medida que vou falando. – Então é isso. Acho que você vai ficar bem, mesmo que tenha feito um papelão.

– Isso não é verdade.

– Qual parte?

– Que as pessoas pensam isso de você.

– Haha! – Minha risada sai aguda e sem humor. – A sua ingenuidade é uma graça – digo, balançando a cabeça em descrença.

– Bem, eu não vejo você assim.

Engulo em seco e desvio os olhos. É verdade que Beau sempre foi gentil comigo – com todos. Talvez seja por isso que essa nova versão dele me irrite tanto.

– Eu sei. – Lanço a ele um sorriso gentil. – Você é um dos bons, Beau. É por isso que não pode continuar assim.

– Assim como?

– Vindo todo dia ao meu bar para beber até entrar em um estupor melancólico.

Um som baixo e agudo escapa quando ele bate a cabeça repetidas vezes contra a parede e leva as mãos ao rosto para esfregá-lo.

– Isso me ajuda a dormir à noite.

– O quê?

Chego a ouvir meu coração batendo forte em meus ouvidos. Por algum motivo, essa não é a resposta que eu esperava.

É dolorosamente sincera.

– O álcool. Me ajuda a dormir. Volto para casa e apago. Não tenho dormido bem ultimamente.

Fico com o estômago embrulhado ao ouvi-lo dizer isso.

– Isso significa que você dirige assim?

Aponto para a protuberância de chaves em seu bolso da frente.

Os olhos arregalados de Beau tentam se justificar, desesperados e desolados. Me sinto uma idiota por achar que ele fosse diferente de Gary. Que ele teria bom senso suficiente para pegar um táxi, em vez de dirigir nesse estado.

Fui tola em cair na encenação de bom-moço quando ele está claramente se transformando em outra pessoa. Posso vê-lo se desfazendo bem diante dos meus olhos. E não quero fazer parte disso. Não posso me dar ao luxo de desmoronar junto com ele.

– Beau.

Dou um passo à frente, me aproximando mais. Ele fica perplexo, mas estou aborrecida demais para me preocupar com limites nesse momento. Sempre me senti mais à vontade perto dele do que da maioria das pessoas. Beau sempre teve esse poder sobre mim, e é por isso que não penso duas vezes antes de enfiar a mão em seu bolso e confiscar suas chaves.

Seu corpo enrijece, mas ele não faz nenhum movimento para me impedir. O tilintar do metal entre nós me faz encará-lo em busca de um sinal de que fui longe demais.

Inclino o rosto e, por um momento, me sinto enfeitiçada por ele.

Só vejo aqueles olhos iluminados e o movimento de sua garganta quando ele engole em seco.

– Vou fazer um chá de camomila – digo, quebrando o silêncio desconfortável entre nós. – Ajuda a dormir. Mas você precisa me prometer que esse tipo de gracinha não vai se repetir.

Ele assente e abaixa a cabeça.

– Prometo.

A tensão entre nós evapora quando ele me segue de volta para o bar. Olhares curiosos o analisam, e ele fica parado, inquieto no lugar, como se tivesse que limpar o vidro quebrado.

– Senta o rabo aí, Eaton – resmungo, varrendo os cacos.

A última coisa que quero é ter que limpar o sangue dele.

Dá para ver que Beau está constrangido. E é bom que esteja mesmo, mas não vou cutucar a ferida. Ele já está se punindo o bastante. Em vez disso, preparo uma caneca fumegante de chá, limpo a cerveja que ele derramou, varro e recolho as evidências de sua explosão com uma pá de lixo e continuo trabalhando como se ele não estivesse ali.

Sirvo mais chá.

Ele bebe.

Não conversamos, mas ele me observa, girando a caneca entre as mãos largas. Sinto o contorno das chaves no bolso de trás da minha calça jeans.

Pete, nosso cozinheiro, aparece por ali, vindo dos fundos do bar, às dez da noite.

– Tudo bem por aqui, Bails? Já fechamos a cozinha.

Examino o local. Está movimentado para uma segunda-feira à noite, mas dá para administrar. De qualquer forma, só ficamos abertos por mais duas horas.

– Sim, está tudo bem – respondo, fazendo um breve sinal de positivo.

Pete retribui o gesto com um sorriso e sai pela porta da frente. Ele veio da cidade, então não chegou já me odiando. Trabalhar com ele é uma maravilha.

Quando verifico o chá de Beau novamente, ele pergunta:

– Então ele vai embora e você fica aqui sozinha o resto da noite?

Dou de ombros e pego sua caneca para colocar mais água.

– É. Sou gerente de turno agora, então, se estivesse mais movimentado, eu teria pedido para uma garçonete ficar, mas a liberei mais cedo.

Beau apoia os antebraços no balcão, as pontas dos dedos longos apoiadas umas nas outras, como se precisasse fazer algo com elas.

– Mas você está sozinha? Você fecha o bar sozinha?

O vapor sobe enquanto a água quente sai do recipiente.

– Isso.

Ao deslizar a caneca pelo balcão até as mãos dele, me pergunto quanto será que coloquei de água quente, porque o chá parece terrivelmente aguado.

Eu me agacho e vasculho a caixa de chá na prateleira. Aqui não é exatamente uma casa de chá, mas encontro outro saquinho de camomila e o coloco na caneca, fazendo uma nota mental para pedir ao gerente geral, Jake, que reponha o estoque.

Quando amarro o barbante na alça, Beau não tira as mãos da xícara, como se estivesse ávido para sentir o calor.

– O gerente sabe disso?

– Jake? Provavelmente. Ele que faz a escala. Nunca conheci o novo dono, é um investidor que não se mete nas operações. Enquanto o lugar estiver dando lucro, duvido que eles se importem também.

Ele franze a testa.

– Isso é perigoso. E se acontecer alguma coisa com você?

Meus dedos roçam sua mão enquanto completo o nó.

Olho para ele de relance e arqueio uma sobrancelha.

– Tipo algum cara entrar aqui dando chilique e derrubando cerveja?

Ele me fuzila com o olhar, e tento não sorrir para ele.

– Sei lidar com isso – falo, com um dar de ombros indiferente.

Como sempre fiz. Tenho cuidado de mim mesma desde que me entendo por gente. Não é grande coisa. É apenas a realidade.

A única coisa que Beau me dá em resposta é um olhar sério e um grunhido.

Mas não vai embora. Ele fica tomando chá pelo resto da noite. Por duas horas, fica ali sentado, vigiando. E quando expulso todo mundo à meia-noite e fecho, ele fica para trás, me protegendo em silêncio.

– Você está sóbrio? – pergunto, enquanto ele me acompanha pelo estacionamento escuro até o meu carro.

– Passei duas horas bebendo a porra daquele chá de camomila. Nunca estive mais sóbrio ou mais hidratado em toda a minha vida.

Respiro fundo e tiro as chaves do bolso de trás, estendendo-as para ele.

– Não faça cagada aqui de novo, Beau.

Ele se prepara para dizer alguma coisa ao se esticar e roubar as chaves de mim.

– Você mudou muito, Bailey.

Eu me permito um sorriso sem graça, porque, obviamente, todos nós mudamos. Eu não podia continuar sendo aquela garotinha petrificada e apavorada para sempre.

Eu queria mudar.

– Você também mudou muito, Beau.

Seus olhos analisam os meus, como se estivessem buscando algo neles.

– Em quais dias você trabalha?

Eu bufo, olhando para baixo, tirando minhas próprias chaves da bolsa.

– Em quais eu não trabalho?

– Tá, em quais noites você trabalha sozinha?

– De domingo a terça – respondo, fechando o zíper da bolsa.

Beau assente e diz um “Certo” conciso antes de me dar as costas, revelando exatamente o militar que ele é. Cabeça erguida, ombros perfeitamente alinhados.

Como se fosse um cavaleiro de armadura brilhante.

Alguém que começa a puxar um banquinho de domingo a terça para me fazer companhia enquanto toma chá de camomila até meia-noite.

3

Beau

Cade: Você vai no casamento, né?
Beau: É o meu irmão caçula que vai casar. Claro que vou.
Cade: Você não anda muito confiável ultimamente. Some do nada. E, quando aparece, fica sendo um insuportável infeliz.
Beau: Só estou fazendo a minha melhor imitação de você.
Cade: Eu não sou mais infeliz. Sou só insuportável. Por isso todo mundo votou e decidiu que eu que devia te mandar mensagem.
Beau: Todo mundo votou? Que democrático.
Cade: A Willa disse que você tem que pedir desculpas para a Winter. Ela vai ao casamento.
Beau: A Willa não manda em mim.
Cade: Você não deve ter sido informado: a Willa manda em todo mundo.

Uma música que eu não reconheço toca nos alto-falantes, mas arrisco uns passos mesmo assim. Estou usando um terno horrível, e esses sapatos sociais roçam nos meus enxertos de um jeito muito desconfortável. Winter Hamilton está com a mão apoiada no meu ombro e o nariz empinado enquanto olha para algum lugar atrás de mim. Ou para a ponta da minha orelha, não tenho certeza.

Dançar com a Winter é mais desconfortável do que os sapatos me apertando, e isso já diz muito.

Por uma música inteira, dançamos como dois pedaços de pau, nos ignorando completamente. Avisto Rhett e Summer dançando também. Eles parecem tão felizes que é até constrangedor, mas não sei mais para onde olhar. Parece que todo mundo está me observando. Tomo o cuidado de deixar minhas mãos paradas porque não quero que elas encostem nem um centímetro sequer na

cintura de Winter. Essa é uma zona de perigo e, a julgar pela maneira como Theo, o pai da filha dela, está nos encarando, qualquer movimento pode significar uma sentença de morte.

A música muda para outra mais lenta, e Winter murmura:

– Obrigada. Eu sonho com essa dança desde o ensino médio.

– Meu Deus, Winter. – Meus dedos tocam as costas dela com um pouco mais de força. – Vamos dançar mais uma, então.

– Por quê? – Ela inclina a cabeça e me encara com seus olhos azuis.

Sinto como se tivesse voltado para a terapia. Um objeto quebrado que precisa de conserto. Um espécime para médicos cutucarem, testarem e analisarem. Minhas queimaduras, meu cérebro e minha insônia deixam qualquer psiquiatra salivando.

Odeio esse sentimento. Essa sensação. Como se eu fosse um peixinho-dourado em um aquário.

– Porque preciso me desculpar com você – respondo.

Ela apenas dá de ombros.

– Não precisa, não.

– Eu fui extremamente estúpido com você naquele jantar.

Eu não estava indo a nenhum dos meus médicos e não estava dormindo. Estava dolorido e cansado e só queria descansar um pouco. Winter percebeu tudo quando eu a arrastei pelo corredor para conversar. Sacou que eu queria uma receita controlada, porque os remédios para insônia de venda livre não estavam fazendo efeito. Seu sorriso malicioso e os braços cruzados, seguidos por um calmo “não”, me levaram ao limite.

Eu explodi. Ela não merecia. Todo mundo ouviu.

Winter esboça um sorriso.

– É mesmo? Não me lembro.

– Winter – digo, irritado por ela estar dificultando tanto para mim.

– Beau. – É tudo que ela responde enquanto continuamos nos movendo na pista de dança com piso de madeira.

Por cima do ombro dela, avisto Bailey. Seu cabelo brilha como a superfície de um rio, refletindo cada fragmento de luz. Ela não é uma convidada. Está trabalhando no bar da recepção, e isso basta para mim.

– Eu não deveria ter feito aquilo.

Meus olhos permanecem em Bailey enquanto falo com Winter. Focar nela deixa tudo mais fácil. Ela se tornou um ponto de calma para minha mente turbulenta.

– Não mesmo. Mas sabe de uma coisa, Beau?

Eu finalmente olho para Winter.

– O quê?

– Somos humanos e cometemos erros. Especialmente quando estamos passando por um momento difícil.

– Eu não estou passando por um momento difícil.

Ela bufa e me dirige uma piscadela exagerada.

– Aham, nem eu.

Cerro os dentes e olho para Bailey.

– Beleza. Talvez eu esteja.

Eu relaxo quando olho para ela.

– Você tem conseguido dormir?

Comprimo os lábios e considero mentir. Mas Winter é tão sensata – não fica cheia de dedos nem se derrama em demonstrações de afeto – que é mais fácil ser verdadeiro com ela do que qualquer outra pessoa da minha família.

– Não. Bom, agora eu sigo uma rotina, e isso ajuda um pouco.

Eu não digo a ela que a tal rotina é planejar minha semana em torno de ir me sentar no bar da Bailey e beber chá de camomila. Mas a verdade é que ir até lá me deu um propósito, e isso é bom.

– Anda vendo alguém?

– Tipo um médico?

Ela assente.

– Não.

– Para que consultar um profissional quando podemos nos autodiagnosticar, não é mesmo?

Eu sorrio, mas não digo nada.

– Ser negligenciada na infância me fez aprender a não depender de ninguém – diz ela. – Bum. Cem por cento diagnosticada. Economia de centenas de dólares. Agora você.

Eu arqueio uma sobrancelha, pensando no que dizer em seguida.

– Transtorno de estresse pós-traumático.

– Pois é. – Ela franze o nariz, e a música vai chegando ao fim. – Uma coisa tão besta. Dá pra entender por que você não quer falar com um profissional sobre isso.

– Winter, você está debochando de mim? Estou em dúvida.

Ela me dá um tapinha no ombro.

– Você é grande e bonito, Beau. Algumas pessoas podem pensar que é estúpido. Eu acho que você deixa as pessoas pensarem isso porque é mais fácil.

– Uau. Obrigado. Estou infinitamente lisonjeado, Dra. Hamilton.

– Mas eu sei a verdade. Você também sabe. E nós dois sabemos que terapia é uma coisa boa, mas não fazemos. Só estamos tentando fazer o melhor com o que

temos.

– Como assim?

Franzo a testa, e Winter se afasta um pouco.

– Sei lá. Enchi a cara de champanhe pra lidar com esse evento familiar. Já experimentou? É delicioso. Enfim, sem ressentimentos. São águas passadas, como dizem. Mas, se precisar de alguma coisa, você sabe onde me encontrar.

Trocamos um aperto de mãos, então ela se vira e vai até Theo, que a olha como se ela fosse uma sobremesa. Isso também é incômodo. Então sigo em direção a alguém que não é.

Sou atraído por Bailey em meio à multidão como um ímã. Ou talvez eu tenha me tornado o novo cliente infeliz que fica sentado em um banquinho esperando que ela termine o trabalho. Como um cachorrinho triste.

Mas ela conversa comigo como ninguém faz. Sobre coisas idiotas. Às vezes ficamos em silêncio.

E esse silêncio é confortável.

Quando me acomodo no balcão, ela mal se vira. Não precisa. Ela sabe que estou ali.

– Sem chá de camomila hoje. Mas parece que um estimulante te cairia bem.

Então coloca um copo de Coca-Cola na minha frente, sem perceber que ela própria é mais estimulante que o refrigerante.

– Obrigado – respondo, me acomodando no bar, tentando reproduzir o que fazemos no The Railspur.

Eu disse à minha família que viria ao casamento, e vim. Mas a verdade é que o ambiente é meio opressivo. O celeiro transformado em espaço para eventos está quente, barulhento e entupido de gente, e eu não gosto disso.

– Como vai, soldado? – pergunta Bailey, apoiando o quadril no recipiente de gelo, me encarando.

Ela cruza os braços e me inspeciona muito de perto, como se pudesse sentir que algo está me incomodando.

Eu me pergunto quantas sardas ela tem no nariz. Se elas só aparecem no verão ou se permanecem durante o inverno. Nunca a observei tão de perto assim para reparar. Há uma logo acima do lábio, que tenho certeza que está sempre ali.

Desvio o olhar para a pista de dança, vendo todos os membros da minha família reunidos. É bom vê-los felizes. Eu os fiz passar por muita coisa. No entanto, tomo um grande gole de refrigerante, olho para Bailey e digo:

– Estou passando por um momento difícil.

Ela assente.

– Confie no processo, Beau.

– O que isso significa?

– Se temos dificuldades, é porque ainda estamos caminhando, certo? Indo para algum lugar melhor. Bom, pelo menos é o que vivo repetindo para mim mesma.

Sinto um aperto no peito. Não quero que Bailey tenha nenhuma dificuldade.

Estou onde estou por escolha. Ela está onde está por conta do legado de sua família. Parece profundamente injusto.

Mas, mesmo assim, ergo meu copo para ela.

– Um brinde a isso. A enfrentarmos juntos as dificuldades.

Ela dá uma risadinha e ergue sua bebida de trás do bar, batendo seu copo no meu.

– Assim é menos solitário, com certeza.

Foi uma conversa boba, talvez interessante apenas para as duas pessoas fodidas se lamentando.

Mesmo assim, saber que tenho algo em comum com Bailey faz com que eu me sinta instantaneamente mais leve.

Eu queria ter dançado com ela.



Há quem se encante com o céu azul e o canto dos pássaros. O cheiro do ar puro da montanha e coisas do tipo. E talvez eu esteja sendo ingrato – grande chance de não ser um talvez –, mas esse encanto é incompreensível para mim.

– Beau?

A voz do meu irmão mais velho interrompe meus pensamentos enquanto eu me sento no dorso de um cavalo, olhando do alto da colina para um vale cheio de vacas que parecem todas iguais. Elas parecem iguais, comem a mesma coisa todos os dias e seguem umas às outras quase cegamente.

Tudo relativo à existência delas parece simples demais. Chato, até.

Mesmo assim, todas parecem felizes.

Eu queria ser uma vaca. Queria encontrar alguma alegria na monotonia da vida no rancho. Em vez disso, estou inquieto, agoniado. Preso sob a superfície da fachada perfeita que mantenho pelo bem de todos ao meu redor.

Eles querem que eu fique bem, mas eu não estou. Não mesmo. Quero que eles pensem o contrário, mas ultimamente não estou conseguindo manter o meu disfarce.

– Beau!

A voz de Cade está furiosa agora, com um tom ameaçador, até. Se eu fosse Luke, o filho dele, estaria me borrando de medo.

Mas não estou.

Então eu viro a cabeça lentamente para meu irmão.

– Você está parecendo um caubói emo. Por que tá todo de preto em um dia tão quente?

Ele balança a cabeça, incrédulo.

– Você não me ouviu falando com você?

Ouvi meu nome, mas nada muito além disso.

– Desculpa, acho que me distraí curtindo a vista. Céu azul, pássaros cantando. – Aceno para o horizonte. – É legal.

Meu irmão franze a testa, claramente sem saber o que dizer em seguida. Seus cílios são tão escuros que ele quase me lembra uma vaca, com o jeito lento e preguiçoso como pisca para mim.

– Ei, por que as vacas têm cílios tão longos? – pergunto, mudando abruptamente de assunto.

Sob a aba do boné, ele faz uma expressão confusa e vem até mim.

– O quê?

– Os cílios. São muito longos. Qual é o sentido?

Qual é o sentido de qualquer coisa?

Essas são as palavras que despontam na minha cabeça, imediatamente seguidas pela sabedoria de Bailey no último fim de semana. E isso faz meus lábios esboçarem um pequeno sorriso.

Confie no processo.

Eu confio. Confio que haja uma razão plausível para o meu cérebro desejar informações sobre cílios de vaca.

Cade pigarreia. Está na cara que estou fundindo seus miolos. E ele está fazendo o que a minha família faz, que é me paparicar, por mais ridículo que eu esteja sendo. Vivem pisando em ovos comigo, como se atender a todos os meus caprichos fosse me ajudar.

Eles não são como Bailey, que me dá esporro sem nenhum pudor.

– É para proteger os olhos delas de poeira, chuva, insetos. Esse tipo de coisa.

– Ah. – Descanso as mãos enluvadas na haste da sela e olho para baixo, para o rebanho besta deles. – Eu devia ter imaginado. É meio óbvio, agora que você disse.

Ele me dirige um sorriso forçado, e eu sufoco uma risada. É muito esquisito ver Cade fingindo ser todo meigo e sensível. Eu queria que ele fizesse uma piada imbecil e ameaçasse me dar uma porrada.

Isso faria com que eu me sentisse normal de novo.

– Pronto, então?

Pronto.

Eu olho para o campo. Já ouvi essa pergunta antes. E, ainda assim, soa absurdamente diferente agora. Não existe adrenalina, nenhuma emoção, nenhuma consequência que possa ser fatal.

– Ai, merda, espera aí.

Eu me mexo na sela e enfio a mão no bolso de trás, puxando o celular e olhando para a tela como se estivesse recebendo uma ligação. Tudo que vejo é a foto com Luke sorrindo de orelha a orelha depois de jogarmos melancias pela janela da minha caminhonete em movimento. A lembrança de acelerar em uma estrada remota, vê-las explodir no asfalto e ouvi-lo gritar de alegria nunca deixa de me fazer sorrir.

Principalmente porque Cade nos disse para não fazer isso.

– Jasper está ligando – digo. – Um segundo.

Cade revira os olhos e murmura para eu atender logo, antes de incitar sua égua a seguir o caminho que leva até o vale.

– E aí, cara?

Nada além de silêncio, obviamente. Porque estou fingindo receber essa ligação.

– Ah, sei.

Faço um sinal de positivo para Cade quando ele se vira para mim.

– Certo. Ai, que merda. Isso é sério.

Cade iniciou a descida e foi desaparecendo atrás do cume, mas eu continuei.

– Tem certeza de que Sloane não pode ajudar?

Pausa.

– Ah. Ela está na cidade, né? Beleza, vou ver o que posso fazer. – Espero mais alguns segundos antes de acrescentar. – Tudo bem, até daqui a pouco.

Então, dou um leve estalo de língua para incitar o meu cavalo a se aproximar da borda do cume. Vejo que Cade chegou à parte plana, e que os caras que trabalham para ele já esperavam. Sou atingido por uma pontada de culpa por não parar de palhaçada e fazer o meu trabalho.

Sei que não é nem um pouco legal deixar todo mundo na mão. Sei que prometi trabalhar no rancho da família com Cade.

Mas eu não consigo. Simplesmente… *não consigo*.

Saber disso não me impede de me sentir um merda quando grito:

– Ei, Cade!

Meu irmão para e se vira na sela para me encarar. É como se soubesse o que está por vir.

– Acabei de receber uma ligação do Jasper! – continuo. – Ele precisa da minha ajuda. Vou dar um pulo lá e tentar voltar para encerrar o dia com você e o pessoal.

Cade só assente com a cabeça. Ele sabe que não vou voltar.

Aceno de volta antes de virar a minha montaria para ir embora, tentando controlar a minha vergonha.

Quando chego a um lugar onde ninguém pode me ouvir, pego o telefone e ligo para Jasper de verdade. Ele atende no quarto toque.

– Trabalhando duro ou está duro trabalhar?

Sempre posso contar com Jasper para me fazer rir ou me irritar um pouco. Ele tem me dado espaço desde que voltei. Na verdade, ele geralmente deixa que eu vá até ele quando estou pronto. Jasper sabe o que é trauma. Ele sabe quando pressionar e quando recuar. E ele sabe como é ter todo mundo em cima de você, esperando algo acontecer, como se você fosse um experimento em uma placa de petri.

Sinto que hoje eu o entendo melhor do que nunca.

– Como você adivinhou?

O barulho dos cascos no chão seco me embala, e sinto meu corpo começando a relaxar conforme vou me afastando dos rapazes.

– Beau, ultimamente, a única certeza em relação a você é que não há certeza nenhuma em relação a você.

– Pesado.

Ele bufa.

– Mas é verdade. Você é grandinho. Vai aguentar.

– Só faz com carinho.

Ele solta uma risada, e consigo imaginar direitinho a expressão em seu rosto – divertida, mas irônica. Nós nos conhecemos desde os 15 anos. Vivemos praticamente colados desde que ele veio morar com a nossa família. Não dá para esconder muita coisa dele.

– Então, preciso que você me faça um favor.

Ele nem hesita.

– Tudo bem.

– Se o Cade perguntar, preciso que você confirme a minha história de que você me ligou pedindo ajuda.

– Ajuda com o quê?

– Eu não disse. Você escolhe.

– Beleza, vou dizer que eu estava com saudades da Sloane e que você se ofereceu para dançar balé para me fazer sentir melhor.

– Eu faria isso, se você quisesse – retruco.

Ele ri.

– Eu sei.

– Digamos que a bateria do seu carro acabou e você precisava de uma

chupeta.

– Eu nunca deixaria minha bateria ficar tão velha a ponto de morrer.

Ele leva tudo ao pé da letra.

– Cade jamais saberia disso.

Ele resmunga em concordância.

– Estou me sentindo um adolescente de novo. A gente enganando Cade e fingindo que somos santos.

Eu rio.

– Os bons e velhos tempos.

Essa frase de efeito deixa meu amigo em silêncio por um segundo longo demais.

– Ainda temos bons dias pela frente, Beau.

– Claro, eu sei.

Suspiro, querendo encerrar a ligação antes que ela siga por um caminho que não estou pronto para percorrer.

– Existe algum motivo para a gente enganar o Cade? Quer me dizer aonde você vai, já que não vai dançar pra mim nem fazer uma chupeta no meu carro?

– Valeu, cara. Nos falamos depois – agradeço rapidamente, antes de desligar.

E então vou direto para o lugar onde está a melhor parte do meu dia.

O lugar que aprendi a associar à paz e ao propósito.

O banco no canto do bar de Bailey Jansen.

4

Beau

Rhett: Obrigado por ir ao casamento.
Beau: Mas por que eu não iria?
Rhett: Ótima pergunta. Ninguém sabe de você nos últimos tempos. Só que anda sumido e não fala com ninguém.
Beau: Eu falo com as pessoas.
Rhett: Você pode falar comigo também. Você sabe disso, né?
Beau: Claro que sei. Parabéns, o casamento foi lindo. Estou muito feliz por você e pela Summer.
Rhett: Obrigado. Amo você, Beau-Beau. Você tá bem? Tipo, de verdade?
Beau: Sim, estou ótimo.

– Você já fez sexo anal?

Quando a voz adocicada de Bailey se sobrepõe à música alta no The Railspur, eu cuspo o chá quente sem querer. Minha tentativa de tapar a boca só me deixa mais molhado do que eu ficaria. A água quente escorre pelo meu antebraço e chega ao meu colo. Tenho certeza de que meus olhos saltaram das órbitas e foram parar no balcão de madeira que me separa da pequena, doce e meiga Bailey Jansen.

A pequena, doce e meiga Bailey Jansen, com quem passo de três a quatro noites por semana.

A mesma doce e meiga Bailey Jansen que acabou de perguntar sobre sexo anal como se estivesse querendo saber se eu coloco açúcar no café.

Ela joga um pano no balcão.

– Limpa.

Só a Bailey me mandaria limpar em vez de cuidar de tudo sozinha. Percebi isso nessas noites que passei no bar com ela.

É disso que gosto nela.

Ela não é baba-ovo, chata, nem fica pisando em ovos quando está perto de mim.

Talvez ela não seja assim tão doce e meiga quanto eu pensava.

Em um mundo entediante e sem cor, Bailey Jansen demonstrou ser incrivelmente interessante.

É por isso que eu volto. É mais do que só a preocupação de ela ficar sozinha ali.

– Por que você está me perguntando sobre sexo anal? – balbucio, limpando o balcão e enxugando meu braço. – E falando alto, né? As pessoas vão ficar com a impressão errada.

Eu me viro, olhando ao redor para ver se mais alguém ouviu.

Seus lábios se contraem – ela está perto da torneira, servindo uma cerveja – e aquelas íris cor de chocolate intenso estão fixadas em mim.

– As pessoas já têm a impressão errada a meu respeito, Beau.

Ela se vira, andando pelo espaço estreito atrás do balcão até o cara ruivo que está sentado na extremidade oposta, com o telefone nas mãos e os olhos baixos.

– Aqui está, Earl – anuncia Bailey, jogando um porta-copos na frente dele e colocando a cerveja em cima.

O sujeito olha para ela, mas não agradece. Isso me irrita.

Quando Bailey se vira para mim, seus olhos estão arregalados e os lábios contraídos, em uma expressão de constrangimento. Ela vem direto até mim, mantendo os olhos fixos nos meus e balançando os quadris.

Nós estreitamos os laços nas últimas semanas. Ficamos confortáveis um na presença do outro e eu finjo que não reparo que ela é linda pra cacete, por medo de me tornar o tiozão esquisito que passa a noite inteira sentado aqui.

Ela apoia os antebraços no bar, bem na minha frente, com um sorriso conspiratório no rosto. Tento não olhar para seus seios pressionados contra o algodão fino da blusa estilo camponesa, com babados e ombros à mostra, que ela está usando. Mas o brilho em seus olhos e o gloss em seus lábios não são menos perturbadores.

– Earl só vem de vez em quando – diz, mostrando os dentes brancos enquanto espia por cima do ombro. – Mas, quando vem, fica *sempre* vendo pornografia no telefone. E é *sempre* sexo anal. Eu não sabia que era algo tão comum assim, sabe?

– Ele faz *o quê*?

Alarmes soam em minha mente. Não sei como ela consegue fazer piadas

sobre esse babaca.

– Você me ouviu.

Ela junta os lábios como se estivesse tentando conter uma risada, e meus olhos acompanham o movimento.

– Não tem graça, Bailey. Ele está assistindo a um vídeo pornô e olhando para você. Em público.

Ela revira os olhos.

– Em vez de entre quatro paredes?

– Ele está olhando para você. – Os músculos das minhas costas se contraem. – Pensando em você.

Ela dá de ombros.

– Provavelmente.

– Como você pode ficar tranquila com isso?

– Eu geralmente não peço permissão a uma pessoa antes de me masturbar pensando nela.

Para disfarçar o meu choque, eu apenas a encaro.

Bailey suspira e se afasta um pouco.

– Escuta, eu não disse que fico tranquila com isso. Mas é meio engraçado, ou pelo menos eu tenho que levar na esportiva. Porque eu não posso dar um ataque toda vez que algo me deixa desconfortável. – Seus dedos tamborilam no balcão do bar. – Bem-vindo à vida de uma Jansen. Ninguém se importa se estou confortável ou não. E se eu não for minimamente simpática, sou acusada de ser *igualzinha aos meus irmãos.*

O sorriso que ela me dá agora tem algo de *você é adoravelmente ingênuo*, e eu odeio que ela tenha que passar por isso. Eu odeio que uma cidade que foi tão boa para mim e minha família tenha sido tão dura com uma garota que não pediu pelos limões que a vida lhe deu.

Por trás de Bailey, vejo que Earl ergue os olhos e manja a bunda dela.

Eu me levanto do meu banco e atravesso o bar.

Vou direto até ele.

O cara está tão absorto que nem percebe que estou atrás dele. Não olho para Bailey, porque sei que ela estará silenciosamente me implorando para não fazer nada, e não quero ver essa expressão em seu rosto.

Não dou a mínima para o sobrenome dela.

Aperto o ombro magricela de Earl e dou uma olhada no telefone dele. Dito e feito, tem uma loira de quatro, sendo comida por trás, numa cena com muitas luzes e muitos ângulos perfeitos.

Ele se assusta e desliga a tela.

– Merda! Que susto.

– Earl, eu sou Beau.

Ele lambe os lábios e olha para mim, nervoso.

– Sim, eu sei. Beau Eaton.

Bailey solta uma risada atrás do balcão e, com o canto dos olhos, vejo que ela se afasta.

– Ótimo. Excelente. Então, chega de pornografia em público. Tudo bem?

– Eu não estava…

Eu o interrompo, apertando seu ombro com mais força. Espero que com força suficiente para doer.

É uma sensação boa.

– Estava, sim. Eu vi. Nossa adorável bartender viu. Não vamos mais fazer isso, tá legal? Quer tomar uma cerveja? Beleza. Mas você vai tirar os olhos dela. – Aponto para Bailey, que finge ignorar o que estou fazendo. – E vai manter as mãos onde todo mundo possa vê-las.

– Escuta aqui, cara…

Eu abaixo a voz para um tom perigoso, tentando silenciá-lo.

– E quando chegar em casa e correr para o quarto para foder uma meia, você vai manter o corpo dela fora da sua cabeça e o nome dela fora da sua boca. Estamos entendidos?

Eu solto o cara e apoio o quadril no balcão, olhando fixamente para ele, esperando ter passado o recado.

– Cara, ela é uma Jansen. Ninguém bate punheta pensando numa Jansen.

Eu quero enfiar a porrada nele. Eu tremo com uma vontade súbita de fazer esse cara calar a boca. Mas essa vontade… é um sentimento. E eu não sinto nada há meses, o que significa que isso é *bom*.

– Pague a conta e vá embora, antes que eu faça algo do qual eu me arrependa.

Ele pega a carteira, desajeitado, tira uma nota de vinte lá de dentro e a olha com certo pesar.

– Sem troco. Essa gorjeta é dela, por ter te aturado.

Suas bochechas pálidas ganham um tom vermelho-escarlate enquanto ele cambaleia para longe do balcão. Eu o acompanho com os olhos, vendo-o se apressar em direção à saída com a cabeça baixa e segurando o telefone com força.

Porco filho da puta.

Ele se foi, mas continuo olhando para a porta. Me viro apenas quando sinto Bailey vindo por trás de mim.

– Ahh – diz ela, com os braços cruzados, o algodão branco de sua blusa realçando sua pele bronzeada. – O efeito Eaton. – Ela me dirige um sorriso

presunçoso. – Se eu tivesse esse sobrenome e mandasse alguém pular, a pessoa me perguntaria “De onde?”.

– Não perguntaria nada.

Ela tira o copo de cerveja meio vazio de cima do balcão e se vira. Com uma espiada tímida por cima do ombro, acrescenta:

– Obrigada pelo que você fez. Significou muito pra mim.

Eu não sei por que uma frase tão simples me deixa tão impactado. Sua franqueza, sua gratidão. Eu me sinto como uma criança envergonhada.

– Não foi nada.

Ela ri, suave e melódica, toda feminina e divertida.

– Tá bom, soldado. O que você preferir.

Eu não sou um soldado, mas não a corrijo. Esse senso de propósito, mesmo que por alguns segundos, é bom demais.

Apenas abaixo a cabeça e sorrio.

– Para de ficar ruminando.

Bailey nem olha para mim enquanto vira uma garrafa de bourbon e enche um copinho de shot.

– Eu não estou ruminando.

– Está, sim.

Não quero discutir com ela. O pior é que ela tem razão. Estou ruminando. Ruminando sobre o que ela chamou de *efeito Eaton*. Não quero que ela tenha razão. Sempre gostei de Bailey, mas, nas últimas semanas, ela foi alçada ao papel de uma espécie de lugar seguro. Uma amiga, até.

Ela não enche meu saco. Não me bajula. Faz chá e me deixa em paz, o que é muito mais do que posso dizer do resto das pessoas na minha vida. Ou seja, minha família, que decidiu se intrometer e perguntar o que estou fazendo, como estou e o que planejo fazer com uma regularidade atordoante.

Então me irrita muito que Bailey seja tão incrível e as pessoas sejam tão escrotas com ela.

E fico irritado que parte do motivo que me leva a sentar aqui quatro noites por semana é ter desenvolvido uma paixonite totalmente inapropriada pela bartender, como se eu fosse um cara de 20 anos me preparando para partir para o ataque.

– Você acha que Earl está batendo uma agora? – Seus lábios se curvam enquanto ela usa a pistola de refrigerante para encher o copo com gelo.

Ela quer me azucrinar, e consegue.

– Bailey.

Agora ela inclina a cabeça na minha direção e ergue uma sobrancelha.

– Beau.

– Para com isso.

– Só estou tentando te dar algo para ruminar, já que vai ficar aí todo silencioso e melancólico.

Eu bufo e escondo o sorriso atrás da borda da minha caneca.

Essa garota.

Ainda com a caneca na frente do rosto, ouço um grupo fazendo algazarra do lado de fora. Uma rápida olhada no meu relógio me diz que é 00h01 – um minuto depois da hora de fechar. Olho por cima do ombro e noto que os últimos clientes são os que estão em uma mesa, esperando a última rodada de bebidas.

Ela chega para servi-los quando três homens entram. Percebo que Bailey paralisa antes mesmo de eu me virar para olhá-la. Todos os sinais de bom humor desaparecem, e a mandíbula dela se contrai.

– Maninha! – grita Aaron Jansen enquanto puxa uma cadeira numa das mesas altas logo em frente ao balcão.

– Traz uma rodada pra nós, por conta da casa.

Bailey se mantém afastada, mas balança um pouco a cabeça, como se isso pudesse aliviar a tensão de seu corpo.

– Desculpa, pessoal, mas acabei de servir a última rodada. Já passou da meia-noite. Essa é a regra.

– Ah, qual é. De que adianta ter uma irmã que trabalha aqui, se não temos direito a um tratamento especial?

Abaixo a cabeça, tentando me portar como um freguês habitual. Não quero criar mais problemas para Bailey. Além disso, os irmãos dela e eu *não nos damos* muito bem. Nem quando éramos mais jovens, nem quando, recentemente, decorei o trator deles com papel higiênico, junto com Cade e Rhett.

Choveu naquela noite, então imagino que tirar todo o papel higiênico molhado do trator não deve ter sido muito divertido. Mas eles mereceram. E nós nos divertimos.

Sorrio com a lembrança.

– Me desculpem, rapazes. – Bailey se aproxima da mesa dos irmãos com cautela, como se não quisesse ficar perto deles, mas também não quisesse uma cena com os outros clientes ainda no bar. – Hoje não dá. A gerência definiu horários mais longos de quinta a sábado, então, voltem outro dia.

O irmão Jansen mais velho, Lance, inclina a cabeça para trás com um gemido.

– Bailey, não enrola. Nós até trouxemos um amigo de fora da cidade. Eu disse a ele que você nos serviria hoje. Seth, esta é nossa irmã caçula, Bailey. Ela sempre foi meio chatonilda.

Endireito a coluna e olho para trás. O terceiro cara está olhando para Bailey

de um jeito descarado e perturbador.

Pelo menos sou sutil ao devorá-la com os olhos e me culpo por isso depois. Esse cara não tem limites.

– Vamos lá, querida. Você me agrada, e depois eu te agrado.

Meus batimentos aceleram, mas continuo avaliando a situação com o canto do olho. A outra mesa, com quatro pessoas, finge não ver nada, mas o bar está silencioso hoje, então é difícil não notar. Quando os Jansens passam, todos olham, porque, em geral, algum tipo de espetáculo deve acontecer logo em seguida.

Eu me mexo no banquinho e uso a caneca como disfarce para dar outra boa olhada no que está acontecendo atrás de mim, à direita.

Mas permaneço onde estou, porque aquele tal de Seth tomou a liberdade de passar a mão na bunda de Bailey, seus dedos pressionando e afundando em sua pele.

Eu prometi que não faria mais cenas no bar *dela*.

Mas estou prestes a quebrar essa promessa.

Um sujeito encarar Bailey enquanto vê filme pornô já é ruim o suficiente. Mas encostar um dedo que seja sem seu consentimento?

Isso é pedir para morrer.

5

Bailey

Não sei o que me assustou primeiro: sentir uma mão indesejada segurando firme a minha bunda ou o barulho de vidro estilhaçando no chão.

– Tira a mão daí, porra. Ou vou ter que fazer isso por você.

A voz de Beau está mais baixa do que o normal, mais serena. Mais ameaçadora.

Eu me afasto da mesa, abalada, quente de nervoso, e percebo que está prestes a começar a pancadaria. Não sei quem é Seth, mas se meus irmãos estão bajulando o cara, ele provavelmente não é legal.

Bastam alguns passos para Beau estar em cima de Seth, torcendo o pulso magro do homem com sua mão enorme, fazendo o sujeito dar um grito de dor.

– Solta ele! – grita um dos meus irmãos.

Não tenho certeza de qual deles, porque estou ocupada demais olhando para o braço musculoso que está estendido sobre o meu corpo como uma barreira protetora. O toque de Beau não é nada parecido com a mão que estava em mim antes.

O toque dele me acalma.

Um som estridente de cadeiras se arrastando pelo chão chama minha atenção, do outro lado do bar. São meus últimos clientes. Eles abandonam a rodada final de bebidas, deixam o dinheiro da conta e se mandam correndo, querendo sair o mais rápido possível do fogo cruzado.

Ao observar a situação se desenrolar em câmera lenta, percebo que não importa se é um homem contra três. Beau era das forças especiais.

– Soltar? – O tom dele é tão suave, e tão indiferente, que assusta. Esse confronto deveria parecer muito pior, mas Beau é o próprio olho da tempestade. – Eu poderia te derrubar com um peteleco.

Esse homem, que tem se sentado calmamente no meu bar noite após noite, está absolutamente confortável com a situação. Seus olhos cinzentos de prata polida queimam como brasa e estão… ávidos.

– Faça um único movimento que eu quebro o pulso desse filho da puta como se fosse um graveto.

Beau passou anos fingindo que era um cara bobo e brincalhão, mas percebo, neste exato momento, que isso fazia parte do seu disfarce. É assim que ele protege as pessoas que ama da sua *verdadeira* natureza.

Beau é letal.

– Ei, ei, ei. Relaxa, relaxa. – Aaron levanta as mãos como se alguém estivesse apontando uma arma para ele. Suponho que, dado o número de vezes que foi preso, essa é uma postura que lhe ocorre naturalmente. – É tudo brincadeira.

Beau inclina a cabeça. Franze o cenho e se transforma no predador que é. E, quando Seth tenta acertá-lo, Beau torce sua mão com cada vez mais força, deixando-o de joelhos, gemendo de dor.

Aaron se remexe no banco, umedecendo os lábios, os olhos se alternando entre Beau e Seth. Lance está chapado demais para reagir à situação. Sei disso pela dilatação de suas pupilas e pela maneira como está caído contra a mesa, que é a única coisa que o mantém de pé.

Cresci aprendendo a reconhecer essa postura e depois me escondendo dela.

– Minha ideia de diversão é quebrar o pulso desse babaca. E a sua?

– Você já quebrou! – geme Seth, perdendo a postura ameaçadora de segundos atrás.

Beau nem se digna a olhar para ele. Mantém os olhos fixos em meus irmãos.

– Que nada, você está ótimo. Se eu tivesse quebrado, teria sentido o estalo. Você vai ouvir quando acontecer.

– Tudo bem. – Aaron faz cara feia para mim antes de se levantar e se afastar de Beau. Ele dá um tapinha no ombro de Lance, para que ele se mexa. – Estamos de saída. Vamos pra outro bar.

Beau assente, abaixando o queixo até o peito incrivelmente largo, que mal se move, como se ele tivesse parado de respirar.

– Perfeito. Acompanho vocês até a saída.

E é exatamente o que faz. Ainda torcendo o pulso de Seth, ele o leva para fora como um cachorro na coleira. Meus irmãos vão na frente, olhando para trás com uma mistura de medo e raiva no olhar.

Nunca antes alguém havia entrado aqui botando tanta banca e saído logo depois com um ar tão destruído.

Parecendo tão *fraco*.

Beau os põe para fora, fecha com força as portas grandes e pesadas e aciona a trava de segurança.

Ele se vira para mim com o queixo erguido e os ombros para trás.

– Você está bem?

Eu faço que sim, sem ter certeza de que estou mesmo bem.

– Eles não vão deixar barato – digo, conhecendo meus irmãos e como eles agem.

Passar despercebida pelo radar deles tem sido e será minha tática até que eu consiga juntar dinheiro suficiente para me mandar daqui. Eu planejo simplesmente – *puf* – desaparecer e nunca mais falar com eles.

O que os olhos não veem o coração não sente.

Beau sorri e vem até mim.

– Eu sei, mas foi muito divertido.

Ele sempre foi bonito, mas a arrogância de agora, o brilho em seus olhos… a maneira como ele correu para me proteger… Ele é de dar água na boca, de um jeito que me dá até frio na barriga. E, por um instante, permito-me encará-lo. Permito-me desfrutar da sensação de saber que ele simplesmente perdeu o controle *por minha causa*.

Para *me* proteger.

Então desvio o olhar e começo a limpar as mesas. Não é produtivo usar meu tempo para fantasiar sobre Beau Eaton. Especialmente quando ele é muito mais velho, lindo a ponto de deixar as mulheres desta cidade completamente malucas – de me deixar completamente maluca – e muito mais experiente do que eu.

O que, cá pra nós, não é tão difícil.

Para a surpresa de um total de zero pessoa, estou agitada demais para dormir.

Talvez tenha sido o incidente no bar. Talvez seja o fato de que, toda vez que fecho os olhos, vejo os bíceps protuberantes de Beau e o movimento dos músculos de suas costas desenhados na camiseta justa. Sinto o calor e a força do seu corpo erguendo-se como uma barreira diante de mim.

Ou talvez seja a música alta que vem da casa principal.

Meus irmãos resolveram se divertir em casa.

Eu evito a casa ao máximo, especialmente desde que meu pai fugiu da prisão e deixou a cidade. Agora meus irmãos se sentem os donos do pedaço. Meu pai é um bosta, mas pelo menos ele impunha respeito suficiente para manter meus irmãos minimamente na linha.

Sem a presença dele, isso aqui é o puro suco do caos.

Por isso fico longe, morando em um trailer Boler de 5,20 metros que comprei na beira da estrada. Parece uma caixa de sapatos velha, mas dei um jeito nele. Só não deu para colocar um sistema de refrigeração, o que significa que está uma sauna aqui dentro, embora já passe das duas da manhã.

A porta se fecha atrás de mim quando saio do trailer para a noite quente e úmida. A brisa leve do rio acaricia minha pele, e eu suspiro, amando a sensação. Os degraus de ferro suspensos se curvam sob meu peso à medida que piso neles. Meus chinelos fazem aquele barulho chato de borracha batendo nos pés quando caminho pela grama em direção ao rio.

O rio que fica logo depois da cerca de arame farpado, nas terras dos Eatons. Não que a cerca já tenha me impedido de seguir em frente. Na calada da noite, ali é sempre tranquilo e reservado.

Empurro o arame para baixo, evitando as farpas, e passo uma perna por cima, avançando os limites que separam a terra da minha família da terra da família de Beau. Sei que tecnicamente isso é uma invasão, mas também sei que todos os Eatons sempre foram legais comigo, mesmo quando não tinham nenhum motivo para ser.

Chego rapidamente ao topo do barranco, onde tiro os chinelos e desço cuidadosamente o caminho íngreme. É mais fácil descalça. Aprendi, da pior maneira, que os chinelos me fazem tropeçar, e que pisar em uma ou outra pedrinha não me incomoda tanto.

Avanço vacilante pelas pedras soltas do rio, tiro a roupa e deslizo pela água escura, desesperada para me refrescar. Essa é uma boa ideia? Provavelmente não. Mas me empolga e me acalma ao mesmo tempo. Saber que estou em um pedaço de terra longe dos meus irmãos me traz uma estranha paz.

– Aaaaahh.

A água da montanha está fria e me deixa sem fôlego. Solto um suspiro enquanto meus pés raspam o fundo rochoso do leito do rio, me levando mais para dentro do fluxo suave.

A água gelada alcança cada curva do meu corpo. Na primavera, a corrente pode ficar muito mais forte, mas, a essa altura do verão, ela serpenteia preguiçosamente pela cidade antes de se juntar ao Rio Elbow.

Meus braços passeiam pela água, o cheiro de lodo e pinho flutuando ao meu redor. Aquele cheiro fresco de pedra molhada domina tudo.

Minha temperatura corporal cai imediatamente, e o alarme interno que pode fazer você entrar em pânico quando está superaquecido para de apitar em mim.

Depois de uma noite agitada, não consigo simplesmente voltar e relaxar no meu trailer. Eu chego a *sonhar* com o bar. Como se estivesse presa em um loop

infinito.

Bar, bebida, caixa.

Bar, bebida, caixa.

Bar, bebida, caixa.

Meu corpo conhece os movimentos, as sensações e o ritmo tão bem que não consigo escapar.

O rio é meu botão de reiniciar.

Seguro um galho preso ao grande tronco que pende até a metade do rio, deixando meu corpo fluir ao sabor da água gelada.

Quando ouço o som de sapatos esmagando as pedrinhas do lado oposto, congelo. Estou bem escondida, mas meu coração martela no peito com a perspectiva de ser pega sozinha, no escuro.

Eu nunca tinha encontrado ninguém por aqui. É claro que isso vai acontecer pela primeira vez na noite em que já estou agitada, graças aos merdas dos meus irmãos.

O mundo fica em silêncio por alguns segundos enquanto tento prender a respiração. Só o que se escuta é o leve som da água fria corrente e o cricrilar dos grilos batendo as asas.

– Quem está no meu rio?

O alívio percorre o meu corpo, e sorrio.

O tom rouco é de raiva e me lembra cascalho e aço.

Mas é a voz que associo à segurança.

E se eu tiver que ser pega em flagrante, nua, dentro de um rio, fico feliz que seja por Beau Eaton.

6

Beau

Harvey: Como estão as coisas? Você não veio a mais esse jantar em família. Só quero saber se está bem.
Cade: O que o papai tá tentando dizer é que ele quer que você deixe de ser babaca e apareça de vez em quando.
Willa: O que o Cade está tentando dizer é que ele sente sua falta e se preocupa com você.
Rhett: O que a Willa está tentando dizer é que ela te acha o mais sexy dos Eatons e sente falta de te ver por aí, porque está presa vivendo com um ogro.
Cade: Vai se foder, Rhett.
Summer: Cade, o que o Rhett está tentando dizer é que você ficaria mais sexy com cabelo longo.
Winter: Errado.
Beau: Ah, que ótimo, o grupo da família. E concordo com a Winter.
Summer: Só estamos preocupados com você, Beau. Gostamos de ter você por perto.
Beau: Não se preocupem. Estou bem. Vou ao próximo jantar sem falta.

É a risadinha que me pega de surpresa.

– Para começar, o rio não é *seu*.

Eu achei que fosse um dos babacas dos Jansens. Mas não. É a irmã caçula deles. A de olhos grandes que fica me olhando do outro lado do balcão do bar. Aquela que não tem paciência para as minhas asneiras, mas tolera minha presença. Mesmo quando é explosiva.

Um dos motivos da minha insônia.

Um dos muitos motivos.

– Bailey?

Ela arregala os olhos ao contemplar meu peito nu.

– Como sabia que tinha alguém aqui?

O cabelo escuro brilha sob o luar quando ela se afasta do tronco atrás do qual estava se escondendo. A água cobre seu corpo, mas, acima dessa linha, meus olhos pousam em seus ombros. É impressionante a maneira como a luz prateada os atinge – e o fato de não haver alças à vista.

Eu bufo e desvio o olhar, para não correr o risco de encará-la com malícia.

– Sou agente de operações especiais há anos. Se eu não conseguisse identificar um civil escondido em um rio, já estaria morto.

Ela balança na água, e eu chego mais perto da borda. O riacho deve estar a menos de seis metros de onde estou, e ela está bem no meio.

Levanto o queixo e enfio as mãos no bolso da frente do moletom.

– Tem um monte de roupas ali na margem – comento. Ela vira a cabeça para confirmar. Gavinhas molhadas grudam em seus ombros esguios. – Seu corpo está interrompendo o fluxo da água. – Ela olha para si mesma, para a maneira como a água se molda ao seu redor em um padrão diferente de outras correntes. – E dava para ouvir a sua respiração.

Bailey inclina a cabeça para o lado, toda atrevida.

– Não dava pra me *ouvir* respirando. – Descrença permeia suas palavras.

Eu gosto desse lado atrevido dela. Antes, quando eu entrava no bar com meus irmãos, ela sempre se mostrava muito abatida, assustada o tempo todo. Ela me fazia querer salvá-la. Eu simplesmente não sabia como fazer isso.

Ela é mais forte do que eu me lembrava, mas me pergunto se as aparências enganam. Será que somos iguais nesse sentido?

Mas eu apenas dou de ombros.

– Acho que consigo sentir a sua respiração. Não sei como explicar de outra forma. Eu simplesmente consigo sentir. A gente aprimora esse sexto sentido quando nossa vida está em jogo.

Ela olha para mim, a pele brilhando, refletindo o luar. Vejo gotas de água rolarem pelo seu colo até o vale entre seus seios.

Ela parece ignorar como é tentadora, como me afeta.

– Aposto que torcer o pulso de um cara até deslocá-lo também é útil.

Mudo o foco do meu olhar das curvas dos seus seios para o rio.

– Se você quer que eu me desculpe por isso, pode esquecer.

– Eu não quero.

Volto meu olhar para ela, tentando entendê-la.

– Há quanto tempo você vem aqui?

Ela bate um dedo nos lábios carnudos, pensativa.

– Há quanto tempo eu invado a sua propriedade para nadar no seu rio? Anos, eu acho.

– Você sabia que a minha casa fica logo depois daquele barranco?

– Hum, não. Eu não sabia.

Sei que ela está mentindo.

– Meu trailer fica logo depois daquelas árvores.

– Ah, é?

Também finjo não saber disso e me abaixo para pegar uma pedra.

Acho que nós dois somos mentirosos.

– Por que você não mora na casa?

Ela ri.

– Beau, você conhece a minha família. Como agente de operações especiais, tenho certeza de que você sabe do que eu estou falando.

Seus lábios se contraem. Espertinha.

– Prefiro manter a maior distância possível deles. É por isso que trabalho tanto. Estou juntando um bom pé-de-meia para dar o fora daqui.

– É mesmo?

Ela deve conseguir encostar o pé no fundo do rio, porque inclina a cabeça para trás, mergulhando mais na água para molhar o cabelo de novo.

– É. Quero viajar, fazer uma faculdade. Escolher um lugar onde eu possa me estabelecer e não ser apenas a caçula dos Jansens. Ir para um lugar onde ninguém saiba quem eu sou ou de onde vim. Um novo começo.

Viro a pedra na minha mão enquanto reviro suas palavras na mente.

Um novo começo.

Isso não deveria soar tão bem para mim. Eu não deveria querer partir também. Meu profundo tédio parece uma afronta a todos que me amam e a esta linda cidade que chamo de lar.

Experimentei em primeira mão o que é não ter *nada*. E aqui estou eu, com uma baita sorte e infeliz até dizer chega. Acho que é por isso que digo a ela:

– Você não precisa começar do zero. Não há nada de errado com esta cidade. Você pode dar certo aqui.

Com os olhos ainda fixos no céu estrelado, ela ri de mim, ainda com bom humor, mas me deixando apreensivo.

– Eu não pedi a sua opinião.

Não sei o que responder, então me viro e jogo a pedra no rio para aliviar um pouco a tensão do meu corpo. Pego outra.

Eu não estava tentando convencê-la.

Eu estava tentando me convencer.

– Você ainda está trabalhando no hospital? – pergunto, agarrando-me a

qualquer coisa que possa me manter por aqui, ouvindo o suave fluxo da água e o som da respiração de Bailey sob um manto de estrelas imaculadas. – Me lembro de ter visto você por lá quando eu ainda ia às consultas.

Ela suspira, atraindo meu olhar. Um sorriso triste toca seus lábios.

– Fui demitida.

Faço um movimento brusco com a cabeça.

– Por quê?

Ela ri, um som baixo e cheio de sarcasmo. Como se algo tivesse graça, mas não fosse *tão* engraçado assim.

– Um dos meus irmãos foi pego roubando.

– No hospital?

– É. Um dos armários de medicamentos da UTI.

Pelo amor de Deus. Os irmãos dela são realmente uns babacas.

– Mas… por que você foi demitida?

Ela gira, braços e pernas deslizando pela água escura.

– Me acusaram de ter sido cúmplice. De dar a ele informações privilegiadas.

Sinto uma queimação de fúria.

– Você disse que não fez isso?

Ela cantarola novamente.

– Eu meio que amo que você suponha imediatamente que eu não tive nada a ver com isso. É revigorante.

Eu bufo, jogo outra pedra e me abaixo, como se estivesse procurando por alguma pedra específica, embora, no escuro, todas pareçam iguais.

– Eu sei que você não faria isso.

– Beau, meu amigo, você está em minoria. Porque, mesmo sem provas, e eu tendo negado, eles me demitiram. Não fico surpresa, pra ser sincera. O que mais me pegou foi o fato de ter perdido uma fonte de renda. Comecei a limpar o bar nas manhãs em que não trabalho à noite. Isso está diminuindo a diferença. Mais ou menos. Mas fui colocada na lista de pessoas indesejadas de praticamente todos os outros lugares da cidade. Por mais que eu esteja bem-vestida, por mais perfeito que seja meu currículo, por melhores que sejam as minhas referências, ninguém quer me contratar.

Isso é tão injusto que eu fico transtornado. Ela parece tão resignada. Como se isso fosse normal. Certo. Não tem nada certo nessa situação. Está tudo errado.

– Não podem simplesmente fazer isso com você. Você tem que voltar ao hospital e exigir…

– Mesmo que eu pudesse ter o emprego de volta, não quero trabalhar em um lugar onde as pessoas me veem dessa forma. Você não percebe? É assim que todos aqui me enxergam. O The Railspur é o único lugar que não é assim,

porque nenhum dos funcionários é daqui. É por isso que vou embora quando tiver economizado o suficiente para pagar um ano de aluguel.

– Por que um ano de aluguel? Por que não vai embora agora?

Ela não consegue fazer contato visual comigo quando diz:

– Eu estou com o nome sujo. Ninguém vai me aprovar como locatária. – Balança a cabeça e continua: – Mas também, por muito tempo, eu não acreditei que merecia algo melhor. Agora eu acredito, e aceito o fato de meu sobrenome ser incrivelmente malvisto por aqui.

Ela não para de dizer isso e eu tento não levar para o lado pessoal. Eu me recuso a aceitar que a comunidade que sempre amei possa ter um preconceito tão enraizado contra uma jovem.

Ela está errada.

– Não tem nada a ver com o seu sobrenome. Tem tudo a ver com você não se defender.

Ela solta uma gargalhada. Reconheço imediatamente que minhas palavras foram duras – severas –, mas ela não parece se abalar. Essa garota é à prova de balas.

– Para alguém que viu umas coisas bem pesadas, você é bem ingênuo, hein? Está vivendo em um conto de fadas, Eaton? Que tal sacudir a sua varinha mágica, me dar um sobrenome diferente e a gente testar essa teoria?

As batidas surdas do meu coração se aceleram, bombeando o sangue mais rápido, e a empolgação de uma nova ideia corre em minhas veias. Uma nova missão.

– Quer apostar?

– O quê? – Ela desliza as mãos pela água, me lançando um olhar intrigado.

– Que as coisas que acontecem não têm a ver com o seu sobrenome.

– Mas nem precisa apostar isso. É claro que têm.

– Pois eu quero apostar.

Meu corpo vibra enquanto essa nova ideia toma forma em minha mente. Eu também estaria disposto a apostar que um terapeuta não aprovaria o meu plano. Mas parei de me consultar com um há alguns meses, então não tem nada me impedindo.

– Mas como seria isso? Para um cara que toma chá de camomila a noite toda, você parece bem confuso.

– Vou te dar meu sobrenome, e veremos se as pessoas te tratam diferente.

Ela fica imóvel, como se estivesse morta.

– O quê?

– Vamos nos casar.

Há uma pausa longa. Parece que até o riacho parou de correr. Então ela diz:

– Eu não vou me casar com você. Isso é loucura.

Ignoro suas palavras. Não estou acostumado a ser rejeitado. A rejeição não faz parte da minha mentalidade. Geralmente consigo o que quero, a qualquer custo.

– Vamos ficar noivos. Isso te dá a perspectiva de se tornar uma Eaton. Podemos planejar um casamento que nunca vai acontecer.

– Um noivado de mentira?

Ela parece meio cética, e não posso culpá-la. É uma ideia de jerico. Definitivamente não estou pensando direito, mas também me sinto mais animado do que em literalmente meses.

– É. Testamos nossas teorias em público e terminamos antes que o casamento aconteça. Obviamente.

– Você colocou alguma coisa no seu chá?

Uma risada profunda sai de mim.

– Não.

– Você está chapado?

Reviro os olhos.

– Bailey.

– Ah, para! – Ela bate na água com as duas mãos e ri, um tipo de grito estridente e destrambelhado. – Parece maluco. Por que *você* quer fingir que quer se casar *comigo*? Por que faria uma coisa dessas?

– Porque isso tiraria minha família do meu pé. Eles iam parar de ficar me cercando, perguntando como estou, o que fico fazendo, e todas essas chatices que eles me perguntam sem parar. E eu adoro uma competição. O que eu ganho se estiver certo?

– Eu ainda não concordei.

Ainda. Estou começando a gostar.

Ela morde o lábio inferior, ruminando a ideia.

Dou a ela mais dados para considerar.

– Se você estiver certa, vai tirar a cidade inteira do seu pé até conseguir cair fora daqui. Talvez até consiga outro emprego, que pague melhor.

– Ninguém vai acreditar.

– Por que não?

– Porque você faz parte da realeza da cidade. E você… Quantos anos você tem? Você nunca se interessaria por mim.

Errado.

Assim que o pensamento surge na minha cabeça, eu o afasto. Evito cada parte de mim que sabe que há um aspecto egoísta nesse acordo.

No fundo, sei que não me importo com a aposta. Continuo dizendo a mim

mesmo que estou no controle quando se trata de Bailey.

Eu *quero* ter controle.

Mas não tenho.

– Tenho 35 anos. E eu definitivamente me interessaria por você.

Porra. Eu não deveria ter dito isso. Estou perdendo o controle hoje, movido pela sensação familiar de adrenalina correndo em minhas veias. Cheio da confiança que o antigo eu possuía.

Ela desvia o olhar, observando o rio, e percebo que está tremendo um pouco.

– Merda, você deve estar com frio. – Sinto seu olhar voltar para mim, traçando minha silhueta no escuro. – Por que não sai daí?

– Porque não estou usando nada.

Meu coração dispara antes de sair pela boca.

– Não vou olhar.

Bailey inclina a cabeça.

– Por que você não entra?

– Pra quê?

Os lábios dela se contraem.

– Pra eu conferir o que ganho com isso. Você dá um bom marido, Beau Eaton?

– Provavelmente não. – Sorrio. – Mas se você quiser me mostrar o que tem aí, eu te mostro o que tenho aqui.

Ela não responde. Apenas olha. Parece que uma vida inteira se passa entre nós no canto escuro do rio.

Sabendo que não vou seguir com esse desafio, desvio o olhar e me viro de costas para a água. Cortando o fio de tensão entre nós. Eu não quero ser esse tipo de cara. Ela está vulnerável agora, e meu controle está pelas tabelas.

Mas eu me pego desejando desesperadamente que ela faça a minha vontade e aceite o acordo. Teoricamente, ela ganharia mais com ele.

Mas, na prática… quem ganha sou eu.

Suas pernas se movimentam, fazendo barulho na água, enquanto ela cuidadosamente se dirige para a margem. Espero ansiosamente por sua resposta.

– Ai!

Meus instintos me fazem olhar ao redor para ter certeza de que ela está bem, e dou uma olhada rápida em sua bunda. Ela tem uma marquinha de biquíni. Cintura fina e coxas tonificadas. Meu pulso dispara, meu pau fica duro, e eu me viro rapidamente, esperando que ela não perceba que eu vi alguma coisa. Suas curvas já estão impressas em meu cérebro, e eu não consigo me impedir de imaginar como seria segurá-la, agarrar sua bunda enquanto me perco nela. Uma banda em cada…

– Você está bem?

Minha voz sai rouca e estrangulada enquanto afasto aquele pensamento.

– Estou. Foi só uma pedra afiada.

Há um farfalhar de roupas e, então, silêncio.

– Você nunca mais vai se virar? – pergunta ela do outro lado do riacho.

– Eu estava tentando ser educado – digo, apoiando as mãos nos quadris enquanto me viro para encará-la.

Ela está vestida agora, e longe demais para eu decifrar sua expressão facial.

– Vamos fingir que você não olhou?

– Eu não…

– Eu vi. Não precisa ser agente especial para notar alguém se virando tão rápido. Você está enferrujado, Beau Eaton.

– Não tive a intenção. – Abaixo a cabeça. – Você disse *ai*, e eu…

– Você achou que precisaria me salvar?

Ela parece alegre, mas instaura-se um clima entre nós. Como se nós dois soubéssemos o que isso significa.

Eu ofereci meu sobrenome porque ela parece precisar de alguém em sua vida agora. E, merda, talvez seja hora de admitir que também preciso.

Mas fico na minha. Em vez disso, pergunto:

– Você vai aceitar a aposta?

Seus olhos pousam como dardos em minha pele. Não consigo vê-los claramente, mas juro que consigo sentir a dúvida estampada neles.

– Vou dormir e pensar com calma. Me encontra aqui amanhã à noite.

– Tudo bem.

Assinto, apertando meus ossos do quadril como se isso pudesse acalmar o formigamento neles.

Ela se vira para ir embora, o short de algodão solto evidenciando a popa da sua bunda. Aquela em que vou tentar não pensar enquanto…

– Vou vir de maiô da próxima vez – diz Bailey. – Pode ajudar com seu autocontrole.

Eu rio sozinho.

– Ei, Beau, você não respondeu à minha pergunta.

– Qual pergunta?

– Você já fez sexo anal?

Solto uma risada. Não era isso que eu esperava. De jeito nenhum. E penso: pra que mentir?

– Fiz. Uma vez.

– Gostou?

Eu pisco. Uau, certo, melhor falar logo. Bailey Jansen gritando sobre sexo

anal às margens do riacho torna minha cueca absurdamente desconfortável, meu pau pronto para ficar em riste.

– Não foi o melhor sexo que já fiz.

Vejo o contorno de sua cabeça balançando.

– É. Acho que não dá pra descartar até experimentar.

Eu quero soltar a risada presa na minha garganta. O que mais eu deveria fazer? Ela é a combinação mais louca entre inocente, curiosa e direta.

– Boa noite, Bailey.

Ela se vira, fazendo graça, batendo continência.

– Sim, senhor.

Quase rio de novo. Não consegui dormir antes. E provavelmente não vou dormir depois da conversa desta noite.

7

Bailey

Atravesso o gramado até a cerca de arame farpado que separa a propriedade Eaton da Jansen como se estivesse me arrastando. É quase simbólico, me afastar do que poderia ser uma decisão terrivelmente estúpida. Aquelas pontas afiadas, de alguma forma, representam todas as maneiras como essa aposta pode acabar me machucando.

Eu disse a Beau que precisava dormir e refletir sobre o assunto, mas fiquei acordada no meu trailer quente pra caramba pensando em sua oferta absurda. Eu alternava entre me revirar pensando em dizer sim e me revirar diante da perspectiva de rejeitá-la.

Depois, me revirei pensando que não marcamos um horário para nos encontrarmos.

Passei a maior parte do meu dia de folga limpando obsessivamente um trailer de menos de seis metros quadrados, onde praticamente não faço bagunça. Quando o cheiro de alvejante quase me fez passar mal, me obriguei a sair de lá. Com um livro na mão, estava planejando me sentar na beira do rio e esperar por Beau.

Mas, ao chegar à margem e olhar para a água… ele já estava lá.

Beau ergue a cabeça de repente, e nossos olhares se encontram, um em cada margem. Diferente da noite passada, consigo vê-lo claramente sob a luz suave do sol. Reparo em cada ângulo dele. A maneira como suas coxas pressionam o calção de banho simples que está usando, o desenho dos quadríceps se fundindo perfeitamente aos joelhos.

As meias brancas e aqueles tênis brancos esquisitos.

Ele acena para mim, e sinto um frio na barriga.

Sentado ali na margem, com os braços fortes apoiados nos joelhos, ele parece

tranquilo, mas atento, pronto para entrar em ação a qualquer momento. Ele parece assombrado, mas, ao mesmo tempo, em paz.

Ele é lindo.

Bom demais para ser verdade. Bom o suficiente para me fazer ficar aqui parada, admirando-o embasbacada, enquanto minha falta de experiência fica evidente.

Retribuo o aceno e sigo em frente, pigarreando e baixando o olhar.

No caminho até o rio, dou um passo em falso, mas não paro. Depois de anos fazendo esse trajeto no escuro, trilhá-lo à luz do dia parece brincadeira de criança. Escorrego, mas me mantenho de pé, embora minhas unhas agora estejam um pouco sujas.

Quando me endireito, percebo que Beau se levantou rapidamente, e as pontas dos seus tênis tocam a água.

– Você está bem?

A voz dele se projeta sobre o som da água corrente.

Talvez ele tenha tido uma reação exagerada, mas depois de uma vida inteira sendo ignorada ou recebendo atenção negativa, sua preocupação me envolve como um cobertor quentinho.

Fingi indiferença, mas fiquei excitada quando ele expulsou meus irmãos e o amigo mal-encarado deles do bar.

A violência de Beau não me assusta. Deveria. Na maioria dos casos que não o envolvem, é o que acontece. Mas com ele é diferente. Por algum motivo, seu lado animalesco me acalma.

E parada aqui, presa na armadilha do seu olhar preocupado, vendo seu peito subindo e descendo, como se ele estivesse pronto para atravessar o rio só para checar se estou bem… já tenho a minha resposta.

– Aceito a aposta – respondo.

Ele fica completamente imóvel.

– É sério?

Faço que sim, dando passos hesitantes em direção à água, tentando parecer mais à vontade do que de fato me sinto.

– É. Mas precisamos conversar.

Vejo quando ele engole em seco. Seus olhos estão fixos em mim, como se pudessem enxergar o que está por trás da fachada calma e serena que estou tentando exibir. Eu me esforço para não olhar fixamente seu peito largo. Em vez disso, foco nos últimos raios de sol do dia e em como eles atingem os fios espessos em seu maxilar.

– Na sua casa ou na minha? – brinco, para aliviar a tensão.

Seu olhar pousa na superfície do rio.

– Não sei se posso entrar na água. Eu queria, mas…

Inclino a cabeça, à espera de uma explicação.

– As queimaduras. Ficaram muito infectadas da outra vez. Não sei se quero arriscar.

Ontem pensei que ele tivesse recuado porque *eu* estava ali. Saber que ele não entrou na água por uma questão de saúde ameniza o que senti com o seu afastamento.

– Elas estão cicatrizadas?

Ele apenas dá de ombros. Não conheço Beau o suficiente para insistir na conversa, então tiro os chinelos e os seguro enquanto vou até o tronco que atravessa quase todo o rio.

Posso sentir seu olhar preso em mim de uma forma quase enervante, mas mantenho a cabeça baixa como se o tronco fosse uma trave de equilíbrio.

– Cuidado – resmunga ele quando chego à metade do caminho.

Reviro os olhos, mas acho que ele não nota.

– Já faço isso há muito tempo. Tá tudo bem.

– Você já veio para este lado do rio? – pergunta ele, me pegando em meu momento boca de sacola.

Porra.

Opto por ignorar a pergunta, ofegando ao entrar na água fria para ir até onde ele está. Depois de pisar cuidadosamente nas pedras pontiagudas, paro ao lado de Beau, ainda sem fazer contato visual. Jogo os chinelos no chão e levanto um pé para calçá-los, mas as pedras se movem abaixo de mim, e me vejo caindo.

Mas não caio de fato.

A mão quente de Beau segura o meu braço, e ele me endireita com uma risada profunda.

– Você consegue andar naquele tronco, mas perde o equilíbrio quando vai calçar o chinelo?

Ao olhar para ele, me deparo com um sorriso. Nesse momento, Beau se parece mais com o homem despreocupado de que me lembro, antes daquela última missão. Por um instante, nos perdemos nos olhos um do outro. Na luz morna do fim de tarde, os olhos dele assumem um tom menos prateado, tendendo mais para o cinza suave das pedras do rio ao seu redor.

Ele é sempre lindo, mas quando sorri chega a ser ofuscante.

– Pois é.

Meus lábios se contraem e minhas bochechas esquentam. Abaixo a cabeça para calçar os chinelos, tentando ignorar o fato de que ele ainda não soltou meu braço. Seu toque suave marca minha pele e, no minuto em que coloco aquelas tiras de borracha entre meus dedos, me afasto, dirigindo a ele um sorriso largo.

– Quer vir pra minha casa? – pergunta Beau. – Podemos conversar lá?

Meu coração dispara.

– Na sua casa?

– É. – Ele aponta para o lugar onde eu já sei que fica a casa dele.

– E se alguém nos vir?

Ele solta uma gargalhada, usando a mão enorme para coçar a barba por fazer do queixo.

– Bem, se você vai ser a futura Sra. Eaton, faria sentido ser vista na minha casa, não?

Mordo o lábio, hesitante, e mudo o foco para o barranco. Beau parece… *feliz* com essa história.

Não consigo entender. É tudo muito estranho.

– Tudo bem. Está certo.

Desta vez, sua mão pousa na base do meu pescoço enquanto ele me guia para longe do rio. Seus dedos são tão longos que se curvam sobre meu ombro e resvalam sobre a pulsação no meu pescoço.

Eu me pergunto se ele consegue sentir meus batimentos acelerados, se essa foi sua maneira casual de verificar ou se foi só um gesto inocente. Desconfio que esse acordo vai me deixar pensando demais em cada pequeno toque, cada pequeno olhar.

– Talvez eu possa fazer chá para você desta vez.

Minha risada sai um pouco estridente, seus dedos absorvendo a vibração na minha pele.

– Eu bem que poderia tomar algo mais forte do que chá para ter essa conversa.

Ele afasta a mão conforme percorremos a trilha até o barranco. Estou tão faminta pelo toque dele que preferia que continuasse ali.

– Perfeito. Tenho umas cervejas esquecidas na geladeira. São suas.

Ele me conduz colina acima, e tento não olhar para a sua bunda, mas seus ombros largos não são menos impactantes. Eles ficam marcados no poliéster preto da camiseta de exercício que ele veste e culminam em uma cintura perfeitamente estreita. Na mesma hora imagino como seria apoiar as pernas sobre esses ombros enquanto ele enterra a cabeça entre as minhas coxas. Qual será a sensação?

Me lembro da maneira como o luar iluminou o seu tórax nu na outra noite. É impossível esquecer. Imagino o peso de seu corpo sobre o meu. A textura da sua pele roçando a minha.

Pigarreio e balanço a cabeça antes de perguntar:

– Você não tem bebido nada? Nem em casa?

– Não. Estou viciado em chá de camomila.

Parece invasivo perguntar se ele tem dormido, então não pergunto. Além disso, após nosso encontro no rio no meio da noite, acho que tenho um bom palpite.

– Hum – respondo feito uma idiota, e então acrescento: – Bom pra você.

– É, pois é. Alguém que eu respeito me disse que eu não podia continuar bebendo na frequência que eu vinha adotando.

Meu peito vibra com a batida forte do meu coração.

Ele está falando de mim? Só pode ser.

– Ela também disse que eu tinha feito um papelão e me chamou de babaca.

Não consigo evitar o sorriso tímido que se forma em meus lábios.

– Uau. Ela parece muito sensata.

Quando chegamos ao topo do barranco, Beau se vira para mim.

– Ela também é linda – murmura ele, com o brilho do céu dourado emoldurando a sua silhueta.

Essas palavrinhas quase me fazem parar de andar, mas disfarço, reviro os olhos e dou um risinho.

– Fofo. Muito fofo.

Dou um tapa gentil no ombro dele na falta do que falar, evitando me deleitar com ele e suas palavras doces por muito tempo.

Eu lembro a mim mesma que Beau é mais velho, charmoso e está prestes a ser meu noivo *de mentira*.

Ele sempre foi paquerador – conquistador –, e é legal ver um pouquinho desse lado dele. É bom ser aquela que consegue trazer isso à tona, mas, para fazer essa aposta, preciso ter em mente que estamos fingindo.

E que Eatons e Jansens não se misturam.



– Sua casa é legal. – Giro a garrafa de cerveja gelada nas mãos. Nem sou muito fã de cerveja, mas é o tipo de situação em que não dá pra recusar. – Supermoderna.

Passo os olhos por todo o espaço.

Não combina com ele, para ser sincera. É tudo cheio de ângulos e de materiais frios. Pisos de concreto polido, uma viga de madeira solitária em um ambiente com paredes cinza, janelões que vão do chão ao teto, com vista para o terreno de um lado e o leito do rio do outro.

– É. Depois de crescer praticamente num chalé nas montanhas, quis construir

algo um pouco diferente. Menos rural e mais…

Ele dá de ombros do outro lado da mesa, mergulhando o saquinho de chá na caneca de água fumegante… repetidamente.

É quase sexual. Dentro, fora, dentro, fora.

Esse relacionamento falso vai ser longo e doloroso se eu não conseguir nem lidar com o jeito que esse homem tem de manusear um saquinho de chá.

Umedeço os lábios, cruzo as pernas e dou um belo gole na minha cerveja, me repreendendo internamente para me recompor.

– Fresco. Estiloso – conclui ele, pensativo.

– Sim, bem… é muito masculino. Assim como você. – Me viro para encará-lo. Seu rosto é tomado por uma presunção bem-humorada. – Porra. Só… – Desvio o olhar, girando a garrafa novamente, tentando não ficar eufórica além da conta por estar sentada na frente dele em uma pequena mesa de jantar. – Estou nervosa. Você me deixa nervosa.

– Por quê?

Ele não se move, mantendo o foco inteiramente em mim.

Porque vivo cheia de tesão. E você já se olhou no espelho?

– Essa situação me deixa nervosa – explico, em vez de deixar escapar a primeira coisa que me passa pela cabeça.

Pelo menos dessa vez.

– Entendi. – Ele se recosta na cadeira, parecendo muito relaxado. Invejo seu nível de confiança. – Vamos conversar. Planejar. Combinar tudo.

Faço que sim com a cabeça, mordiscando o lábio, tentando não deixar meus olhos deslizarem pelo seu corpo.

– Sim. Precisamos de algumas regras básicas.

Beau se inclina para a frente, com os cotovelos apoiados na mesa e a caneca entre as mãos enormes. Eu só observo.

Eu queria ser essa caneca.

– Primeira coisa: nada de sexo anal – começa ele. – Sei que você está muito interessada, mas eu simplesmente não estou tão a fim.

Eu me sobressalto e arregalo os olhos. Levo a mão à boca e me forço a engolir a cerveja para não espirrar tudo nele.

– Ai, pelo amor de Deus! – digo, por trás dos dedos. – Foi só uma pergunta!

– Foi. Uma pergunta que nunca me fizeram assim, do nada.

– Bem, a quem mais eu deveria perguntar?

– Ao Google?

Eu recosto a cabeça na cadeira e solto um muxoxo ao olhar para o teto.

– Não me pareceu uma pergunta estranha naquele momento.

Na verdade, eu gosto de ver as reações de Beau. Ele é muito… impassível

diante de mim a maior parte do tempo. Mas quando faço perguntas assim, causo uma reação. É como se ele me desse uma prova de vida.

– Sério?

Ele ri de mim. E quem poderia culpá-lo? Beau deve pensar que sou louca.

– Sim, só vi o vídeo e fiquei curiosa. Foi engraçado. E você parece experiente, então eu quis saber. Você poderia ter dito que era um assunto pessoal, se não queria responder.

Com uma risada, ele diz:

– Você já fez sexo anal, Bailey?

Eu bufo, baixo o olhar e então olho para ele novamente.

– Eu nunca fiz sexo, Beau.

Toda a descontração que ele exibia momentos atrás se esvai. Juro que vejo tudo simplesmente – puf! – evaporar.

– Nada? – Beau parece incrédulo.

– Nadinha. Absolutamente nada. Senti que deveria soltar logo essa bomba, já que estamos sendo sinceros um com o outro.

– *Como não?* – Seus olhos brilham com interesse. Não há desagrado nem pena, apenas… descrença. – Você não tem 22 anos?

– Tenho, mas sei lá… eu nunca saio pra lugar nenhum. Não tive oportunidade, e eu não quero tratar isso como um item a ser riscado de uma lista de compras. E… quem se candidataria? Existem dois tipos de pessoa nesta cidade: as que não me tocariam nem com uma vara de três metros e as que me tocariam só pra espalhar a fofoca por aí.

Levanto um dedo como se estivesse tendo um momento *eureka*.

– Na verdade, já me envolveram em algo do tipo sem que eu soubesse. Então, sim, preciso que haja um plano muito claro para que nada fique confuso depois.

Para que meus sentimentos não sejam feridos.

Ele me encara por alguns segundos com um brilho de aço nos olhos prateados. Seu maxilar se contrai e não consigo deixar de notar como seus dedos longos se acomodam em volta da caneca, como se ela fosse o pescoço de alguém.

– Não vamos fazer sexo, Bailey. Esse não é o objetivo do acordo.

Estou um pouco decepcionada com a convicção envolvida nessa afirmação. Mas isso também me deixa à vontade. Sinceramente, parte do que me manteve acordada ontem à noite foi a preocupação sobre até onde iria a encenação.

E sobre como eu desapegaria caso as coisas fossem longe demais.

– Vamos deixar as coisas físicas para fazer em público. Pode ser? Você já beijou alguém?

Eu o fuzilo com o olhar, ofendida.

– Só porque não fiz sexo não significa que estou vivendo em uma bolha – retruco. – Só não encontrei alguém com quem eu queira ir até o fim. Mas eu quero.

– Bailey. – Ele esfrega o rosto, exasperado. – Caramba. Às vezes parece que você não tem filtro nenhum.

Eu rio e olho para o sofá de pelúcia da sala de estar, imaginando nós dois abraçados ali. O peso do corpo dele contra o meu. A maneira como ele poderia me virar até eu ficar embaixo dele e…

O som de Beau engolindo em seco me desperta do transe. Ele toma um gole de chá. Quando finalmente o encaro, vejo que ele está se divertindo com a situação.

– Cala a boca.

Ele comprime os lábios, mal contendo a risada.

– Eu não disse nada.

Gesticulo, contraindo as bochechas para não rir também.

– É como se tivesse dito. Você fala meu nome como se fosse um palavrão. Ou como se eu te cansasse.

– Você é divertida, Bailey. Até engraçada. Você não me cansa, você me revigora.

– Nossa, obrigada. Agora me sinto realmente jovem pra caralho.

Ele ignora meu comentário e continua.

– Tá, então se você conhecer essa pessoa com quem realmente quer fazer sexo, me conta. Que aí nós terminamos.

Meus olhos se fecham.

– Eu odeio essa conversa com todas as minhas forças.

Ele ri. É um riso sincero e caloroso, e me faz pensar em como vou encontrar outra pessoa com quem eu queira fazer sexo quando passo cada minuto do dia com Beau Eaton.

Abro os olhos e o encaro, séria.

– O mesmo vale pra você. Se conhecer alguém de quem realmente goste, me conta.

– Isso não vai acontecer. Mas tudo bem.

Ele parece tão seguro…

– Por que não? – pergunto.

– Um relacionamento de verdade? – Ele passa a mão na mesa como se estivesse espantando uma mosca. – É impossível ver as merdas que eu vi e continuar acreditando que algo será pra sempre. O meu sumiço simplesmente destruiu minha família. Não quero fazer mais ninguém passar por isso. Depois

que você sair daqui com uma reputação nova e ilibada, seremos apenas eu e meu chá. Eu nunca vou me apaixonar, não vou deixar isso acontecer.

Ele ergue a caneca para um brinde, mas não é um brinde feliz.

Há uma tristeza profunda – uma solidão profunda – nesse gesto, e eu não o retribuo.

– Você tem que fazer algo horrível para terminarmos – anuncio.

Ele arqueia a sobrancelha, intrigado.

– Bem, é porque se você me largar, você será o pobre Beau, que foi enganado pela desprezível Jansen. Se eu terminar com você, serei a demônia que machucou o pobre Beau. Mas se você fizer alguma merda, todos vão te perdoar e eu ainda vou poder sair dessa de cabeça erguida.

– Por que você se importa, se vai embora e nunca mais vai voltar?

Solto um suspiro pesado que deixa meus pulmões quase dolorosamente vazios.

– Só estou cansada de ser a vilã.

– Eu vou ser o vilão – diz com um aceno firme, sem precisar pensar no assunto.

Sinto um aperto no peito, mas continuo.

– Como vamos convencer as pessoas de que é real?

Um sorriso malicioso se abre em seu rosto bonito, a língua deslizando pelo lábio inferior.

– Aja como se não conseguíssemos manter as mãos longe um do outro. Apenas faça o que eu digo.

– Certo.

Tento não surtar diante da ideia de tocá-lo. Beijá-lo. Estou acostumada ao trabalho pesado, mas acho que isso não vai exigir esforço algum.

Quais as chances de isso dar certo?

Tiro uma migalha inexistente da mesa. Este lugar é limpíssimo.

– Claro. Legal. A prática leva à perfeição.

Ouço uma lufada intensa de ar do seu lado da mesa. Ergo os olhos e vejo que Beau está um pouco agitado.

– E a sua família?

Ele franze a testa quando menciono o clã Eaton.

– O que é que tem?

– Devemos contar a eles? Vocês todos parecem muito próximos. Isso seria um incômodo?

Beau baixa o olhar para o líquido em sua caneca, pensativo.

– Essa é a questão, Bailey. Eu venho mentindo para eles há anos. E eles só estão descobrindo agora, eu acho.

– Como assim? Ai, meu Deus. – Suspiro. – Você é gay, né? Agora tudo está fazendo sentido. Aliás, estou totalmente de boa com isso.

Ele ri, mudando a expressão para aquele olhar astuto e brincalhão.

– Bailey, eu sou muito hétero.

Engulo em seco.

– Bem, eu consigo entender por que alguém pensaria o contrário.

Ele me encara de um jeito irritante.

– Ah, é? E por quê?

Dou de ombros, tendo que piscar para escapar da intensidade do olhar dele.

– Nunca vi você com ninguém.

– Anda me observando?

Solto um suspiro de desdém e reviro os olhos.

– Ah, por favor, todo mundo nesta cidade observa você.

Beau tamborila os dedos fortes na mesa e dispara:

– Eu também nunca vi você com ninguém.

Eu rio, porque é claro que ele nunca me viu com ninguém.

– Suponho que minha extensa coleção de vibradores também não prove grande coisa, né?

Ele geme e se mexe na cadeira.

– Cacete, Bailey. Você é sempre espontânea assim?

Balanço a cabeça, tentando afastar meu constrangimento.

– Não. Só falo coisas assim para pessoas com quem me sinto confortável. Então você, e talvez Gary.

Beau baixa a cabeça entre as mãos e pressiona os olhos.

– Por favor, me diz que você não contou a Gary sobre sua coleção de vibradores.

Eu dou um gole na cerveja.

– Não se preocupe. Ele estava bêbado. Duvido que lembre.

Beau levanta a cabeça com uma expressão de choque.

– Você está de sacanagem, né?

Mordo com força a parte interna da bochecha.

– Não. Contei a ele de um que tem um monte de configurações diferentes e outro que tem uma ventosinha que gruda na parede. Ah, e o que parece um pau de verdade, mas muito, muito maior…

Ele se inclina sobre a mesa e tapa minha boca.

Em resposta, estendo as mãos, indicando uns bons trinta centímetros e arregalando os olhos. Nunca vou admitir, mas sua mão contra meus lábios me faz lutar contra a vontade de deixar minha língua percorrer sua pele. A pressão. O cheiro dele. Meus lábios se movem levemente, e sua mão voa para longe,

cobrindo os próprios olhos outra vez.

A expressão de Beau vai do choque ao interesse, e então para… o que quer que ele esteja escondendo nas mãos.

Por fim, fecho a boca e abro um sorriso, tomando outro gole.

A cerveja nem está mais com um gosto tão ruim.

– Você não pode simplesmente sair por aí contando essas coisas pra velhos tarados – diz ele, com a voz estrangulada.

– Calma aí, Beau. Você tem apenas 35 anos. – Seus ombros saltam em uma risada, e eu me permito rir junto. – E, para um soldado de elite, você com certeza é ingênuo.

Beau me encara, e as pontas de suas orelhas estão um pouco rosadas.

– Gary não sabe sobre sua coleção de vibradores?

– Não, senhor. – Bato continência. – Você é o único.

Ele esfrega o rosto como se estivesse considerando o que dizer a seguir.

– Acho que não vejo problema em saber da sua coleção, já que estamos comprometidos. E eu nem de longe me sinto ameaçado por trinta centímetros.

Engulo em seco e faço de conta que não ouvi a piadinha, mudando o tom da conversa.

– Tem certeza que está tudo bem em mentir para a sua família só pra me ajudar a conseguir um emprego?

– Há muitas coisas que eu nunca poderia contar a eles. Muitas que nunca contarei. Esta é apenas mais uma delas. E eu realmente preciso…

Ele para, olhando ao redor da cozinha impecável. É realmente tão limpa que eu poderia comer em quase qualquer superfície. Parece até que nunca foi usada. Tudo esterilizado.

– Eu realmente preciso sentir alguma coisa.

Eu me ajeito na cadeira e olho para Beau.

– E… sinceramente? – Ele esfrega a nuca e abre um sorriso irônico. – Faz muito tempo que não me divirto tanto como agora.

Decido neste momento que, se ele não vai pegar no meu pé por causa da minha virgindade, não vou incomodá-lo com o que o assombra.

Nós dois estamos tirando algo desse acordo. Vejo os aspectos práticos. E os aspectos práticos me acalmam.

Faz sentido.

– Certo. Como nos conhecemos?

Ele move a boca de um lado para outro, pensando.

– No bar. Essa é a explicação mais simples e também é verdadeira.

Eu assinto.

– E qual é a data final desse acordo?

– Até que você esteja pronta pra ir embora. Livre e com a reputação renovada. Nova cidade, novo emprego. O que você quiser.

– Ou até que você conheça alguém – acrescento, solenemente.

Sinto uma dorzinha no coração, porque já sei que isso vai doer quando acabar. Mas eu também quero o bem dele.

Alguém *de verdade*.

Ele engole em seco e diz:

– O mesmo vale para você.

Deslizo a mão pela mesa, e ele a envolve com as suas.

Trocamos um aperto de mão. Trocamos números de telefone. E assim…

Estou noiva.

8

Beau

Beau: Que tal fazermos nossa estreia hoje à noite?
Bailey: No meu horário de trabalho?
Beau: É. Não te vejo há alguns dias. Ainda estamos firmes? Você não precisa começar a procurar empregos? O bar seria um lugar simples para começar. E podemos jantar no rancho uma noite dessas.
Bailey: Tá bom.
Beau: Então, hoje à noite?
Bailey: Claro. Sim. Tudo bem.
Beau: Não fica nervosa. Gary nem vai saber o que tá acontecendo. Só prepare meu chá, gata.
Bailey: Podemos deixar pra lá essa coisa de gata?
Beau: Por quê?
Bailey: É zero original.
Beau: Então além de ser seu noivo falso eu ainda tenho que inventar um apelido original?
Bailey: Isso mesmo. É um novo requisito para o nosso acordo.
Beau: Você é dura na queda, Jansen. Quer um diamante de quantos quilates, madame?
Bailey: Kkkk. Quatro? Cinco? Grande a ponto de ser difícil levantar a mão.
Beau: Uau. Minha noiva é exigente. Entendi. Vejo você hoje à noite, chuchuzinho.
Bailey: Está bem. Quer dizer, não está. Também não quero chuchuzinho.

Bailey está de costas para o bar, digitando algo na tela do computador. Ela nem percebe quando me sento no banco de sempre. Um que fica no final do bar, que me deixa de costas para a parede e me dá uma visão ampla do ambiente – e da porta.

Uma forma de escapar.

– Como vai, meu docinho de coco?

Melhor arrancar o band-aid de uma vez.

Ela fica paralisada, e Gary olha para mim sem entender nada.

– Que caralhos você acabou de dizer pra garota? – O queixo dele está quase no chão.

Eu sorrio. Sim. Isso já é bom. Consigo transformar isso num espetáculo. Numa missão.

– Estamos testando novos apelidos.

Bailey se vira lentamente, e sua expressão ameaçadora dá a entender que ela vai me matar.

– Por quê? – O homem parece genuinamente pasmo.

– Bailey não te contou a novidade?

Pelo canto do olho, vejo Gary franzir o cenho, mas minha atenção permanece fixa em Bailey. As granadas imaginárias que ela me lança não têm nenhum efeito além de me fazerem sorrir. Fica claro que, embora Bailey seja perspicaz e mais engraçada do que eu esperava, ela trabalha demais e não sabe se divertir. É como se esse fosse um privilégio que nunca lhe foi concedido.

Pretendo mudar isso enquanto estiver com ela.

Meu sorriso se alarga para a versão ultraencantadora que me livrou de muitas encrencas.

– Ficamos noivos no fim de semana.

– Vocês *o quê*?

Santo Gary. Ele está fazendo cem por cento o papel de pai protetor. E eu me sinto um grande babaca pelas coisas que disse a ele naquela noite, mesmo depois de ter me desculpado.

– É, nós meio que estamos… – Bailey vacila, arregalando os olhos como se tivesse acabado de perceber que precisa falar sobre o acordo em voz alta. Na frente das pessoas – … nos conhecendo.

Gary nos observa, perplexo. Eu sorrio para Bailey, me sentindo mais autêntico do que há muito tempo não me sentia.

É a vibração da adrenalina correndo nas veias, a parceria, a sensação de fazer parte de algo. Ter um propósito – um propósito que vai além de trabalhar com vacas no rancho da família.

– Você foi rápido, garoto. Quais são as suas intenções? Ela é muito mais jovem que você. Mais legal. Muito mais bonita. Qual é o plano?

Eu me viro para Gary, achando ótimo que ele queira proteger Bailey. Já era hora de alguém fazer isso.

– Você não está errado. Ela é todas essas coisas. Mas ela também… – meus

olhos deslizam de volta para Bailey, que parece aterrorizada – … me trouxe de volta à vida. Não consigo imaginar meus dias sem ela.

Não é mentira. Sério, eu não retiraria nenhuma palavra do que disse. Se eu passo quatro noites por semana sentado aqui como um cão de guarda fiel *não é só porque* odeio a ideia de Bailey trabalhando aqui sozinha.

Não sou tão nobre assim.

Mas não consigo olhar para ela depois de dizer isso.

– Merda. – Ele esfrega os pelos da barba grisalha. – Acho que eu já devia ter suspeitado. Você sempre a devora com os olhos, como se estivesse imaginando a garota sem roupa. Inclusive, eu ia até dizer pra você segurar um pouco a onda.

Puta merda.

Recorro ao meu treinamento para manter o rosto inexpressivo, mas Bailey tosse como se tivesse algo preso na garganta. Vejo seu lindo rosto em formato de coração esboçar humor e surpresa.

Após se recompor, ela diz suavemente:

– Gary, por favor. Beau é um agente de operações especiais. Ele nunca seria tão descarado.

Ela dá uma piscadela maliciosa para mim. Uma risada seca me escapa. O sarcasmo de Bailey nunca deixa de me surpreender. Acho que é algo que nunca vou superar.

– É. Meus anos no esquadrão de elite impressionam a maioria das pessoas, mas a Bailey só quer saber de tirar sarro de mim por causa disso.

– Talvez você precise mesmo de alguém que não se impressione tanto com você – resmunga Gary, engrolando as palavras de leve, enquanto toma outro gole.

Meus dedos tamborilam no balcão do bar.

– Uau. Hoje você está afiado.

O homem olha para o teto antes de olhar para a minha mão e depois para a de Bailey.

– Espera aí. Por favor, me diga que você a pediu em casamento com um anel. Duvido que precise da permissão do pai dela, mas vou chutar sua bunda se você não tiver comprado um anel pra ela.

Bailey franze os lábios e coloca as mãos nos quadris, toda presunçosa. Está gostando de ver Gary pegando no meu pé.

Mas ela vai ver quem ri por último.

Posso não ter feito o pedido com um anel, mas uma ida rápida até a cidade resolveu o problema.

– Eu fiz o pedido com um anel, mas Bailey disse que o diamante não era grande o suficiente e me mandou devolvê-lo.

Ela bate o pé.

– É mentira!

– Gary, você precisava ver! Ela disse que queria um diamante grande a ponto de ter dificuldade para erguer o braço.

Ele assente.

– Mas é exatamente o que ela merece.

– Vocês acham mesmo que eu me importo com isso?

Bailey está absolutamente indignada. Por isso, tirar do bolso a caixinha de veludo verde é incrivelmente satisfatório.

– Eu concordo com você, Gary. – Deslizo a caixa pelo balcão. – Por isso voltei à loja e peguei um diferente.

Bailey arqueia as sobrancelhas ao ver a caixa. Suas mãos ainda estão apoiadas nos quadris, e a forte tensão em seus dedos sugere que ela está se segurando para não pegá-la.

– E aí, garota? Vai nos mostrar ou não? – incita Gary.

Com um suspiro dramático, Bailey dá um passo à frente e pega a caixa no balcão. Parece indiferente, mas não é uma boa atriz.

Ela fica boquiaberta ao pousar os olhos no anel, e eu adoro cada segundo desse momento. Suas bochechas ficam rosadas e sua mão treme, e ela olha fixamente para a peça de platina com um enorme diamante em forma de lágrima. Diamantes menores emolduram a pedra central e o contorno do aro. É totalmente exagerado, e eu adoro o fato de que agora seja dela.

– O que é isso?

– Um diamante tão grande que vai fazer o seu braço tremer toda vez que você servir uma cerveja.

– Não pode ser real.

Ela balança a cabeça, e eu rio.

– É muito real.

– Quanto você gastou nisso? – Ela parece em pânico.

Eu deveria ter imaginado que isso a assustaria.

– Eu tenho meus contatos. Fiz um bom negócio.

– O que é um bom negócio? – Seus olhos de ônix se fixam nos meus, brilhando. – Isso foi longe demais. É um exagero.

Ela se inclina sobre o balcão e coloca a caixa de volta na minha mão.

Mas, em um movimento rápido, seguro seu pulso esquerdo e puxo o anel da caixa. Deslizo-o por seu dedo trêmulo, ridiculamente satisfeito em ver como ele parece maior ainda em sua mão pequena.

Ela parece uma mulher muito comprometida usando aquela pedra, e isso faz o homem das cavernas dentro de mim bater no peito e urrar.

Alguém deveria avisar a ele que esse relacionamento é falso.

– Não, Bailey. É perfeito.

Eu gentilmente passo o polegar sobre o osso delicado em seu pulso. Ainda não nos tocamos, e não tenho certeza de como ou por onde começar. Especialmente depois da confissão sobre a virgindade. Faz muito tempo que perdi a minha e quase esqueci como era.

Ao encontrar meu olhar, Bailey volta a se mostrar alarmada. Preocupada. Volta a ser a garota tímida e desajeitada de que eu me lembro, não a mulher determinada e engraçada que ela está lentamente se tornando.

– Você merece.

– Caramba, se não der certo, você pode penhorar esse negócio e ganhar uma grana – acrescenta Gary, com voz de bêbado, o que a faz rir.

Então ela segura o meu pulso e dá um aperto suave, que combina com seu sorriso doce. Bailey leva um susto quando levanto sua mão e a beijo. Um beijo suave, ainda que mais longo do que o necessário. Mantenho meus olhos nos dela, encarando-a de um jeito que não deveria.

Um olhar que suspende o ar entre nós.

Dou uma piscadinha para ela, e seu rosto fica do tom de rosa mais lindo que já vi. Bailey puxa a mão para trás como se tivesse tocado em algo escaldante. E volta ao trabalho. E eu passo a noite inteira bebendo chá de camomila e observando os clientes boquiabertos com a pedra enorme no dedo de Bailey. Eles estão atordoados demais para fazer perguntas, mas são indiscretos demais para desviar o olhar.

Toda vez que Bailey pega alguém olhando, dá um sorrisinho discreto. Então comprime os lábios e desvia o olhar.

Isso já faz o anel valer seu preço exorbitante. Guardei esse dinheiro por anos e nunca soube muito bem como ia gastá-lo.

Isso me parece um investimento que valeu a pena.

Dou um pulo da cama, pronto para lutar, mas os lençóis emaranhados na minha cintura me impedem. Por um momento, o pânico me envolve. Preciso correr, preciso que minhas pernas se movam, mas elas me traem, me deixando incapacitado. Minha roupa de cama está bagunçada de um jeito que dá a entender que lutei contra ela. Meu travesseiro está molhado de suor. Minha pele, pegajosa.

Meus pés ardem como se eu tivesse acabado de andar sobre chamas.

Isso acontece sempre às 2h11.

– Porra.

Eu desabo, pressionando os olhos enquanto me concentro em estabilizar a respiração.

É sempre o mesmo sonho.

Tenho a mesma vontade de lutar, de correr, de entrar em ação, mas meu corpo falha, e acabo engatinhando ou me arrastando. Estou sempre no deserto. Micah está sempre lá, à beira da morte.

E sempre sinto que preciso salvá-lo.

É irrelevante que eu tenha *conseguido* salvá-lo. Meu cérebro me leva de volta àquele sentimento de total impotência, o alarme estridente soando eternamente, sem dar trégua. Enquanto ficamos naquela caverna por duas semanas, reprimi essas emoções, mas agora elas voltaram a me assombrar.

Chuto os lençóis para longe. Mesmo com o ar-condicionado, estou pingando de suor. Desde que encontrei Bailey no rio naquela noite, fantasio sobre mergulhar na água fria e refrescar essa dor fantasma causada pela queimadura, que parece real demais. Fantasio sobre relaxar o suficiente para me sentir seguro fazendo isso.

Sinto que o rio me chama. Quando percebo, estou lá, sem lembrar exatamente o caminho que fiz ou quando cheguei.

Talvez seja a água. Talvez seja a escuridão.

Talvez seja Bailey.

O que quer que seja, é para lá que vou de novo esta noite.

Nem me preocupo em calçar meias. Enquanto desço até a margem, meus pés parecem estar em chamas. A pele recém-enxertada roça contra o tecido do sapato.

Quando chego lá embaixo, percebo que não estou sozinho.

Do outro lado, na margem do rio, está Bailey, com o mesmo vestido de algodão branco com babados que ela usou para trabalhar hoje. Sua bochecha repousa sobre um suéter enrolado que cobre seus joelhos dobrados. Os braços envolvem firmemente as canelas. Como se ela estivesse tentando se encolher ao máximo.

Sob a luz da lua, vejo o brilho do anel.

– Bailey? – chamo, embora já saiba que é ela.

Ela ergue a cabeça de repente, e seu corpo fica rígido. Ela leva depressa a mão até a boca, com um dedo nos lábios, um sinal que diz: *Cala a boca*.

Entro na mesma hora em alerta máximo, meus batimentos acelerados como nas vezes em que acordo do meu pesadelo recorrente. Desço o resto do barranco, fazendo o mínimo de barulho possível. Quando chego à margem, encontro

Bailey de olhos arregalados e imóvel.

Estou prestes a dizer algo, mas ela leva o dedo de volta aos lábios.

Seu gesto faz meus olhos descerem. Meus tênis brancos tocam a água.

Racionalmente, sei que meus pés estão curados. Fui liberado para nadar, viver minha vida, mas simplesmente não consigo me livrar da ansiedade.

De repente, me pergunto o que eu mais desejo: chegar até Bailey? Ou me agarrar à minha ansiedade?

Não preciso deliberar por muito tempo. Acho que não penso em nada, apenas entro na água gelada para chegar até ela, sem me importar comigo mesmo no processo.

Bem típico de mim. É por isso que estou onde estou.

Diferente de Bailey, consigo ficar de pé, mesmo no ponto mais profundo. Então, caminho, me arrastando pela água até sair pingando do outro lado. O olhar dela está fixo em meus pés enquanto avanço em sua direção.

Tento ignorar o atrito do material felpudo dentro dos tênis Adidas. Mas, assim que me jogo no chão lamacento ao lado de Bailey e encosto minhas costas no barranco, eu os arranco dos pés.

No escuro, as queimaduras parecem menos irritadas. Elas estão escurecidas, um pouco enrugadas nas costuras, onde a pele recém-enxertada encontra a pele antiga, mas menos vermelhas e mais viçosas.

É a primeira vez que fico descalço perto de alguém novo em minha vida.

– Achei que tivesse dito que elas ainda não estavam curadas – sussurra Bailey, vistoriando meus pés apoiados no chão arenoso.

– Eu menti. Só estava com muito medo de molhar os pés na água suja.

Ela vira o rosto na minha direção.

– Por que mudou de ideia hoje?

Dou de ombros e movo os pés no chão. É bom tirá-los daquelas meias de compressão e dos sapatos quentes.

– Eu tive um bom motivo para atravessar o rio.

Ela engole em seco, alto o suficiente para eu ouvir.

– O que houve, Bailey?

Ela vira o rosto para o outro lado, como se estivesse envergonhada demais para me encarar.

– Meus irmãos.

Eu me reteso.

Ela levanta a mão esquerda, onde o diamante brilha, e mexe os dedos. Sua voz sai em um tom baixo e resignado.

– Eles ouviram falar do anel, suponho que por alguém no bar. Quando eu estava vindo pra cá, pra nadar, eu os ouvi conversando sobre penhorá-lo. Eles

bateram na minha porta, aí eu me escondi atrás de uma árvore até eles entrarem, depois corri para o rio.

– Eu vou matar esses imbecis.

Bailey responde com um sorriso triste.

– Não vale a pena. E isso acabaria com sua fama de herói na cidade.

Eu faço um sinal de desdém.

– Seria ótimo. Ninguém ligaria.

Falo sem pensar, sem me importar com o que isso pode significar para ela. Digo porque é verdade, e essa é a pior parte.

As palavras a atingem, e a ouço grunhir. Um baque suave, como um membro caindo no chão à minha frente.

– Eu sinto muito.

Dou um empurrãozinho nela com o ombro, mas Bailey não corresponde.

– Não sinta. Sério.

– Não sei se eu diria…

– Beau, para. Essa fachada alegrinha que você costuma exibir só me irrita. Eu sempre enxerguei além dela. O jeito como você muda de despreocupado e brincalhão para sério e inquieto. O jeito como seu rosto desmonta quando fica olhando para um ponto fixo por tempo demais. Eu também faço isso, e talvez seja por isso que eu perceba. Mas, sinceramente, não precisa fazer isso comigo. Quase me sinto ofendida. Tudo bem não estar bem.

Meu peito dói. Sinto as rachaduras nele, as falhas causadas por todas as dores que sofri, toda a merda que vi, todas as coisas que eu racionalizo ou escondo. Elas voltam com força total na presença de alguém que não se importa em me ver perdido nelas.

– Você não vai voltar pro trailer – digo, sem querer reconhecer o que ela acabou de me dizer.

Em vez disso, volto ao que faço melhor: cuidar das pessoas.

– Eu não ia fazer isso.

– O que você ia fazer?

Bailey dá de ombros.

– Provavelmente dormir aqui mesmo.

– Na margem do rio?

– É – responde ela, com indiferença, enquanto veste o suéter e se acomoda.

Franzo a testa e olho ao redor. O ar quente carrega o cheiro de pedras molhadas. Ouço os grilos cantando acima de nós. Vejo a lua refletida na água. Sinto a pressão do corpo de Bailey ao lado do meu.

Eu poderia insistir para fazer companhia a ela, fosse na minha casa ou no trailer dela.

Mas aqui não parece ser um lugar ruim para se passar a noite.

– Tudo bem.

Eu me aproximo, decidindo que… foda-se… vou passar um braço pelo ombro dela e mantê-la aninhada. Não consigo me lembrar da última vez que dei apoio a alguém que não estivesse à beira da morte. Alguém que eu só quisesse ter por perto.

Desta vez, ela não recua quando a toco. Sem Gary e todos no bar nos observando, ela não age de maneira estranha.

– O que você está fazendo? – pergunta Bailey, se desmanchando em meu corpo sem uma única reclamação.

– Abraçando minha noiva, ué – digo, tocando o diamante em seu dedo.

Ela solta uma risada para disfarçar a maneira como se aconchega no meu abraço. Não é pelo frio, mas há algo ávido na maneira como ela se apoia contra mim.

– Tudo bem. Estamos começando a colocar em prática?

Prática.

Uma palavra tão simples não deveria me deixar de pau duro. Mas, de alguma forma, é o efeito que provoca em mim. Essa palavrinha povoa minha cabeça com as muitas coisas que Bailey e eu poderíamos praticar. Coisas que eu poderia mostrar a ela.

– Sim, boneca. Estamos começando a colocar em prática.

O silêncio cai entre nós. A tensão aumenta.

E então:

– Ei, Beau?

– Sim?

– Boneca também não.

Eu rio. Não conversamos, é desnecessário.

Ficamos sentados na margem do rio, lado a lado. Nós dois praticando o “tudo bem não estar bem”. Juntos.

9

Bailey

Lance: Cadê você? Vem beber com a gente.
Aaron: É, fomos te procurar, mas você não estava em casa.

Acordo agarrada com força a algo quente e duro.

Esfrego a bochecha em algo de algodão, querendo voltar para um dos melhores sonos da minha vida. Uma brisa suave sopra na minha bochecha, e em pouco tempo percebo que meu travesseiro está com… batimentos cardíacos.

Congelo quando meus olhos se abrem de repente. O céu da manhã assumiu um tom azul-claro, e percebo que a tal "prática" minha e de Beau durou a noite toda.

Estamos agarrados um ao outro. Minha bochecha contra seu coração, ele aconchegado em mim, seu braço livre me protegendo como um escudo.

Estou me sentindo uma verdadeira ursinha de pelúcia dormindo de conchinha com o soldado mais gostoso de todos os tempos.

Também conhecido como: *meu noivo*.

Fico abismada e me viro cuidadosamente em seus braços, amando o calor dele contra minhas costas. Olho para o diamante que adorna meu dedo anelar. É demais. É demais, porra. Não tem nada a ver com uma garota como eu, mas é mais uma prova de que Beau não entende como meu mundo funciona.

Tudo o que é bom acaba. Ponto.

Eu não ganho coisas boas. Não fui feita para isso. E elas não foram feitas para mim.

Assim que eu terminar de aproveitar os braços dele, vou dizer isso. Vou

obrigá-lo a pegar o anel de volta. Vou me sentar com ele e fazê-lo entender que, embora tenhamos um acordo, ainda existe uma linha que nos separa.

Uma linha que…

Beau se move, estalando os lábios de uma forma quase infantil enquanto sua perna de cima se engancha em mim e me puxa para mais perto. Então ele…

Roça sua ereção matinal enorme em mim.

Agora, sim, eu realmente fico estática.

Um homem de verdade está roçando uma ereção de verdade em mim.

Eu já tinha passado horas pensando em como seria esse momento. O que eu faria. Como seria.

Eu *sonhei* com isso.

Ser uma virgem de 22 anos me faz parecer… plena, de certa forma. Mas, na minha cabeça, a história é totalmente diferente. Porque, sim, eu sou virgem, mas não quero ser para sempre. Na verdade, eu diria que estou ansiosa para acabar logo com isso.

Tipo, você já viu a minha coleção de vibradores? Meu histórico de pesquisa no YouPorn? Um vibrador de silicone que eu finjo ser o Jensen Ackles rompeu meu hímen anos atrás.

Não, não estou me guardando pra nada. Estou com um tesão da porra, sem ninguém de quem eu goste o suficiente para me ajudar a gastar essa energia. Estou desesperada para…

– Minha delícia, você está esfregando a bunda em mim.

Meus quadris disparam para a frente, e eu grito enquanto tento abrir espaço entre nós.

– Você está proibido de me chamar de *minha delícia* – respondo, e me viro para encará-lo, tocando as minhas bochechas quentes como se isso ajudasse a esfriá-las. Ou como se eu tivesse um botão de rebobinar ali. O que seria ideal.

Beau apoia o braço atrás da cabeça e sorri para mim.

– Essa é a parte que você acha problemática?

Respiro fundo e empino o nariz, me recusando a me deixar abalar pela minha vergonha. Tenho anos de prática em manter a cabeça erguida quando deveria estar morta de constrangimento.

Endireito minha saia.

– Eu estava deitado aqui, protegendo você. Dormindo. Cuidando da minha vida em silêncio. E você estava se esfregando no meu…

– Para, para, para! – Minha mão sobe, criando uma barreira física para interrompê-lo. – Para. Eu estava dormindo – minto.

Beau abre mais o sorriso, como se soubesse que estou dando uma desculpa esfarrapada. E, nossa, como ele está lindo. Tem areia em seu cabelo, barba por

fazer em seu rosto. A camiseta bege subiu o suficiente para mostrar um pouco do abdômen bronzeado.

– Eu nem me liguei no que estava fazendo – digo, tentando esconder a verdade sob o que, penso eu, deve ser uma mentira muito transparente.

Ele levanta as sobrancelhas.

– Aff! Para! – grito. – Foi você que ficou esfregando esse pau duraço em mim.

Ele ri e rola de costas, esfregando as mãos no rosto, o que destaca os músculos dos seus antebraços.

Mas é o som de sua risada que me pega. É calorosa e alta. Ela vibra pelo meu corpo, faz meu estômago dar cambalhotas. Me atinge com um choque de tesão bem no espaço entre as pernas.

– Por que você está rindo? Isso não é engraçado. É estranho pra caramba.

– É engraçado porque, se você sabe disso, quer dizer que não estava dormindo.

Merda.

Espano a areia do corpo, em uma encenação para evitar ter que olhar para Beau e seu sorriso estúpido e condescendente.

– Bem, se você sabe disso, também estava acordado – devolvo.

– Sim, mas eu estava grogue. Não dormia tão bem assim fazia meses. Meu corpo estava comemorando.

Ele pisca para mim, e volto a me derreter todinha, completamente nervosa.

– Qual é a sua desculpa? – provoca, ainda deitado de costas.

É uma posição especialmente vulnerável para um homem como ele.

Eu me ajoelho ao seu lado, observando o que deve ser uma estrutura de quase dois metros de músculos.

O corpo dele é uma máquina funcionando a todo vapor.

Eu o imagino em cima de mim. Metendo fundo.

– Estou com tesão – digo abruptamente, decidindo que prefiro não mentir.

De que adianta esconder? Ele percebe tudo.

Suas íris cinza se prendem às minhas. Espero risos, mas Beau apenas me encara.

– O que foi? – pergunto. – Isso é muito chocante pra você? É porque eu sou mulher? Tenho 22 anos e juro que estou quase a ponto de transar com qualquer um só para experimentar.

Ele geme e passa as mãos no rosto novamente.

– Bailey.

Percebo o volume protuberante no short dele. Aproveitando que seus olhos estão cobertos, estendo a mão para comparar os tamanhos, como quem não quer

nada.

Tudo pela ciência.

– Você não pode me dizer essas coisas.

– Por que não? – rebato, bufando, e sinto o corpo estremecer ao ver que o pau dele é maior que a minha mão. – Estamos noivos. Estou praticando, lembra?

– O que estamos praticando agora, exatamente? Além de deixar meu pau tão duro que parece que vai explodir?

Eu faço que sim, olhando para seu pênis e me sentindo muito madura, agindo naturalmente. Não, isso é bom. Totalmente *normal*.

– Estamos praticando falar sobre sexo. Vou precisar falar sobre isso um dia, quando eu fizer, não é? Então é melhor eu me sentir confortável falando com um homem sobre…

Agito a mão, à procura da palavra certa.

– Corpos. Eu deveria me sentir confortável falando sobre corpos. Ver corpos.

– É? – responde ele. – Então me diz: você está muito molhada agora?

Isso interrompe bruscamente minha linha de pensamento.

Ele afasta as mãos do rosto, agora com uma expressão que não reconheço. Seus olhos estão escuros, quase da cor de titânio, e vão ficando mais turbulentos, à medida que descem pelo meu corpo.

– Tira o suéter, e vamos ver se seus mamilos estão duros.

Minha boca se abre, mas não respondo.

– Você quer praticar falar sobre sexo? – continuo. – Então vamos praticar.

Sua voz rouca vibra em minha pele, como um toque. O pau dele preenche ainda mais o short.

Hesito por apenas um segundo antes de tirar o suéter, deixando-o no meu colo. Meus dedos se cravam nele, usando-o como um escudo para a pergunta de Beau sobre… lá embaixo.

Quando vejo, meus mamilos duros apontam diretamente para Beau através do corpete fino de algodão do meu vestido, como se meu corpo estivesse gritando: *Aqui! Coloca a mão aqui!*

Ele parece surpreso com minha ousadia mas então sua expressão muda.

– Porra, eu sabia – rosna.

Beau umedece os lábios, mas não faz nenhum movimento para mudar de posição ou chegar até mim.

Arrisco outro olhar para sua virilha e o vejo puxando o short para amenizar o desconforto. Um gemido de frustração me escapa. Meu cérebro gira. Qual deve ser a sensação dele em mim? Qual será o gosto? Ele faz isso tão casualmente, com tanta certeza.

Aposto que ele fode gostoso também. Ele *sabe* que é bom nisso. Sem mãos

trêmulas, sem gaguejar.

Aposto que Beau Eaton sabe manusear o corpo de uma mulher como um profissional.

– Está molhadinha, Bailey?

Pronto, aí está a prova.

Um arrepio atravessa meu corpo, e fecho os olhos. Aperto minhas coxas e pressiono meu suéter com mais força no colo, sentindo como minha boceta desliza quando a contraio e meu quadril se contorce de leve.

– Eu sei que está.

Fico de olhos fechados, porque não sei se consigo lidar com Beau agora.

– Diz pra mim.

Minha respiração acelera, meu corpo esquenta. É demais. Falar sobre sexo é uma coisa, mas agora eu sinto que vou entrar em combustão. O fato é que isso está ultrapassando qualquer limite que Beau e eu tenhamos estabelecido. Eu sei que vou ter que tocá-lo, beijá-lo, mas apenas em público. Uma encenação.

Mas o que está acontecendo aqui? É tudo, menos isso.

Isso é entre nós dois. É íntimo. E o fato de não ter mais ninguém aqui… exclui a hipótese da encenação.

Eu me levanto e finalmente encontro seu olhar, agora cheio de confusão.

– A única coisa que vou dizer é o seguinte: vou voltar para o meu trailer, tomar um banho e começar a buscar outro emprego.

A respiração de Beau acelera diante da minha resposta seca, mas ele não se opõe. Ele pisca, e seus olhos clareiam, como se nós dois tivéssemos sido possuídos e estivéssemos voltando à realidade.

Ele apoia as mãos no chão e se endireita, esticando seus braços e pernas enormes, ficando em pé na minha frente e me olhando de cima.

Beau olha para os pés e move os dedos no terreno arenoso. Sob a luz da manhã, o dano neles fica claramente visível. A pele está muito esticada. Há pontos muito lisos. Pontos irregulares. Alguns pontos mais vermelhos e outros mais brancos. E, logo depois do peito dos pés, a pele volta a ser lisa, sem danos.

É como uma fronteira: um lado abriga toda a dor. Mas e se você escondê-lo? Seria como se nada tivesse acontecido.

Tenho muitas perguntas, mas não as faço. Nada pior do que pessoas cutucarem o seu trauma só por curiosidade.

Conheço essa sensação e não vou sujeitar Beau a ela. Se ele quiser me contar suas histórias, que seja por iniciativa própria.

Ele percebe que estou observando e estremece. Reconheço o olhar em seu rosto porque já passei por isso.

Constrangimento.

Sinto-me inclinada a arrancar dele essa sensação.

Meu olhar cai nas placas de identificação em seu pescoço. As saliências na corrente deslizam entre meus dedos assim que as pego, mas os olhos dele estão fixos nos próprios pés. Dou um puxão na corrente, trazendo sua atenção de volta.

– Não faça isso.

– O quê? – Ele franze a testa.

Dou outro puxão, trazendo-o para mais perto.

– Não seja idiota. E não se envergonhe.

Tento dar um passo para trás, para me dar um pouco de espaço, porque a intensidade do olhar dele é desconcertante. Mas suas mãos grandes se movem rápido, envolvendo minha cintura e me levando para junto de si.

Me imobilizando.

O sol baixo da manhã está ofuscante sobre as copas das árvores, e juro que isso dá a ele um efeito sobrenatural.

Beau abaixa a cabeça e roça o nariz na minha bochecha. Inclino o pescoço, seguro as plaquinhas com mais força e umedeço meus lábios com a língua.

Ele vai me beijar?

Nossos lábios estão quase se tocando, mas estou atordoada demais para me mover.

– Me envergonhar? – diz ele, sem se aproximar. Sinto o calor de sua respiração contra meus lábios úmidos, seu tom grave alcançando a minha garganta. – Essa é ótima, vindo da garota que se recusou a responder minha pergunta sobre…

Eu me afasto dele arfando, como se tivesse acabado de finalizar uma corrida. Minhas narinas dilatam enquanto tento me recuperar. *De novo*.

Eu me recomponho, ajeito meu vestido e levo a conversa para outra direção.

– Beleza, estou indo pra casa. A gente se vê por aí.

Dirijo a ele um sorriso rápido e meio forçado, mas meu olhar desce até o chão, como se houvesse algo superinteressante ali.

– E seus irmãos?

Faço um gesto de desdém.

– Tranquilo. Eles vão dormir pra curar a ressaca. Sem o meu pai por perto, eles não estão nem aí.

Beau me avalia com extrema atenção. Seu maxilar se contrai, sugerindo que ele não acredita em mim ou que não gosta da resposta. A raiva que emana dele me deixa nervosa.

– Bom… – começo, com cuidado, mas Beau me interrompe.

– Precisamos contar à minha família logo. Seria estranho eles descobrirem por outra pessoa.

– Estou de folga hoje à noite. Poderíamos…

– Beleza. Vou ver isso e te aviso.

Ele está todo sério agora. Exceto pela folha presa em seu cabelo. Sufoco uma risada quando reparo.

Eu esperava me sentir desconfortável perto de Beau, desconfortável com esse acordo. Mas não me sinto. Praticamente mostrei meus mamilos a ele, e agora estamos aqui conversando como adultos normais que podem facilmente falar sobre sexo e corpos.

– Ótimo. Bem… – Desloco meu peso de um pé para o outro, procurando uma maneira de terminar esta conversa, sem saber que rumo tomar. – Obrigada pela… prática.

A palavra sai com uma risada estranha, e balanço a cabeça em descrença, baixando o olhar de novo.

Só para ver que a protuberância no short dele continua lá.

É um noivado falso, falso, falso.

De repente, me sinto muito menos adulta. Sinto-me boba e insegura, como se precisasse correr dali para abafar um grito no travesseiro e analisar cada coisa que aconteceu na minha vida nos últimos dias.

Então, corro para o caminho quase imperceptível que criei deste lado da margem, porque preciso me afastar um pouco de Beau e do pau enorme dele.

Uma risada baixa acaricia minha nuca.

– Bailey, vamos precisar de muito mais prática se quisermos fazer isso direito.

– Por quê? – pergunto por cima do ombro, recusando-me a me virar para ele.

– Porque se você ficar toda nervosinha perto de mim ninguém vai acreditar que estamos loucamente apaixonados. E eu preciso que larguem do meu pé.

Solto uma risada. Essa coisa toda é *ridícula*.

– Bem, é só não me perguntar se estou molhadinha na frente deles. – Chego ao topo do barranco e me sinto mais no controle agora que tenho espaço para respirar. Com as mãos nos quadris, olho para ele, bufando levemente, inalando o ar fresco da manhã. – Aí fica tudo bem.

Aquele sorriso travesso aparece em seu rosto novamente, mas não há só diversão ali; há um toque de perigo também.

– Mas vai ficar tudo bem, não é?

– Não. Porque é um noivado de mentira, lembra?

Ele se espreguiça, joga as mãos atrás da cabeça e sorri como o Gato Risonho, de *Alice no País das Maravilhas*.

– Você mentiu muito bem com esses mamilos duros, minha delícia.

Com toda a certeza, eu dei um passo maior do que as pernas.

E tudo que consigo pensar enquanto olho para esse homem lindo, emocionalmente complicado e confuso é…

Que merda é essa que estou fazendo?

10

Beau

Beau: Jantar hoje à noite, às seis. Tudo combinado com a família.
Bailey: Certo. Vou ter que ir a pé.
Beau: Por quê?
Bailey: Meu pneu furou.
Bailey: Na verdade, meus quatro pneus furaram.
Beau: Estou indo aí.
Bailey: Por quê?
Beau: Porque ter quatro pneus furados ao mesmo tempo não é um mero acaso. Ninguém fura os quatro pneus por acaso.
Bailey: Meus irmãos não vão gostar nada de ver um Eaton dirigindo na propriedade. Não venha. Não é seguro.
Beau: Bailey, eu não dou a mínima para o que eles gostam ou não.

Dirijo pela propriedade dos Jansens como se eu fosse o dono da porra toda. Vou agir com calma para não assustar a Bailey, mas estou louco pra quebrar alguma coisa. A raiva que sempre borbulha em mim está muito à flor da pele para ser controlada.

Seguro com força o volante da caminhonete enquanto repasso mentalmente o que planejo dizer a ela, sem parecer um babaca invasivo.

Passo pela casa principal e fico um pouco chocado com o descuido. A pintura das paredes está toda descascada, e as janelas estão cobertas com pedaços de papelão presos por fita adesiva.

Roupas esfarrapadas se amontoam em um varal, e me pergunto há quanto tempo elas estão ali. Há latas de cerveja espalhadas pelo quintal, concentradas em torno de um grande tambor de metal para queimar lixo, a poucos passos da

porta dos fundos.

Perto demais da casa para ser considerado seguro. Idiotas.

Eu sabia que essa propriedade parecia um lixão, mas vê-la de perto – sabendo que Bailey cresceu nessa miséria – faz algo no meu peito se apertar.

Ela merece muito mais do que isso. Não deveria ter que se esconder de pessoas do mesmo sangue, nem se preocupar em ser roubada por aqueles que deveriam ser as pessoas de sua maior confiança.

Continuo dirigindo, passando pelo pardieiro que seus irmãos chamam de lar, seguindo para o rio, na direção de onde imagino que ela more.

Ziguezagueio pelo terreno arborizado, passando por cima dos galhos secos que se acumulam nos sulcos das rodas que me levam mais para dentro da propriedade deles, que claramente nunca passou por nenhum tipo de manutenção.

A raiva fervilha ainda mais e me queima por dentro.

Depois de uma curva, a raiva é substituída por um foco gélido. O mesmo foco das minhas missões. O tipo de foco que me permite matar pessoas e seguir em frente com relativa tranquilidade, por saber que fiz o que tinha que ser feito para sobreviver.

Bailey está sentada no degrau de metal de seu trailer, enxugando os olhos inchados e banhados em lágrimas.

Saio da caminhonete e olho ao redor, observando os pertences dela espalhados pelo chão de terra batida.

Roupas, maquiagem, bijuterias, papéis.

Quando a encaro novamente, vejo que ela está segurando um cavalinho de pelúcia que parece ter sido muito amado, dadas as costuras que já estão se desfazendo.

Os olhos de Bailey encontram os meus, mas suas mãos continuam tentando enfiar o enchimento de volta pelo corte na lateral.

Eu nem preciso perguntar o que o bichinho significa para ela. O cavalinho marrom mostra todo o desgaste por servir de conforto para uma garotinha que, sem dúvida, teve pouco em sua vida.

– Quem. Fez. Isso? – pergunto.

Minha voz soa como um rosnado baixo.

Bailey pisca freneticamente.

– Está tudo bem, eu vou limpar. Deixei meu trailer destrancado quando fugi ontem à noite, e eles entraram.

Ela soluça, me lança o sorriso mais triste que já vi e joga o cavalo de pelúcia no saco de lixo a seus pés, sem conseguir olhar para o que está fazendo. Bailey levanta o queixo e desvia o olhar.

Eu me encolho. Vê-la jogar a pelúcia fora é como levar um soco na boca do estômago. É revoltante.

– São só coisas. Eu posso comprar outras.

Seus olhos se enchem de lágrimas novamente quando veem a caminhonete. Apesar da aparência desgastada, imagino que a velha Ford Ranger aguente bem a estrada acidentada que leva até o trailer. Ou aguentava. Agora ela está arriada sobre as rodas, com os pneus cobrindo as calotas, murchos.

– É só que… – Bailey pressiona as costas da mão contra os lábios, e sua voz falha. – Não tenho como arcar com esse custo agora.

Minha vontade é pegá-la no colo e apertá-la, mas tenho medo de quebrá-la. Ela está fragilizada demais, e eu, exaltado demais.

O choro dela me dá vontade de socar alguém. Provavelmente seus irmãos.

– Bailey, não quero me intrometer, mas você trabalha tanto… Por que não pode pagar por isso? Você não deveria ter que pagar, obviamente, mas…

Ela se levanta e começa a varrer coisas do chão, parecendo agora mais brava do que derrotada.

– Porque eu sou uma idiota. É por isso. Meus irmãos me cobram um aluguel astronômico, então eu…

Levanto a mão.

– Espera aí, como é que é? Eles cobram aluguel para você morar aqui?

O rosto dela fica vermelho.

– Basicamente, eu pago sozinha a hipoteca da propriedade. A segunda hipoteca.

– Por que?

– Eu não sei.

– Bailey…

– O que é, Beau? – grita ela, virando-se para mim. – Você acha que eu não sei como tudo isso é bizarro? Não consigo alugar nada na cidade porque ninguém confia. Estou me esforçando muito para passar despercebida, para recomeçar. E existe uma parte de mim que se sente culpada por isso, como se eu devesse algo a eles. Como se eu não merecesse esse recomeço. Tipo, como eu ouso pensar que sou melhor do que a minha família e mereço mais do que isso? – Ela gesticula para o lugar ao seu redor. – Isso aqui é uma mansão comparado ao lugar onde eu cresci.

A exaltação rouba o fôlego dela. E o meu.

Bailey cobre o rosto com as mãos e depois as leva ao cabelo sedoso. Eu tinha passado aquela noite com o nariz enfiado nele. O cheiro das pedras frias e de algo mentolado no cabelo dela me envolveu a noite toda.

– Estou tão cansada… – diz ela, com a voz baixa e tensa. Seus ombros caem,

e uma lágrima escorre pela bochecha bronzeada. – Eu luto muito para superar tudo isso, mas estou muito, muito cansada de lutar.

Mais uma vez, minha mão coça. Dessa vez, com vontade de enxugar suas lágrimas.

Não me dou mais ao trabalho de resistir. Dou três passos longos, paro na frente dela e a puxo para mim. Passo o braço pelos seus ombros e, com toda delicadeza, trago sua cabeça junto ao meu peito.

Simplesmente não consigo lidar com a tristeza em seus olhos.

Espero o choro dela chegar, mas isso não acontece. Bailey relaxa em meus braços, derretendo-se contra meu peito, assim como fez a noite toda.

É como se ela se sentisse segura o suficiente para ficar cansada perto de mim. Para baixar a guarda.

Isso é tudo que eu desejo para ela, então digo o que pretendia dizer antes de chegar aqui, ainda mais certo do que antes.

– Você não vai mais morar aqui.

– Eu não posso simplesmente…

– Eu não vou deixar minha noiva morar aqui.

– Beau.

Ela me repreende, mas seu corpo relaxa ainda mais.

– O que foi, Bailey? Ninguém vai acreditar que eu aceitaria numa boa que você ficasse aqui. Pense por esse lado.

Aperto-a junto a mim com força. Ela não vai quebrar.

– E meus pneus?

Ela funga, e eu faço um carinho reconfortante em sua cabeça, alisando seu cabelo.

– Eu vou cuidar disso. Vou cuidar de tudo.



– Tem anos que eu não o levo pra lugar nenhum. Tem certeza que é seguro?

Bailey está ao meu lado, com o cinto de segurança ajustado, mas com o olhar grudado na traseira da minha caminhonete.

À qual o trailer dela está preso.

Porque não existe a mínima chance de ela continuar morando nessa merda de lugar.

Como ela se recusou a se mudar para minha casa, eu a convenci a ser minha vizinha.

Ela ficou ali, com as mãos nos quadris e o queixo baixo, olhando para os pés,

enquanto eu assumia a responsabilidade de engatar o trailer na minha caminhonete e tirá-la daquele muquifo.

Aqueles idiotas furaram os pneus da caminhonete, mas não do trailer. E usei isso a meu favor.

– Bailey, está tudo bem. Estou indo devagar e não é longe.

A janela da caminhonete está abaixada, e é possível escutar o som dos sacos de lixo balançando ao vento enquanto seguimos caminho.

– Me desculpa. – Bailey olha para a frente e se afunda no assento.

– Pelo quê?

– Por ser a noiva mais exigente do mundo.

Eu bufo.

– Você está longe de ser exigente. Você dormiu ao relento, no chão, comigo ontem.

Um sorriso suave toca seus lábios.

– É. E, pra dizer a verdade, eu gostei.

Assinto com firmeza.

– Eu também. Não menti quando disse que foi o melhor sono que tive em meses. Sem comprimidos. Sem álcool. Apenas chão duro e ar fresco.

E *ela*. A única coisa que chegou perto de me acalmar.

O silêncio nos envolve quando entramos no Rancho Poço dos Desejos. Eu deveria estar ajudando Cade. Assim que saí do exército, planejava ser seu braço direito. Foi o que falei a todos que faria.

Embora eu tenha sido criado por aqui, não havia me tocado de uma coisa: não sirvo para ser fazendeiro. Não estou nem aí para vacas. Não encontro alegria em trabalhar a terra.

Meu irmão acorda todo dia e se dedica a administrar o rancho da família.

Eu acordo todo dia odiando isso.

Mas também odeio a ideia de decepcioná-los, então me levanto e faço o que precisa ser feito. Bailey e eu somos parecidos nesse sentido, fazendo coisas de que não gostamos para apoiar nossas famílias.

Minha família é muito mais legal que a dela. Decepcioná-la é bem mais difícil.

– Beleza, minha delícia. – Quebro o silêncio com a brincadeira. – Onde devo construir o seu castelo? De frente pro rio? – Gesticulo na direção da minha casa. – A leste, para o nascer do sol? A oeste, para o pôr do sol? O mundo é seu.

– Mas sua casa é logo *ali*. – Ela aponta para a casa moderna, a apenas uns dez metros de distância.

– É.

– Eu disse que não ia morar com você.

– Isso não é morar comigo. É morar ao meu lado.

– É muito perto. Perto demais.

Ela cruza os braços e semicerra os olhos.

– Acho que é a distância perfeita.

Ela cerra a mandíbula e range os dentes.

– A casa é minha e estou dizendo que é perto demais. Que tal lá? – Bailey aponta para um bosque de bétulas ao longe.

– Porra, não.

– Por que não?

– É longe demais.

– É longe o suficiente.

– Por que duas pessoas apaixonadas viveriam em casas separadas, tão distantes uma da outra, mesmo que na mesma propriedade?

Não é seguro é o meu verdadeiro argumento. Depois do que aconteceu hoje? Na noite passada? Levaria muito tempo para eu chegar até ela se algo de ruim acontecesse.

Eu não ouviria barulhos. Não veria as luzes.

Por mim, dormiria na porta dela como o cão de guarda que sou neste momento.

Bailey me encara, sem raiva, e quase dá para ver seu cérebro girando a mil por hora. Então ela desvia o olhar.

– Tudo bem. De frente pro rio.

Sorrio para ela antes de voltar ao volante e alinhar o pequeno trailer da maneira certa. Mas isso não importa, porque não acho que ela vá morar lá por muito tempo. Logo vai ceder e se mudar para a minha casa.

Então não terei que ficar sozinho.

– E para de me chamar de *minha delícia* – acrescenta Bailey com um tom teimoso na voz.

Eu não me importo nem um pouco, porque é muito melhor do que ouvi-la chorar.

– Então vai ser só *delícia*.

11

Bailey

– Devemos ensaiar antes de entrar lá?

Encosto na fivela do cinto de segurança e me viro para encarar Beau.

O homem que rebocou o meu trailer e me ajudou a reorganizar tudo lá dentro.

O homem que ficou comigo a noite toda quando eu estava com medo, que entrou na água suja quando precisei dele. Que é bem mais velho, bem mais experiente. Que perguntou se eu estava molhadinha, como se isso não fosse nada de mais.

O homem que é meu noivo e está prestes a me apresentar à sua família. Sua família legal, que o ama e quer o melhor para ele.

– Ensaiar o quê? – pergunto.

– Ah, não sei. Você está me olhando como se tivesse pavor de mim.

Eu zombo.

– Você não me apavora.

– Por que você fica o tempo todo com essa expressão de quem foi flagrada com a boca na botija? Você mal conseguiu terminar de contar ao Gary. Vai ficar tremendo quando eu te tocar? Te beijar?

– Por que você me tocaria e me beijaria em um jantar de família?

– Porque estamos noivos.

Balanço a cabeça com firmeza.

– Não. Diga a eles que não gostamos de demonstrações públicas de afeto.

Beau me encara.

– Temos que convencê-los. Isso daria conta do recado.

Estou prestes a alcançar a maçaneta para dar o fora daqui e ir para bem longe do supersoldado que está transformando nosso esquema em algum tipo de

missão ultrassecreta, mas me detenho.

– Peraí. – Me viro para me deparar com seu queixo esculpido e a porcaria do seu rosto lindo. – Você não contou a eles?

Sua expressão é impassível.

– Não. Decidi que seria melhor simplesmente soltar a bomba de uma vez. Eles vão estar menos propensos a me submeter a um interrogatório se você estiver lá. Por isso que precisamos ser convincentes.

– Você só pode estar de sacanagem com a minha cara. Esse é o seu *plano*? Tantos anos nas forças especiais e *esse* é o seu plano?

Ele solta um suspiro e recosta a cabeça no banco.

– Olha só, o que eu quero com esse acordo é que eles me deixem em paz. Você pode me usar pra conseguir um emprego e eu posso usar você pra tirá-los do meu pé. Talvez a gente quebre a cara e nada disso faça diferença nenhuma. Apenas aja naturalmente.

– Isso me deixa nervosa. Como é que eu vou agir naturalmente?

Porque, embora eu me sinta confortável perto de Beau, esse sentimento não se estende a reuniões familiares.

O homem ao meu lado, ainda com um semblante despreocupado, pega a minha mão e a leva até sua boca. Ele faz isso com tanta naturalidade que quase esqueço que esse relacionamento é uma farsa.

– Não fica nervosa, delícia – murmura contra minha pele, com um olhar tímido. Porque nós dois sabemos que tirar o “minha” do apelido não o torna melhor. – Nós já dormimos juntos. Isso vai ser moleza.

Ele ri, e seu riso repercute até nos ossos da minha mão. Lábios e barba por fazer roçam a minha pele, e tento controlar o arrepio que sacode meu corpo puxando a mão e esfregando-a como se tivesse sido queimada.

– Tá! Tudo bem. Vamos – respondo alegremente, pulando da caminhonete com um salto que de forma nenhuma aplaca o medo crescente dentro de mim.

Praticamente não olho para Beau. Ele me deixa agitada. Olhar para ele não irá acalmar o meu coração, que bate disparado.

Eu posso senti-lo ao meu lado, forte, alto, pairando por cima do meu ombro como um guarda-costas.

Ele entrelaça seus dedos nos meus e casualmente abre a porta da frente.

Que comece o espetáculo.

Quando entramos pela varanda dos fundos, todos congelam. A conversa para

bruscamente. Os olhares viajam entre mim e Beau, então descem e param em nossas mãos entrelaçadas.

Dizer que conheço todos aqui seria um exagero. Já servi bebidas para a maioria deles, ou *ouvi falar* deles de forma indireta, como acontece quando se trabalha de bartender numa cidade pequena. Ou seja: ouvi fofocas aqui e ali.

Harvey Eaton, o patriarca da família, quebra o silêncio enquanto relaxa em uma cadeira Adirondack no deque de madeira, com uma cerveja na mão.

– Bailey Jansen, bom te ver! – Ele se levanta para me cumprimentar. – Beau não comentou que você viria. Mas a vida nos traz tão poucas surpresas de verdade, sabia? Esta é uma das boas.

Ele pisca para mim com uma expressão alegre e simpática.

Minhas bochechas ardem, e eu baixo os olhos para os pés. O vestido levinho amarelo-claro parece ridículo em mim agora, como se eu estivesse tentando enganar todo mundo, fingindo que sou o tipo de garota que Beau levaria para conhecer a família.

Pelo menos a saia esvoaçante é útil para esconder minha mão esquerda, já que esconder um diamante do tamanho do que Beau colocou no meu dedo não é tarefa fácil.

– Obrigada – murmuro, com a sensação de que poderia desabar sob o peso da atenção dos olhares alheios.

Todo mundo está aqui. Rhett e Summer, Cade e Willa, Jasper e Sloane, Theo e Winter – até mesmo a mãe de Sloane, sobre quem ouvi uma fofoca ou outra. Alguns deles estão segurando bebês, e tem um garotinho chutando uma bola de futebol no campo lá atrás.

Mais tarde, vou matar Beau por ter feito isso comigo.

Ele se inclina, roça os lábios no meu ouvido e sussurra:

– Você está linda pra caralho.

Então volta à sua posição, todo casual e despreocupado, como se não tivesse me destroçado com uma simples frase.

– Que bom que você está no clima para surpresas – anuncia. – Porque tenho outra para vocês.

Beau olha ao redor e encontra a única cadeira livre, que devia estar reservada para ele. Em um piscar de olhos, se senta na enorme cadeira de madeira, me levando junto.

Estou sentada no colo de Beau Eaton em uma reunião de família, com todo mundo nos observando. Estou dura feito uma pedra.

Eu deveria estar agindo naturalmente, mas em vez disso estou em surto. Sim, passei a noite agarrada a ele, mas aquilo não parecia fingimento.

Isso aqui parece.

Minhas costas permanecem retas como uma vara, e o fogo lambe meu peito enquanto finjo arrumar minha saia para evitar contato visual com alguém.

Beau não soltou minha mão, e sua mão esquerda está pousada na minha lombar. Bem no cós do shortinho que estou usando por baixo do vestido. A mão dele sobe pela minha coluna, e a pressão é suficiente para me distrair. Suficiente para relaxar minha postura.

Seus olhos se fixam em mim, e é como se ele pisasse em meu peito. Beau não tem o direito de me dar toda essa atenção – que molharia qualquer calcinha – quando todo mundo está olhando.

Seu olhar é tão intenso que mal sinto os dos outros.

Quando me contorço em seu colo, a mão dele pressiona meu pescoço – mais um aviso do que um afago. Isso me obriga a encará-lo. E faz minha respiração sair curta e ofegante.

– A surpresa é que vocês vão ficar se comendo com os olhos enquanto todos nós assistimos? – pergunta Willa, casualmente, enquanto seu noivo, Cade, esfrega a mão no rosto e geme ao lado dela.

Algumas pessoas riem. Para os meus ouvidos, soa mais como um riso de nervoso.

E eu? Eu oficialmente quero morrer.

Beau ri, num tom grave e rouco, mas não desvia o olhar.

– Não. A surpresa é que Bailey e eu vamos nos casar.

Daria para ouvir um alfinete caindo. Juro que os pássaros até pararam de cantar.

Os dedos mágicos de Beau massageiam a parte de trás da minha cabeça enquanto ele solta a minha mão, envolvendo minha cintura com seu braço grosso e me puxando com mais força contra seu peito.

Eu me sinto como uma boneca de pano desajeitada.

Sendo abraçada por um boneco Ken.

– Bem, ninguém pode dizer que você não ama nos impressionar – comenta Harvey, parecendo chocado, mas não bravo, como eu esperava.

A única pessoa que consigo olhar de rabo de olho é Summer. Ela é casada com o irmão mais novo de Beau, Rhett, e sempre se esforçou para ser gentil comigo, chegando a me contratar para trabalhar como bartender em seu casamento.

– Bem. – Ela dá um tapa nas coxas e se levanta, dando alguns passos pelo deque em nossa direção. – Então deixa eu ser a primeira a dar parabéns aos dois. – Summer se prepara para… um abraço? – Bem-vinda à família, Bailey. – Ela desvia o olhar de mim para Beau. – Solta ela. Você já marcou território. Ninguém vai tirá-la de você.

Seus olhos castanhos brilham e seus lábios estão abertos em um sorriso cúmplice. Não consigo entender por que ela estaria sorrindo assim para mim. *Será que ela percebeu que tudo isso é falso?*

12

Beau

Bailey fica rígida quando Summer se levanta para um abraço e solta uma piadinha.

Ela tinha razão. Eu deveria ter preparado a minha família. Eu deveria tê-la preparado.

Quando estamos sozinhos, as coisas são fáceis. *Naturais*.

Não senti necessidade de me preparar. Mas passei a vida inteira dissimulando, fingindo ser quem eu não sou, desafiando o perigo. Bailey passou a vida se escondendo, rezando para ninguém notá-la. Então, quando ela vai até Summer, sei que preciso soltá-la. Se ela tivesse ficado estática, eu nem teria me mexido. Mas Summer causa esse efeito nas pessoas. É doce, calorosa e acolhedora.

Ela envolve Bailey em seus braços e sorri para mim por cima do ombro.

Depois, Bailey se perde em abraços, tapinhas nas costas, apertos de mão e parabéns.

Posso garantir que todos estão mais felizes por ela do que por mim.

Jasper, meu melhor amigo, o irmão que a vida me deu, me observa de cenho franzido enquanto todos os outros nos cercam.

No fundo, eu sabia que ele seria o mais difícil de convencer. Ele me conhece muito bem. Mas também sei que ele é bem discreto, mesmo que eu não consiga convencê-lo com minha história. Ele e eu somos muito próximos, há muito tempo. No mínimo, ele vai entender a minha decisão e os meus motivos.

Não conheço ninguém tão reservado quanto Jasper.

Cade se aproxima, me puxando para um abraço forte. Se eu não o conhecesse tão bem, diria que está um pouco emotivo.

– Ia te dar uma bronca por não aparecer hoje, que temos cercas caídas e

bebedouros quebrados. Como é dia de celebração, vou deixar passar. Mas amanhã voltamos à realidade, ouviu?

Resmungo, dou um tapa em suas costas e reviro os olhos. Só Cade, o workaholic mal-humorado, poderia transformar uma felicitação em bronca e choque de realidade.

– Estraga-prazeres do cacete – resmungo para ele, rindo quando vejo seus lábios se contraírem.

– Beau-Beau! – Rhett aparece na minha frente com um sorriso no rosto barbado e os longos cabelos castanhos cobrindo os ombros. – É por isso que você foge da gente? Pra ficar recolhido com a patroa?

Esfrego a barba. Eu sabia que meus irmãos iriam me encher o saco, e também que Rhett seria o pior, depois de todas as brincadeiras que fiz com ele ao longo dos anos. Fingia dar em cima de sua namorada, dava perdido nele e o dedurava sempre que ele se metia em encrenca.

Agora seus olhos chegam a brilhar com todas as possibilidades de vingança.

No entanto, é Bailey quem me entrega e me deixa sem graça quando diz:

– Pois é, o Beau-Beau gosta de ficar sentado no meu bar, me vendo trabalhar a noite toda.

Os olhos de Rhett brilham ainda mais de alegria. Eu não achava que isso fosse possível, mas me enganei. Ele sorri para Bailey, que exibe um sorrisinho e um leve rubor no rosto. A brisa suave de verão move seu cabelo. Os fios soltos dançam sobre suas bochechas bronzeadas.

– Isso é fofo pra caralho – diz meu irmão, chocado, olhando para nós dois.

Pego a mão dela sem pensar. E não é fingimento. Pelo menos, não da maneira que pensei que seria. Não tenho necessidade de tentar convencer a minha família de que gosto de Bailey – eu *realmente* gosto dela.

Quero exibi-la. Quero provar a ela que a vida pode ser um pouco mais leve do que a que ela teve até agora. Que nem todo mundo olha para ela e vê o que ela pensa que vê.

Aperto sua mão duas vezes e, quando ela finalmente se vira na minha direção, está com uma expressão atrevida. Com aquele olhar que ela se sente confortável em dirigir a mim.

Não sei bem o que ela esperava. Que todo mundo fosse surtar? Que eles seriam maldosos? Que a xingariam de lixo e tentariam me afastar dela?

Não, minha família não é assim.

– Cara, olha só pra vocês dois. Como não reparei nisso? Bailey é nossa garçonete no The Railspur faz uns dois anos. – Rhett ainda não conseguiu superar.

Jasper toma um gole de sua cerveja e me olha com cautela. Sem julgar, como

se estivesse tentando se acostumar com a ideia.

– Bem, Beau sempre a defendeu – diz meu amigo. – E ficou com ela no bar durante toda a sua festa de casamento.

Acho que isso é o máximo que vou conseguir dele hoje. Sei que está desconfiado.

Rhett franze as sobrancelhas.

– Sério? Eu nem percebi. Você tem sido um filho da mãe tão mal-humorado ultimamente que eu meio que me acostumei a te ignorar. Mas, caramba, eu não esperava por essa.

Summer dá uma cotovelada em Rhett e lhe dá uma bronca, gesticulando para ele ficar quieto. Esse é um ótimo exemplo de como todos vivem pisando em ovos ao meu redor. Me tratando como se eu pudesse quebrar se me manusearem com muita força.

A provocação é uma coisa boa.

– Que foi? – Rhett olha para a esposa. – Ele tem sido um rabugento do cacete. E agora aparece aqui todo *Surpresa, agora somos Beau-Bailey*! Pode me processar por não ter previsto isso.

Bailey ri e tosse para disfarçar.

– Beau-Bailey. – Meu pai ri, se aproximando e passando um braço sobre meus ombros. Todos o observam com expectativa. Ele tem um talento especial para dizer coisas inapropriadas nos momentos mais estranhos. Acho que é o seu charme. – Parece um filme da Disney sobre dois golden retrievers que se apaixonam. Estou feliz por você, filho.

Jasper coloca a mão na frente da boca e Willa morde os lábios com força, tentando não cair na gargalhada.

– Como é que é, pai? – digo, meio engasgado.

– Beau e Bailey. Não me levem a mal, são nomes lindos, mas juntos parecem nomes de bichos de estimação. Se vocês tiverem um filho, que tal evitar chamá-lo de Cometa?

Arquejo e jogo a cabeça para trás. Comparado aos meus irmãos, raramente sou vítima das piadas ridículas de Harvey.

Estou prestes a pedir desculpas a Bailey, mas ela ri.

Não é um riso falso e constrangido. É o riso que ela dá quando Gary diz algo idiota. É o riso que ela dá quando eu invento um apelido ridículo.

Então ela vem para o meu lado e afunda a cabeça no meu peito. Como se estivesse muito à vontade comigo.

As pessoas começam a fazer piada e o foco sai de nós dois. Ainda estamos parados no meio do deque, mas parece que cada um vai para um canto, retomando as suas conversas. A energia de antes do jantar vai se restabelecendo,

como se nada fora do comum tivesse acontecido aqui esta noite.

Mas agora pensando bem, depois que Winter anunciou em um jantar quem era o pai do seu bebê, a minha novidade talvez nem tenha parecido tão interessante assim.

Quando envolvo o corpo pequeno de Bailey em meu braço, seu rosto de boneca se ergue para mim. Olhos arregalados, cílios longos, lábios macios e desconcertantes.

– Fui bem? – sussurra, segurando a parte de trás da minha camisa.

Eu me inclino sobre ela, nos concedendo um pouco de privacidade. Ela não se afasta. Nossos olhos se encontram, e as respirações se entrelaçam. Meus músculos se contraem enquanto me forço a resistir à tentação de levantá-la e carregá-la para fora daqui e tê-la só para mim.

– Você foi perfeita. – Nossos lábios roçam, quase um toque, enquanto as palavras deixam a minha boca.

Eu movo o rosto apenas alguns centímetros para a esquerda, dando um beijo muito real no canto de sua boca, sem encostar em seus lábios.

Algumas pessoas podem considerar isso um erro.

Algumas pessoas não conseguem distinguir o que é real e o que não é.

Mas eu fiz de propósito. Fiz isso para instigar.

Fiz isso porque não quero que o nosso primeiro beijo seja falso.



– O que você está fazendo?

Olho na direção do trailer de Bailey enquanto me sento nos degraus que vão da varanda nos fundos da casa até o rio.

– Estou sentado no meu deque. – Não preciso nem me virar para saber que ela acabou de revirar os olhos para mim. – E você?

Bailey levanta o polegar e indica o trailer.

– Está um calor danado no Boiler.

Eu bufo. O trailer Boler. *O Boiler*.

– Que trocadilho fofo. Minha casa tem ar-condicionado.

– Não conseguiu dormir? – rebate ela.

Acho que estar sentado na varanda dos fundos no meio da noite responde a pergunta, mas não comento que, assim que o relógio marca 2h11, meu corpo é arrancado violentamente do sono.

– Não.

– Por que não?

– Vamos ficar trocando berros no quintal? – Apoio meus cotovelos nos joelhos. Meu corpo parece mais relaxado por fora do que por dentro. – Meio estranho para um casal de noivos.

Dessa vez, é ela quem bufa. Depois, se levanta e anda pela grama encharcada de orvalho em minha direção. Observo seus pés, a maneira como eles tocam o chão. O esmalte vermelho nos dedos. A pele lisa de suas panturrilhas tonificadas.

Ainda estou olhando para seus pés quando ela se senta ao meu lado.

– É feio ficar olhando fixamente, Beau-Beau.

Meus lábios esboçam um sorriso enquanto levanto o olhar para o dela.

– Um cara não pode admirar a própria noiva, minha delícia?

Ela ergue a mão para prender atrás da orelha o manto escuro que é seu cabelo.

– Noiva falsa – corrige ela, observando meus pés.

Respondo apenas com um grunhido baixo. Não conheço Bailey muito bem, mas sei do acordo que fizemos. Mesmo assim, fico agitado quando ouço a palavra *falsa*.

Na verdade, tenho ficado agitado com facilidade nos últimos tempos.

Dormir ajudaria.

– Posso tocá-los?

Eu me sobressalto, sendo arrancado dos meus pensamentos em ebulição.

– Tocar o quê?

Bailey acena com o queixo para o degrau abaixo de nós.

– Seus pés.

Olho para baixo. Ao lado dos pés perfeitos dela, os meus parecem tão estropiados… Esteticamente, não me importo. Meio que imaginei que ser um oficial me deixaria com cicatrizes em algum momento.

É o contraste que me impressiona. E é mais do que só a nossa pele.

– Você quer tocá-los?

– Quero.

Seus dedos delicados roçam o topo dos próprios pés, e é como se ela estivesse nervosa demais até para olhar para mim. Às vezes me pergunto o que se passa em sua cabeça. O que ela mantém trancado dentro de si, e que coisas que ela deixa escapar.

– Tudo bem.

Ela demora um pouco para reunir coragem, e eu me pergunto se vai desistir. Se vai sentir nojo. Se vai rir e dizer que estava brincando.

Mas ela não recua.

Bailey tira a mão esquerda do seu pé e a mantém parada logo acima do meu. Em seguida, passa a ponta do dedo pelas saliências e pela pele enrugada. Ela

acompanha o traçado das cicatrizes – cada linha, cada vinco.

Não vejo qualquer tipo de incômodo em suas feições. Na verdade, ela parece quase em transe.

Eu chio quando ela atinge um ponto sensível.

– Desculpa. Doeu?

– Ficou ralado aí – digo, irritado, porque fazer coisas habituais se tornou um tipo diferente de desafio.

Ela se abaixa, olhando mais perto, com a mão recolhida.

– Como?

Contraio o maxilar.

– Outra noite, quando não tinha conseguido dormir, enfiei os pés sem meias nos tênis, como faria antes dos ferimentos. Mas agora tudo irrita e machuca. Eles já estavam doloridos por eu ter usado sapatos sociais no casamento. Não consigo nem usar chinelos. Entrar na água também não foi bom.

– Que merda – responde Bailey com naturalidade.

Quase sinto vontade de rir. É uma droga mesmo. E é revigorante ter alguém admitindo isso em vez de me dizer que vai ficar tudo bem. Ou me dizer o quanto lamenta minha situação.

Pequenas coisas que ela faz – sem qualquer esforço – me fazem sentir que está tudo bem se eu não estiver bem.

– É.

Não quero ser um mártir. Sei que as coisas poderiam ser piores. Mas é bom admitir que isso é uma droga. Poder admitir isso, sem que todos corram para me consolar, é como tirar um peso dos meus ombros.

Ela passa a explorar meu ferimento com mais dois dedos. O que normalmente seria um leve toque agora parece eletrizante. A pele recém-cicatrizada está mais sensível, e eu sei que ela não está fazendo de propósito, mas a sensação de alguém me tocando de uma forma não profissional faz meu pau inchar.

– Você já participou de um ménage?

Bom, isso também faz.

Um ruído estrangulado se aloja na minha garganta, e Bailey finalmente olha para mim. Ela é muito linda. Seus olhos brilham no escuro, e a luz quente da varanda faz seu cabelo escuro resplandecer.

– O quê? – pergunto.

Ela para de mover o dedo enquanto a encaro de volta.

– Ménage. Sexo com mais duas pessoas. Você já fez?

– Eu sei o que é ménage, Bailey. O problema está sendo entender por que você acabou de fazer essa associação.

Ela franze a testa e olha para a mão.

– Os três dedos?

– Três dedos sobre a minha pele queimada fizeram você pensar em ménage. Não existe tédio na sua cabeça, não é?

– Na verdade, não. Eu estava mesmo pensando em sexo.

Quando deixa isso escapar, ela finalmente parece um pouco envergonhada. Mas não tão envergonhada assim.

– Você estava tocando meus pés… e pensando em sexo? – A incredulidade permeia cada sílaba que eu emito.

Ela é uma mistura divertidíssima de inocência e curiosidade.

– É. Quero dizer… – Ela balança a cabeça – Para ser sincera, eu penso muito em sexo.

Esfrego a mão no rosto, cobrindo os olhos.

– Meu Deus. Cacete.

Ela desdenha da minha reação enquanto volta a meus pés, nem um pouco desconfortável em me tocar.

– Não seja tão careta, Beau.

Solto uma risada. Meu Deus, sou muito despreparado para essa mulher.

– Só não sei como acabei noivo de uma garota com fetiche em pés e que dispara perguntas pessoais sobre sexo como uma metralhadora.

– Bem, você é meu noivo. Talvez eu devesse perguntar a outro cara, então – rebate.

Seus dedos acariciam minha pele como se dançassem sobre a cicatriz.

O ciúme me atinge como um tiro. Não tenho esse direito, mas não consigo ser racional. Só sei que não quero que ela compartilhe momentos como este – tranquilos e sem filtro, seguros e confiáveis – com outro babaca.

Quero ser o único babaca com acesso a essa versão dela.

– Eu nunca participei de um ménage, Bailey – resmungo enquanto me levanto, precisando estabelecer alguma distância entre nós, antes que eu cometa uma estupidez.

Bailey me observa, e seus olhos castanhos me encaram como se eu fosse a lua no céu noturno.

– Por que não?

Bailey, sentada aos meus pés, com toda a atenção voltada para mim, não está colaborando para impedir que minha ereção dê as caras.

– Não sou muito fã de dividir algo depois que decido que é meu.

Ela fica boquiaberta.

E, porra, eu deveria parar, mas o meu lado inconsequente está a toda esta noite.

Então, estendo a mão e passo em seu cabelo sedoso, segurando sua cabeça.

– Vou começar a deixar a porta dos fundos destrancada para quando você decidir descobrir se sou careta ou não.

Ela arregala os olhos, e não consigo deixar de imaginar como ela ficaria se eu deslizasse meu pau em sua boquinha linda.

Fui eu quem disse a ela que não faríamos sexo, e levou apenas alguns dias para eu ter que lutar contra esse desejo. Depois de uma rápida sacudida de cabeça para clarear minhas ideias, eu me viro. Mão queimando, pés formigando, pau duro feito pedra.

– E se eu entrasse só para aproveitar o ar-condicionado?

Sua voz é suave, mais segura do que deveria depois do que acabei de dizer a ela.

Eu rio, mas sem humor. Há uma ponta de provocação.

Uma promessa.

Nem me dou ao trabalho de olhar para ela quando digo:

– Claro, Bailey, chame como quiser.

13

Bailey

Beau: Eu posso te pegar.
Bailey: Não, tudo bem. Eu pego um táxi. Você está trabalhando.
Beau: Você não precisa gastar seu dinheiro com táxi.
Bailey: Na verdade, não preciso da sua permissão, sargento.
Beau: Não sou sargento.
Bailey: Capitão?
Beau: Também não.
Bailey: ... Senhor?
Beau: Cuidado, Bailey.
Bailey: Se não se importar, vou pegar um táxi. Obrigado pela ajuda, senhor.

Ficar noiva de Beau Eaton deveria me ajudar, mas estou chegando à conclusão de que é algum tipo especial de tortura.

Vou começar a deixar a porta dos fundos destrancada para quando você decidir descobrir se sou careta ou não foi a frase que me fez correr de volta para meu trailer e pegar minha caixa de vibradores.

Nem precisei fingir que um deles era Jensen Ackles.

Agora, todos são Beau Eaton.

Apesar da minha falta de sono, tive que acordar cedo para limpar o bar. Beau me levou até lá em relativo silêncio enquanto eu segurava minha caneca térmica com as duas mãos. Imaginei que mantê-las ocupadas me impediria de pular o apoio de braço e atacar um homem que só está concordando com essa farsa porque é um cara legal.

Ou porque está entediado.

Ou algo parecido.

Peguei um táxi de volta para o rancho quando terminei, e agora estou esparramada em uma cadeira dobrável ao lado do trailer com um café gelado nas mãos e uma nesga de sol batendo no rosto.

Estou tentando não me estressar com o lance dos pneus. Ou com dinheiro. Ou com a dúvida sobre ter sido ou não má ideia gozar imaginando o meu noivo falso.

Quero ir embora e simplesmente…

Pneus rangem contra a estrada de cascalho que leva à casa de Beau. Não me dou ao trabalho de abrir os olhos, mesmo com o barulho na entrada pavimentada do outro lado da casa. Eu simplesmente não me mexo, me sentindo segura e protegida pelo meu trailer. A única coisa que ainda é minha.

Sei que Beau vai aparecer aqui para encher o meu saco, falando que devo economizar meu dinheiro. Ouço passos pesados e abro um sorrisinho ao imaginá-lo pairando sobre mim, como fez ontem à noite.

Mas a voz que interrompe meu momento de paz não é a dele.

– Você viu o Beau por aí?

Eu me assusto e me endireito. Vejo Cade Eaton, o irmão mais velho de Beau, com as mãos nos quadris e uma expressão mal-humorada.

– Não.

Suspiro com a mão apoiada no peito porque ele me assustou e estou tentando recuperar o fôlego.

Cade olha para a casa e depois para mim.

– Por que você está sentada aqui quando há todas aquelas poltronas no deque?

Dou de ombros, tentando levar na brincadeira.

– Falta um charme, sabe?

O homem assente.

– Tenho que concordar com você. Essa casa é muito urbana.

Agora eu olho para a casa, toda reta e moderna.

Combina com Beau – ou com alguma versão dele, talvez –, mas não com o cenário em volta. E me pego pensando se Beau combina com o cenário.

– Enfim, ele saiu no meio do dia – continua Cade. – Não faço a mínima ideia de para onde ele foi. Não atendeu minhas ligações nem viu minhas mensagens, como sempre. Então, se tiver notícias dele…

Bato continência para Cade.

– Eu te aviso.

Cade se vira para sair, mas dá meia-volta, a incerteza brotando em seu rosto.

– Você acha que ele está bem?

Pondero sobre a pergunta, dividida entre o desejo de ser sincera e o de proteger a privacidade de Beau.

Ele está *bem*? A falta de sono, a impaciência, o consumo de álcool. Ele não está bem, mas sabe disso, e isso me parece ser meio caminho andado.

Um gole de café gelado atinge minha língua e um cubo de gelo desliza em minha boca enquanto considero minhas opções.

Eu escolho Beau.

– Sim, acho que ele está bem. Cada dia melhor, sabia?

Cade assente mais uma vez. Seus movimentos são rudes, mas sem o lado predatório, quase felino, de Beau. Cade é o que você vê. Ele é direto, bonito, mas não tem a presença do irmão.

Com Beau, eu sinto a tensão que irradia dele, a energia. Vejo o caos que vibra em suas veias. Ele disfarça bem, mas eu vejo. E sou atraída por isso.

Sou fodida das ideias o bastante para encontrar conforto ou familiaridade nesse tipo de infelicidade.

É como se nos identificássemos na insatisfação com a vida. E sentimos paz um na presença do outro por causa disso.

Quero muito mais do que isso.

E tenho a impressão de que Beau provou esse *mais* e agora está se afogando no *menos*.

– Se ele agir como um babaca, me avise. – Cade é todo emburrado, mas emana uma energia protetora. Isso me faz sorrir contra a borda do meu copo, sentindo o gelo derreter na boca. – Coloco ele na linha.

Cruzo as pernas e me inclino um pouco para trás.

– Está tudo bem. Eu mesma vou colocá-lo na linha.

Cade sorri, apontando para mim enquanto se vira para ir embora.

– É exatamente disso que ele precisa.



– Seu irmão andou procurando por você! – grito quando Beau coloca a cabeça para fora da porta dos fundos.

Trinta minutos se passaram desde que Cade saiu, e ainda não me levantei da cadeira.

– Só espero que você não tenha pegado o táxi aqui.

Ele aponta para mim como se eu estivesse em apuros.

Mas isso só faz eu me contorcer contra o tecido de lona.

– Ou o quê?

Viro a cabeça em desafio. Meu café gelado está fazendo efeito, me deixando mais elétrica.

A expressão despreocupada de Beau se desmancha quando ele sai totalmente para a varanda. Um arrepio me atravessa, e eu me obrigo a não me endireitar na cadeira, sob o peso do seu olhar. Eu me treinei para parecer tranquila, sendo que não me sinto assim há anos. Deveria ser mais fácil quando o assunto é ele, mas minha pele formiga e minhas pernas se contraem.

Beau torce os lábios de um jeito pecaminoso que poderia ser confundido com diversão, mas eu o conheço. O momento dura apenas um instante e então desaparece com o balançar de sua cabeça.

– Ou você pode acabar sendo minha noiva de mentira por mais tempo do que o necessário.

Isso me faz pular da cadeira. Meu instinto é me rebelar contra o que ele insinuou, dizer que não estou *presa* a ele de forma alguma, mas…

Acho que me sinto mais livre na presença dele do que… nunca.

– Psiu! – sussurro, com o dedo nos lábios e os olhos arregalados. – Cala a boca! O Cade estava aqui atrás de você há uns trinta minutos, Sr. Agente Secreto.

Ele passa a mão larga pelo cabelo recém-aparado.

– Ótimo. Nada como ter meu irmão mais velho como babá.

– Você matou o trabalho para cortar o cabelo?

Reparo no corte porque estou realmente me perdendo em sua presença, em vez de me sentir sobrecarregada por ela.

Ele joga os ombros para trás e desvia o olhar.

– Já estava na hora.

– Beau. Você não pode simplesmente largar o trabalho para ir cortar o cabelo, especialmente quando sua família está contando com você.

– Eu precisava…

– Tudo bem, mas…

– Eu odeio trabalhar no rancho – ele deixa escapar, me interrompendo. – Bailey… eu odeio pra caralho. Fiz uma promessa para minha família e agora eles esperam que eu a cumpra. Mas aquilo não tem nada a ver comigo. Eu não me importo com aquelas coisas. Chego num pasto e olho para aquelas vacas de merda, piscando para mim com seus cílios longos e estúpidos… – engulo o riso – e fico monumentalmente *entediado*. Entediado de chorar.

Eu passo de quase rir a esfregar meu esterno, tentando afastar a dor pesada que se instalou em meu peito.

– Tipo, ninguém sabe o que eu fiz. A importância das coisas que eu estava fazendo. Minhas missões salvaram vidas, mudaram o mundo. E agora minha

missão é… consertar cercas? – Ele suspira, seu corpo alto se curvando aos poucos. – Isso me deixa…

– Furioso? – sugiro, porque consigo sentir.

Sei como o ar fica quando alguém está furioso, ele se torna mais denso.

Sei como é um homem furioso. Cresci numa casa cheia deles. Mas, com Beau, mesmo quando ele está furioso, eu me sinto segura.

– É. – Ele junta as mãos atrás da cabeça e me observa, os olhos cinzentos quase em lágrimas. – E é deprimente pra caralho.

Umedeço os lábios e penso sobre sua explosão. Tento me colocar em seu lugar, na sua mente. Não sei nada sobre esse tipo de sentimento. E quem sou eu para dizer que ele está errado?

– É, sim – concordo, batendo em minhas coxas nuas e me levantando.

Beau parece assustado, só não sei se pelo meu movimento repentino ou pelas minhas palavras.

– Eu sou perita em levar uma vida deprimente – comento – então toca aqui. Agora vamos fazer algo divertido.

– Divertido como o quê?

Sua expressão desconfiada quase me faz rir alto.

Eu o examino da cabeça aos pés. Meu olhar se fixa em seus Adidas Superstars branquíssimos, agora manchados de terra e grama.

– Tipo comprar um tênis que não te deixe em carne viva. – Indico os pés dele. – E talvez não tão brancos. Não combina com você.

– O que combina comigo? – pergunta Beau, como se nem ele soubesse.

Na verdade, tenho a impressão de que parte do problema de Beau atualmente é que ele não reconciliou a versão *anterior* de si mesmo com a de *agora*.

Ao que parece, desaparecer no deserto por dias a fio muda uma pessoa. Não sei por que isso surpreenderia alguém. E não sei por que alguém esperaria que ele fosse do jeito que era antes de tudo acontecer.

Acho que é por isso que dou de ombros e digo:

– Não sei. Vamos descobrir.

14

Beau

Beau: Oi. Bailey disse que você estava me procurando.
Cade: Que bom que você fala com alguém.
Beau: Provavelmente porque ela não está no meu pé como vocês.
Cade: Deve ser terrível ter uma família que se importa com você. Eu me sinto péssimo.
Beau: Se importe um pouco menos.
Cade: Beleza, sem problemas. Continue faltando ao trabalho para fazer sabe-se lá o quê e eu vou te demitir.
Beau: Você não pode me demitir. Eu sou seu irmão.
Cade: É, e eu assino o seu contracheque. Acho que você vai precisar dele pra pagar aquele anel. Ou você faltou ao trabalho para ir garimpar a pedra você mesmo?
Beau: Valeu a pena. Ficou bem nela.

Assim que chegamos à loja de calçados, Bailey vira outra pessoa. A garota que veio conversando no carro, gesticulando enquanto explicava seu plano de se tornar uma quiropraxista, evapora como um respingo de água em uma chapa quente.

A sineta toca na porta enquanto eu a seguro aberta, mas Bailey para.

– Entra você primeiro.

Ela morde o lábio inferior.

– Bailey, eu não vou entrar na sua frente. Isso é muito deselegante. Tenho certeza de que isso faria Harvey se materializar bem na minha frente. Ele sairia de trás de uma prateleira e me daria um cascudo.

– Eu estudei com ela no ensino médio – cochicha Bailey, acenando sutilmente para uma garota que atendia outro cliente.

– Tá, e daí?

– E ela era horrível comigo. Vamos…

Bailey se vira e olha para trás, para a rua Rosewood, como se estivesse pensando em pular para dentro de um carro em movimento.

A realidade me acerta como uma bigorna: ela está assustada. Sinto uma pena danada.

Ela está com medo de entrar em uma loja porque alguém foi tão cruel com ela tantos anos atrás que ela ainda não consegue encarar a pessoa. Passo um braço em volta do corpo rígido de Bailey e me inclino sobre ela novamente. Ela se aninha em mim do mesmo jeito que fez na outra noite, como se pudesse se esconder.

Como se ela se sentisse segura comigo.

Acaricio suas costas e sussurro em seu ouvido:

– Você vai entrar comigo. Esse era o acordo, certo? Vamos dar a eles motivo pra fofocar, minha delícia.

Ela solta uma risada nada feminina, mantendo a cabeça em meu peito e o cabelo longo caindo sobre seu lindo rosto. Se escondendo, quando não deveria.

Eu a puxo para o lado e coloco um braço possessivo sobre seu ombro, pressionando seu corpo ao meu.

Ela volta a ficar rígida enquanto andamos, dura como uma tábua.

– Relaxa, Bailey – falo, nos virando para olharmos alguns modelos.

– Estou relaxada – retruca, olhando para os sapatos, mas sem prestar atenção.

– Parece que eu te sequestrei e te obriguei a vir comigo. Isso foi ideia sua. Seja convincente.

Ela franze as sobrancelhas e me olha de cara feia. Então se vira e desliza a mão no bolso de trás da minha calça.

Meu corpo se retesa apenas por um instante enquanto, surpreso, tento assimilar o gesto. Não era isso que eu esperava, mas também não me zango.

– Olá! – A voz alegre me faz estremecer. É assim que todo mundo fala comigo agora. Falso demais. Otimista demais. – Que prazer ter Beau Eaton aqui na loja hoje com…

Eu me viro para encarar a garota com cabelo loiro reluzente, penteado em ondas soltas. Ela é bonita, mas não tão linda quanto Bailey.

– Bailey *Jansen*?

A garota soa tão incrédula que preciso me segurar para não fulminá-la com o olhar.

Não é fácil, por isso dou um beijo no alto da cabeça de Bailey e a aperto com firmeza junto a mim.

– Futura Sra. Bailey Eaton – corrijo, puxando sua mão para a altura do meu

quadril.

Os dedos de Bailey se espalham sobre meu cinto, exibindo aquela pedra enorme.

Perto demais do zíper da minha calça jeans.

A garota pisca por um tempo comicamente longo. Abre e fecha a boca como se estivesse tentando encontrar as palavras, mas nada parece adequado.

A outra mão de Bailey se move, deslizando pelas minhas costas – quase como se ela estivesse me abraçando –, até que seus dedos se fecham na minha camisa. Há algo aflito no movimento.

Eu a tranquilizo passando a mão em seu cabelo e então pousando-a em seu pescoço, bem na curva do ombro.

– Você conhece a minha Bailey?

Esse comentário faz minha "noiva" erguer a cabeça na mesma hora e me encarar, mas a vendedora interrompe nosso contato visual. Ela ri. *Ri*. Bem na minha cara.

– É… tipo, todo mundo conhece a Bailey.

Me faço de desentendido e sorrio para Bailey, que franze a testa e une os lábios, olhando para mim com uma expressão de "me tira daqui".

– Bem, qualquer um que seja amigo de Bailey é meu amigo. – Sorrio para a atendente, mas ela é burra demais para perceber que não é um gesto amigável. – Você poderia nos ajudar com alguns sapatos?

Ela parece confusa, mas mesmo assim responde com animação.

– Claro!

Eu leio o nome dela no crachá e chego à conclusão de que odeio essa tal de Lily. Mas meu jogo avança aos poucos. Então, dirijo a ela um sorriso sem graça antes de me virar e andar com Bailey para cima e para baixo por toda a loja, avaliando minhas opções. Não demoro muito para perceber que não dou a mínima para sapatos, desde que não me machuquem.

Entediado depois de contemplar um mar de tênis, sussurro:

– Minha linda, bota a mão de volta no meu bolso.

Bailey nem olha para mim ao dizer:

– Por quê? Acho que ela está acreditando.

Meus lábios roçam sua orelha.

– Não estou nem aí pra ela. É só porque eu gosto mesmo.

Bailey bate o quadril no meu, uma reprimenda silenciosa pelo que ela pensa ser uma piada.

Mas não estou brincando. Pego a mão dela e enfio de volta no meu bolso, sorrindo para o olhar sarcástico que ela me lança. Até o beliscãozinho vingativo que ela dá na minha bunda antes de continuar me faz sorrir.

– E esses?

Ela aponta para um par de tênis de camurça. Eles são branco e marrom-claro com uma sola emborrachada.

Gostei.

– Claro, vamos experimentá-los.

Não sei por que continuo ali, mas gosto de estar ali com Bailey. A adrenalina da missão faz com que eu me sinta mais eu mesmo.

– E esses?

Ela se afasta e segura um tênis mais esportivo. Totalmente preto.

Exalam uma energia de agente secreto de elite que poderia invadir a casa de alguém na calada da noite.

Dou uma risada.

– Você nunca vai desencanar disso, não é?

– Nunca – murmura ela com um sorriso e, se afasta de mim, escolhendo mais sapatos e alinhando-os em um banco.

Ela olha um por um, e eu digo sim para todos eles. Toda vez que faço isso, ela se impõe um pouco mais, fica um pouco menos encucada com a Barbie que a observa do caixa, como se Bailey estivesse prestes a roubar todos os sapatos das prateleiras.

Quando se levanta diante de mim, ligeiramente corada, ela apoia as mãos nos quadris e diz:

– Então, eu andei lendo.

– Estou muito orgulhoso de você. Eu sabia que você não era só um rostinho bonito – brinco, com uma piscadela.

Ela semicerra os olhos, murmurando “babaca” tão baixinho que eu mal ouço. E recomeça.

– Andei lendo um pouco sobre meias e bolhas. Maneiras de reduzir o atrito. – Bailey tira um saco plástico da bolsa e o sacode para mim. – Temos algumas opções para tentar. Agora, pode começar a experimentar algumas combinações.

Engulo em seco ao observar essa baixinha invocada, me perguntando como mais ninguém vê a compaixão escorrendo por seus poros. Ela não é toda melosa e cheia de frescuras. Há uma energia *mãos à obra* nela que é revigorante. *Ela é leal*.

Ela estala os dedos na frente do meu rosto.

– Terra chamando Beau Eaton.

Então começamos a experimentar sapatos e meias. Dou muito trabalho para Lily porque decido ser muito criterioso. Experimento um tamanho maior e depois peço um tamanho menor para cada par, fazendo-a ir de um lado a outro todas as vezes.

Só para ter certeza.

Não ignoro o olhar desconfiado que Bailey acaba me lançando.

É quase como se ela percebesse que sei exatamente o tamanho que eu calço.



– Você deixou a Lily que nem um peru tonto de propósito? – pergunta Bailey, quando eu bato a porta do motorista da minha caminhonete.

Evito o olhar dela e me concentro em afivelar o cinto de segurança.

– Não, eu só estava querendo ter certeza do tamanho. Você viu meus pés, não posso errar.

– Humm-mmm.

Olho atentamente para os braços de Bailey, cruzados sob os seios.

– Que maldade.

– Por que pedir a ela para fazer o próprio trabalho seria maldade?

– Você sabe. Não se rebaixe ao nível deles, Beau. Fica feio.

E agora a garota de 22 anos é a mais madura deste relacionamento falso.

Olho para ela com uma expressão vazia e giro a chave na ignição, ansioso pela explosão de ar frio que as saídas de ar prometem trazer.

– Olha, ela fez um bom trabalho. Todo o meu respeito à Lily.

– Tá.

Posso sentir a descrença em sua voz e em seu olhar.

– Ela vai dormir bem esta noite. Isso sempre acontece comigo quando faço esforço físico. E, quem sabe, quando ela acordar, seja menos escrota. Uma boa noite de sono faz maravilhas por uma pessoa.

Bailey ri, tapando o rosto com as mãos, e então se vira para mim.

– E por falar em sono, como vai o seu?

Dou de ombros, evitando olhar para ela.

– Vai bem. E por falar em caminhonetes… – interrompo a frase enquanto entro na Rosewood Street, desesperado para mudar de assunto. – Vamos pegar a sua.

– Não quero lidar com meus irmãos, obrigada. Ela pode apodrecer lá.

Abro um sorriso. Quem diria que fazer coisas legais para Bailey faria meu corpo vibrar depois de meses de dormência?

– Você realmente acha que dei um perdido no meu irmão só pra ir cortar o cabelo?

– O quê? – A voz dela transborda confusão.

– A barbearia fica do lado da oficina mecânica. Sua caminhonete está

consertada.

Ela leva a mão ao peito.

– Minha caminhonete está consertada?

– Correto. Com um conjunto de pneus novinhos em folha.

– Como você conseguiu?

– Chamei um guincho.

Alguns minutos de silêncio se passam enquanto eu me deleito com a sensação do ar frio soprando contra meu rosto. Está um calor infernal. O tipo de dia que termina com uma tempestade devastadora. O tipo de dia em que é possível ver as ondas de calor se erguendo do asfalto.

– Não tenho como pagar.

– Você não precisa pagar – respondo. – Eu disse que cuidaria disso. E cuidei.

Bailey apenas me encara, sem dizer mais nada. Os olhos castanhos viajam pelo meu rosto, uma leve ruga se forma em sua testa, como se eu fosse um enigma que ela não consegue decifrar.

Porque ninguém tinha cuidado de Bailey Jansen antes.

Mas acho que já está na hora de ela se acostumar.



O nome de Jasper pisca na tela da multimídia do meu carro quando sigo Bailey para fora da cidade, em sua caminhonete com pneus novos, em direção ao rancho.

– E aí! – grito, assim que aperto o botão.

– Oi. – Ouço o tom de desconfiança em sua voz. – Por que você está me evitando?

Jasper não é um jogador de hóquei grande e idiota. Ele é um jogador de hóquei grande e esperto pra caramba.

– Não estou evitando você.

– Está, sim. Você é um péssimo mentiroso para alguém que supostamente trabalhou infiltrado em questões de segurança nacional.

– Meu Deus. Foi a Bailey que disse pra você fazer essas piadas?

– Não. Não falei com a sua noiva.

Eu me irrito.

– Por que você está dizendo isso desse jeito?

Praticamente consigo ouvi-lo dar de ombros pelo telefone.

Eu o conheço muito bem. E ele me conhece ainda melhor.

– Não sei, cara. Eu só acho engraçado que você tenha esquecido

completamente de mencionar seu noivado para mim até começar a contar para Deus e o mundo.

– Ah. Jasper, meu amor, não fique com ciúme.

– Beau, vai à merda. Eu não estou com ciúme. O que estou dizendo é que não caio nesse papinho.

O barulho do ar-condicionado é tudo que ouço por alguns segundos enquanto peso minhas opções.

– Por que não?

– Você está me ofendendo.

Eu bufo. Ele tem razão.

– Foi mal. Eu não deveria ter tentado te enganar.

– Pelo amor de Deus, Beau. O que você está aprontando?

Eu suspiro, segurando o volante com mais força.

– Bailey precisa de ajuda. Ela está tentando sair daqui, e as pessoas são tão ruins com ela…

Ele solta um gemido, parecendo ter compreendido a situação.

– Você não pode ferrar com a vida dela – digo. – Tem que ficar de boca fechada.

– Você sabe que eu sou um túmulo.

Ele parece irritado por eu ter dito isso. Somos melhores amigos, praticamente irmãos, desde que éramos adolescentes, e não conheço pessoa mais confiável do que Jasper Gervais.

– É. Eu sei.

– Vocês têm um plano? Por quanto tempo vão continuar com isso?

– O tempo que for preciso.

Minhas palavras causam mais silêncio. Jasper não é muito falante, mas é um cara sensível. Ponderado. E eu quase consigo ouvi-lo matutando.

– Mas o que você ganha com isso?

Minha cabeça pende de um lado para o outro enquanto penso na resposta.

– Uma amiga. Eu gosto dela.

– Dá pra ver. E é isso que me preocupa.

15

Bailey

– Por que não?

O garotinho cruza os braços e encara o pai, Cade, parecendo uma versão dele em miniatura. Cabelo escuro, mandíbula marcada, olhos semicerrados. Não deve ter mais do que 7 ou 8 anos, mas se comporta como se fosse bem mais velho, e lança um olhar fulminante para o pai do outro lado da mesa de jantar.

– Porque eles fazem uma bagunça enorme e são difíceis de controlar. E eu não preciso de outro ser vivo que faça sujeira e dependa de mim.

– Eu vou dar comida e cuidar dele.

As outras cabeças na mesa viram de um lado para o outro, entre pai e filho. Ninguém diz nada, mas é fato que a família toda está imersa na conversa.

– Você só puxou esse assunto aqui para que as pessoas fiquem do seu lado – resmunga Cade.

– Willa já está do meu lado. Ela disse que me apoiaria quando chegasse a hora.

Willa geme e joga a cabeça para trás.

– Luuuuke. Você não pode simplesmente me jogar aos leões desse jeito. A gente deveria agir como uma equipe.

Reprimo um sorriso, tapando minha boca com as mãos e me concentrando no prato vazio diante de mim.

– Que merda, mamãe. Desculpa.

Beau pousa a mão na minha coxa nua. É um gesto casual, natural. Ele está fazendo isso para se segurar e não rir, mas não consigo tirar os olhos de sua mão larga e dos dedos calejados, constatando que o tamanho dele quase me engole, que minha carne cede sob seu toque firme.

Isso me deixa em chamas no mesmo instante. Desvio meu olhar do gesto que

me deixa maluca e foco em manter a respiração regular, bem a tempo de ver Cade de olhos arregalados.

– Luke!

Está claro que falar palavrão não é permitido, mas, a julgar pelas risadas abafadas ao redor da mesa, não foi a primeira vez.

– Pai, fala sério. Qual é o problema de eu ter um cabritinho?

– Não.

O menino arregala os olhos, suplicante.

– Mas pai, todos os machos são mortos porque não produzem leite. Praticamente estão dando os bichinhos de graça.

Luke não desiste fácil: já tentou as abordagens “duro na queda” e “rei da barganha” e agora está apelando para o lado emocional.

Garoto esperto.

– Então o que você está me dizendo é que seria melhor investir em uma cabra e fazer você ordenhá-la, para que ela produza algo útil, em vez de me dar trabalho e fazer bagunça?

– Pai, por favor. – Sua voz falha. Juro que ele começa a lacrimejar. – Pensa que vamos salvar a vida do cabritinho.

– Cade, vamos lá. Deixa de ser chato – palpita Harvey.

Eu estava observando seu olhar penetrante, absorvendo toda a conversa. Ele parece ser um ótimo pai, que ama seus filhos e netos. Não conheço Harvey Eaton tão bem, mas sei que ele é diferente de qualquer homem que já passou pela minha vida.

Cade lança um olhar seco para o pai.

– É claro que você ficaria do lado da criança. O que eu deveria fazer com um bode?

Harvey encarou o filho, e todos parecem prender a respiração. Beau aperta minha perna. Espero que deixe marcas. Arrisco um olhar para ele, notando que levou o punho à boca, preparando-se para o que estava por vir.

Harvey solta um resmungo contemplativo enquanto esfrega a barba.

– Bem, você poderia tentar ordenhar o bode. Mas isso seria esquisito.

Solto o som menos feminino da minha vida enquanto tento respirar profundamente – e falho miseravelmente. Por fim, sou tomada pelo riso diante do absurdo e da inadequação da piada do patriarca, o que desvia minha atenção do toque de Beau.

Willa perde o controle, soltando um jato de água pela boca, como um chafariz. Ela se levanta e se afasta, limpando furiosamente a cabeleira ruiva.

Rhett solta um gemido.

Jasper abre um sorriso de quem está se divertindo muito com a desgraça

alheia. Beau se vira para mim, soltando uma risada suave contra a curva do meu pescoço. O clima está tão quente, com o ar tão estagnado, que me inclino na direção do sopro de ar contra a minha pele cálida.

E Cade? Fica sentado ali, olhando de cara feia para o pai.

– Você só piora à medida que fica mais velho, sabia?

Vejo Harvey mordendo o interior da bochecha, tentando manter a seriedade.

– Do que você está falando?

– Pai, você acabou de fazer uma piada sobre… – Cade passa a mão pelo cabelo e olha para o filho antes de decidir seguir em frente. – Eu bater uma para um bode.

Beau deixa escapar um arquejo agudo e esfrega os olhos.

– Cade, cuidado com essa boca suja na mesa de jantar. E pare com esses pensamentos imundos. Bodes também têm mamilos.

O primogênito fica boquiaberto.

– É sério?

Harvey assente.

– Acho que sim. É possível. Tudo bem, está certo. Eu não estava falando sobre mamilos.

Ele então começa a rir junto com todos os outros. Cade abaixa a cabeça. Vejo seus ombros se sacudirem, e é aí que tenho certeza de que ele também está rindo.

– Muito bem, já chega de Cade masturbando o cabrito dele – anuncia Harvey.

Escuto Cade dizendo:

– Não existe nada de “eu e meu cabrito”.

O pai o ignora e volta sua atenção para mim e Beau.

– Vamos falar sobre os novos pombinhos.

Paro de rir na mesma hora e sinto um embrulho no estômago. Não quero falar sobre nós.

Nos últimos dias, temos funcionado bem juntos. Quer dizer, nos vemos de passagem. Beau sai para o rancho todo dia com o irmão e eu trabalho no bar. À noite, durmo no meu trailer terrivelmente quente enquanto penso se devo me arriscar e entrar na casa com ar-condicionado.

E descobrir se Beau é ou não careta.

Posso apostar que não, mas toda vez que me levanto e quase vou até lá, eu paro. Sou covarde demais para descobrir.

– Já têm uma data para o casamento?

O olhar perspicaz de Harvey viaja entre nós dois.

Beau tira a mão da minha perna, e a pele parece úmida sem seu toque. Está quente demais para ficar perto de alguém, mas eu queria que ele me tocasse de

novo.

Como se estivesse lendo meus pensamentos, ele joga o braço sobre meus ombros, e as pontas dos seus dedos desenham linhas casuais sobre a pele exposta.

Se não estivesse tão quente lá fora, eu me cobriria da cabeça aos pés para evitar a distração da pele dele na minha. Infelizmente, esse é o tipo de onda de calor que nunca acaba.

– Acho que vai ser um longo noivado.

Beau inclina a cabeça na minha direção, e eu me viro para ele. Nossos lábios estão muito próximos. Desconfortavelmente próximos. Isso me leva de volta àquela manhã no rio.

As íris metálicas de Beau desviam-se dos meus olhos e param na minha boca.

Eu me pergunto se ele vai me beijar.

Nosso primeiro beijo, na mesa, na frente da família dele. Parte de mim quer cavar um buraco e me esconder desse tipo de demonstração pública de afeto. A outra parte deseja que ele simplesmente vá em frente.

Teremos que nos beijar em algum momento. Nós dois sabemos disso.

Sinto um arrepio enquanto ele permanece focado em meus lábios, se aproximando cada vez mais.

Beau, porém, se limita a dar um sorriso. É um sorriso carnal, que diz que ele sente a minha aproximação, que vê meu peito subindo e descendo mais rápido, que sabe que eu cruzei as pernas só para conter a sensação latejante entre elas.

– É. – Ele vira o rosto para todos sentados ao redor da mesa elegante no pátio dos fundos. – Vai ser um longo noivado. Nada está definido ainda.

Eu pigarreio e dirijo um sorriso forçado aos presentes.

– Tudo no nosso tempo – acrescento, soando um pouco atordoada.

– Bom, tudo bem. Não coloquei uma data no anúncio.

– Anúncio? – Minha voz falha quando faço a pergunta a Harvey.

– Sim, no jornal da cidade, o *Chestnut Springs Herald*. Fiz isso para todos os meus outros filhos. Vocês dois não serão poupados. E isso manterá as moças longe de Beau. Algumas delas são implacáveis.

– O quê? – Beau parece genuinamente confuso.

Ele faz um gesto casual com a mão.

– É isso mesmo. Não consigo nem ir ao mercado sem que uma mulher apareça e pergunte por você, como se eu fosse um cafetão ou algo parecido.

Eu estremeço, balançando os ombros para me livrar da sensação. Eu não deveria me importar – e *não me importo* –, mas acho meio inconveniente que Harvey não consiga nem fazer compras em paz.

A mãe de Sloane, Cordelia, dá um tapinha na mão dele e lhe lança um olhar divertido.

– Harvey, acho que é o suficiente por uma noite.

De alguma forma, isso muda toda a atmosfera na mesa. É como se a atenção de todos se detivesse naquele único movimento. A mão dela na dele. Os olhos dele nos dela. O jeito como ele pega a mão dela, vira e entrelaça os dedos. Observo o jeito carinhoso como ele aperta a mão de Cordelia com uma expressão de puro deslumbre.

Então, desviam o olhar depressa, recolhem as mãos e se afastam.

O clima na mesa continua estranho.

Eu me pergunto se foi assim que eles se sentiram quando Beau e eu ficamos nos encarando.

– Comprei sapatos novos – anuncia Beau, tentando amenizar o clima. – Bailey me levou para fazer compras. Larguei aqueles tênis brancos bregas. Comprei um par preto, um de camurça e até botas de couro.

Ninguém dá uma palavra. Os olhos arregalados ainda se movem pela mesa. As orelhas de Harvey ficaram rosadas, e ele bebe água como se isso pudesse poupá-lo de ter que falar.

– As meias novas estão fazendo toda a diferença. Comprei algumas dessas com forro duplo para reduzir o atrito e um par de lã superfino. Estão vendo? – Ele estica um pé em direção ao final da mesa, mas o monólogo sobre sapatos e meias mal é registrado. – Olhem sóóóóó.

É muito bonitinha a maneira como ele está tentando salvar o pai. Para um cara que queria que a família parasse de lhe dar tanta atenção, ele com certeza está feliz em ter os holofotes para si.

Beau cruza os braços e desvia o olhar de todos, emburrado.

– Por que ninguém está me perguntando a que velocidade consigo correr com meus tênis novos? Ser adulto é um saco.

E é Luke quem vem em seu socorro, arrancando algumas risadas.

– Eu vou correr com você, tio Beau!



– Você acha que meu pai está ficando com a irmã caçula da minha falecida mãe?

É a primeira coisa que Beau me pergunta quando estaciono ao lado dele em sua casa e saio da caminhonete. Nós nos encontramos na casa principal para jantar e voltamos cada um no próprio carro.

– Acho.

– Mas, tipo… como é que pode?

Ele bate a porta e contorna a caminhonete, me encontrando na frente da minha. Seus olhos estão arregalados, e ele parece… adoravelmente ingênuo.

– Eu… – Olho bem para ele. – Bem, não tenho experiência suficiente para explicar em detalhes como isso funciona, mas fiz uma extensa pesquisa assistindo a alguns vídeos. Eu acho que, basicamente, ele coloca o…

Ele tapa a minha boca.

– Jamais termine essa frase. Estamos falando do meu *pai.*

Eu rio contra sua mão e assinto.

Quando ele tira a mão, dou de ombros.

– Eu acho legal que ele tenha alguém – comento.

Beau esfrega a nuca, claramente tentando fazer seu cérebro processar com naturalidade o carinho entre Cordelia e Harvey no jantar.

– Acho que sim. Mas é meio estranho que seja com a irmã da minha mãe.

– Você acha? Pois eu entendo que não seja um problema para ela. Talvez seu pai não sinta culpa por amá-la, porque sua mãe também a amava… Ou… – Dou de ombros. – Talvez seja legal para os dois ter sua mãe em comum?

Beau estremece.

– Ela morreu há muito tempo. É estranho. Ele nunca apresentou ninguém pra gente. E ele não nos contou nada.

– Da mesma maneira que você não conta a eles tudo que acontece na sua vida, não?

Ele aponta para mim e diz:

– Verdade.

E se aproxima.

Achei que seria desconfortável encostar na minha caminhonete, por causa do calor. Mas Beau vem em minha direção com tanta determinação que me apoiar no capô parece a melhor opção.

Seus tênis pretos quase encostam na minha sandália.

– Belos tênis, soldado. Eles parecem ótimos para corrida.

Dou uma piscadinha para ele e cruzo os braços, tentando soar casual.

Provavelmente sem sucesso.

– São, sim – Seus olhos me avaliam. – Como está o trailer?

Engulo em seco.

– Ótimo. Maravilhoso. Eu amo meu trailer.

– Bem quente nos últimos tempos.

Mais uma vez, sua respiração é como uma brisa fresca.

– Pode ter certeza.

– Ainda rejeita a minha oferta de ar-condicionado?

Ele arqueia uma sobrancelha e imita minha posição de braços cruzados. Beau transborda… promessas.

Não sei como dizer isso de outra forma, mas ele nem está me tocando e, neste momento, sei exatamente o que está prometendo.

Toque. Prazer. Experiência.

Ele disse que não faria sexo comigo, mas e o resto? Parece improvável. Nesse momento, ele está com um ar de Adonis, todo convencido.

Parece má ideia.

Mas ele é seu noivo. Você confia nele. Ele é muito bom para você.

Estou ovulando. Deve ser por isso que meu cérebro está tentando me convencer a fazer o que não devo.

Deixo meu olhar deslizar pelo corpo robusto de Beau e pousar no seu short. A peça está… meio justa.

Talvez seja por isso que consigo ver uma protuberância com tanta facilidade. Uma protuberância realmente grande.

É apenas a roupa. Não é uma ereção de verdade.

Isso seria absurdo.

– Por favor, me diga quanto te devo pelo jogo de pneus.

Ele me ignora.

– Você lá, sozinha, suando a noite toda. Eu posso imaginar.

– Já me acostumei – guincho, girando e rolando contra o capô da minha caminhonete especificamente para escapar dele.

– Besteira. – Ele ri, observando minha evasiva.

– Amo o calor.

Olho para trás, temendo a quentura do meu trailer quando eu abrir aquela porta. Estou exausta por dormir mal e agitada por estar com tanto calor há tantos dias.

– Por que você está fugindo de mim? – pergunta, e consigo detectar o tom presunçoso em sua voz.

Ele sabe o que faz comigo. Como não saberia? Ele viu meus mamilos duros outro dia. O que eu deveria fazer agora? Negar?

– Tá com medo, delícia?

Babaca.

– Divirta-se fazendo uma pesquisa de vídeo mais extensa.

Que babaca do cacete.

– Talvez eu faça uma pesquisa esta noite também.

Tropeço. Minha sandália de dedo agarra na grama, e minhas bochechas queimam quando finalmente alcanço a maçaneta, toda embananada com as chaves.

– A porta dos fundos está aberta caso você queira dormir no ar-condicionado! Ou de um pouco de inspiração ao vivo e em cores!

Eu me jogo no calor mais insuportável do mundo.

Mas, de alguma forma, até o calor insuportável é mais suportável do que ter que encarar Beau depois daquele convite que deixou cada pelo do meu corpo arrepiado.

16

Bailey

Beau: A porta dos fundos está aberta, minha linda.

Eu me arrependo de ter fugido. Odeio ser tão teimosa.

Se eu fosse mais inteligente do que teimosa, estaria na casa maravilhosamente fresca de Beau, dormindo como um bebê. Em vez disso, estou no meu Boiler. Não consigo dormir, estou inquieta e odeio minha vida. Minha pele está úmida e pegajosa, e meu termostato interior está totalmente danificado. Tenho a impressão de que nunca mais voltarei a resfriar.

Sim, temos períodos de calor nas pradarias durante o verão.

Mas isso? Isso é outro nível.

– Foda-se!

Mesmo estando extremamente cansada e mal querendo me mover, me jogo para fora da cama e visto as menores peças de roupa que tenho, na intenção de ir nadar. De novo.

A agitação marca cada movimento meu enquanto ando descalça pelo corredor estreito do trailer.

Posso até parecer uma fracassada por morar em um trailer, mas a verdade é que tenho muito orgulho dele. Cortei e colei com carinho o linóleo xadrez preto e branco no chão e repintei todos os armários. Até costurei cortinas para combinar.

Ele é meu, e eu o transformei em um trailer digno de Pinterest. Nunca vou me desfazer dele.

Um dia, terei uma casa bonita e continuarei passando fins de semana e férias

viajando nele. Talvez até consiga pagar uma pintura externa e colocar ar-condicionado no futuro.

Mas, no momento, para os poucos dias de calor realmente sufocante que temos, não faz sentido ter essa despesa toda.

Abro a porta e fecho os olhos, esperando uma rajada de ar mais frio. Isso não acontece. Aquele ar fresco da montanha que eu amo está preso entre os picos, nos deixando sofrer aqui nas pradarias com noites insalubres.

– Argh – resmungo, mas é quase um lamento.

Eu me abaixo e me sento ali mesmo, com os pés apoiados no degrau de metal do trailer.

Estou passando tão mal que tenho vontade de chorar.

Apoio a cabeça entre as mãos e penso com meus botões.

Confio em Beau e sei que ele não vai me fazer mal. Ele gosta de soltar umas gracinhas – é o jeitão dele –, e de forma alguma eu me sinto ameaçada por sua presença.

Então por que estou tão avessa à ideia de entrar em sua casa?

Porque você sabe que nunca vai querer sair.

Meu cérebro não presta, fazendo questão de jogar isso na minha cara.

Espio o casarão. É lindo e muito diferente de qualquer outra casa que eu já tenha visto. Para mim, vindo de onde venho, parece saído de um filme. Parece o tipo de casa que eu imaginava quando minha realidade se tornava insuportável.

Nela, havia um garoto bonito e perfeito dando uma festa. Nossos olhos se encontravam no meio do salão. A gente namorava no ensino médio, e depois ele me levava para longe da minha vida de merda.

E aí eu voltava a ouvir o som dos gritos bêbados do meu pai, me levantava e colocava uma cadeira na porta para travá-la.

Fantasia e realidade: tão próximas, mas ainda assim tão distantes.

No entanto, aqui está aquela casa, aquele homem. Eles estão bem ali. E são reais.

E aqui estou eu, tentando me convencer de que não os mereço.

Minha versão adolescente ficaria horrorizada.

Acho que é pensando nela que me levanto. A Bailey adolescente teria corrido para os braços dele faz tempo. Ela era romântica.

Mas a Bailey de hoje? Não consegue nem acreditar que a porta dos fundos esteja aberta.

A maçaneta faz um clique, e a porta abre caminho para uma lufada de ar fresco. Suspiro e deixo o fluxo de ar me puxar para o ambiente.

Parada aqui, me sinto meio invasora. Afinal, hoje fugi de Beau para me esconder no trailer.

Ele ficou lá, rindo de mim.

Grande babaca.

Fecho a porta ao passar, me perguntando o que devo fazer agora. Ligar para ele? Mandar uma mensagem de texto? Gritar seu nome?

Tanto faz. Eu sei que ele não vai se importar.

Olho para o sofá de couro preto na sala de estar com vista para o rio. A ideia de dormir sobre o couro frio é tentadora demais para resistir.

E é isso que eu faço. Me deito como um ladrão cansado. Com meus shorts de algodão minúsculos e a blusa curta solta, sentir o couro gelado na pele exposta é o paraíso. Eu me deitaria nua se tivesse certeza de que não tem mais ninguém por aqui. E ficaria feliz até em me deitar no chão só para baixar minha temperatura.

Suspiro e olho para o teto abobadado com uma claraboia, tão diferente do meu trailer. A luz acima do fogão na cozinha de conceito aberto está acesa, o que significa que aqui não está tão escuro quanto se poderia esperar.

Não ligo.

Desde que eu não tenha a sensação de estar numa frigideira, me dou por satisfeita. Feliz no simples.

Quando começo a cochilar, ouço o som de passos no piso de concreto polido. Tranquilo e sem pressa – diferente da minha frequência cardíaca, que está nas alturas.

Ele assobia uma música, e eu me pergunto se devo me sentar e anunciar minha presença. Parece a coisa menos estranha a se fazer, mas, quando me acomodo e me sento, congelo.

Meu olhar acaba de passar pelo encosto do sofá e pousar em Beau nu.

Completamente nu.

Nu, da cabeça aos pés.

Ele assobia e busca algo na geladeira. A porta cobre sua cabeça e ombros, mas deixa à mostra cada centímetro de seu perfil exposto.

Cintura fina, bunda redonda…

Arregalo os olhos quando avisto o pau dele. É como aqueles de filme pornô. Só que está mole. Olho fixamente, tentando descobrir se é apenas o ângulo ou se é por nunca ter visto um pênis na vida real. Talvez o tamanho real seja diferente.

Eu me abaixo e me escondo atrás do encosto do sofá, mas me recuso a desviar o olhar. Estou literalmente fazendo minha melhor imitação daquele bonequinho palito, com a cabeça aparecendo por cima de um muro e as mãozinhas apoiadas sobre o topo.

Fico chocada, porque agora percebo que aquele bonequinho é um voyeur. Agora eu sei disso.

Beau continua assobiando, mesmo enquanto segura todos os ingredientes para um sanduíche. Eu me abaixo, me escondendo e me repreendendo internamente. Qualquer adulto normal já teria feito alguma coisa a essa altura. Dado uma boa olhada ou desviado o olhar educadamente. Rido da situação.

Mas agora eu me fodi, porque esperei tempo demais. Ele vai saber que eu estava espiando, e eu nunca vou superar a vergonha.

Decido que vou ficar na minha, escondida, fingindo que não vi nada quando ele me encontrar no sofá, pela manhã.

Também decido que não há mal nenhum em olhar de novo. Eu já vi tudo mesmo. Que diferença vai fazer se eu der mais uma olhadinha? Vou guardar na memória para um momento de necessidade.

Me posicionando como um ninja, solto um suspiro silencioso quando vejo que ele está de costas para mim. Mas a vista traseira é tão boa quanto a frontal. Ou a lateral.

Beau Eaton não deve ter ângulos ruins.

Mas a bunda dele? Eu poderia morrer por ela. Tudo nesse homem é grande e ridiculamente musculoso. Cicatrizes salpicam sua pele, mas elas só aumentam seu charme. As linhas em suas costas e seus ombros tensionam enquanto ele, sei lá. Espalha maionese no pão?

Nunca soube que passar maionese no pão pudesse ser tão sexual, mas aqui estou eu, ovulando por causa de um homem nu fazendo sanduíche.

Estou ficando com fome. E não estou falando de comida. Por isso, abafo um gemido e me encolho. O tesão e a culpa duelam enquanto eu babo por Beau e ele pensa que está sozinho. É uma invasão de privacidade, mas meus neurônios fizeram as malas e se mandaram no minuto em que dei aquela olhada no perfil dele.

Ouço quando ele guarda tudo. Fecha a geladeira. Sai da cozinha. Talvez eu finalmente consiga voltar a respirar.

Mas não antes de sua voz quebrar o silêncio da casa.

– Delícia, tem um quarto de hóspedes lá em cima, à esquerda.

Nunca tive tanta vontade de cair morta quanto agora.

Claro que ele sabe que estou aqui. Provavelmente me ouviu respirar.

É o suficiente para me fazer pular de susto e vê-lo ir embora, com sua bunda redonda balançando a cada passo.

– E se você quiser ver de perto, é só bater na porta do outro lado do corredor e pedir.

E eu oficialmente quero morrer ainda mais do que queria há alguns segundos.

Também estou envergonhada demais para aceitar o quarto de hóspedes, então

fico deitada no sofá, me odiando em silêncio até acabar adormecendo.



– Ei! Ei!

Os gritos de Beau me fazem pular do sofá. Olho ao redor atordoada, tentando descobrir o que pode ter acontecido de errado. Mas a casa está como ele deixou quando saiu daqui nu como veio ao mundo.

– Ei!

Percebo que ele não está aqui por perto, mas está gritando a plenos pulmões. No meu torpor, a primeira coisa que penso é que alguém entrou na casa, mas quanto mais minha cabeça desanuvia, mais fica evidente que um intruso não começaria pelo segundo andar.

Eu me levanto e corro pelo piso de pedra lisa, quase arrepiada pela sensação fria. Ou pelo som dos gritos de Beau.

– Ei!

Um atrás do outro.

Sua voz vai soando mais transtornada, mais derrotada, a cada segundo.

Não bato na porta do quarto. Entro direto e encontro seu corpo nu se debatendo na cama king-size do outro lado. O relógio digital no canto marca 2h11.

Os gemidos de dor que saem de seus lábios fazem meu estômago embrulhar.

Ele está tendo um pesadelo. Um pesadelo doloroso, estressante e frenético. E eu não tenho ideia do que fazer.

A sensação de impotência faz meus olhos arderem enquanto assisto à sua luta para respirar, revivendo algum tipo de horror.

E meu coração não aguenta.

Posso até ser jogada acidentalmente para o outro lado do quarto, mas não me importo.

Eu me aproximo da cama, murmurando com calma.

– Beau. Beau. Beau.

Estendo a mão com cautela e toco em seu ombro. Ele para quase no mesmo instante, mas não acorda.

– Ei, Beau. Estou aqui.

– Você está aqui.

Sua voz falha, e ele estende a mão para mim. Sua mão úmida aperta meu braço.

– Sim, sou eu, Bailey. Estou aqui. Você está bem.

– Você está aqui – repete.

Dessa vez, noto alívio em sua voz. Dessa vez, ele me puxa para perto.

E eu vou. Não tenho forças para resistir. Enquanto subo na cama, meu peito dói com a expressão de Beau – testa franzida, olhos bem fechados e nenhum traço do humor que pintava suas belas feições poucas horas atrás.

Com uma mão no meu braço e outra na minha cintura, ele me puxa para si, me aninhando em seu peito.

E contra seu corpo muito nu.

Mas não é nada sexual.

Não tenho certeza se ele sabe o que está fazendo, mas ele me segura como se eu fosse algo reconfortante. Como eu segurava meu falecido cavalinho de pelúcia.

Seus braços grossos me envolvem enquanto me esparramo sobre ele, com a cabeça enfiada sob seu queixo, ouvindo o som de seus batimentos cardíacos.

Sinto a protuberância do pau dele, firme, mas não duro, contra a parte interna da minha coxa, onde meu short subiu.

Sinto os pelos do seu peito contra os meus seios nus, onde meu cropped fino se embolou.

Posso sentir sua respiração profunda, seus pulmões enchendo e esvaziando, me fazendo subir e descer ritmadamente, como se eu estivesse surfando uma onda enquanto ele recupera o fôlego.

– Que horas são, Bailey?

Sua voz está rouca, seus braços não afrouxam.

Eu me viro e olho para o relógio.

– Duas e doze.

Uma de suas mãos desliza pelas minhas costas e segura a parte de trás da minha cabeça.

– Ótimo.

Então, sinto o beijo dele em minha testa.

17

Beau

Eu não deveria tê-la trazido para os meus braços. Não quando estamos aqui, sozinhos, no escuro.

Não quando estou tão transtornado, como agora.

Não quando não posso dizer que é tudo encenação.

Não quando quero fazer tanta coisa…

Bailey vira a cabeça, e seus lábios roçam a curva do meu pescoço. Eu engulo em seco, e meu pomo de adão sobe e desce quando ela volta a beijar ali. Sinto seus lábios carnudos na pele.

Vou retomando a consciência ao notar seus mamilos rijos contra mim.

Eu deveria parar.

Minha mão desliza por suas costas firmes, tonificadas após longas horas de trabalho, e meus dedos encontram o cós elástico do short que ela está usando.

Eu deveria parar.

Ela volta a me beijar. No mesmo lugar. Mas sua língua roça minha pele dessa vez. Suas costas arqueiam, empurrando seus seios para baixo e jogando sua bunda para cima.

– Porra.

A palavra sai quase como um suspiro, uma maldição abafada me marcando, sabendo que estou prestes a ir longe demais.

Eu deveria parar.

Minha mão viaja mais longe e seguro a bunda dela. O short saiu do lugar, e encontro sua pele lisa. Afundo os dedos, as pontas deles chegando perigosamente perto de onde nenhum homem esteve antes.

O maldito gemido que ela solta quando reage ao meu aperto é o que quase me faz perder a cabeça.

– Bailey.

Estou excitado demais. Ela está perto demais. É gostosa demais. Tem um perfume delicioso demais.

Bailey se mexe, e os fios de seu cabelo escorregam por entre meus dedos enquanto ela beija um ponto mais abaixo do meu peito. Está totalmente em cima de mim. Ainda massageio sua bunda quando ela sussurra:

– Você está bem?

– Não – resmungo.

Meu pau cresce com a proximidade dela, o cheiro, o peso. O fato de ela simplesmente ter ficado aqui mesmo depois do meu surto.

– Eu também não.

Sua respiração quente bate em meu peito.

Percebo que estou prendendo Bailey a mim: uma mão em sua bunda e outra agarrando o cabelo. Meu pau fica duro como pedra mais rápido do que eu acharia prudente. O desejo de entrar nela nunca esteve tão presente.

– Me diz como posso fazer você se sentir melhor – digo, minha voz ressoando no alto da cabeça dela.

Ela não ergue o rosto. Não se arrisca a me olhar nos olhos.

Acho que nós dois pensaríamos com mais clareza se ela fizesse isso.

– Não para de me tocar.

Jogo a cabeça para trás e solto um gemido. As coisas que essa garota é capaz de dizer!

Sinto seus lábios no meu peito mais uma vez.

– Como eu posso fazer *você* se sentir melhor?

Ela se empina mais. Seus joelhos se afundam na cama, um de cada lado do meu corpo. Implorando para eu explorá-la.

Enquanto reviro a pergunta em minha mente, deixo as mãos vagarem pela pele lisa da parte de trás de sua coxa até a dobra do joelho, que ela levantou quando montou em mim. Minhas unhas arranham a pele da parte interna de sua coxa. Pequenas saliências surgem em seu rastro.

– Bailey… eu preciso parar – falo, verbalizando o alerta que vem piscando na minha cabeça nos últimos minutos.

Parar seria a mais pura tortura agora, mas eu faria isso.

Ou ao menos deveria.

– Não. Por favor – pede, ofegante e desesperada. – Por favor, não para.

Minha respiração acelera, e olha que estou apenas deitado. Passo os dedos sobre o cós do short, traçando a costura. Eu poderia facilmente enfiar a mão.

Ela vira a cabeça e esfrega a bochecha no meu peito. Rosto para baixo. Bunda para cima. Mãos nos meus ombros. Bailey implora novamente.

– Por favor… me diz o que posso fazer para você se sentir melhor. Mas não para.

Meus dedos se enrolam nos fios do seu cabelo quase preto, e dou um puxão com gosto.

Ela choraminga e se esfrega contra meus dedos.

Não sei como passamos tanto do limite apropriado, do limite do *fingimento*. Mas a minha versão das 2h11 não tem controle, e é a única versão que está disponível no momento.

– Eu me sentiria melhor se você começasse a dormir no quarto de hóspedes, Bailey.

Ela assente, e minha mão balança junto com a sua cabeça. Meu pau se projeta para cima, esbarrando na barriga dela.

– E me sentiria melhor ainda se você deixasse eu enfiar a mão nesse shortinho fino e fizesse você gozar.

Um suspiro sai dos lábios dela e varre meu peito. Eu deveria parar.

– Enfia – responde ela, sem fôlego. Sua barriga pressiona meu pau enquanto meus dedos se cravam na curva de sua bunda, provocando aquela linha entre a coxa e a boceta. – Isso.

– Porra… – murmuro novamente, porque não importa quantas vezes eu diga a mim mesmo que devo parar: isso não vai acontecer.

Minha mão avança, e sinto a umidade de Bailey. Deslizo os dedos por suas dobras suavemente. Meu corpo treme com a tensão de tentar me segurar. Meu lado inconsequente quer jogar Bailey na cama e fodê-la a noite toda. Penetrá-la e ouvi-la gritar meu nome.

Mas as coisas não são assim. Ela não é assim. Quero ser cuidadoso.

Ela joga os quadris para trás, e a ponta do meu dedo desliza para dentro dela.

– Deus do céu.

Bailey apoia a testa no meu peito, e tenho certeza de que paro de respirar enquanto ela rebola no meu dedo.

– Bailey… – gemo seu nome e retiro o dedo, espalhando sua umidade sobre o clitóris. As pernas dela tremem dos dois lados da minha cintura quando faço isso. – Puta que pariu.

Seus lábios pousam de volta em meu peito, e uma mão segura meu ombro enquanto a outra usa a cabeceira da cama de apoio.

Volto a enfiar o dedo, agora mais fundo. Dessa vez, sinto quando ela se contrai ao redor dele.

– Você está encharcada.

Ela assente.

Com um dedo dentro dela, uso os outros para explorar entre suas pernas.

Lábios, clitóris, deslizando para cima e para baixo em sua fenda.

– Me avisa se for demais pra você?

– Aviso, aviso – repete ela. Sinto o calor e o tremor da sua respiração contra minha pele. – Faz mais.

– O quê? – murmuro contra seu ouvido enquanto ela se contorce em cima de mim.

– Me fode com o dedo.

Suas palavras são lânguidas, nada tímidas.

– Assim?

Meus dedos deslizam para dentro e para fora, e estabeleço um ritmo cadenciado e torturante.

Ela levanta a cabeça e olha por cima do ombro. Sem dúvida tentando ver como seu corpo se encaixa no meu, como inclinei meu braço atrás dela.

– Isso, assim.

Meus músculos queimam, mas não dou a mínima. Não é nada comparado à pulsação do meu pau só por enfiar o dedo e sentir Bailey toda apertada e molhada.

– E se eu fizer assim?

Reduzo o ritmo e adiciono um segundo dedo, brincando em sua entrada antes de enfiá-los em sua boceta escorregadia. Uma leve curvada nos meus dedos a faz gritar, e ela pousa a cabeça de volta em meu peito.

– Tá gostando, Bailey? Com dois dedos é melhor do que com um?

Empurro mais fundo, estimulado pelos gemidos intensos que ela solta.

Um suave “sim” sai de seus lábios úmidos antes de ela arrastá-los sobre minha clavícula, subindo pela lateral do meu pescoço, ainda evitando meu rosto.

– Só pra dentro e pra fora? Ou curvando assim? Diz pra mim.

Meu maior desejo é saber absolutamente tudo que a enlouquece. Podemos aprender juntos.

– Curvando.

Ela ficou monossilábica, e eu sinto um tipo de prazer perverso em lhe dar prazer e deixá-la sem palavras.

Eu movimento os dedos pra dentro e pra fora, curvando-os lentamente, e a umidade dela começa a escorrer. O corpo dela estremece. Ela rebola. O corpo dela pulsa.

Nossas respirações saem altas e entrecortadas.

– Olha pra mim, Bailey. Você vai gozar na minha mão? Como eu mandei?

– Hmm-hmm – geme ela, agora me desafiando enquanto se afasta o suficiente para encontrar meu olhar.

Enfio algumas vezes com força, me deliciando com os gemidos guturais que

ela solta. Então retiro os dedos e os esfrego em seu clitóris. Bastam algumas vezes para que ela perca a cabeça.

– Caralho! Beau!

Ela puxa meu cabelo e crava os dentes em meu pescoço. Suas pernas, totalmente meladas, se abrem quando ela desmorona em mim, unindo peito com peito. Os joelhos cedem, e ela solta o lençol, fazendo as pernas esguias escorregarem ao lado do meu corpo.

A boceta dela pulsa e desliza sobre a cabeça do meu pau. Depois, por toda a extensão de veias saltadas, indo até a base. Ela para, tentando recuperar o fôlego, com a cabeça inchada do meu membro pressionada contra seu umbigo.

A pior das provocações.

É uma tentação tão forte que perco o fôlego e me distancio de seu corpo macio e necessitado.

Por fim, saio da cama e passo as mãos pelos cabelos, precisando me afastar dela para não ir mais longe do que já fui.

Longe demais.

Eu prometi a ela que não haveria sexo. Prometi ajudar a melhorar as coisas para ela. E falei sério.

Ela é jovem e meiga, e tem a vida inteira pela frente. Eu sou a última coisa de que ela precisa para complicar sua situação. Esse acordo não passa de uma conveniência. Ela merece muito mais.

Eu deveria ter parado.

18

Bailey

Bailey: Tire esta noite de folga. Vá pra cama cedo. Estou bem.
Beau: Não, obrigado.
Bailey: Sério, você não pode ficar até tarde aqui comigo e acordar uma hora depois fazendo aquelas coisas.
Beau: Aquelas coisas?
Bailey: 2h11.
Beau: Bailey, você faz suas coisas, e eu faço as minhas. E as minhas incluem me sentar no bar pra não deixar você sozinha.

A faca corta o limão, e uma nova onda de ardência percorre minhas veias quando o suco cítrico atinge um arranhão, mas não me mexo.

Sinto os olhos de Beau em mim, lá da ponta do balcão, e tenho certeza de que, ao menor sinal de incômodo, ele ligará para a emergência para me levar de helicóptero ao hospital mais próximo. As coisas andam meio tensas entre nós, mas ele ainda está aqui, me protegendo como um pastor-alemão, pronto para pular em minha defesa.

Também não estou alheia ao fato de que Gary está nos observando com um interesse bêbado no rosto.

Balanço a cabeça quando me lembro da conversa que Beau e eu tivemos na manhã seguinte a… o que quer que tenha sido aquilo. A manhã em que acordei sozinha em sua cama e fui procurá-lo.

– *Sinto muito por ter me aproveitado de você.*

Essas foram suas primeiras palavras quando o encontrei na cozinha.

Arregalei os olhos, contemplando o chupão que deixei em seu pescoço – que

está lá até hoje, embora mais amarelado e menos roxo. Eu não sabia o que esperar dele naquele momento. Porque, na noite anterior, ele olhou para mim com as mãos na cabeça, oscilando entre luxúria e raiva, e saiu sem dizer uma única palavra. E meu coração ficou apertado. Eu queria tê-lo seguido, mas sabia que ele precisava de espaço e controle.

– Você não se aproveitou.

– É meu trabalho mantê-la segura. E isso inclui protegê-la de mim.

– Esse definitivamente não é o seu trabalho.

– Nós concordamos que não passaríamos desse limite. Deixamos tudo em pratos limpos. Eu quero que você fique aqui em casa, mas, se me ouvir… não entre.

Enquanto Beau se abaixava e calçava as meias com dupla proteção e seus tênis novos, tentei não olhar para os músculos de suas costas marcando a camiseta que ele ainda usava da noite anterior. Ele esperava que eu ficasse ali parada só ouvindo enquanto ele tinha um ataque de pânico?

– Eu não vou ficar aqui parada.

Ergui o queixo, obrigando-me a assumir uma postura altiva que era totalmente incompatível com o que eu sentia.

E ele nem se deu ao trabalho de olhar para mim quando disse:

– Você pode ficar aqui em casa, ou eu pago para instalarem um ar-condicionado no seu trailer. Você decide.

Então ele deu um tapa no batente da porta e saiu.

Isso foi há dois dias. Duas noites em que acordei às 2h11 em ponto e fiquei andando pelo corredor. Duas noites em que segurei a maçaneta da porta do quarto dele porque não conseguia lidar com aqueles gritos.

Mas me contive.

Fizemos um acordo, e eu bem conheço pessoas que não respeitam a privacidade alheia. Assim como naquele incidente recente, meus irmãos já tinham invadido o meu espaço à procura de algo muitas outras vezes.

Nas últimas duas noites, lembrei a mim mesma que Beau é um homem adulto, capaz de tomar decisões adultas e estabelecer limites adultos.

E meu trabalho como adulta é respeitar esses limites.

Por isso, voltei para o quarto, coloquei o travesseiro sobre a cabeça e tentei não ouvir seus gritos. Mas é impossível. É estressante. E mesmo que o calor não seja mais o culpado por me manter acordada, a ansiedade de saber que ele está *bem ali*, e sozinho, é pior do que dormir no Boiler.

Fatio mais um limão e faço um corte na rodela para fixá-la na borda da caneca. Estou tão cansada que não percebo a faca fazendo o movimento bem em cima do meu dedo.

– Merda!

Imediatamente solto a faca e levo o dedo à boca.

– Você está bem?

Percebo a preocupação na voz de Beau, que empurra o banco para longe e avança pela portinhola de madeira que separa o espaço de clientes e funcionários. Ele paira sobre mim e pega meu pulso, girando minha mão para inspecionar o dano, que é pequeno.

– Estou bem. – Tento soltar meu pulso. – Não é a primeira vez que me corto e não será a última. Vai se sentar.

Puxo a mão de novo, evitando seu olhar e levando meu dedo de volta à boca. Enquanto estanco o leve escape de sangue, me viro para pegar o kit de primeiros socorros que guardamos atrás do bar.

Com a caixa na minha frente, vasculho seu interior, procurando o curativo adequado.

– Deixa eu cuidar disso – diz Beau, num tom de voz suave.

É como um soco no estômago. Quando ele está todo estoico e distante, é mais fácil ficar irritada com ele.

Deixo escapar um suspiro e finalmente olho para cima, o encarando. Uma preocupação genuína atravessa seus olhos prateados, junto com outra coisa. Levando em conta a maneira como passa a língua pelos lábios, eu diria que ele parece nervoso.

Ele observa meu rosto enquanto volta a segurar meu pulso, desta vez mais gentilmente, levando meu dedo para longe da boca. Acho que essa é a primeira vez que fazemos contato visual nesses últimos dias.

Desde que Harvey colocou o anúncio no jornal, todos não param de nos olhar, mas nós não olhamos um para o outro.

Desvio o olhar, sem querer encará-lo por muito tempo. Porque, se eu fizer isso, meu corpo vai reagir. Vou me aproximar e…

– Não foi tão grave.

Beau franze a testa enquanto avalia o corte mais inconsequente do mundo.

– Como eu disse – respondo, rangendo os dentes.

Ele parece se divertir com minha irritação, o que só me deixa mais irritada.

Dedos hábeis puxam o curativo da embalagem e o aplicam com um cuidado meticuloso. Não consigo deixar de me encantar com ele – tão grande e másculo e ao mesmo tempo tão gentil.

Beau enrola as pontas do curativo e delicadamente pressiona minha mão entre as suas. Fazendo um sanduíche de mão de Bailey.

– Pronto.

Apesar de toda a minha reflexão sobre ser adulta, não consigo me obrigar a

encará-lo, então murmuro um agradecimento e me viro para retomar o trabalho.

Ele fica ali por mais um instante, então se afasta devagar, de volta ao seu banco.

De volta ao chá.

De volta à mesa para me observar como um falcão.

– Problemas no paraíso? – balbucia Gary.

– Nunca – respondo, espevitada, voltando a cortar o limão.

Em uma semana me candidatando a outros empregos, ainda não recebi nada além de um olhar de pena e um educado "Não estamos contratando agora", embora as vagas estejam anunciadas on-line.

Quando Beau e eu fizemos essa aposta, eu sabia que minha reputação talvez não tivesse salvação. Eu sabia que ele estava errado e que eu estava certa. Eu sabia que provavelmente "venceria" – seja lá o que isso signifique.

Mas vencer nunca foi tão ruim. Porque eu conheço meu lugar em Chestnut Springs, e passar um tempo fingindo que é ao lado de Beau Eaton só faz doer mais.



Acordo com o zumbido baixo do meu telefone vibrando ao lado do meu colchão.

São duas da manhã, e a vontade de desligar o aparelho, virar para o canto e voltar a dormir é enorme. Mas onze minutos a mais não farão diferença. Não importa o que eu faça, estarei exausta amanhã.

É um sofrimento ouvir Beau se debater a apenas alguns metros de onde estou deitada.

Às 2h11, nós dois somos assombrados. Eu, pela maneira como estive em seus braços, me desfazendo enquanto ele sussurrava meu nome. Ele, assombrado por… bem, não tenho certeza. Mas posso imaginar.

Eu quero transformar as 2h11 em algo diferente para nós. Estamos atados um ao outro nesse pequeno acordo, mas não precisa ser tão esquisito.

Ou talvez eu esteja me sentindo esquisita porque agora só consigo me masturbar se pensar naquela noite.

– Muito bem – resmungo para mim mesma, e afasto a excitação que me invade toda vez que me lembro do jeito que ele puxou meu cabelo enquanto apertava a minha bunda. Nunca me senti tão *desejada*. – Vamos lá.

Saio da cama, pego a bolsa que coloquei perto da porta e atravesso o corredor, verificando o relógio.

2h02.

Bato na porta dele com firmeza, mas com um ritmo comedido. Querendo acordá-lo, mas evitando qualquer senso de urgência que o assuste. Beau não precisa se assustar com mais nada – ele já se assusta sozinho.

Hoje, depois de fazer o curativo e cuidar da minha segurança no horário do meu turno, me passou pela cabeça que Beau criou um hiperfoco em cuidar de mim.

Mas quem está cuidando dele?

Ouço um farfalhar de lençóis e volto a bater na porta.

2h03.

– Beau, acorda. – Mantenho o tom de voz leve e animado.

– Bailey?

Ele se levanta e vai até a porta correndo, escancarando-a. Fico com a boca seca quando ele aparece apenas de cueca.

Bem no meu íntimo, eu torcia para que ele estivesse nu de novo. Ninguém fica tão bem nu quanto Beau Eaton.

– O que aconteceu?

Sua mão pousa no meu ombro, me puxando para perto enquanto ele se inclina para fora e verifica as duas direções do corredor, avaliando o perigo.

Levo uma mão gentil a seu peito e dou um tapinha reconfortante.

– Nada. Vem comigo.

Beau me olha de queixo caído.

– Ir para onde?

– Nadar.

Ele franze a testa, confuso. Seus dedos ainda estão cravados nas minhas costas.

– Que horas são?

Olho meu relógio. De novo.

– São 2h04.

– Por que eu quereria nadar a essa hora?

Inclino a cabeça enquanto penso no que dizer a ele em seguida.

– Porque parece muito mais divertido do que gritar na cama às 2h11. Para nós dois.

Ele afasta a mão, e seus olhos examinam minhas feições no corredor escuro. É um olhar de aço, tanto na cor quanto na intensidade. É mais do que consigo suportar.

Eu me viro e faço um gesto com a mão, por cima do ombro.

– Vamos, soldado. Não está nos meus planos usar maiô.

19

Beau

Sigo Bailey até o rio, sem saber o que dizer a ela. E não sou forte o suficiente para dizer não.

Não sou forte o suficiente nem mesmo para desviar o olhar quando ela se despe com uma casualidade impressionante. Em vez disso, admiro as curvas suaves de sua pele nua, destacadas pelo brilho da lua.

Ela não se vira para mim uma vez sequer enquanto desliza para a água escura. O som suave e borbulhante cria uma sensação de privacidade. Parece estranho pensar que simplesmente nos encontramos por acaso, neste exato lugar, não muito tempo atrás. E que ela nada nua na frente da minha casa há sabe-se lá quantos anos.

– Você vai entrar? – pergunta, submersa o suficiente para cobrir apenas até os mamilos.

Ela é como uma deusa, com o contorno dos seios à mostra, as pontas dos cabelos longos grudadas nas clavículas.

Não tenho ideia do que fazer. Estou desnorteado. Sem controle perto dela.

Consumido por aquela noite, pela culpa de ter ido longe demais e pela ciência de que a cena se repete na minha mente 24 horas por dia, sete dias por semana.

Continuo acordando às 2h11, perturbado. Só que agora, às 2h15, estou segurando meu pau e sonhando em enfiá-lo nela.

Nadar pelado com ela pode ser má ideia, mas não suporto ter que dizer não de novo, então começo a me despir. Tiro os sapatos e a encaro, torcendo para que ela se vire, que fique constrangida com a minha nudez.

Mas ela não faz isso.

Ela observa, fascinada, arrebatada, com um nível flagrante de interesse,

quando deslizo a cueca pelos quadris e a deixo cair aos meus pés. Eu a jogo no tronco onde ela deixou seu pijama e vou em direção à água. Meus olhos permanecem em seu rosto, enquanto os dela estão fixos no meu pau.

– Seu pênis é grande *normal*? Ou é… – Ela morde o lábio inferior antes de levantar as mãos e indicar de novo aqueles trinta centímetros – Ou é grande *grande*?

– Bailey. – Balanço a cabeça, minha voz incrédula e áspera ao mesmo tempo. – Você não pode simplesmente sair perguntando coisas assim pras pessoas.

Ela franze os lábios e desvia os olhos do meu pau, deitando-se de costas para boiar.

– Por que não? Você acabou de tirar a roupa na minha frente. E estamos noivos. E eu praticamente sentei nele na outra noite. Me parece uma pergunta razoável.

Dou uma gemida ao entrar na água.

– Confie em mim, Bailey. Se você acabasse sentando nele na outra noite, ainda estaria sentindo.

Ela se levanta bruscamente quando me aproximo dela, os olhos arregalados e interessados.

– Isso significa que é grande *grande*?

Uma risada profunda ressoa no meu peito. Ser capaz de rir à toa por volta das 2h11 é uma delícia.

– É, Bailey. É grande *grande.*

Ela dá um tapa na água.

– Eu sabia! Eu estava tentando comparar com os que vejo nos pornôs, sabe? Mas, tipo… a proporção pareceu errada na tela do meu telefone, e estava escuro no seu quarto, então não consegui ver direito…

– Bailey.

Fecho os olhos, mergulho o corpo e jogo algumas mãos cheias de água no rosto.

– Desculpa.

Mas ela não parece arrependida. Pelo tom de sua voz, percebo que está sorrindo. A água chacoalha enquanto ela gira no lugar, interpretando a pequena sereia mais depravada do mundo.

É realmente uma combinação charmosa. Madura a ponto de não ficar assustada com sexo, mas inexperiente a ponto de ser completamente curiosa.

Ela vai ser a minha ruína.

E o meu comedimento.

Boiamos em silêncio por vários minutos. Eu tentando me livrar da ereção instantânea que ela provocou, e Bailey… não sei, apenas se movendo para um

lado e para outro.

A sensação é de paz.

– Acho que você deveria me contar sobre as 2h11.

Paz essa que ela acaba de destroçar.

Sabia que isso ia acontecer quando ela mencionou o horário. Bailey é uma jovem inteligente, perspicaz, então eu não deveria me surpreender que ela tenha juntado as peças do quebra-cabeça.

No fundo, talvez eu esteja pronto para conversar sobre o assunto. Aqui não tem um divã de terapeuta. Ela não está segurando um bloco de notas nem me avaliando como se eu fosse um experimento.

Sou um dos privilegiados que têm amplo acesso a terapia, mas também sou um dos idiotas que não quer fazer. Eu sei que deveria, mas isso me enche de pavor. E eu já senti pavor para uma vida inteira.

Considero a pergunta por vários minutos e repasso aquela noite na cabeça. E os dias que se seguiram.

– Eram 2h11 quando saí daquele bunker com Micah pendurado nos ombros.

O chacoalhar da água para, e Bailey se levanta. Opto por olhar para a lua em vez de encará-la.

– Chequei meu relógio e vi o helicóptero levantando voo. E eu sabia a que horas precisava estar no nosso ponto de encontro para pegar o transporte de volta. Eu sabia que, se seguisse caminho naquele sistema de túneis, não conseguiria sair a tempo.

Eu a ouço suspirar.

– Mas eu continuei mesmo assim. Eu ouvia os gritos. E eu… – Passo a mão na boca, agitado. – Porra, eu não podia simplesmente deixá-lo ali, sabe? Ele era nossa missão, e eu o ouvia. Ele estava bem ali. Eu não podia ir embora.

– Você faria algo de diferente se pudesse voltar no tempo?

– Não. – Respondo no mesmo instante. Eu me repito para ser bem claro. – Não.

– Então por que você se recrimina tanto?

– Porque todo mundo me trata como se eu tivesse feito algo super-heroico, mas… não foi isso.

Pego água com minhas mãos em concha e jogo no rosto.

Alguns segundos se passam enquanto espero Bailey me perguntar o que quero dizer, mas ela volta a se virar na água, arqueando o pescoço fino para trás e mergulhando a cabeça na água fria.

– Eles nos treinam de forma diferente para o JTF2. Nos escolhem de forma diferente. É um esforço mental, não apenas físico. Somos preparados de outro jeito. Eu tenho essa estratégia, uma maneira de destrinchar e analisar as coisas,

que funciona pra mim. Quer dizer, é claro que algumas das merdas que eu vi foderam meu psicológico, mas a verdade é que consigo administrar a maior parte.

Bailey concorda, pensativa, passando os dedos pela água. Eu não sinto que ela está me analisando, me julgando ou mesmo tentando me ajudar. Ela está aqui, apenas ouvindo.

Na verdade, quando ela pega um galho da superfície do rio e o joga na margem, eu nem tenho certeza se ela está ouvindo. Mas é melhor assim.

– Eu ficava deitado na cama e me obrigava a pensar nos piores cenários possíveis enquanto adormecia. Tipo, a primeira vez que eu mataria alguém. Eu imaginava isso, me forçava a vivenciar profundamente, sentir de verdade. E depois pensava em como eu lidaria com esses sentimentos, onde eu os esconderia quando fosse a hora de seguir em frente. Muitas vezes, senti como se já tivesse passado por algo antes de acontecer de fato. Acho que isso me dessensibilizou.

– Porra, e eu aqui contando carneirinhos.

Eu solto uma risada. *Só a Bailey mesmo*.

– E aí eu tinha esse plano pra mim. Eu o programei. Era tipo: definir e deixar acontecer. Eu sabia o que faria se encontrássemos Micah Lane. Não pararia por nada. Analisei o que eu faria… as atitudes que tomaria… se me tornasse um prisioneiro de guerra. Quer dizer, merda… – esfrego o cabelo, olhando ao redor do leito tranquilo do rio – … até as pazes com a morte eu fiz. A perspectiva de morrer não me assombra mais. Não tenho medo. A caverna… Claro, isso me assombra em alguns dias. Mas não do jeito que as pessoas pensam. A pior parte de tudo é que, apesar de toda a minha preparação mental obsessiva, nunca me permiti analisar como seria sair de tudo isso, levar a vida como um civil. Ser…

– Famoso? – diz Bailey, com uma risadinha.

Até ela sabe que é um exagero.

Eu bufo.

– Não acho que essa seja a melhor palavra.

Um sorriso maroto se abre em seus lábios. Só mesmo Bailey seria capaz de sorrir depois de um relato desse.

– Infame.

Eu faço uma careta.

– Isso não é meio ruim?

Seu dedo dispara para cima.

– Notório!

– Também não.

– Já sei…– Suas mãos fazem um movimento amplo. – Lendário.

Eu mergulho a cabeça na água para não cair na gargalhada.

Quando volto, ela acrescenta:

– Fabuloso.

– Meu Deus, Bailey.

– Renomado. Ilustre. Celebrado!

Eu rio.

– Estou noivo de um dicionário de sinônimos.

Seus dentes brancos brilham para mim.

– Merriam-Webster é um apelido muito melhor do que “minha delícia”, na minha opinião.

– Foi mal, delícia. Mas esse apelido já pegou.

Vejo um arrepio percorrer seu corpo enquanto ela desvia o olhar por um momento. Talvez ela esteja com frio, mas isso aqui está legal, e eu sou ganancioso. Não quero sair da água.

Bailey torna as 2h11 melhor.

– Então… – continua ela, e eu me permito apreciá-la. Sua elegância, a curva de seu pescoço, o pequeno sulco sobre o lábio superior. – Você acorda todas as noites no mesmo horário porque…

Solto um suspiro pesado.

– O terapeuta me disse que é porque 2h11 é a representação visual da escolha que mudou minha vida para sempre, de maneiras que eu não estava preparado para encarar. Todas as noites eu acordo e sinto o fogo em meus pés. A queimação é tão intensa que quase parece gélida. Ouço o som rítmico das hélices do Blackhawk acima de mim e sou tomado por uma certeza profunda. Sei que não vou conseguir voltar para aquele helicóptero. E, mesmo sabendo, volto para buscar Micah. Mas, quando faço isso, tudo que vejo é uma escuridão infinita. Do tipo que engole você, daquelas em que você se perde para sempre. Toda noite eu tento me virar e gritar pra eles me esperarem, mas tudo que vejo é a mais pura escuridão ao meu redor. Meu propósito se foi.

Olho para baixo e respiro lentamente. Nunca contei esse sonho a ninguém.

Minhas mãos deslizam pela água. O rio está escuro, mas não tanto quanto tudo fica às 2h11. Não sinto pavor olhando para o líquido soturno, mas ele ecoa a desolação que me domina com frequência.

Então, ergo a cabeça, e meus olhos encontram Bailey. E eu sinto uma centelha de esperança.

Com um punho na boca, pigarreio e sigo em frente.

– Acho que isso significa o fim do cargo que eu sempre amei… minha identidade em todos os sentidos. O começo de uma vida que… Bem, eu nunca imaginei o que faria quando saísse. Eu não queria sair, então nunca tinha

encarado essa possibilidade. Dizia a todos que deixaria o exército em breve, mas, na minha cabeça, esse não era o plano. Acho que é isso que me apavora. Nunca contemplei uma carreira diferente, ou um relacionamento, ou ter que agir educadamente com pessoas que me parabenizam apenas por eu fazer meu trabalho. É estranho. Por anos, prometi à minha família que voltaria e trabalharia no rancho, mas acho chato.

– Só pessoas chatas ficam entediadas – diz Bailey, virando-se para boiar.

As pontas de seus mamilos aparecem na superfície quando ela faz isso.

– Nossa, pegou pesado.

Minha voz falha, e eu passo a língua nos lábios, afastando a vontade de estender a mão e tocar seus seios.

– Essas devem ser as únicas palavras de sabedoria que meu pai me transmitiu.

– Desculpa, mas aceitar conselhos do Sr. Jansen não está nos meus planos para este ano.

Ela não reage. Continua a boiar, olhando para a noite aveludada.

– Você é um sujeito legal, Beau. Só está meio fora da realidade.

– Como assim?

– Você sabe quantas pessoas por aí trabalham com o que não gostam? Ou estão entediadas com suas profissões? Elas se levantam e vão trabalhar em algo que odeiam com cada fibra do seu ser porque dependem daquele salário para viver. Não têm uma família que as apoie e uma casa bonita que lhes sirva de refúgio. Essa é a vida real. Agora, ser um funcionário merda e alguém que não é confiável no trabalho que se comprometeu a fazer só porque se sente entediado… – Ela se levanta, afastando o cabelo do rosto. – Isso é um privilégio. Reconheça.

Contraio o maxilar e engulo em seco. Apesar de todo o meu discurso interno sobre achar ótimo que Bailey não me trate como todo mundo, essa foi uma porrada bem dada.

Porque ela tem razão.

– Talvez você acorde a essa hora toda noite porque sabe que precisa de um plano. Se era isso que dava conforto a você antes, por que parar? Se você odeia trabalhar no rancho, não trabalhe. Mas tenha coragem de contar isso às pessoas que o apoiam. E aí *faça algo* em vez de chafurdar na infelicidade.

Uma risada seca e descrente borbulha do meu peito.

– Você realmente não tem filtro, né?

– Você tem um pau grande demais para se sentir tão mal. Literalmente, tudo está ao alcance das suas mãos. Tenha um pouco de gratidão, Beau. Isso vai mudar a maneira como você vê as coisas. Além disso, alguém precisa te dar um

choque de realidade. Então que seja a sua noiva.

É a minha vez de afundar na água e boiar, olhando para o céu noturno. Sou atingido por uma onda intensa de déjà-vu. Boiando aqui quando menino. Sempre amei o rio. O som, o cheiro, a sensação de não ter peso na água. Não sei quando parei de entrar e passei a apenas encará-lo.

– Tudo bem, noiva, o que acha que eu deveria fazer? Você é o melhor exemplo que tenho de uma pessoa que está assumindo o controle da própria vida.

Bailey se aproxima e se vira para boiar ao meu lado. Seus dedos roçam os meus, enviando um choque para os meus membros.

Nós dois, na água, juntos, despidos de inúmeras maneiras.

Uma das minhas maiores dificuldades é que eu me sentia muito necessário, muito importante, parte tão fundamental da missão e, agora… não mais.

Mas com Bailey é diferente. Sinto que ela precisa de mim e que eu preciso dela.

– Não sei, Beau. Não posso tomar essa decisão por você, mas posso ficar ao seu lado enquanto busca a resposta.

– Eu bem que gostaria disso.

20

Bailey

Bailey: Vejo você às duas, soldado.
Beau: Vejo você às duas, minha delícia.

Bato à porta.

– Mais uma noite, mais um mergulho. Vamos, soldado!

Esse é o nosso novo normal. Toda noite, programo o despertador para as duas da manhã e vou acordá-lo. E, toda vez que Beau abre a porta, eu perco o fôlego.

Como agora.

Grande, bronzeado, sonolento. Tudo que eu quero é empurrá-lo de volta para o quarto e montar nele como fiz há uma semana. Quero sentir sua mão grande e quente deslizando pelas minhas costas e apertando minha bunda, mas parece que já superamos esse momento.

Ou talvez só Beau tenha superado. Mas eu? Continuo obcecada.

Tento disfarçar meu olhar cheio de luxúria para seu tanquinho comentando:

– Você sabe que pode programar o seu despertador sozinho, né?

Ele me segue para fora, e percebo, por seu tom de voz, que ele está sorrindo quando diz:

– Mas eu prefiro ser acordado por você.

Reviro os olhos, frustrada. Tento ser legal com Beau, uma confidente, um apoio para ele. Sinceramente, chega a parecer que somos noivos em todos os sentidos, menos no sexual.

Quanto mais aquela noite vai avançando, sem que ele aborde o assunto, sem

que me toque nem flerte comigo, mais parece que nada aconteceu.

Em algumas noites nós nadamos e conversamos muito.

Hoje não está sendo assim. Não sei se é porque ambos estamos exaustos ou se algo mudou entre a gente.

– Você está quieta hoje – diz ele, quando entramos na água, nus.

Acho que, a essa altura, já deveríamos estar usando roupas de banho, mas não usamos. Eu nem me sinto mais uma pervertida quando olho o corpo dele.

Na verdade, tenho olhado até mais. Ele também. Nenhum de nós parece desconfortável com isso. Não sei se é porque ele gosta do que vê ou se é porque não liga muito para o que vê.

E sou covarde demais para perguntar.

– Você também – respondo, me impulsionando para o ponto mais fundo do rio, onde meus pés não alcançam.

É aqui que fico pedalando para que, quando eu voltar para casa, me sinta tão cansada que apague assim que cair na cama.

– Tenho pensado… – responde Beau.

– Pensar é exaustivo.

Rio baixinho, sentindo o movimento da água enquanto ele chega mais perto de mim.

Perto demais.

Tão perto que nossos joelhos se encostam.

– É mesmo. Voltei a fazer isso nos últimos tempos. Depois dos nossos mergulhos. Imagino todas as coisas que eu poderia fazer e como lidaria com elas. Como vou contar à minha família.

Eu o observo, assentindo devagar. Ele tem ido ao rancho com mais frequência, ajudando Cade e o pai. Acho que um pouco de sinceridade sem filtro fez bem a ele, afinal.

– A sensação dos meus pés queimando é um dos motivos que me fazem acordar. Eu os queimei quando andei pelo fogo para voltar pelos túneis. Eles ficaram tão destruídos, tão infectados, que eu tive certeza de que a infecção me mataria. Posso ter salvado Micah, mas, nos dias que se seguiram, quando nos escondemos naquela caverna, foi ele quem cuidou de mim.

– Você voltou a falar com ele?

Beau faz que sim.

– Trocamos e-mails de vez em quando. Acho que gostaria de ir visitá-lo algum dia.

– Você deveria fazer isso – concordo.

O silêncio da noite tranquila se estende entre nós.

– E como está indo a busca por emprego?

Seu olhar nunca deixa o meu. Não sou idiota de achar que ele não sabe como está indo. Eu diria a ele se algo tivesse mudado, e eu nunca ter tocado no assunto já é uma resposta.

– Está indo.

Eu me recuso a ficar dando uma de *rainha da coitadolândia*.

– Acho que precisamos sair. Ser vistos juntos. Nós meio que nos escondemos no bar e na nossa casa.

Nossa casa me assusta.

– Isso não basta – continua ele. – Precisamos ser convincentes.

– Mas você vai ganhar a aposta se eu não conseguir um emprego.

– Que aposta?

Reviro os olhos.

– A que você fez comigo. Que andar com você não me ajudaria a conseguir um novo emprego. Você sempre soube que eu sou uma causa perdida, e parece que tinha razão.

– Não me lembro de falar nesses termos.

Ele é tão sonso que me irrita, então faço uma onda com as mãos e jogo a água na direção dele.

– A aposta? O acordo? O noivado falso? O *não vamos fazer sexo*? Vou mandar te internarem se você continuar boiando aí, fingindo que não se lembra.

– Eu me lembro de forma diferente. Me lembro de dizer que você não precisava do meu nome ou estar comigo para conseguir um emprego, porque você já é inteligente, capaz e qualificada. Me lembro de achar que não tinha como as pessoas implicarem tanto com o seu sobrenome. Agora eu sei que esta cidade está perdida e que você é boa demais para ela.

Sinto um aperto no peito e uma sensação de formigamento sob minhas pálpebras. Nunca tinham me dito algo parecido.

Nunca.

Eu pigarreio.

– Enfim, bem, seja como for, você ainda deve querer ganhar a aposta.

Ele dá de ombros casualmente, embora as palavras que diz em seguida não tenham nada de casual.

– Nunca quis tanto perder uma aposta na minha vida. Nós apostamos algo mesmo, Bailey? Quais eram os termos? Qual é o prêmio para quem ganhar?

Pisco, tentando me lembrar. Não havia mesmo nenhuma vantagem para ele nessa história? Não pode ser.

– Bem, você disse que queria que sua família largasse do seu pé.

Ele dá uma risada irônica, desviando o olhar enquanto passa aquelas mãos enormes no cabelo molhado.

– Eles vão voltar a encher o meu saco no minuto em que você terminar comigo. Talvez até mais do que antes.

Uma onda de pânico toma conta de mim e, se até um minuto atrás eu estava quase com frio, agora estou com muito, muito calor.

– Então você está fazendo isso apenas por… por pena?

– Não, Bailey. Não é isso.

Sua voz passa de fria e controlada para rouca e grave, com um toque de aspereza.

– O que é, então? Você está brincando de ser o herói da minha vida?

– Estou aqui porque quero estar.

Balanço a cabeça.

– Não há nem sexo nesse acordo. Você deixou claro que não queria que passasse daquilo, então…

Ele me interrompe.

– Eu queria que passasse daquilo.

Meu coração, que batia tão forte a ponto de abafar todos os outros sons, parece ter parado completamente.

– O quê?

– Você não deveria perder sua virgindade em uma aposta. Eu não quero isso pra você.

– Eu pensei que não era uma aposta.

Sua mandíbula se contrai, tensa.

– É uma aposta por conveniência.

– Se você não soubesse que eu era virgem, teria me comido?

Ele fica inquieto, esfregando a barba com as mãos e resmungando.

– Meu Deus, Bailey.

– Você teria me comido?

Ele desvia o olhar para a leve correnteza do rio, antes de se virar para mim. Bem devagar. Há uma energia predatória na maneira como ele se porta, na maneira como se move.

– Todinha.

Talvez eu devesse me sentir lisonjeada, mas não me sinto. Estou irritada.

Com um riso de escárnio, vou em direção à margem, tentando esconder como me sinto ofendida por um homem que mal conheço se achar no direito de dizer o que devo ou não fazer com o *meu* corpo.

– Bem, eu rompi meu hímen com um brinquedo um tempo atrás. Então não tenho certeza do que é tão sagrado pra você. A virgindade é *minha*. Sinta-se à vontade para retirar esse meu feito do *seu* pedestal.

Eu me abaixo, pego minhas roupas, mal tendo tempo para me enrolar em

uma toalha antes de calçar as sandálias.

– Bailey…

Eu não quero ouvir mais nada. Quero que ele fique tão desconfortável quanto eu, então devolvo:

– Além disso, se você não fosse tão sem criatividade, saberia que há muitas coisas que podemos fazer além de sexo.

Então eu o deixo ali e vou embora sem olhar para trás.

21

Beau

Beau: Você tá em casa?
Bailey: Sim.
Beau: O que você tá fazendo?
Bailey: Bolinando.
Bailey: PQP. Eu quis dizer *BURILANDO*.
Bailey: Burilando meu currículo. Melhorando algumas coisas.
Beau: Nós realmente vamos pular essa parte do bolinar?
Bailey: Sim. Foi o corretor automático.
Beau: Por que seu telefone supõe que você queira dizer bolinar?
Bailey: Acho que o meu telefone te conhece.

– O que é isso?

Bailey aponta para a Harley preta e cromada, novinha em folha, que acabei de estacionar.

Comprei porque queria ter algo para fazer que não seja segurar meu pau enquanto penso em você.

Mas não digo isso. O que eu digo é:

– Minha nova moto – respondo, soando como o neandertal que sou perto dela.

– Mas por quê?

Ela levanta os óculos escuros, empurrando-os para o topo da cabeça. Sei como ela é, mas estudo seu movimento. Ela pintou as unhas de um lindo tom de pêssego que se destaca na pele bronzeada. Seus lábios estão brilhosos por causa do gloss, e uma gota de suor escorre bem entre os seios, que estão empinados em

um biquíni laranja pastel.

Imagino que a parte de baixo esteja combinando, mas me recuso a deixar meus olhos irem tão longe.

Hoje eu estou sob controle. Não vou ficar comendo com os olhos a garota de 22 anos deitada em uma espreguiçadeira, tomando sol no deque da minha casa.

– Porque eu quis.

– Você sempre quis ter uma?

Viro a cabeça e tiro o capacete.

– Não. Isso é um pré-requisito pra fazer a compra?

Seu olhar me examina de cima a baixo e depois de baixo para cima. Ela é descarada. E isso faz eu me perguntar por que continuo achando Bailey inocente ou tratando-a como se fosse feita de vidro.

A garota me disse na lata que há muitas coisas para fazer além de sexo, como se eu não soubesse que isso era uma opção.

Eu sempre soube que era. Assim como sempre soube que não seria o suficiente.

Ela cruza bem as pernas e desvia o olhar.

– Parece meio perigoso.

Me aproximo do deque, embora eu tema chegar muito perto dela.

Ficar perto dela tem um efeito inebriante.

– Pode ser nosso último dia vivos, Bailey. Temos que fazer hoje o que nos deixa felizes.

Seu olhar está de volta em mim, e ela ergue a sobrancelha. Bailey está silenciosamente esfregando na minha cara a conversa de ontem à noite.

Você teria me comido? Ela jogou essa pergunta em mim como uma bomba, sem floreios ou meias-palavras.

Eu a encaro, até que seus lábios macios se erguem em um sorriso malicioso. Ela abaixa os óculos escuros e se acomoda na espreguiçadeira como se estivesse me dispensando.

– Se eu não soubesse que você é um completo pé no saco, diria que seu novo traço de personalidade é a impulsividade.

Aí eu fico um pouco na defensiva. Depois de tantos anos de treinamento nas forças especiais, um dos meus orgulhos é ter aprendido a controlar meus impulsos.

Não dá para ser impulsivo nas missões. Você acaba morto.

Ou perdido.

Afasto esse pensamento tão depressa quanto ele aparece.

– Não sou impulsivo – resmungo, e olho para o riacho, pensando se deveria pegar meu equipamento de pesca e passar a tarde fora.

Afinal de contas, é sábado. Pessoas normais fazem coisas como pescaria aos sábados.

– Puxa, você quase me enganou.

Ela passa a mão pela extensão de seu braço esguio, como se estivesse aplicando mais filtro solar.

– Bailey… – digo seu nome em um suspiro.

De muitas formas, aprecio sua franqueza. De muitas formas, ela testa minha paciência.

– Você decide adquirir um hábito passageiro de beber no meu bar. – Ela levanta a mão, mostrando os dedos enquanto se prepara para listar todos os motivos que comprovam que estou fora de controle. – Você arruma brigas no dito bar.

– Eu não…

– Você fica noivo de uma garota que mal conhece, principalmente por diversão. Você compra um anel absurdamente caro para ela.

Bailey levanta o dedo e balança a mão para mim.

Um sorriso se abre no meu rosto. Não me arrependo daquele anel, nem por um minuto.

– Não vejo você reclamando, delícia.

Bailey me lança um olhar atrevido e, porra, ela parece ter a idade que tem quando faz isso. Rabo de cavalo alto na cabeça. Corpo macio e ágil esparramado na minha espreguiçadeira. Unhas pintadas com um brilho irritante.

– E agora você compra uma moto? Aparentemente, é só comigo que você tem medo de ser impulsivo.

Ela está fazendo malcriação. Quando inclina a cabeça, sinto vontade de pegar aquele rabo de cavalo espesso, dar um puxão e dizer para ela tomar cuidado com o tom de voz.

Enfio as mãos nos bolsos da calça jeans. Está quente demais para ficar por aí vestido com couro e brim sob o sol escaldante. Ou talvez ela seja a única a quem devo culpar por sentir que estou sem ar.

– Foi bastante impulsivo quando você gozou com força nos meus dedos, Bailey.

Os óculos escuros cobrem seus olhos, mas ela me encara. Consigo perceber pelo jeito como seus lábios se franzem e pelo jeito como ela cruza os braços sob os seios empinados e seus ombros sobem.

– Vista uma roupa. Vou te levar pra festa da cidade.

– Não, obrigada.

– Ah, é? Como está indo a busca por emprego, Bailey?

Ela empina o queixo, insolente.

– Ótima. Entreguei um monte de currículos esta manhã.

– E esta semana?

Seu maxilar estremece.

– Você está cansado de saber.

– Teve alguma resposta?

– Vai se foder – murmura ela, balançando a cabeça, claramente frustrada.

– Você não pode continuar deixando esses idiotas acharem que você tem medo deles.

– Mas eu não tenho! – retruca, e sei que toquei em um ponto sensível.

– Você é melhor do que eles, Bailey.

Nós nos encaramos em silêncio. Sei que ela nunca vai rebater o que acabei de dizer. Desconfio que, no fundo, nem ela acredita nas próprias palavras.

Mas eu acredito.

– Vá se vestir. Nós sairemos em… – levanto o pulso e olho no relógio – duas horas. Vou te levar pra jantar primeiro.

– Não.

– Tudo bem. Eu te levo vestida assim. – Faço um gesto para seu biquíni laranja. – Já que sou tão impulsivo, provavelmente vou quebrar a cara de todo filho da puta que olhar para você.

Ela fica de queixo caído. A falta de palavras me energiza, então deixo o capacete na moto e subo as escadas para tomar banho.

Mas não antes de parar atrás da cadeira dela, pegar seu rabo de cavalo, puxar sua cabeça para trás, dar um beijo em sua testa e dizer:

– Vamos dar assunto pra eles, minha delícia.



– Está todo mundo olhando pra gente.

– Não está, não – respondo enquanto checo a conta.

– Está, sim.

Não me dou ao trabalho de erguer os olhos. Sei que as pessoas estão boquiabertas.

Falando. Cochichando. Não ligo muito, mas Bailey liga. Ela manteve a cabeça baixa e passou a maior parte do jantar com a mão esquerda escondida sob a mesa.

– Só estão olhando porque estamos sentados lado a lado, o que é estranho pra caramba.

Ela levanta a cabeça na mesma hora e sussurra:

– Foi você que me puxou pra sentar do seu lado!

Eu sorrio, porque gosto quando ela fica toda arisca. Normalmente, odeio a sensação de estar encurralado em um canto em que eu não veja a porta ou uma saída fácil. É uma posição terrível. Mas valeu a pena não deixá-la sozinha do outro lado da mesa, exposta a olhares curiosos. Valeu a pena sentir Bailey tão perto durante uma refeição inteira.

Estendo a mão e coloco o braço sobre seus ombros, puxando seu corpo rígido para junto de mim. Então, abaixo a cabeça, resvalando a boca em sua orelha.

– Puxei mesmo, e puxaria de novo.

Quando ela inclina o rosto para mim, sua respiração toca meus lábios e seus olhos me examinam.

Estamos na churrascaria mais chique de Chestnut Springs. Está abarrotada de gente em uma quinta-feira à noite, que coincide com o início da semana da festa da cidade.

Mas, quando ela olha para mim com essa intensidade, tudo que está em volta desaparece.

Não sei como ninguém mais nota. Como ninguém *a nota*. É como se todos estivéssemos olhando para a mesma pintura, mas as pessoas desta cidade não a compreendessem.

Sem pensar muito, chego mais perto e deixo um fio de luz passar pela porta do nosso acordo. Dou uma brecha para ela me beijar.

– É melhor a gente ir – sussurra Bailey.

Seus lábios macios roçam minha barba rala, e sou transportado de volta para aquela noite em que ela entrou no meu quarto pela primeira vez, às 2h11. Aqueles mesmos lábios contra o meu peito. O calor em volta dos meus dedos. Minha total falta de controle quando se trata de Bailey.

– Obrigada pelo jantar.

Absorvo as palavras enquanto ela se vira e desliza para fora da cabine. Outro vestido leve, delicado e feminino, dessa vez azul, deixa seu rastro atrás dela no banco de couro.

Engulo em seco e a sigo, murmurando baixinho:

– Você vai ser a minha ruína.

Com as costas eretas, ela gira o anel de noivado no dedo enquanto as pessoas olham. Ela está desconfortável. Isso é visível em cada parte do seu corpo, e é por isso que logo volto a envolvê-la com o braço.

– Faz aquilo, delícia. Coloca a mão no meu bolso de trás. Você sabe que quer fazer isso – murmuro, antes de dar um beijo suave no topo de sua cabeça.

Alguém solta um arquejo em espanto, e segue-se uma leva de cochichos

rudes.

– Ele passou por muita coisa.

– A guerra muda as pessoas.

– Tenho certeza que é apenas uma fase.

Isso me deixa furioso e me faz querer deitar Bailey em uma mesa e beijá-la até que ela perca os sentidos, só para esfregar na cara deles. Porra.

Mas isso seria impulsivo.

Então me seguro.

Volto a beijar o topo da cabeça de Bailey e, embora eu saiba que provavelmente ouviu aqueles comentários cruéis, ela desliza a mão no meu bolso de trás e nós seguimos para o iluminado entardecer de verão.

Os sons da festa nos alcançam, vindos do final da Rua Rosewood. Buzinas soam, sinos tocam, crianças gritam. O ar cheira a pipoca e minidonuts de canela. Nós seguimos aquele aroma tentador pela calçada.

Meu braço apoiado em seu ombro, a mão dela no meu bolso.

E, durante todo o caminho até a festa, nenhum de nós se afasta.

22

Beau

Harvey: Não tenho te visto ultimamente.
Beau: Que coincidência.
Harvey: Tenho andado ocupado.
Beau: É? Com quem?
Harvey: Você sabe.
Beau: Não, eu não sei. Você não me disse nada.
Harvey: Olha só quem está reclamando.
Beau: Então tem alguma coisa que você queira me contar, velhote? Sobre você? Sua vida? Alguma novidade pra compartilhar?
Harvey: Não. Nada. Cuida da sua vida.
Beau: Covarde.

Ergo o martelo enorme sobre meu ombro uma última vez, lançando à frente com toda a força que consigo reunir.

Canalizo cada grama de frustração que borbulha dentro de mim – aquela sensação constante de que esta vida não é o suficiente. De nunca estar satisfeito.

Percebo que ando profundamente agitado e o tempo todo buscando, em cada canto, aquele algo mais. Aquilo que me dará alguma sensação de paz.

Imaginei que uma boa e velha brincadeira de festa resolveria o problema.

O martelo atinge a almofada, e o peso voa para o topo. O som agudo do metal ressoa, e as pessoas que estão ali olhando vibram. Eu me viro, todo vaidoso, igual a um adolescente que se exibe para a namoradinha.

Hoje, porém, tudo isso é para minha noiva. Flexiono os braços e beijo meus bíceps como um completo idiota. Mas não me importo. A garota rindo da minha cara faz valer a pena o constrangimento.

Dou um sorriso galanteador para ela. Bailey retribui com um ar irônico e revira os olhos.

– Muito bem, garoto – diz o homem da barraca, com um jeitão meio rude. Seu mullet, que termina com uma trança grisalha desgrenhada, balança quando ele aponta para a parede de bichos de pelúcia logo atrás. – Pode escolher o que quiser para você e seus músculos.

Uma moça grita meu nome, pedindo para eu escolher algo para ela, mas não é a voz de Bailey, então nem me viro para olhar. Em vez disso, analiso a parede cheia de pelúcias.

– O cavalo! – exclama Bailey.

Dou uma olhada, mas é pequeno demais. Não vou deixar Bailey andar pela festa da cidade com um prêmio minúsculo quando mandei bem pra cacete nesse jogo.

Também não vou substituir seu cavalo destruído por algum prêmio xexelento.

Ando em direção ao canto da barraca.

– Beau Eaton, não ouse escolher algo enorme.

Eu me viro para encará-la. Ela balança a cabeça para mim enquanto caminho para os braços de… um guaxinim gigante de pelúcia. O maior bicho de todos.

– Por que não, futura Sra. Eaton? – grito de volta, rindo tanto que minhas bochechas doem. – Você não adora a pedra enorme que coloquei no seu dedo?

– Beau.

Acho que é a vez dela de usar meu nome em tom ríspido.

– Você também gosta do meu enorme…

– Beau Eaton!

Ela corre até mim e tapa minha boca. Seus olhos brilham e seu cabelo solto dança ao sabor da brisa. Está radiante.

– Eu ia dizer *veículo*, delícia – murmuro em sua mão. Então me liberto e falo com o homem da barraca. – Vou levar o guaxinim gigantesco, senhor.

– Senhor? – O homem ri enquanto desprende o enorme bicho de pelúcia. – Acho que nunca me chamaram de “senhor”.

Quando ele me entrega o guaxinim, eu o dou imediatamente para Bailey, achando graça de como ele vai do queixo dela até os joelhos.

– Isso é ridículo – diz ela, espiando por trás de um ombro peludo do brinquedo.

– Completamente – concordo.

– Você quer que eu carregue isso a noite toda?

Jogo um braço sobre o ombro dela, ficando cada vez mais confortável em tocá-la. O movimento nem é planejado, eu apenas a puxo para perto.

– *Isso?* Quanta frieza. Ele merece um nome, não?

– Quem disse que é macho? – rebate Bailey, sorrindo para mim.

Mesmo com um guaxinim enorme em seus braços, ela finalmente parece à vontade.

Mas fico pra morrer quando ouço alguém dizer em um cochicho bem audível:

– Bailey Jansen carregando um panda vagabundo é a única coisa que faz sentido nesse relacionamento.

Como alguém ousa dizer isso para que ela escute?

Semicerro os olhos e estou a ponto de me virar, prestes a entrar em uma briga, mas Bailey age rápido.

Sua mão dispara e envolve meu pulso, dando um puxão forte.

– Não liga pra isso.

– Bailey, as pessoas não têm o direito de falar com você desse jeito.

– Ela não estava falando comigo. – Bailey me dá outro puxão, me incitando a sair dali. – Ela estava falando de mim. E isso não é novidade. Deixa pra lá.

Eu não consigo *deixar pra lá*.

– Não seja impulsivo – acrescenta, mas eu me viro sem pensar duas vezes.

Meus olhos pousam na garota que fez o comentário. Ela joga o longo cabelo loiro por cima do ombro, como se sua crueldade pudesse me impressionar.

Ela que se foda.

Entro naquele estado assustadoramente frio e calculista que me é tão familiar. Meu olhar varre a multidão, e juro que é como se estivesse vendo todo mundo pela mira de um fuzil. Aponto para a garota, isolando-a do resto, e projeto a voz, pronunciando perfeitamente cada palavra.

– Quero ver você falar mal da minha noiva de novo na minha cara.

Bailey se encolhe, mas a garota parece… confusa.

Eu a encaro, nem um pouco desconfortável com o silêncio que se instaura. Como não ouço nenhum pedido de desculpas, balanço a cabeça e levo minha garota para longe do confronto.

– Beau, você não deveria ter feito isso agora – sussurra Bailey, seca.

– Tem razão. Eu deveria ter começado a fazer isso há muito tempo – resmungo, e olho para a roda-gigante.

Bailey não responde e fica em silêncio enquanto esperamos na fila. Quando entramos em nossa cabine aberta, ela mergulha no banco diante de mim e coloca o guaxinim gigantesco ao seu lado para que eu seja obrigado a me sentar de frente para ela.

Eu a observo. A linha delicada de sua mandíbula, da qual tenho uma visão mais completa, porque ela se virou para admirar a vista. O arco do nariz. Sua

maneira pouco natural de evitar piscar.

Bailey seria uma péssima agente secreta. Parece um veado no meio da estrada, assustado com a luz dos faróis, paralisado.

Nossa cabine se move aos solavancos, parando e andando enquanto outras pessoas vão embarcando. Bailey continua sem olhar para mim, mesmo quando completamos metade do enorme círculo.

– Bailey.

– Humm.

Ela cruza os braços como se isso pudesse me manter longe.

– Vem pra cá.

– Estou bem aqui. Meu panda vagabundo e eu já ouvimos coisas piores. Já nem fico tão abalada. – Ela se vira, me dando o mais forçado dos sorrisos que já vi em seu rosto. – Fica cada vez mais fácil de ignorar.

Bailey desvia o olhar para longe. Uma indicação clara de que ela está mentindo.

Na verdade, tenho a sensação de que está ficando cada vez mais difícil de ignorar essa merda. E não sei dizer se nosso acordo está fazendo com que ela se sinta melhor ou se está causando mais sofrimento, porque as pessoas parecem pensar que a temporada de insultos ainda não acabou.

– Vem. Aqui.

Faço um gesto com a mão, chamando-a.

– Não, obrigada – responde, sem tirar os olhos do horizonte.

– Pelo amor de Deus, Bailey – resmungo enquanto me levanto, agarro-a pela cintura e caio de volta no meu banco com ela montada em meu colo.

– O que você tá fazendo?

Ela se assusta quando a cabine balança para a frente e para trás, violentamente. Os funcionários mandaram não ficar em pé, mas foda-se. Ela precisava de um abraço.

– Abraçando minha noiva.

Coloco as mãos em seus quadris, com os dedos abertos, logo acima da bunda. Nós dois olhamos para baixo, muito cientes das nossas posições. Bailey está de pernas abertas, uma de cada lado do meu quadril, e a bainha de seu vestido está levantada, na altura das coxas.

Ela engole em seco. Suas mãos estão em meus ombros.

– Eu disse não.

– Tudo bem.

A respiração dela está acelerada. Eu sei o que provoco em Bailey. Puta que pariu. Estou muito dividido, sem saber se devo ou não fazer isso.

– Pode ir se sentar do outro lado, se é isso que você quer.

Ela pigarreia e olha para a vista como se houvesse algo interessante lá, mas nós dois sabemos que há apenas fazendas.

– Não podemos ficar em pé.

Eu quase rio. Nós dois sabemos o que está acontecendo aqui. Que se dane a diferença de idade. Que se dane a aposta. Bailey e eu gostamos um do outro. Nós queremos um ao outro. Mas sabemos que não devemos complicar as coisas, porque esse acordo tem prazo de validade. Temos aí uma separação bem óbvia no horizonte. Algo que não vai ser nada divertido.

Então não rio. Inclino-me para a frente e dou um beijo suave no colo dela, logo abaixo do ponto onde suas clavículas se encontram.

Ela respira fundo, arqueando-se em minha direção.

– O que você está fazendo?

Ela pega na camisa social que eu vesti só para ela esta noite.

– Beijando minha noiva.

Arrasto a barba sobre seu colo, enchendo-a de beijos.

– Por quê?

– Porque eu quero.

Ela estende os dedos sobre meus ombros e os desliza pelo meu pescoço, e um arrepio percorre seu corpo.

– Mas ninguém está olhando.

Puxo a alça fina de seu vestido e a vejo cair, balançando frouxa sobre seu braço.

– Por que alguém precisa estar olhando?

Beijo o local onde sua alça estava e olho para ela. Com o sol do entardecer às suas costas, seu cabelo sedoso brilha como fogo negro.

A língua dela dispara sobre seu lábio inferior, tão carnudo, enquanto a boca se abre em uma respiração trêmula.

– Porque isso é pra ser uma encenação. Não é?

Eu a observo e ela me observa. Sua pergunta paira entre nós como o lembrete de um limite que ambos sabemos que não devo ultrapassar. Um limite que está se tornando mais opaco a cada dia que passa.

Quanto mais tempo passo com minhas mãos nela.

– Bem, Bailey…

Ela aproxima o rosto do meu, como se estivesse lutando para me ouvir por cima de todo o barulho da festa.

– Podemos encenar quando estivermos lá embaixo e aproveitar quando estivermos no alto – sugiro. – Que tal sairmos deste brinquedo com a roupa meio amarrotada?

Suas bochechas assumem um tom de rosa-vivo, da cor de seus lábios

entreabertos. Seu corpo vibra sob minhas mãos, e o ar ao redor fica completamente elétrico.

– Eu ia adorar – sussurra.

– Me diz se algo te incomodar, tá?

Deslizo a mão sobre seu cotovelo, não querendo nada além de dar prazer a ela, arrasada depois do comentário infeliz daquela garota. Bailey passou de vibrante e feliz para quieta e magoada.

Nunca mais quero ver aquele olhar em seu rosto. Quero curar suas feridas e prepará-la para enfrentar o mundo com confiança, sabendo que merece respeito e é forte o suficiente para exigi-lo.

– Tudo bem.

A voz dela falha, e seu polegar desliza sobre o osso atrás da minha orelha enquanto ela acomoda seu peso sobre a minha virilha.

Assinto para ele, rezando para o meu pau não ficar duro feito um mastro. Mas essa é uma batalha perdida.

Quando deixo meus lábios pousarem no topo macio de seus seios, o som vibrante daquele fio frágil do meu controle se rompendo ecoa em meus ouvidos.

Impulsivo.

A palavra se repete na minha cabeça enquanto minhas mãos percorrem o corpo dela. E eu não dou a mínima.

Ser impulsivo nunca foi tão bom.

Minha língua dispara, deixando um rastro de saliva brilhante sobre o decote de Bailey. Ela joga a cabeça para trás, e solta um gemido ofegante e indecente.

Aquele maldito gemido.

Toda a esperança de não sair deste brinquedo com uma ereção colossal evapora em um instante. *Puff*. Desaparece.

Volto a dar atenção ao seu peito. As coxas dela estão apertadas contra as minhas, e ela chega mais perto, se fundindo em mim.

Seus dedos mergulham em meu cabelo enquanto eu beijo seu esterno. Com calma, saboreio cada centímetro dela. Cada pequeno suspiro, cada gemido.

Quanto mais nos aproximamos do solo, da fila de pessoas, que sem dúvida irão nos ver, mais tensa ela fica. Bailey não é de se exibir. Ela sabe perfeitamente o que fazer para não chamar a atenção, e montar em mim em público definitivamente não está na lista.

– Bailey.

– Sim?

Meus lábios roçam a curva do seu pescoço. Ainda não a beijei.

Porque não sei se devo. Não sei se vou me recuperar.

Não sei se vou conseguir me afastar depois disso.

– Ignore-os – falo.

Passo os dedos por seus cabelos, bem do lado onde estão as pessoas, tentando bloquear a visão dela. Ficamos presos em um momento tenso e silencioso. Minha mão no cabelo dela, meu braço em suas costas, prendendo-a.

– Ignore-os – repito, enquanto voltamos a subir.

– É muito duro – sussurra no meu ouvido, parecendo um pouco derrotada.

Quando a multidão fica para trás e voltamos para o céu do fim de tarde, pergunto:

– Você está falando disso aqui?

E levo a mão dela até o espaço entre minhas pernas, até meu pau.

Ela respira fundo, mas não se afasta. Sua mão envolve a protuberância no meu jeans quase instantaneamente, como se ela não conseguisse se conter.

– Ou você está querendo dizer que vai ser duro aguentar as mordidas que eu vou te dar pra retribuir o chupão que você deixou no meu pescoço da última vez?

Não dou a ela a chance de responder: me jogo na direção da carne macia de seu pescoço e cravo meus dentes ali. Uma mão viaja por baixo de sua saia, agarrando sua bunda com força suficiente para deixar marcas lá também.

Ela ofega tão intensamente que sinto sua respiração soprando na minha nuca. Eu me afasto e olho para a mancha vermelha aparecendo no pescoço dela antes de encontrar seu olhar sensual. Os olhos de Bailey, antes tão cheios de preocupação, agora estão cheios de tesão.

– Você fica bem sendo impulsiva, Bailey – digo com a voz rouca antes de levantar a alça do vestido de volta para o ombro dela, optando por abraçá-la contra meu peito pelo resto do passeio.

Abraçá-la parece seguro. Mais seguro do que beijá-la novamente, do que mordê-la novamente. Melhor recuar agora antes que a gente perca a cabeça e vá longe demais.

23

Bailey

Não consigo dormir. Eu bem que tentei.

Quando fecho os olhos, vejo Beau.

Sinto o cheiro do Beau.

Sinto o gosto do Beau.

Ouço o Beau.

Sinto as mãos dele me tocando como se eu fosse sua de verdade. Sinto o pau que ficou duro por *minha causa*.

Meu cérebro só pensa em Beau, o tempo todo. Sinto como se ele fosse uma música num eterno *repeat*. Uma que não consigo tirar da cabeça.

Meu cérebro continua sem receber a mensagem que diz que todo esse negócio entre mim e Beau é uma farsa.

Chega a ser fofo um dia ter pensado que a coisa mais difícil era sair do modo bartender e entrar no modo sono.

Mas agora a sensação é pior do que a de andar em círculos a noite inteira, que geralmente me acompanha quando vou dormir. Muito pior. Estou andando em círculos, é verdade, mas em uma espiral descendente que não consigo interromper porque estou com tesão demais.

Pego o celular para ver as horas. O relógio marca 1h54, e programei o despertador para daqui a seis minutos. Então, nem adianta tentar dormir. Estou me preparando mentalmente para atravessar aquele corredor e estampar um sorriso no rosto. Um sorriso para fingir que não apalpei o pau dele em público, em um evento pra toda família.

Nem sei se Beau está aqui. Depois da festa, ele me acompanhou até em casa, me esperou entrar e disse que ia visitar Cade. Depois, bateu a porta e saiu.

Então fiquei sozinha, por conta própria. Com meus pensamentos maliciosos.

Minha cabeça me jogou em um buraco em que fico tentando imaginar como a cidade irá reagir ao que fizemos. Vou ser rotulada de prostituta barata. E Beau será o pobre soldado triste que está apenas tentando encontrar seu caminho. *Ele tem todo o direito de tentar se distrair*, é o que vão dizer.

Até já sei o que as velhas que se encontram para tomar café da manhã no Le Pamplemousse vão comentar.

Aquela Jansen imunda atacando o coitado do Beau Eaton.

Que menino abençoado. Que bom coração ele tem. Para um homem que testemunhou tanta coisa, ele certamente vê as coisas em cor-de-rosa quando se trata de mim e da minha reputação.

Talvez nós dois tenhamos subestimado o tamanho do ódio que essa cidade sente por mim, porque não acho que o fato de estar prestes a ganhar o sobrenome dele esteja ajudando em nada.

Pode inclusive estar piorando as coisas.

Antes desse noivado, eu andava pela cidade como uma sombra. Agora, é como se eu tivesse um grande alvo nas costas, sendo vigiada de perto por um bando de olhos invejosos que parecem me seguir em todos os lugares aonde vou.

Deitada de barriga para cima, pressiono as mãos contra os olhos, me preparando para me levantar. Afasto as mãos quando ouço o som de alarme do outro lado do corredor. O bipe estridente e repetitivo quebra o silêncio por alguns instantes. Vem seguido de um “Porra” áspero, então ouço os passos pesados.

Permaneço deitada em estado de alerta, ouvindo.

O clique baixo de uma porta. Passos mais suaves. E então… silêncio.

Olho o telefone. São exatamente 1h59. Um minuto antes do meu alarme.

Juro que consigo *sentir* Beau parado do lado de fora da minha porta. Estamos prendendo a respiração no mesmo ritmo. Esses encontros às 2h11 prejudicam nosso sono e nossa capacidade de pensar direito.

Uma batida leve. Um frio na barriga.

– Bailey?

Meu coração dispara. Essa não é a nossa rotina. Sou eu quem programa o alarme. Jogo as pernas para fora da cama, a camiseta larga caindo até o meio das minhas coxas e a temperatura do chão frio penetrando na sola dos meus pés. Com a mão na maçaneta, paro. Não sei por quê. Beau não me assusta nem me deixa desconfortável. Muito pelo contrário, na verdade.

No entanto, minha garganta está seca e meu corpo está tenso. Se minha mão não estivesse segurando a alavanca de metal, estaria tremendo.

– Sim? – pergunto.

– Está acordada?

Esboço um sorriso.

– Essa é uma pergunta muito idiota para um agente de elite.

– Abre a porta – resmunga, claramente exasperado com minha resposta.

E eu tenho culpa? *Foi* uma pergunta idiota.

Abro a porta para encarar meu soldado grandalhão. Seu corpo praticamente preenche o corredor, consumindo o espaço, o ar. Ele é uma silhueta na penumbra do corredor, iluminado pelo brilho suave do quarto atrás dele. Sua presença enigmática parece sugar todas as sombras do ambiente para dentro de sua própria escuridão.

Incluindo as minhas.

– Você programou o despertador?

Eu me aproximo dele, os dedos presos ao batente da porta para me manter no lugar, como se fazer isso me impedisse de alcançá-lo.

– Sim, mas não precisava. Passei a acordar às duas da manhã.

– E parou de acordar às 2h11?

– Bem, não sei. Não paguei para ver.

Mordo o lábio inferior.

– Então por que você continua me deixando programar o despertador e vir te acordar para dar um mergulho?

Ele dá de ombros e abaixa o olhar.

– Eu gosto de nadar com você.

– Então você fica aí deitado esperando que eu bata na porta?

Seus lábios esboçam um sorriso travesso.

– É.

Uma risada incrédula borbulha de mim.

– Beau. Eaton. Sabia que estou cansada pra caralho?

Ele parece uma criança, levemente envergonhado, mas não se preocupa em pedir desculpas.

Em vez disso…

Ele agradece sem dizer uma palavra.

Seu braço musculoso se estende para o espaço entre nós, e meus olhos precisam de um minuto para se ajustar ao que estou vendo na luz fraca.

– Isso aí é…

Toco a textura emaranhada, quase lanosa, do pelo da minha égua de pelúcia.

– Eu costurei.

Desencosto do batente e pego o bichinho com as duas mãos, correndo os dedos pela linha de pontos perfeitos na lateral.

– Você *a costurou*!

Beau esfrega a barba.

– É… Ela… bem… agora ela é um Franken-pônei.

Lágrimas brotam em meus olhos, e pisco rapidamente para afastá-las, sem arriscar fazer contato visual com Beau. Vou acabar chorando se fizer isso.

– Eu a encontrei em um parque, esquecida em um banco. – Traço as linhas da costura de novo e dou uma risada seca. – Agora sei que provavelmente roubei o brinquedo de outra criança. Mas, cara, naquele momento? Meu Deus. Parecia que o universo tinha me presenteado com algo que era para ser só meu. Eu não ganhava Barbies ou brinquedos, mas tive a Princesa Peach.

– Princesa Peach?

Eu fungo.

– É. Acabei trocando para *Peaches* em algum momento. Mas não vou mentir e dizer que não me senti, por muito tempo, como uma princesa andando por aí com esse bicho de pelúcia. – Lanço um sorriso para a eguinha bege. – Achei que ela estivesse em algum aterro sanitário a essa altura.

– Tive que vasculhar três sacos de lixo até encontrá-la.

A ponta do meu nariz arde.

– Depois peguei emprestado um kit de costura com a Willa.

– Por isso você foi até a casa do Cade?

Finalmente me obrigo a olhar para ele, suas feições másculas parecendo mais sérias na escuridão.

Ele dá de ombros.

– É. A Willa tem um monte de porcaria para fazer artesanato. Incluindo enchimento. Ela virou uma mãe toda DIY!

Sorrio com tristeza. *Como deve ser isso? Ter uma mãe que faz artesanato com você?*

– Obrigada – sussurro, acariciando a crina peluda e empelotada. Tocando o couro falso puído que cobre os cascos. – Muito obrigada mesmo.

Eu pulo em Beau, abraçando-o com certa violência, meu corpo se colando ao dele como um ímã que não consegue fugir da atração. Meus braços se prendem ao redor de seu torso, pressionando Peaches em suas costas, enquanto um sopro surpreso de sua respiração alcança o topo da minha cabeça. Sinto como se o tivesse espremido até tirar todo o ar de seus pulmões. E, ainda assim, sigo agarrada a ele. Depois de um tempinho, ele me abraça.

Eu suspiro. Me derreto nele. A casca protetora ao redor do meu coração amolece. Acho que nunca fizeram algo tão atencioso por mim.

– Não foi nada.

Ele está rouco. Sua voz resvala em minha pele, desce pela lateral do meu pescoço e causa arrepios em meus antebraços.

Ele dá um passo para trás, com as mãos nos meus braços, me afastando

quando tudo que eu queria era que ele continuasse me tocando.

– Vamos nadar – digo alegremente, tentando disfarçar a emoção, a confusão em minha voz.

Incapaz de continuar olhando para ele, eu me viro para colocar Peaches na cama, mas sua voz me detém.

– Não, Bailey. Durma um pouco.

Beau está com a mão apoiada no topo do batente. Como se o estivesse segurando. Do mesmo jeito que fez comigo. Até me dar o presente mais singelo do mundo e destruir todo o meu autocontrole de uma vez só.

– Mas você não gosta de nadar comigo?

O braço erguido faz seu bíceps saltar e seu ombro repuxar o tecido da camiseta. Lembro-me da maneira como Beau me prendeu a ele com aquele mesmo braço. De como me senti em segurança envolta nele.

– Eu gosto.

– Mas…

– Mas você está cansada. Eu também. E provavelmente já passa das 2h11. Nós dois precisamos dormir um pouco.

Concordo, franzindo os lábios e dando mais um passo em direção à porta. Em direção a ele.

Depois de todas as noites em que me arrastei com relutância para fora da cama, me sinto… magoada. Embora eu racionalmente entenda que sua escolha de não nadar esta noite não significa grande coisa, não consigo me livrar da frustração irracional que me domina.

Seguro na maçaneta, dirigindo a ele um sorriso fraco.

– É. Tá certo – digo, sem jeito. – Boa noite.

Seu olhar desce pelo meu corpo, depois volta aos poucos para cima, pousando em meus lábios por um instante.

Então ele bate a mão espalmada contra o batente duas vezes – de um modo muito casual – antes de se afastar. Por algum motivo, esse diálogo é pateticamente constrangedor. Nosso humor de costume está notavelmente ausente esta noite.

– Está tudo bem? – pergunto abruptamente, pisando no corredor enquanto ele dá o primeiro passo para longe.

– Claro que sim, Bailey.

Beau me dirige um sorriso tranquilizador por cima do ombro e então avança outro passo.

– Por que você não me beijou?

Minha pergunta ecoa no espaço vazio. Juro que parece reverberar por aquela casa enorme inteira.

Beau para e fica estranhamente imóvel. Ele não se vira para mim quando diz:

– Como é que você acha que esse chupão apareceu no seu pescoço?

Passo a mão na marca que eu sabia que estaria ali pela manhã.

– Não foi isso que eu quis dizer.

Ele suspira. Seus ombros sobem e descem como se estivessem pesados. Beau permanece de costas para mim.

– Eu te beijei bastante. O necessário para ser convincente. Eu não quero ultrapassar nenhum limite.

Para ser convincente. Meu estômago embrulha. Isso me faz sentir como se houvesse em mim algo sujo e indesejável.

– Entendi. – Estou ofegante. – Você não acha que vão estranhar se nunca nos beijarmos normalmente?

Ele se vira, com as mãos apoiadas nos quadris.

– Tipo, como um casal de verdade! – acrescento.

– Você vê muitos casais de verdade por aí se beijando na boca o tempo todo, Bailey? Porque eu não vejo. A maior parte troca apenas carinhos em público, não?

Faço que sim, engolindo em seco. Ele tem razão. Estou apenas cansada. E confusa.

– Para ser justa, também não vejo muitos casais se pegando na roda-gigante enquanto evitam os lábios um do outro.

Ele me encara, os olhos semicerrados.

– Existe algum motivo para você beijar meu ombro, mas não meus lábios? – indago. – O problema sou eu? Eu sei que as pessoas falam muita merda sobre mim, mas eu fiz algo que…

– Bailey, não termine a porra dessa frase – diz Beau, voltando a esfregar a mão na boca.

Ele parece bravo, e isso faz a emoção brotar em mim. Nos meus olhos. Na minha voz. Porra, estou com vontade de chorar. Posso sentir as lágrimas vindo, mas ouso responder, mesmo com a voz embargada:

– Se eu estiver fazendo algo errado, você vai me dizer, não vai? Para eu poder acertar quando tiver alguém de verdade e não fazer papel de idiota.

– Ah, foda-se!

Sua mão se afasta da boca, como se ele tivesse arrancado um pedaço de fita que o impedia de falar, e, em apenas dois passos longos, Beau chega até mim.

Para bem na minha frente.

Segurando meu rosto entre as mãos.

Me apoiando contra a porta.

E me beijando.

Sinto o batente pressionando minhas costas enquanto Beau me devora. Lábios firmes, língua macia, barba por fazer, mãos grandes.

Ele me *consome*.

E não há uma alma viva sequer aqui para ver. Somos apenas ele e eu em um corredor escuro. Isso é… Eu não sei o que é isso.

O chupão que ele me deu pulsa no meu pescoço, as pontas dos seus dedos deslizam pelo meu cabelo, ele acaricia meu queixo, tudo isso enquanto ele me beija até me roubar todos os sentidos.

Um toque de língua.

Um gemido.

A pressão do corpo.

Minhas mãos em seu abdômen. Em seu peito.

Por todo o tempo que nos beijamos, não me sinto a imunda Bailey Jansen. Me sinto uma mulher beijando um homem que a quer. Realmente a quer. Sem fingimento. Ninguém conseguiria fingir isso. Ninguém é *tão bom* assim.

Finalmente, o fogo entre nós cede. Beijos intensos e violentos se transformam em lentos e lânguidos. Ele se derrete contra mim, quadril com quadril. Minha panturrilha se esfrega na dele e minhas mãos repousam sobre seu peito, sem agitação. Apenas ali.

– Bailey… – murmura ele contra meus lábios úmidos e inchados. – Você não está fazendo nada errado. Você não fez nada errado. Qualquer um que fale mal de você é cruel e mesquinho e não merece sua atenção. Você é perfeita pra caralho.

Beau dá um beijo na minha bochecha e então se afasta para olhar profundamente nos meus olhos. Dedos longos e fortes deslizam pelo meu cabelo, ajeitando-o atrás das minhas orelhas. Suas mãos se acomodam em volta do meu pescoço, e ele me encara com tanta intensidade que não consigo evitar seu olhar, não consigo evitar sua voz e escutar o que ele está dizendo.

Eu assinto, fechando os olhos enquanto ele esfrega os polegares nas minhas maçãs do rosto, enxugando as lágrimas que ele nunca deixou que caíssem.

– Vá pra cama, Bailey.

Abro os olhos de repente. Meu corpo choraminga. *Acabou*?

– Vá dormir um pouco.

Não sei o que dizer. Nunca fui beijada por um homem mais velho e gostoso até perder o juízo e depois mandada para a cama.

Por isso, só faço que sim.

Ele concorda e se afasta. Quero gritar para ele voltar. Quero suas mãos em mim. Em todo o meu corpo. Dentro de mim.

Fico apoiada no batente, mole e atordoada com aquele beijo. Não foi meu

primeiro beijo, mas foi o primeiro que me deixou *desse jeito*.

Como se a casa pudesse desmoronar ao nosso redor que nós nem perceberíamos.

Como se eu estivesse segura.

Finalmente crio forças para formar palavras novamente enquanto ele se encaminha para o quarto.

– Ei, Beau?

– Sim?

Ele se vira, a mão já na maçaneta.

– Por que você me beijou sem ninguém aqui para ver?

O sorriso sutil que aparece em seus lábios me deixa com um frio na barriga. É cheio de promessa, sensualidade e experiência.

– Porque eu quis.

E, com isso, ele fecha a porta.

24

Bailey

Mordo o lábio e me obrigo a ficar quieta.

Depois, puxo a bainha do blazer.

A mulher atrás do balcão me observa, mas, ao contrário de Beau, não parece apreciar o que vê. Ela tem um ar crítico, notando minhas falhas a cada centímetro que seus olhos percorrem. Eles param em meu enorme anel de noivado.

– Posso trabalhar nos finais de semana. Meus turnos no bar geralmente não começam antes das cinco.

A mulher continua sem dizer nada. Meu currículo já está todo amassado, porque ela o segura com firmeza. De acordo com o crachá preso em sua blusa, o nome dela é Mary. Como é de se esperar de alguém que tenha um salão de beleza, Mary tem um cabelo perfeito. É de um tom dourado-escuro, com luzes alouradas.

Passo a mão suada pelos meus próprios fios enquanto ela analisa meu currículo. Meu cabelo pode até ser de um tom castanho-escuro comum, mas eu o considero uma das minhas melhores características: cheio e abaixo dos ombros – principalmente porque sempre passo muito tempo sem cortá-lo. Pego o carro e vou até outra cidade, porque o amo demais e sou paranoica demais para deixar que alguém de Chestnut Springs ponha as mãos nele.

Talvez, se Mary me conhecesse melhor, ela quisesse…

– Não estamos contratando.

Ela abre um sorriso forçado ao me devolver o papel. Fico atordoada demais para sequer erguer o braço e pegá-lo de volta.

– Mas tem um anúncio na vitrine. Diz que você está procurando uma recepcionista.

A emoção transparece em minha voz. Raiva? Frustração? Súplica? É uma combinação de tudo isso.

Ela vira a cabeça para a vitrine e para o cartaz de plástico pendurado nela.

– Ah.

Esse “ah” é tudo que preciso para saber que Mary está me enrolando.

– Me esqueci de tirar. – Em suas sandálias plataforma, ela cambaleia até a entrada, pega o cartaz e o leva de volta para a recepção. – Pronto – conclui, com um sorriso.

Mal consigo fazer contato visual com ela, mas me obrigo, porque me recuso a ser menos do que gentil, sensata e profissional. Dessa forma, as pessoas podem dizer o que quiserem sobre mim, mas nunca poderão provar.

Podem dizer que minha família é podre. Podem se recusar a me contratar. Mas o ônus sempre será delas, porque são elas que têm que conviver com o fato de saber que me odeiam sem um bom motivo.

– Obrigada pelo seu tempo – digo com calma, me virando em direção à porta. Quando encosto na barra de metal frio, dou meia-volta e acrescento: – Você precisa tirar o anúncio da internet também, já que a vaga está preenchida.

Dou um sorriso, mas inclino a cabeça de um jeito que mostre a ela que sinto o cheiro da sua mentira deslavada.

Empurro a porta e, assim que chego à rua, meu sorriso some.

O sol está forte. A calçada está quente. E, por algum motivo idiota, pensei que usar um terninho que comprei no brechó me faria parecer mais contratável.

Às vezes sou adoravelmente ingênua, até para os meus parâmetros.

– Afff! – O som sai irritado e agudo enquanto abro os botões de cima da minha blusa.

Eu a tinha abotoado até o pescoço – para minimizar a chance de ficar com cara de vagabunda – para cobrir o chupão do homem que já estava acordado e tinha ido trabalhar no rancho logo de manhã.

Um transeunte literalmente se esquiva quando desabotoo três casas para respirar melhor. Presentear os pulmões com um pouco de ar.

Estou cansada, frustrada e à beira das lágrimas.

Estava cansada na noite anterior?

Sim.

O beijo mais alucinante da minha vida foi a poção mágica que me fez dormir? Claro que não.

Estou mais cansada do que já estava e preciso de um café. Entro no Le Pamplemousse, o pitoresco café parisiense. Ellen, dona do lugar, é sempre fofa comigo. Tenho certeza de que me contrataria, mas não há vagas abertas. Ela cuida do lugar sozinha com o marido. Acho adorável que eles trabalhem juntos o

dia inteiro e mesmo assim não tenham vontade de matar um ao outro.

Fico corada ao entrar no ambiente movimentado. Minha pele esquenta em níveis vulcânicos quando entro na fila e sinto os olhos sobre mim, mas mantenho a cabeça erguida, olhando para a frente, fingindo não notar.

– … o pai dela voltou pra cidade.

Ao ouvir o cochicho de uma mesa ao lado, sinto o corpo inteiro estremecer.

Meu pai está na cidade? Não que isso importe. Ele nunca prestou muita atenção em mim, só sabia me culpar por merdas que não tinham nada a ver comigo, quando eu era criança. Mas na idade adulta? Não encontrou muita utilidade para mim. A única coisa útil que ele faz é manter meus irmãos na linha.

Alguém fura a fila na minha frente. Como se eu não estivesse ali. Como se eu nem existisse. Desvio minha atenção, como se a arte disponível para compra na parede de repente tivesse despertado meu interesse. Se eu fosse outra pessoa, daria um tapinha no ombro desse cara e diria poucas e boas…

– Meu querido.

Eu me viro em direção à voz e reconheço Willa, a noiva de Cade Eaton, parada a meu lado. Ela está com o bebê apoiado no quadril, uma cabeleira ruiva selvagem caindo ao redor de seu rosto deslumbrante e a indignação emanando dela em *ondas*.

– Você não acabou de furar a fila e fingiu que não viu a minha cunhada, né?

A voz dela está nas alturas. Para todo mundo escutar. O lugar mergulha num silêncio tenso. Daria para ouvir um pensamento. Quero me dobrar, como se fosse um pequeno pedaço de origami. Me transformar em algo completamente diferente. Algo que ninguém possa ver ou reconhecer. Talvez até criar asas para voar para longe.

– Tá falando sério? – O cara dirige a Willa um olhar irritado. – Ela é uma Jansen.

– Ela é uma Eaton. Mas, acima de tudo, é humana. Uma mulher. E você, amigo, é um babaca.

O homem ergue as sobrancelhas. Primeiro Mary e agora ele. Nunca deixo de me impressionar que em uma cidade pequena, mas grande o suficiente para eu não saber o nome de todo mundo, todos saibam o meu.

O homem continua imóvel. Para ser justa, acho que Willa o deixou em estado de choque.

O braço de Willa aponta para o lugar atrás de mim.

– Vai para o final da fila, otário. Quem é sua mãe? Eu gostaria de ligar pra ela e perguntar como ela te criou para colocar na minha lista de “o que não fazer”.

Olho para o chão, esperando que um buraco se abra sob meus pés. Uma

cratera que me engula inteira. Fui beijada por Beau e agora resgatada por Willa, e tudo isso é tão constrangedor que acho que está na minha hora de dar o fora.

Mas Willa apenas entrelaça seu braço sem bebê no meu e me leva para a frente, cortando o *otário*, do jeito que ele fez comigo. Então ela se vira e sorri para mim com um ar cúmplice, parecendo um pouco desequilibrada e muito satisfeita consigo mesma.

– Bom dia, Bailey.

Primeiro, olho para ela sem reação, e então digo abruptamente:

– Você é maluca.

– Eu sei. – Ela abre ainda mais o sorriso. – Cade diz que é uma das minhas melhores qualidades. Quer dizer… – Ela inclina a cabeça, considerando o que disse. – Além dos meus peitos.

Não consigo me conter. Toda a minha tensão transborda, e eu rio.

– Isso aí. É isso que gostamos de ouvir, não é, Emma?

A garotinha de cabelo escuro bate palmas, cheia de animação, e é impossível não sorrir.

– Ela é uma fofura.

– É, sim, obrigada. Eu concordo.

A expressão de Willa ao olhar para a bebê é de pura admiração. Puro amor. Isso me dá um aperto no peito.

A fila anda e Willa também, ainda de braço dado comigo quando damos um passo à frente.

– E aí, Beau conseguiu consertar seu cavalo de pelúcia?

Eu coro, pensando no presente encantador que ele me deu ontem à noite. Ou presente recauchutado? Reciclado? Não sei como chamar. Mas ele costurou meticulosamente. Quando voltei para a cama com Peaches, apertei-a contra o peito e respirei fundo. Ela não cheirava a mofo nem ao lixo ao lado do qual, sem dúvida, passou algum tempo naquele saco preto.

Seu aroma de citronela era o mesmo do sabonete de Beau. Tenho quase certeza de que ele a lavou e secou depois de repor o enchimento e consertá-la.

Ela cheirava a lar.

Pigarreei, percebendo que viajei por um minuto.

– Sim, ele conseguiu. Ela está praticamente nova. Só ganhou uma bela cicatriz para mostrar que é durona e tem uma história louca para contar.

O sorriso que toca os lábios de Willa é suave, diferente da expressão maníaca de antes.

– Meio como Beau.

– Tipo, ele me dá essas olhadas atravessadas e arrogantes desde que a gente era criança, mas depois vem e faz coisas legais. Como trazer Skylar Stone para se apresentar no meu casamento, sabe?

Willa me acompanhou até o caixa, tagarelando sem parar, embora Summer e Sloane já estivessem esperando por ela em uma mesa. Pedi café e ela pediu uma mimosa para mim. Agora estou sentada em uma mesa perto da janela, segurando duas bebidas, junto com as garotas, em uma manhã de sexta-feira.

A vida é muito louca.

– Ford é tão dramático… – Summer ri.

– Espera, então ele não é… louco como você? – Sloane sorri por trás de sua taça de champanhe, ainda vestida com a regata e o short colado que ela usou para dançar esta manhã.

– Agora fiquei sentida – responde Willa, séria.

Estou tendo algum tipo de experiência extracorpórea. Parece que fui convidada para sair com as meninas populares da escola. E agora elas estão sentadas ali, conversando sobre a vida pessoal, implicando uma com a outra, como se não estranhassem a minha presença.

– Mas é sério. – Willa dá um gole na mimosa. – Somos opostos. Acho que o corpo da minha mãe mandou toda a personalidade para mim e deu toda a nerdice e a necessidade de superação para o Ford. Ele provavelmente já fazia contas e criava planos de negócios desde o útero. Se ele se casar; a pessoa vai ter que falar a língua dos insuportáveis. Porque às vezes é exatamente o que ele é. Vez ou outra sinto falta de trabalhar para ele. Era muito bom deixá-lo enlouquecido.

Isso arranca uma rodada de risadas da mesa.

– Mas ele é um cara legal, vai – diz Summer. – Acho que você está dando a impressão errada a elas. Vocês têm essa implicância de irmãos. E eu sei que você faz de tudo para irritá-lo.

Willa apenas dá de ombros, com um brilho travesso nos olhos.

Summer se vira para Sloane e para mim.

– Vocês vão conhecê-lo no casamento e aí vão perceber que Willa está exagerando.

Elas falam comigo como se o fato de eu estar aqui fosse a coisa mais normal do mundo. Essas mulheres não me fazem sentir que estão me concedendo um grande favor por me deixarem sentar com elas. Elas agem como se fosse perfeitamente natural me incluir, e eu me permiti aproveitar esse sentimento.

Depois de tudo que aconteceu hoje, é bom ser acolhida.

– Mais uma rodada? – Willa olha para nós, já fazendo um sinal afirmativo.

– Mais uma? – Sloane não parece tão convencida. Sua mimosa parece intocada. – É sexta de manhã. Vou querer só mais um suco de laranja.

– É um brunch alcoólico, Sloane. É tradição. Vista seu tutu de menina crescidinha e entorna isso daí. Você precisa ir a algum lugar? Ou tá amarelando porque sua nova melhor amiga Winter está ocupada com o namoradinho?

Um beicinho se forma nos lábios de Sloane.

– Não, Jasper está em treinamento em Rose Hill, então a única coisa que me resta a fazer pra passar o tempo é dançar.

– Perfeito! – Willa dá um tapa na perna, coloca o bebê no colo de Summer e diz: – Eu sempre danço melhor quando estou bêbada.

Ela se levanta e desfila em direção ao balcão sem se importar com nada.

Há algo inspirador em Willa.

– Quero ser que nem ela quando crescer.

Não era minha intenção dizer isso em voz alta, mas as palavras escapam em um momento de admiração.

– Acho que todas nós queremos – diz Sloane num tom suave, assentindo.

– Falando em quando crescermos – intervém Summer –, quais são seus planos? Você não me parece disposta a trabalhar no bar para sempre, Bailey.

– Rá!

O champanhe me deixa mais relaxada, e solto uma risada que faz com que as pessoas se virem e olhem. Eu praticamente parei de me importar com os olhares de desdém que recebo. Mas Summer sempre foi gentil comigo, por isso sei que ela fez a pergunta na melhor das intenções. Provavelmente está preocupada com Beau.

– Deu pra notar?

Ela sorri para mim, mas não diz nada. Mesmo estando em Chestnut Springs há tempo suficiente para saber as histórias sobre minha família, continua me tratando como qualquer um trataria alguém que não conhece direito.

Talvez eu queira ser que nem Summer quando crescer.

– É, meu plano é sair daqui e ir estudar na cidade. Provavelmente cinesiologia e, depois, quiropraxia.

– Meu Deus, eu adoraria ter uma quiropraxista na família – diz Sloane, quase soltando um gemido. – Eu poderia pedir para você consertar minhas costas quando eu quisesse.

Os olhos cor de chocolate de Summer permanecem nos meus.

– Você seria ótima nisso.

– Obrigada. – Eu sorrio, erguendo minha mimosa.

– O que Beau acha de você se mudar para a cidade?

Congelo quando percebo a bola fora que dei. Por que diabos duas pessoas que acabaram de ficar noivas estariam planejando se separar tão cedo? Ou ela acha que Beau está planejando se mudar comigo e ainda não contou à família?

Disfarço terminando o gole e sorrindo enquanto devolvo cuidadosamente a taça à mesa.

– Nós vamos pensar no assunto quando a hora chegar. Não é tão longe assim. Mesmo agora, com o trabalho dele e o meu no bar, às vezes mal nos encontramos. – Balanço a cabeça. – E, se eu conseguir outro emprego, imagino que nossos horários fiquem mais caóticos.

Sloane dá de ombros e Summer me analisa, com atenção demais para o meu gosto.

– Eu entendo. Jasper e eu quase não nos vemos durante a temporada de hóquei. Os semestres letivos seriam a mesma coisa.

– O que você quer dizer com “se você conseguir outro emprego”? – pergunta Summer.

Eu suspiro, desviando o olhar para a janela na tentativa de esconder meu constrangimento.

– Ninguém na cidade quer me contratar, por causa do pai e dos irmãos que eu tenho. O bar foi o único lugar que me admitiu. Mas preciso de mais turnos, e não há mais turnos disponíveis, porque todos que trabalham lá amam dinheiro.

Falar sobre meus problemas com duas mulheres que me lembram princesas da Disney parece estranho, mas enfim.

– O gerente gosta de mim, mas não tem como ele demitir outros funcionários para me dar mais trabalho. Quando eu disse que estava precisando de uma grana extra, ele falou que eu podia me encarregar da limpeza, então também faço isso algumas vezes por semana. Com o tempo, fui promovida e recebi turnos melhores, mas não é o suficiente para economizar para a universidade.

– Ah, Bailey.

Sloane estende o braço sobre a mesa e segura minha mão. Tudo nela é suave e doce. Quase peço um abraço. Aposto que ela dá abraços excelentes.

– Eu vou te contratar.

Eu pulo na cadeira, segurando a mão de Sloane e olhando para Summer.

– O quê?

– Na academia. Eu mal tenho tempo para fazer meu próprio treino. Estou sempre na recepção, ou respondendo e-mails, ou pedindo isso ou aquilo. Só me diz qual é o melhor horário para você que eu me organizo.

Eu me endireito.

– Eu não quero que você me contrate por pena. Não foi por isso que eu contei isso pra vocês.

Summer dá de ombros e se inclina para trás em seu assento.

– Eu sei. Fui eu que perguntei.

Franzo a testa.

– Beau pediu pra você fazer isso?

– Tá falando sério? Beau trabalha o dia todo e depois corre pra casa ou pro bar pra ficar com você. Eu mal o vejo, muito menos falo com ele. Ele mal leva você à sede do rancho, parece até que quer te monopolizar. Vai ser divertido. Vamos ser cunhadas. Precisamos nos unir.

Uma pontada de culpa me atinge como uma bigorna. Talvez ela mude de opinião quando Beau e eu terminarmos.

Quando terminarmos.

Ignoro todas as sensações incômodas que isso me causa e concordo com um sorriso alegre.

– Eu adoraria.

Summer sorri, animada, segurando sua taça de champanhe para brindar comigo.

– Está contratada!

Eu preciso disso. Eu preciso disso pra dar o fora daqui. Eu preciso disso pra sobreviver e eu vou acabar superando a culpa.

Mas deixar Beau pra trás?

Isso eu nunca vou superar.

25

Beau

Beau: Acabei de chegar em casa. Cadê você?
Bailey: Qual é a preferência masculina no quesito pelos femininos?
Beau: Bailey, sério. Você não pode começar uma conversa desse jeito.
Bailey: Me responde só mais essa? É difícil saber. Na pornografia, elas são totalmente depiladas, mas eu sei que ali nada condiz com a realidade. Então, tipo, o que eu faço? Qual é a preferência geral?
Beau: O que você preferir. Qualquer cara que dê pitaco sobre seus pelos pubianos não merece estar entre suas pernas.
Bailey: Então um triângulo, ou talvez uma tira? Não consigo decidir.
Beau: Decida em outro momento. Sem me envolver.
Bailey: Mas o momento é agora. Estou no banho. Gilete na mão.
Beau: Por que você insiste em me perguntar essas coisas?
Bailey: Porque você provavelmente já viu muitos pelos pubianos.
Beau: Bailey, para.

Eu pensei que estivesse cansado quando entrei em casa. Uma noite em claro consertando Peaches, seguida de um beijo de verdade em minha noiva de mentira, quase não me deixou pregar os olhos. E, como se não bastasse, acordei cedo para trabalhar o dia inteiro com meu irmão muito rabugento.

Mas estou exausto.

Destruído, para ser honesto. Delirando, talvez. Nunca estive tão cansado como agora, e isso é impressionante para alguém que ficou preso em uma caverna no Afeganistão por vários dias.

Mas saber que Bailey está nua no meu banheiro, pedindo minha opinião sobre como deve aparar seus pelos…

Ando pela casa, tentando não pensar nisso. Vou até a geladeira e encaro uma cerveja, porque sei que ela vai aliviar a tensão. Mas não sei se é uma boa ideia. Eu achava que às 2h11 é que estavam me deixando doido, mas agora noto que Bailey pode estar mexendo com minha cabeça muito mais do que qualquer outra coisa.

Pego uma lata de kombucha. É igual à cerveja – fico tentando me convencer disso – e saudável. O estalo da latinha é satisfatório, mas o primeiro gole, não. Ainda estou agitado.

Preciso de uma chuveirada depois de um longo dia movendo gado de um lado a outro. Sim, um banho. Subo as escadas e passo direto pela porta que bloqueia a visão de Bailey tomando o banho dela.

– Oi. Estou em casa. Vou tomar uma chuveirada – digo, alto o suficiente para que ela possa ouvir.

– Ok. – Sua voz ecoa, clara, feminina.

Pois é. Essa chuveirada vai ter que ser fria. Deixo a água gelada e entro no box. Levo minha lata de kombucha comigo. É uma bebida um milhão de vezes menos satisfatória do que uma cerveja. Na verdade, quase tudo na minha vida agora parece insatisfatório.

Tudo, exceto Bailey.

Ela é uma lufada de ar fresco. Ela é empolgação, inocência e propósito, tudo no mesmo pacote. Senti falta dela hoje. Mal podia esperar para chegar em casa e vê-la. Passei o dia todo sentado nas costas de um cavalo, planejando maneiras de beijá-la novamente.

E ela está logo ao final do corredor. Perguntando como depilar seus pelos pubianos, depois de me dizer recentemente que há muitas coisas que podemos fazer que não sejam classificadas como sexo.

Eu me ensaboo e tiro a sujeira de um dia inteiro do meu corpo. O único contato que faço com meu pau é para lavá-lo rapidamente. Se eu ficar mexendo ali por muito tempo, sei o que vou acabar fazendo. E não quero ser o cara esquisito que se masturba enquanto a garota mais nova que ele deveria ajudar está na banheira a apenas algumas portas de distância.

Se depilando.

Antes que eu tenha tempo de pensar demais, saio do chuveiro, deixando a lata do péssimo substituto de cerveja esquecida na prateleira de azulejos, e enrolo uma toalha em volta da cintura.

Estou parado à porta do banheiro dela, batendo de leve.

– Oi?

– Você já decidiu? – pergunto.

Ouço uma risada leve do outro lado.

– Não. Ainda estou considerando minhas opções.

– E quais são elas?

Balanço a cabeça, um braço apoiado no alto do batente, a mão oposta pressionada contra a porta. Em pouco tempo, fui de *não seja o tiozão esquisito* para isto.

– Você vai me fazer ficar gritando as opções daqui de dentro?

– Está me convidando pra entrar? – respondo.

Há um momento de silêncio e então um simples:

– Sim.

Engulo em seco, avaliando o meu estado. Coração acelerado, toalha amarrada firmemente na cintura, cabelo molhado pingando nos ombros. É provável que meu descontrole esteja evidente.

Não é a primeira vez que a promessa de ter Bailey me deixa totalmente impulsivo.

Seguro a maçaneta, giro e entro no banheiro. O ar está denso de umidade, cobrindo o espelho com uma leve camada de vapor, e tudo cheira a lavanda. A cabeça de Bailey, com um coque preso no alto, desponta entre as bolhas na banheira.

Ela está perfeita pra caralho naquela banheira gigante – bochechas rosadas, olhos um pouco vidrados e lábios curvados para cima. Os azulejos de tom terroso combinam muito bem com os tons de seu cabelo e sua pele. Daria até para dizer que projetei esse banheiro sabendo como ela ficaria perfeita ali.

Olho fixamente para o barbeador rosa que descansa ao lado de um sabonete branco e cheiroso na borda da banheira.

– Juro que pensei que você seria covarde demais para entrar – provoca ela com um sorriso.

A água se agita sob a espuma. Sem dúvida, suas mãos estão se movendo sob a água.

– Você não me conhece tão bem *assim*, Bailey – respondo, fechando a porta.

Seus olhos percorrem meu corpo, devorando cada centímetro de pele exposta.

– Sei que você tem medo de perder o controle perto de mim.

Ela ergue o queixo como se tivesse me dito algo que me faria recuar, sair correndo.

Não é o que acontece.

– Não, meu medo é de que você se torne indispensável pra mim.

Ela respira fundo enquanto eu caminho confiante em sua direção.

– Tenho medo de ter algo que não mereço, algo que nós dois sabemos que causará uma confusão maior do que essa em que já estamos metidos.

Eu me ajoelho ao lado da banheira, apoiando meus cotovelos na borda e olhando para ela.

– Isso não é uma confusão…

– Estou com medo de ter que trabalhar o dia todo de pau duro pensando se você escolheu um triângulo ou uma tira.

Tudo que ela faz é me olhar e ofegar enquanto eu alcanço a água quente com sabonete e levo a mão de sua coxa até seu joelho. Chegando mais perto dela, sussurro em seu ouvido:

– E eu estou com medo do que vou fazer quando chegar o dia em que outro filho da puta estiver ajudando você a decidir isso.

Ela me olha atentamente: braços apoiados na borda, respiração entrecortada, olhos escuros brilhando como o rio às 2h11. Minha mão desliza para cima e para baixo em sua coxa, sem ir longe demais.

– Tudo bem, mas esta noite… você vai me ajudar ou vai fugir?

Eu reflito sobre a pergunta, dizendo a mim mesmo que eu *deveria* fugir, embora admita que não sei por que faria isso. É porque ela é mais nova? É porque me tornei quase obcecado em ajudá-la e me preocupo que tudo isso a deixe magoada no final das contas?

Ou estou preocupado que isso *me* deixe magoado no final das contas? Não sei se consigo mais lidar com a dor.

Ela pressiona minha mão sobre sua coxa, forçando meus olhos a deixarem as bolhas e encará-la.

Ficamos assim por um momento, e então eu digo:

– Vou ajudar.

26

Bailey

Achei que ele iria embora. Pensei que ele diria meu nome daquele jeito sério, como quem diz: *Oooooolha…*

Mas ele não fez isso.

E agora sinto um nó na garganta e fico sem saber o que dizer, então apenas assinto.

Meu medo é de que você se torne indispensável para mim.

Arquivo isso na gaveta das emoções que não sei como processar.

Reduzo a pressão das minhas pernas sobre a sua mão e procuro em seu rosto qualquer sinal de que ele possa recuar. De que ele esteja voltando a si e vá embora. Não quero vincular minha autoestima à aceitação de um homem, mas, se Beau Eaton sair pela porta me dizendo que isso foi um erro, não sei como vou conseguir olhar para ele novamente.

– Então… – Minha voz falha em uma garganta repentinamente seca. – Triângulo ou tira, o que acha melhor?

Ele se prepara para falar enquanto move o braço. Dessa vez, a mão sobe bem mais do que antes, em direção à parte interna das minhas coxas, muito perto da minha virilha, dolorosamente perto da minha boceta. Sua mão larga desliza sobre minha barriga, contornando o limite, enquanto as pontas dos dedos tracejam a borda do quadril.

Minha pélvis treme por reflexo contra a mão dele, cheia de sensações e pontadas estranhas. Não consigo vê-la através da espessa camada de espuma, mas, meu Deus, como eu sinto.

– Nenhum é melhor, Bailey. Eu já te disse isso. Para mim, vale o que você decidir.

– Mas do que os homens gost…

– Não. Não faça essa pergunta. Do que *você* gosta?

Ele está incrivelmente bonito ajoelhado ao lado da banheira.

Quero arrastá-lo aqui para dentro.

– Bem… – Umedeço os lábios, tentando formar palavras quando cada célula do meu corpo está pronta para explodir com a sensação dos dedos de Beau em meu quadril. Seu olhar faz com que eu me sinta exposta, embora a espuma esconda todo o meu corpo. – Não sei do que gosto. Normalmente, só dou uma aparada. Como tenho certeza que você notou na outra noite.

Sua risada em resposta é profunda e rouca. Exala sexo e experiência.

– Bailey, confia em mim – diz ele, a mão deslizando para cima e contornando minha cintura. – Não foi isso que eu notei.

– O que você notou?

Ele geme, fechando os olhos por um momento.

– Os sons que você fez – confessa ele baixinho, enquanto acaricia minhas costelas. – Como você estava molhada.

A lateral de sua mão roça a parte inferior dos meus seios enquanto ele continua seu ataque suave aos meus sentidos.

Eu gemo, fixada na expressão severa de concentração que toma conta de cada traço de seu rosto.

Sua mão grande e forte desliza pela linha central do meu tronco e envolve minha boceta.

– O jeito como você estremeceu quando gozou. – Seu polegar desliza sobre os pelos aparados. – Então não, Bailey. Eu não dei a mínima para isso. Eu estava ocupado demais me segurando para não deslizar o pau pra dentro de você.

Aqueles dedos não fazem um único movimento. Eles estão lá, mas ele não tenta nada. Estamos em um impasse, olhos fixos um no outro, ofegando mais do que respirando. Seus lábios estão tão próximos dos meus que não consigo deixar de olhar para eles, me lembrando do jeito como ele me beijou ontem à noite.

Com tanta intensidade. Como se não conseguisse se controlar o suficiente para se manter longe. Como se eu o tivesse feito perder o juízo, assim como ele fez comigo.

– Eu sei o que quero – murmuro.

– Ah, sabe?

Ele acha que ainda estou falando sobre depilação.

Mas não estou.

– Eu quero que você me beije.

Meus lábios se abrem enquanto eu respiro fundo logo após minha confissão e observo extasiada enquanto a língua dele desliza sobre seu lábio inferior.

A mão que estava na minha boceta se move para segurar o meu queixo

enquanto ele inclina meu rosto em direção ao dele e toma minha boca em um beijo devastador. Um beijo que me faz sair da água, tendo meu corpo puxado contra o dele por forças fora do meu controle. Ele me dá exatamente o que eu quero, como se não conseguisse dizer não para mim.

O ar frio atinge meus mamilos quando nossas línguas se encontram. Puxo o pescoço de Beau, segurando-o perto, sem querer que ele se afaste e interrompa esse momento entre nós. Enquanto seus lábios se movem habilmente contra os meus, sua barba rala deixa meu corpo quente e arrepiado.

O cheiro dele é quase doce, como limoncello.

Ele tem gosto de tentação.

Ele parece muito real.

Quando desaceleramos, ele deixa a testa pressionada contra a minha, o polegar acariciando o arco do meu lábio superior.

– Isso não está me ajudando a decidir. – Bufo, com uma risada sem fôlego.

Um suspiro profundo ressoa em seu peito.

– Muito bem, vamos dar uma olhada. Talvez isso seja útil.

– O que você…

Não consigo terminar a frase, porque Beau se levanta, passa a perna pela borda da enorme banheira e entra na água.

– Eu já tinha começado! A água está cheia de pelos – argumento.

Ele dá um sorriso torto e balança a cabeça enquanto joga a toalha no chão de azulejo, seu pau longo e duro balançando entre suas pernas antes de afundar na espuma.

– Fiquei preso em uma caverna por oito dias, delícia. Não dou a mínima para um pouco de pelo na água.

As mãos enormes em volta da minha cintura levantam meu corpo sem esforço. Ele me coloca na borda da banheira e, com movimentos suaves, remove a espuma da minha pele e do meu cabelo.

Minhas bochechas queimam enquanto ele me observa, os olhos focados entre minhas pernas antes de subirem. O peso do seu olhar é como uma ponta afiada deslizando sobre minha pele. É como se ele pudesse me perfurar se olhasse com mais intensidade.

Quando olho para baixo, minha pele está rosada, assumindo um tom mais intenso, e a espuma desliza por diferentes partes do meu corpo, escorrendo enquanto me desnudo completamente para ele.

Todas as noites temos nadado nus, então eu não deveria estar me sentindo exposta. Mas as luzes estão acesas e ele está olhando para mim como se estivesse me enxergando pela primeira vez.

A garota inexperiente em mim quer se esconder, mas a mulher que vai atrás

do que quer abre as pernas e se deleita com ímpeto no rosto de Beau.

– Bailey.

Desta vez, meu nome é menos uma advertência e mais um apelo.

– Triângulo ou tira? Tentei fazer o resto, mas fiquei meio sem posição.

Ele me toca agora, mãos calejadas deslizando pela parte interna das minhas coxas. Me abrindo. Olhos prateados queimando como brasa.

– Eu posso terminar pra você – murmura, movendo uma mão para pegar o sabonete e a lâmina.

– Você não precisa…

– Eu quero.

Ele me silencia com essa afirmação categórica. Quase tenho a sensação de que é mais do que apenas querer. Está mais para *precisar*.

Ele molha o sabonete e o passa sobre a minha intimidade e ao longo da minha virilha. Ele é minucioso e… dedicado. O que talvez explique por que sou capaz de ficar horas sentada aqui com minhas pernas abertas – sem entrar em combustão – enquanto Beau examina minha boceta com total atenção.

Estou aliviada por sua contenção e dolorida pelo desejo de ter seus dedos dentro de mim. De me sentir tão preenchida quanto fiquei noites atrás.

Mas ele não cruza essa linha. Beau faz espuma com o sabonete, esfregando-o outra vez sobre os mesmos pontos com a mão molhada. Sinto-me pulsar quando ele chega perigosamente perto de onde eu o quero. Minha excitação só está camuflada pelo fato de estarmos encharcados com sabonete de lavanda e água do banho.

– Tem certeza que está tudo bem? – pergunta ao pousar o sabonete e mergulhar a lâmina na banheira.

Olho de volta para ele. Olhos atentos, lábios entreabertos. Seu corpo esculpido está ajoelhado entre minhas coxas, e a maneira como ele me trata é segura, carinhosa. Como eu poderia estar menos do que bem?

– Eu confio em você – respondo calmamente.

Quando as palavras ecoam, ele se sobressalta levemente.

Sem dizer mais nada, abaixa mais a cabeça e usa os dedos para abrir meus lábios de uma forma que faz a lâmina deslizar em movimentos suaves e uniformes.

Jogo a cabeça para trás, e meus olhos se fecham.

– Porra – murmuro enquanto ele me segura.

A pressão da ponta dos dedos, o deslizar da lâmina, a consciência de que o rosto dele está *bem ali*.

Quando Beau termina um lado, passa metodicamente para o outro. Seus dedos grandes me tocam enquanto ele finaliza os pontos que não consegui

alcançar. Sinto minha excitação escorrer, mas finjo ignorar. Não há como ele perceber.

Tenho certeza que poderia gozar apenas com sua proximidade. Mas não gozo. Me concentro em respirar, em não tremer. Me concentro em desejar que um dos dedos dele deslize para dentro de mim – que ele ultrapasse esse limite.

Que ele seja ainda mais impulsivo do que já foi ao entrar nessa banheira comigo.

– Pronto – anuncia Beau, a voz ressoando pelo banheiro cheio de vapor enquanto ele massageia o pouco de pelo que resta em cima. Sua mandíbula está tensa, a testa levemente franzida. – Você já decidiu o que quer aqui em cima?

– Ah, você vai fazer essa parte, é?

Ele nem finge querer fazer contato visual comigo quando responde:

– Quando começo um trabalho, eu termino.

– Entendi.

– Qual formato?

– Sei lá. Acho que não me importo.

Tudo que me importa é gozar. Se depender da intensidade dos olhos de Beau, acho que o formato dos meus pelos não vai fazer diferença nenhuma.

– Triângulo – declara ele. – Se você odiar, pode mudar para uma tira.

– Ou você pode. – Minha voz soa grave, nada parecida com a usual.

Eu me sinto outra pessoa agora. Alguém bonita e poderosa, alguém segura de si e do que quer.

E o que eu quero é ele.

Ele engole em seco, assente, então se aproxima. Me seguro na borda de azulejos, e o canto pontudo se crava na minha mão. O enorme diamante no meu dedo anelar brilha sob a luz acima de nós.

– Ou eu posso – repete Beau, enquanto desliza a lâmina sobre a linha horizontal superior.

– Da próxima vez – acrescento, fazendo seus olhos finalmente se fixarem nos meus.

– Da próxima vez – repete, e parece que chegamos a um acordo.

Neste momento, percebemos que essa atração é mais forte do que qualquer coisa a que seríamos capazes de resistir.

Ou talvez, neste momento, tenhamos percebido que nenhum de nós quer resistir. Já resistimos o suficiente.

Beau baixa a cabeça e inicia o trabalho.

Ele é meticuloso. Sua mão se move entre nós – fazendo com que cada uma das minhas pernas se abra mais – e depois descansa sobre o meu ventre. O rosto dele está muito, muito perto. Ele parece um artista pintando em um cavalete ou

algo assim. Isso quase me faz rir. O que mais uma garota deveria fazer nessa situação? Arremessada tão longe da sua zona de conforto pelo soldado grandalhão.

Eu quase não me reconheço.

Depois que Beau raspa meus pelos em forma de triângulo com precisão militar, ele joga água, lavando todos os vestígios.

As pontas de seus dedos deslizam delicadamente sobre minha fenda, e eu estremeço. Um gemido sai dos meus lábios, alto o suficiente para ser ouvido sobre o barulho e o gotejar da água. Jogo a cabeça para trás, e tento esconder o constrangimento atrás das pálpebras fechadas.

Juro que ele rosna. Minhas pernas tentam se fechar em resposta, mas ele as interrompe antes.

– Se eu sair deste banheiro agora, o que você vai fazer?

Um calor atinge minhas bochechas e se alastra pelo meu peito. Meus seios estão intumescidos e meus mamilos estão quase dolorosamente duros.

– Fala, Bailey. Eu quero ouvir. Você acha que eu não estou vendo? Você cheia de tesão na borda da minha banheira? Se eu me levantar e sair agora, o que vou ouvir você fazendo do outro lado daquela porta?

Minha mente dispara. Uma pequena parte de mim quer fugir dele agora. Quer pedir para sair da brincadeira. Esse passo parece muito maior do que as minhas pernas podem dar.

Mas eu sou uma sobrevivente. E eu quero isso.

– Provavelmente vou me masturbar até gozar gritando o seu nome – admito, em um tom abafado.

As mãos dele sobem para a parte interna das minhas coxas, uma de cada lado, e seus polegares pressionam meus grandes lábios.

Ele está me provocando.

Eu me arqueio, provocando de volta.

– Acho injusto que você fique só se divertindo com a sua bocetinha linda enquanto eu fico de joelhos fazendo o trabalho pesado.

Um polegar sobe mais, roçando meu clitóris.

Solto um grito.

– Você não acha isso injusto, Bailey?

Outro golpe.

– Acho! – Minha voz sai em um gemido desesperado.

– Agora me pede para brincar com a sua boceta. Quero ouvir.

Eu umedeço os lábios, olhando para Beau cheia de tesão. Então, obedeço, o provocando.

– Por favor, Beau, brinca com a minha boceta.

– Porra, Bailey! – É tudo que ele diz antes de enterrar a cabeça entre minhas pernas e mergulhar a língua em mim.

Tento me segurar com uma mão em algo para sustentar meu corpo desesperado, enquanto agarro o cabelo dele com a outra. Me preparo para a onda de prazer mais avassaladora que já senti. Talvez seja por causa dos últimos cinco minutos de provocação; talvez seja porque ninguém jamais tivesse me chupado antes.

Talvez seja *ele*.

Seja o que for, isso faz minha visão escurecer, meu cérebro desligar, minhas pernas se abrirem ainda mais – se é que isso é possível – e eu me esfregar no rosto dele.

– Você é deliciosa pra caralho – diz, jogando minhas pernas sobre seus ombros.

Meus gemidos se transformam em choramingos quando ele me dá uma lambida de baixo para cima e arrasta os dentes sobre o meu clitóris antes de chupá-lo. Meus gemidos se transformam em gritos quando ele mete um dedo – e depois dois –, me alargando com todo o cuidado. Beau ameniza a ardência da fricção dos dedos com o prazer estremecedor de sua língua.

– Beau… Beau… Beau… – repito seu nome quando ele mete mais fundo.

Ele enfia os dedos em mim com força, sacudindo meu corpo enquanto me chupa, e eu grito seu nome. Uma onda de calor me atinge, desintegrando meus ossos no processo.

O orgasmo chega tão intenso que eu já não respondo mais pelos meus sentidos. Beau fica entre minhas pernas enquanto volto a mim. Ele me lambe, me chupa suavemente, falando como sou linda, e isso me deixa ainda mais obcecada por ele.

Retomo o fôlego quando ele afasta a cabeça e abro os olhos bem a tempo de vê-lo lamber seus lábios. Parece absolutamente satisfeito consigo mesmo, exibindo um sorriso diabólico no rosto ainda molhado com meu gozo e um brilho arrogante nos olhos.

– Nova regra, Bailey. – Ele aponta para minha mão esquerda, pendurada na borda da banheira, entre as minhas pernas. – Enquanto estiver usando esse anel, você é minha.

Meu coração dispara ao vê-lo agir daquele jeito primitivo, reivindicando meu corpo.

– Da próxima vez que você pensar em pegar sua caixa de vibradores para brincar sozinha, você vai me chamar pra te comer antes.

Eu me endireito um pouco, tentando parecer menos abalada do que me sinto enquanto faço que sim. Estou tremendo de excitação enquanto passo a língua

nos lábios.

– Tudo bem.

Ele se apoia para se levantar, e arregalo os olhos ao ver o que está apontando diretamente para mim entre suas pernas. Ele me observa cuidadosamente, ignorando completamente sua ereção monstruosa, algo que acho realmente desafiador.

Sinto vontade de tocá-lo. Imagino como seria a sensação de tê-lo na minha boca. Quero que ele me diga nos mínimos detalhes como ele gosta de ser chupado.

– Você é perfeita pra caralho. Sabia disso?

Beau se inclina, me beija ternamente e passa o polegar no meu lábio inferior, me fazendo sentir o gosto remanescente do meu próprio orgasmo.

Meus olhos se prendem aos dele, e a sinceridade ali me deixa em silêncio.

Tão em silêncio que o vejo sair da banheira, recolocar a toalha na cintura e me deixar ali sem dizer mais uma palavra.

27

Beau

Pela primeira vez em muito tempo, não acordo gritando.

Mas as dores-fantasma de queimação continuam. Meu primeiro pensamento é que isso é um progresso. Meu segundo pensamento é que são 2h11 e Bailey não veio ao meu quarto.

Eu deveria estar feliz pela minha evolução, mesmo tendo a sensação de que meus pés estão assando em uma churrasqueira embaixo das cobertas.

Mas só consigo pensar em Bailey. A garota que eu deveria estar ajudando em vez de ficar fazendo joguinhos.

Eu reparei muito nela hoje. O jeito como olha para mim. A facilidade em dizer que confia em mim.

Não deveria confiar.

E eu não deveria ter conquistado toda essa confiança. Ou ter dito as coisas que eu disse.

Pensei em atravessar o corredor e arrastá-la para minha cama. Fico para morrer ao saber que ela está bem ali, mas ainda fora do meu alcance, e que há uma data de validade para nosso acordo. Mas tem que haver, porque eu mergulhei muito mais fundo nisso do que deveria. Eu levei meu complexo de herói a níveis jamais vistos.

Esta missão em que me meti está mais do que comprometida, e ela não faz a mínima ideia.

Esfrego o rosto e rolo na cama para me sentar, pressionando os pés contra o chão frio. Mas isso não ajuda em nada a diminuir a queimação ou a agitação no meu estômago. Eu basicamente prometi a Bailey uma próxima vez, quando não deveria. Sei que deveria me afastar, mas queria que ela estivesse na minha cama, e não sozinha na dela depois do que acabamos de fazer. Quero que a “próxima

vez” seja agora.

Estou muito fodido das ideias. Fico em cima do muro. Digo *esquerda* e vou para a *direita*.

Digo a uma garota que a boceta dela agora é minha, como se eu fosse algum tipo de homem das cavernas obsessivo e excessivo.

Ela me deixa assim.

Estou tão perdido em pensamentos que nem a ouço se aproximar. Bailey entra em meu quarto sem bater, usando um shortinho minúsculo, uma regata ainda menor e com o cabelo totalmente desgrenhado.

– Me desculpa! Fiquei lesada de tanto que você me fez gozar, aí me esqueci de programar o alarme.

Com as mãos apoiadas na beirada da cama, o queixo quase encostando no peito, rio baixinho. Meus ombros se sacodem, e a risada sai como um suave sopro de ar.

– Ai, meu Deus, Beau. – Ela avança correndo, caindo de joelhos aos meus pés. – Você está chor… – Ela arregala os olhos quando se dá conta dos meus movimentos no quarto escuro. – Você está rindo? Eu pensei que estivesse chorando!

Bailey dá um tapa no meu joelho.

Levanto a mão, pressionando-a contra os olhos.

– Às vezes você diz cada coisa… Eu nunca sei o que vai sair da sua boca.

– Você me assustou!

– Você realmente acabou de dizer que ficou lesada de tanto que te fiz gozar?

Ela desvia o olhar, mordendo o lábio, claramente para não cair na gargalhada também.

– Bom… – diz ela, afetada, olhando para baixo para ajeitar o short. – É verdade. Foi o que você fez. E eu dormi feito uma pedra por causa disso.

Quero tocá-la, mas deixo a mão cair de volta na cama.

– Eu não deveria ter ido embora depois. Só não estou acostumado. Nunca tinha feito isso antes.

Ela sorri, virando seus grandes olhos escuros para mim, me deixando vislumbrar como ela ficaria de joelhos, olhando para mim com meu pau recheando a sua boca.

Balanço a cabeça e tento afastar essa imagem.

– Nunca ficou noivo? É, nem eu. – Ela gesticula, fazendo pouco da minha preocupação. – Está tudo bem. Eu não esperava que você ficasse.

Não há nenhum traço de mágoa em sua voz, nenhum traço de mentira. Ela não esperava que eu ficasse depois de termos tido intimidade, e essa percepção é como uma bota de aço na boca do meu estômago.

– Você teve pesadelo? – Ela continua como se o que acabou de me dizer não fosse algo terrível.

– Bailey, não deixe os homens se aproveitarem de você sem esperar nada em troca.

Ela se inclina um pouco para trás, sem dúvida surpresa com minha mudança abrupta de postura.

– Foi isso que você fez, Beau? Se aproveitou de mim? Com toda a certeza não foi o que pareceu. Para mim, foi como se eu tivesse pedido algo e você tivesse me dado. Aí, trocamos um aperto de mãos e nos separamos.

– Não trocamos um aperto de mãos.

– Se eu tivesse conseguido me mexer, teria feito isso.

– Meu Deus, Bailey.

– Olha só, eu sei que você está obcecado em me tratar como uma boneca de porcelana porque sou virgem, mas acho que você está confundindo minhas expectativas com as suas. O que aconteceu hoje à noite foi consensual. Não me sinto usada só porque estamos fazendo isso pelas aparências.

– Eu quero que você almeje mais para si mesma.

Ela solta uma risada baixa, e percebo que falei que nem um babaca. Falei de um jeito que parece até que o que aconteceu entre a gente foi um sexozinho barato.

Passo a mão sobre seu cabelo desgrenhado.

– Desculpa, isso soou muito errado.

Ela me encara, a tristeza brilhando em seus olhos.

– Eu quero muita coisa pra mim, Beau. Todo o meu foco está em fazer esse "mais" acontecer. É por isso que estou aqui. É você que pensa que eu não almejo mais pra mim. – A mão dela cobre a minha. – Você é *muita coisa*. Mas me acostumei a querer mais e não conseguir. Não me permito *precisar* de mais. É um luxo ao qual não posso me dar. Eu apenas continuo a caminhar em direção ao meu objetivo. Mas seria tolice pensar que não quero mais para mim.

Ela dá um tapinha nos meus dedos e se levanta, virando-se para ir embora, como eu fiz com ela antes. Eu achei que estivesse fazendo o que é melhor para ela.

Para mim.

Eu me senti arrogante e empolgado, pronto para provocar e fazer joguinhos, mas agora meus pés doem, e a cada passo que ela dá para longe de mim, meu peito também dói.

– Bailey – chamo no quarto silencioso.

Ela para, mas não se vira.

– Fica aqui – peço.

Parece que o mundo para por um momento. Como se eu tivesse me exposto e estivesse esperando ser julgado. É uma sensação estranha esperar pela decisão de outra pessoa quando sempre me orgulhei de ser um cara de atitude. Um tomador de decisões racional.

No entanto, isso não é racional. Estou agindo por instinto, algo que já fiz antes, apenas não com uma mulher. Normalmente, eu me preparo para as mulheres na minha vida como me preparo para qualquer outra coisa. Me permito imaginar todos os resultados – os piores possíveis – e então decido se vale a pena o risco.

Eu fiz esse exercício com Bailey na minha cabeça.

E acho que é isso que me trava.

Não quero pensar no pior resultado possível. Dói demais.

Depois de um instante que dura mais tempo do que eu gostaria, ela se vira devagar, como se tentasse não me assustar.

– Ficar aqui?

Não digo nada. Sinto-me exposto, curvado na beirada da cama, pedindo para ela ficar enquanto meus pés continuam a arder.

– Tipo, você quer ir nadar?

Engulo em seco e balanço a cabeça.

– Ficar aqui? Na sua cama?

Faço que sim, mordendo o interior da bochecha e me recriminando por ter agido como o velho Beau de antes. Agi de maneira confiante e controlada quando, na verdade, é *deste jeito* que me sinto por dentro: em pânico, machucado e solitário.

Devo estar deixando Bailey desnorteada. Não é justo necessitar dela assim. Não foi o que combinamos. Mas me importo cada vez menos com esse acordo e mais em mantê-la por perto.

– Se você está se oferecendo para transar comigo por pena, eu não quero.

Eu rio e abaixo a cabeça. *Essa garota*.

– Estou falando sério, Beau. – Ela se aproxima. – Se for para perder a virgindade, quero que seja delicioso. Não triste.

Solto uma risada seca e olho para o teto.

– Oi, Deus, sou eu de novo: me ajuda. Não estou à altura da minha noiva.

Ela aponta para o teto como se estivesse acrescentando algo mais à minha falsa oração.

– O mesmo pra mim, amigão. Me ajuda. Estou noiva do homem mais confuso do mundo.

Então ela passa por mim e sobe na cama.

– Você vai ficar? – pergunto, me virando para ela.

Ela puxa as cobertas e se encolhe com um resmungo.

– Não acredito que o exército deste país já achou que você estava apto para servir nas forças especiais. Vem aqui. Estou pregada.

Ela dá um tapinha no colchão com naturalidade e se joga de volta nos travesseiros como se fosse dona da porra toda.

Eu pensei que ela ficaria constrangida, mas eu deveria saber que isso não aconteceria. Bailey pode até se sentir desconfortável perto de outras pessoas.

Mas não comigo.

– Por que eu ganho a sua versão desaforada e todos os outros ganham a versão agradável? – pergunto enquanto me levanto, acendo a luz da cabeceira e vou para o banheiro da suíte.

Pego a loção hidratante, esperando que ela amenize a sensação nos meus pés, e volto para a cama.

Bailey dá de ombros. Seu cabelo escuro e bagunçado cai em volta dos ombros, e a bochecha, cheia de marcas de travesseiro, demonstra nitidamente que ela estava desmaiada antes.

– Eu já pensei sobre isso. Acho que é porque sei que você não vai me machucar.

Eu inspiro bruscamente, como se tivesse levado um soco.

– O que você está fazendo? – pergunta, continuando com seu fluxo de pensamento enquanto eu me sento ao lado dela na cama.

– Passando um pouco de hidratante nos pés.

– Como se costuma fazer no meio da noite – responde ela, secamente.

Eu bufo e continuo, apoiando um pé sobre uma coxa para espalhar o creme frio sobre a pele queimada.

Bailey observa em silêncio.

Olho para ela, e sua atenção se volta para mim e depois para o meu pé. Troco de posição para passar no outro. Eu queria poder dizer que eles estão melhorando, mas minhas mãos parecem estar esfregando carne viva. Rosno de frustração, me recusando a olhar para ela.

O silêncio entre nós é quase constrangedor.

Então Bailey diz, numa voz suave e melosa:

– “Ele esfrega a loção na sua pele.”

Eu caio na gargalhada.

Meus pés queimam como se eu ainda estivesse preso naquela porra de caverna, mas eu não ri naquela vez.

– Bailey! – Digo o nome dela em um suspiro, e meus olhos se enchem de lágrimas. – Por favor, me diz que você não acabou de citar *O silêncio dos inocentes*.

Sua risada melódica acaricia meus ouvidos, e a cama treme abaixo de nós enquanto rimos da citação mais assustadora que ela poderia ter encontrado.

Mas é a Bailey. Dizendo coisas aleatórias em momentos aleatórios.

– Mulher, você está descontrolada.

Eu seco os cantos dos olhos, sentindo o cheiro da loção sem perfume que, para mim, parece o de um hospital.

– Ah, para. Agora me conta por que estamos sentados aqui em silêncio, lado a lado, passando creme nos seus pés no meio da noite.

Eu ainda estou rindo quando ofereço uma explicação a ela.

– Dor fantasma de queimadura, de acordo com o Google.

– E o que diz o seu médico?

Eu resmungo.

– Beau.

– Eu não perguntei. Não sou muito chegado a médicos.

– Terapeuta?

Lanço um olhar irônico para ela.

– Você está dizendo que eu preciso de terapia?

– Eu faria se pudesse pagar. Você tem que se cuidar, Beau. Se não fizer isso por você, quem vai fazer?

Enquanto me repreende por não cuidar de mim mesmo, ela rasteja para fora das cobertas, indo até o final da cama. Então me olha, gesticulando como querendo dizer “vem cá”.

– Me dá um pé aqui.

– Aparentemente, você vai cuidar de mim.

Ela puxa meu pé para seu colo, envolvendo a pele sensível com gentileza. A sensação de queimação instantaneamente se abranda. Seus dedos delicados percorrem meus pés com um toque leve como pluma. Ela espalha o hidratante pelo meu tornozelo, pressionando com mais firmeza na parte de trás da panturrilha.

– Alguém tem que fazer isso.

– Pode muito bem ser minha noiva – digo, os olhos fixos em seu rosto.

Eu me pergunto se ela vai corrigir para “noiva falsa”. Eu usei o termo duas vezes esta noite. Estou testando nossos limites, esperando que ela me coloque de volta na linha.

Mas ela não o faz.

– Pode ser – concorda ela, com suavidade.

As mãos de Bailey trabalham, e nós dois nos perdemos assistindo aos movimentos, até que ela pergunta:

– O que você comeu naquela caverna por oito dias?

– Comidas do meu kit. Um gole de água aqui e ali. Não era muito, mas o suficiente para cada um de nós comer um pouco por dia. A comida acabou no dia anterior ao resgate. Micah estava faminto, então acabou comendo mais coisas sólidas.

– Então você simplesmente ficou sem comer?

– Eu não disse isso. E eu tinha que pelo menos ficar forte o suficiente para nos tirar dali quando chegasse a hora.

– Tudo bem. Então…

– Baratas.

Eu sorrio quando digo isso, pronto para vê-la fazer cara de nojo. Mas eu deveria conhecê-la melhor, a essa altura. Ela nem se abala.

Também não fica com peninha de mim por isso, que é a reação de todos quando falo sobre aqueles dias. Não quero pena. Quero me sentir normal novamente.

Quero sentir algo novamente, e, com Bailey, eu sinto.

Suas mãos continuam massageando meus pés, e seus lábios se abrem e fecham. Como se ela estivesse prestes a dizer algo, mas houvesse repensado.

– Era gostoso?

É o que Bailey diz. Ela é impagável.

– Foi o suficiente para me manter vivo. Não vou pedir isso num restaurante tão cedo.

Bailey sorri, mudando para meu outro pé e apoiando-o nas coxas.

– Falando em comidas deliciosas…

Eu rio da mudança de assunto, meus olhos se fechando enquanto a sensação de queimação vai desaparecendo.

– Tive um brunch com Willa, Sloane e Summer hoje. Bem, ontem.

– Que medo. Mas continue.

– Foi legal. Eu não estava tendo um dia muito bom. Eu me candidatei a uma vaga no salão de beleza e me disseram que a vaga já tinha sido preenchida. Alerta de spoiler: era mentira.

Passo a mão no rosto.

– Meu Deus.

– E aí um cara foi um babaca comigo no Le Pamplemousse.

– Bailey…

Ela faz um sinal para mim.

– Está tudo bem. Willa apareceu e… – Ela faz uma pausa, sorrindo e olhando para o nada. – Willa perdeu as estribeiras…

Isso me faz sorrir também.

– Ótimo.

Acho Willa incrível. Na verdade, todas as mulheres da família são.

– Elas ficaram um pouco confusas quando eu disse que estava economizando para ir embora da cidade. Eu provavelmente não deveria ter dito isso, mas eu só…

– Você é uma pessoa honesta. Tudo bem.

Ela concorda.

– Aí, Summer me ofereceu um emprego.

Eu levanto as costas ao ouvir isso.

– Ah, é?

Ela assente, franzindo os lábios, parecendo um pouco tímida em relação ao assunto.

– É. Mas, Beau… – Grandes olhos castanhos encontram os meus. – Você não pediu a ela, pediu?

– Não.

– Porque fica parecendo esmola, e normalmente eu já me sinto uma forte candidata a auxílio governamental. Eu ficaria envergonhada se você tivesse feito isso pelas minhas costas. Você já está fazendo o suficiente. Preciso conquistar algumas coisas sozinha.

– Não pedi. – Engulo em seco, meu corpo tenso.

Seus olhos estão atentos, sérios, me examinando.

– Jura que você não inventou um emprego para mim?

– Juro que não inventei esse emprego para você.

Bailey suspira profundamente, os ombros se suavizando enquanto ela solta o ar.

– Ok, ótimo.

– Eu… – começo a falar e então… paro. Mudando de assunto, deixo escapar: – Acho que quero me tornar bombeiro.

Ela para de esfregar meu pé e vira a cabeça.

– É mesmo?

– Pensei muito sobre o que você disse naquela noite. Sobre fazer algo que eu queira. E não quero passar o resto da vida trabalhando no rancho. É meio estranho mudar de carreira e começar algo novo nessa idade…

– Não tem nada de estranho. Você seria um bombeiro incrível.

Só mesmo Bailey para me apoiar mais do que eu mesmo sou capaz.

– Acho que muitas das habilidades que desenvolvi como militar poderiam ser aplicadas lá.

Ela morde o lábio da maneira mais perturbadora possível.

– É, acho que os bombeiros não realizam nenhuma missão secreta, então deve dar tudo certo.

Eu a empurro de leve com o pé, derrubando-a, e nós dois rimos.

Sempre implicando um com o outro.

– Beau Eaton, agente especial. – Ela faz um gesto com a mão como se meu nome fosse o título de um pôster de filme. – “Fazedor de perguntas óbvias. Depilador de periquitas.”

Eu me jogo nela com uma risada.

– Bailey, traga seu sarcasmo já pra cama.

Passo os braços por sua cintura, a puxo para mim e absorvo sua risada, deixando-a acalmar o que está dentro de mim, assim como suas mãos acalmaram meus pés. Bailey se contorce e grita quando eu a prendo na cama, me inclinando para desligar a luz da cabeceira.

Envolvo o corpo dela com o meu, do jeito que fiz naquela noite no rio. Tenho sonhado em abraçá-la assim desde aquele dia, então vou aproveitar, já que a oportunidade se apresentou.

Com meus braços em volta do seu tronco e minha perna em cima dela, Bailey finalmente se acomoda. Sua risada se transforma em um suspiro leve e contente.

– E seus pés, melhores?

Ela me aperta, pressionando as costas contra o meu peito. Beijo seu cabelo.

– Melhores. Obrigado.

– De nada – responde, com suavidade.

Fecho os olhos, supondo que chegou a hora de dormir. Mas eu deveria saber que é um erro supor alguma coisa quando Bailey está por perto.

– Ei, Beau?

Eu suspiro.

– Sim, Bailey.

– Por que você não me deixou colocar seu pau na minha boca?

Caralho.

– Achei que isso viria em seguida, saca? Você se levantou e estava com ele bem ali. Apontando pra mim como se eu fosse a escolhida. E eu estava pronta pra praticar, mas você foi embora antes de eu conseguir fazer minhas cordas vocais funcionarem novamente.

Qualquer fio de relaxamento que estivesse tomando conta do meu cérebro foi embora naquele instante. Rapidamente substituído por imagens em que empurro Bailey de volta pra espuma com aroma de lavanda e a deixo praticar com meu pau em sua boca.

– E você está pronta mesmo? – resmungo, irritado com o modo como meus desejos ficam incontroláveis perto dela.

– Sim, seria legal receber algumas dicas, pra eu saber o que estou fazendo

quando chegar a hora do vamos ver.

Hora do vamos ver. Isso significa *depois que isso acabar*, e eu não gosto nem um pouco da ideia.

Então eu a envolvo com mais força, sem deixar minha cabeça imaginar isso. Sem deixar meu cérebro planejar o pior resultado. O resultado inevitável.

Não consigo lidar com isso, então apenas digo:

– Vá dormir, Bailey.

Então passo a noite toda sonhando em ensinar tudo que ela quer saber.

Mas só aqui e só para mim.

28

Bailey

Beau: Cade me chamou cedo. Você estava apagada, então não te acordei. Mas também não queria que pensasse que eu simplesmente te larguei aí.
Bailey: Você me deixou café da manhã e um bilhete na ilha da cozinha. Por que eu acharia que você me largou?
Beau: Pensei que você olharia primeiro as suas mensagens. Não queria que pensasse que eu agiria assim com você.
Bailey: Eu não olhei. Você é a única pessoa que me manda mensagens. Obrigada.

– Por onde anda o Beau esta manhã?

Summer olha para mim de trás do balcão da recepção da academia. Está com uma expressão animada, ostentando um coque com o cabelo úmido nas têmporas, e veste uma camiseta regata bem justa da marca Hamilton Athletics.

– Ele disse que o Cade ligou, aí teve que sair cedo pra ajudar com alguma coisa no rancho.

Tento parecer alegre, observando a enorme academia, com pé-direito alto e espelhos perfeitamente polidos.

Sinceramente, não soube muito bem o que pensar quando acordei e descobri que Beau tinha saído. Não sabia se ele tinha trabalho mesmo ou se estava dando uma desculpa. Tudo começou como uma encenação, mas as coisas que estão acontecendo a portas fechadas fazem parecer bem mais do que isso.

Há algo fragmentado em Beau. Em seu espírito. Como se ele estivesse dividido entre várias versões de si mesmo e não soubesse qual escolher.

Queria que ele soubesse que não tem problema ser todas elas comigo.

Ele alterna entre solene, taciturno, brincalhão e sedutor. Começa sensual e

dominador e passa para introspectivo e sensível. Francamente, está ficando difícil prever qual será a versão do dia.

Está ficando difícil não querer todas elas.

Temos momentos de intimidade e depois ele vai embora como se nada tivesse acontecido. Não sei muito bem como agir em relacionamentos afetivos e estou percebendo que escolhi um sujeito bem complicado para praticar.

– Beleza, vou te mostrar o lugar e te apresentar a todos, para você se ambientar. – Ela bebe um gole de água e sorri para mim. – Quando você quer começar?

– A qualquer hora. Literalmente a qualquer hora. Hoje? – Estou parecendo desesperada? Talvez, mas não me importo. Pois *estou* desesperada. – Segunda-feira?

Ela inclina a cabeça, intrigada.

– Achei que você trabalhasse no bar durante a semana.

Eu dou de ombros.

– Sim, eu trabalho. – Isso não faz diferença. Estou acostumada a trabalhar muito. – Mas não me importo.

– Você vai fazer jornada dupla nesses dias? – Ela parece um pouco alarmada.

– Eu preciso do dinheiro – confesso.

– Você não precisa se explicar pra mim. – Summer rosqueia a tampa na garrafa. – Eu só… imaginei que Beau te daria uma ajudinha.

Mantenho o rosto inexpressivo.

– Ele está bem financeiramente – continua ela. – É um cara solteiro com quase nenhuma despesa. Investiu bem. Ele é…

Faço um gesto de desdém com a mão.

– Ah, com certeza. Eu só não quero depender dele, sabe? Precisei ser superindependente a vida inteira, então é difícil agir de outra forma.

Nem estou precisando mentir. Eu me orgulho de trabalhar duro, de me esforçar para ser diferente das pessoas que me criaram.

– Bem, por que não programamos seus turnos de acordo com sua agenda atual para que você ainda possa ter alguns dias de folga? Para ficar com seu homem.

Summer pisca para mim, como se fôssemos duas garotas que sabem o que a outra anda aprontando.

Sinto culpa na mesma hora. Ela tem sido muito gentil comigo, e eu estou mentindo na cara dura e usando o cunhado dela para me beneficiar.

Volto a pensar na minha cisma de mais cedo e pergunto:

– Beau pediu para você fazer isso?

Summer franze a testa, sem entender.

– Fazer o quê?

Mudo de posição, ficando nervosa de repente. Fazer essa pergunta provavelmente é má ideia, mas não recuo. Perguntei e pronto.

– Me contratar?

Summer me encara, ressabiada, mas o momento logo passa. Ela me surpreende com uma risada.

– Isso é engraçado, porque Beau seria realmente capaz de fazer isso. Os rapazes da família Eaton são protetores. Mas não. Se eu deixar aqueles bocós tomarem decisões de negócios por mim, eles vão querer se meter em tudo. Beau não me pediu nada, Bailey.

Meus olhos passam por seu rosto, e eu assinto.

– Tudo bem.

Ela assente e responde:

– Tudo bem.

Então passo as duas horas seguintes aprendendo as manhas da Hamilton Athletics.

Meu novo emprego.



– Vamos sair – anuncia Beau ao entrar em sua moderna cozinha de mármore.

Sua calça jeans e sua camiseta de gola V não tinham o direito de ficar tão justos no corpo.

Eu quero ser essa camiseta.

Olho para o meu top e meu casaco de moletom grande, enrolado na cintura.

– Vamos?

– Vamos. Vou te levar pra sair.

Volto a baixar os olhos, me perguntando se ele é cego, porque definitivamente não estou pronta para ir a lugar nenhum. Tenho um talo de aipo em uma mão, um pote de manteiga de amendoim na outra e estou encostada no balcão da cozinha fazendo um lanche.

– Estou de boa.

Sair nesta cidade é um exercício constante de humildade.

– Ah, está, é?

Seus olhos me examinam, lambendo cada centímetro do meu corpo. Ligando cada interruptor. Como eletricidade passando por um circuito, mudo de relaxada para hiperconsciente da presença dele num piscar de olhos.

Acho que hoje estou com a versão mais sexy de Beau.

– Estou. Toda vez que saímos, é um espetáculo enorme, com drama e cochichos. Comecei na academia hoje com Summer e trabalhei um pouco, então estou numa boa.

Minha resposta paira no ar entre nós, e seus olhos cinzentos brilham. *Estou numa boa*.

Nós dois percebemos que talvez isso signifique que não precisamos mais desse acordo. O que eu acabei de insinuar pisca como uma luz neon na nossa cara.

Mas fingimos que não significou nada.

– Não vou te levar pra sair em Chestnut Springs. Vamos pra cidade.

Isso me faz endireitar a coluna e encará-lo.

– Pra quê?

Ele dá um sorriso irônico.

– Pra gente se divertir.

A expressão dele está cheia de promessas, e não sei bem como interpretar.

– Só nós dois?

Ele assente.

– Só nós dois.

– Por quê? – volto a perguntar, principalmente porque estou tentando entender o que isso significa. Em que ponto nós estamos.

Beau mexeu comigo, e eu deveria ter previsto que isso acabaria em confusão.

Mais uma vez, ele me dá a mesma resposta simples.

– Porque eu quero, Bailey.

– Bem, eu não posso sair assim.

Dou uma fungada e tampo o pote de manteiga de amendoim.

– Por que não? – Detecto seu tom provocador e o movimento que ele faz, apoiando o quadril contra a ilha da cozinha e cruzando os braços, fazendo seus bíceps crescerem. Meus olhos são imediatamente atraídos para eles.

Porra, como ele é gostoso.

– Por quê? Olha só pra você. – Aponto o corpo dele. – Você está vestido assim e eu tenho que tentar combinar com você.

– Você combina comigo. E o que você está vestindo não tem a menor interferência nisso.

Tenho que virar o rosto, porque não sei o que fazer com essa frase. Tudo que sei é que não consigo olhar para Beau depois disso, então opto por colocar a manteiga de amendoim de volta na despensa, dando as costas para ele.

Sinto seu olhar queimando algum ponto entre minhas escápulas.

– E se eu disser que mesmo assim não quero ir?

Sinto-o se aproximando, sua voz caindo uma oitava enquanto ele acrescenta:

– Então terei que fazer o meu melhor para ser ainda mais convincente.

Um arrepio percorre minha coluna. Estou cheia de marra, mas a perspectiva de ir pra cidade com Beau, onde ninguém nos conhece, onde ele não é um Eaton e eu não sou uma Jansen…

É algo realmente tentador. Diversão é artigo raro para mim, então estou disposta a experimentar.

Mãos grandes pousam em meus ombros, e ele me vira para encará-lo. Seus dedos deslizam sob meu queixo, me obrigando a encontrar seus olhos.

– Bailey, eu não dou a mínima para o que você está vestindo. Pode ir assim, se quiser. Isso não vai me impedir de te levar para sair.

Minhas bochechas coram. Ele não é o Beau indiferente esta noite. Ele é… quase agressivo ao dizer o que quer. Isso faz meu peito vibrar e meu estômago se revirar.

– Nem pensar. Vou me trocar.

Eu me obrigo a soar indiferente, mas não sei se funciona. Imagino que o rubor em meu rosto tenha me entregado.

– E não use um vestidinho solto, Bailey. A gente vai de moto.

A ideia de passar uma hora pressionada contra Beau me fez corar ainda mais. Mesmo assim, mantenho a cabeça erguida ao me afastar, atravesso a casa espaçosa e sigo em direção às escadas que levam ao meu quarto.

Comecei a guardar todas as minhas roupas lá, embora meu trailer esteja no gramado praticamente aqui em frente.

Essa é outra coisa sobre a qual não conversamos. A onda de calor acabou e ainda estamos morando juntos.

Parece que a casa de sapê que construímos está começando a desmoronar.

Não preciso do ar-condicionado, mas continuo aqui.

Não preciso mais de emprego, mas continuo aqui.

Não preciso sair com Beau hoje à noite, mas vou sair.

Eu me agarro a ele, sentindo o vento nos açoitar enquanto disparamos pela rodovia em direção à cidade.

Em cada semáforo, ele estica o braço para trás e acaricia minha panturrilha até a luz voltar a ficar verde.

E nada disso parece falso.

29

Beau

Willa: Falei com o babaca do meu irmão. Basta dar os nomes na porta. O nome dele é Ford Grant Júnior. Podem procurar por ele se tiverem algum problema.
Beau: Júnior?
Willa: Sim. Ênfase no Júnior. Ele ama.
Beau: Por algum motivo, não acredito em você. Mas valeu, Wils. Te devo uma.
Willa: Tranquilo. Na verdade, você pode puxar os pelinhos da nuca dele e dizer que é uma lembrancinha minha. Ele adora.
Beau: Não vou fazer isso. Mas vou dizer a ele que você mandou um beijo.
Willa: Kkkk. Aham. Diz, sim. Isso seria ainda mais engraçado.

Já havia escurecido quando chegamos à cidade. Fiquei enrolado no trabalho e acabei voltando para casa mais tarde do que tinha imaginado.

Bailey está agarrada às minhas costas, seus braços firmemente em volta da minha cintura. Ela aperta mais forte toda vez que dou partida na motocicleta, e isso me faz querer ficar parando e acelerando a noite toda.

Sei que ela não demonstrou empolgação com a moto. Na verdade, suas palavras foram: *Não nos mate, soldado. As coisas finalmente estão melhorando pro meu lado.*

Depois, subiu na garupa e se segurou com força.

É um deleite sentir seu corpo, sabendo que ela confiou sua vida a mim. A noite passada, em que dormimos abraçados, ficou na minha cabeça o dia inteiro, e não vou negar que parte do motivo pelo qual eu quis fazer isso hoje foi para tê-la assim novamente.

Quero que ela volte a dormir comigo. Mas, considerando o nosso combinado,

parece ser um pedido audacioso demais.

Entrar na banheira e me refestelar nela provavelmente também passou dos limites.

Talvez Bailey tenha mesmo razão. Talvez eu seja *impulsivo*. Mas apenas no que diz respeito a ela. E eu não seria diferente.

Paramos em mais um sinal vermelho. O bar para onde quero levá-la fica logo à frente. Estico a mão para trás, viajando do joelho dela até a panturrilha. Esperando não tê-la assustado demais com a moto, eu a aperto de leve, de forma reconfortante.

Viro para olhá-la, e meu capacete esbarra no dela.

– Você está bem, delícia?

Ela faz que sim.

O semáforo fica verde, e em minutos paramos na frente do Gin and Lyrics, casa noturna que pertence ao incomparável Ford Grant, investidor e produtor musical mundialmente famoso e irmão mais velho de Willa. E é por isso que nossos nomes estão na lista VIP.

Neste bar ouve-se música de todos os tipos. Gêneros diferentes em noites diferentes. Shows de bandas um pouco maiores, noites de calouros para novatos. Hoje tem um DJ tocando. Não entendo nada do assunto, mas imaginei que passar uma noite na cidade seria um bom presente para Bailey, uma oportunidade para ela se divertir sem ter que ficar olhando para trás o tempo todo. Ela ainda é muito jovem. Precisa de um pouco de diversão na vida.

Quero dar isso a ela.

– Chegamos – digo, tirando o capacete e passando a mão pelo cabelo.

As mãos de Bailey percorrem minhas costas enquanto ela desce da moto. Lá dentro, a música vibra e, ao me virar para Bailey, ela parece animada.

Seus olhos brilham como pedras preciosas escuras, e ela arruma o cabelo levemente amassado pelo capacete, que logo em seguida cai como uma cascata de cachos por seus braços. Longo e solto.

Ela parece despreocupada.

Sandálias plataforma valorizam seus jeans boca larga e a pele em seu peito brilha com o reflexo das luzes da fachada. Ela está usando uma jaqueta de couro preta com um pequeno corte no cotovelo e um top estilo espartilho que me desafia a não ficar encarando seus seios como um daqueles babacas que ficam sentados no balcão do bar onde ela trabalha todas as noites.

Mesmo que eu seja um deles.

– Já ouvi falar desse lugar – murmura ela, arrumando o cabelo com os dedos. Há um sorriso suave em seus lábios. Um lampejo de antecipação naquelas profundezas de chocolate. – Você já veio aqui?

Balanço a cabeça, embasbacado ao constatar como ela parece diferente sob as luzes da cidade.

Parece mais alta.

Seus olhos não estão agitados, olhando de um lado a outro sem parar.

Parece que bastou ela deixar os limites de Chestnut Springs para ficar animada.

Até sua voz está diferente – menos açucarada e falsa. Mais sensual, como se ela não estivesse tentando ser outra pessoa.

Ela pode ser *ela mesma* aqui.

E eu não consigo parar de admirá-la.

– Beau? – Bailey se vira para me olhar, o cabelo esvoaçando sobre o decote, o quadril empinado.

Pisco rápido para voltar à Terra. Nem isso ajuda. Estou totalmente distraído por causa dela e acho que não vou superar tão cedo.

– Sim, desculpe. Não, nunca estive aqui.

Um lampejo de dentes brancos arranha seu lábio inferior carnudo enquanto ela considera a minha resposta.

– Ouvi dizer que é difícil conseguir ter o nome na lista.

Dou uma piscadela para ela, decidindo que preciso voltar ao meu modo confiante e deixar a minha versão deslumbrada aqui no estacionamento.

– Não pra gente. Willa nos colocou na lista VIP.

Ela arregala os olhos.

– Sério?

Prendo nossos capacetes na moto e dou um passo em sua direção, a mão estendida.

– Sério. Pronta pra curtir o nosso encontro?

Prendo a respiração. Uma pequena parte de mim se pergunta se ela vai me corrigir. Tínhamos um acordo, e nele não constava nenhum encontro para esta noite.

Mas eu quero que aconteça.

Ela olha minha mão com um sorriso que faz meu peito doer e entrelaça seus dedos nos meus.

– Pronta.

Eu subestimei a capacidade que esse lugar teria de fazer com que eu me sentisse claustrofóbico. Percebo que não estive em nenhum lugar realmente cheio desde

que saí das Forças Armadas. Eu vinha me mantendo recluso no rancho, naquela cidade, sem levar minha vida do jeito que deveria.

Eu me sinto intensamente livre e profundamente apavorado ao mesmo tempo.

Pego a mão de Bailey como se ela fosse minha tábua de salvação e vou entrando no bar. Meu corpo vibra, uma explosão de dopamina que só sinto quando compro algo idiota, faço algo impulsivo ou quando estou perto *dela*.

Bailey olha para mim, me carregando para dentro.

– Você está bem?

Ela parece outra pessoa. A pouco mais de uma hora de distância de sua cidade natal, num lugar em que ninguém a reconhece, ela se torna uma mulher diferente. Eu adoro todas as suas versões.

Mas essa daí?

Isso é tudo que eu desejo para ela. A empolgação em seus olhos, o rubor nas bochechas, o sorriso casual nos lábios.

O burburinho é vibrante, o baixo pulsa ao nosso redor, e só me resta concordar. Porque não sei se estou bem, mas percebo que ela está ótima. Sou atingido pela possibilidade de que ela de fato vá embora de Chestnut Springs, e na verdade nem eu desejaria que ela ficasse. Como alguém poderia querer mantê-la por lá quando ela desabrocha e se torna essa mulher eletrizante assim que sai da cidade?

– Para onde vamos? – pergunta.

– Não sei bem – respondo, puxando-a de volta, evitando que ela vá longe demais. Sem querer perdê-la de vista na multidão.

Sem jamais querer perdê-la de vista.

Meus olhos se deparam com uma seção isolada por cordas, a poucos degraus do andar principal. É semelhante ao que Willa descreveu, mas o homem que conversa com um segurança ao lado da entrada não corresponde exatamente à descrição que ela deu do irmão dela. Mesmo assim, a relação é inegável.

Cabelo quase como o meu, mas desgrenhado, opaco e sem graça, tal como ele próprio.

O cabelo desse homem é mais castanho-acobreado do que o ruivo vibrante de Willa.

Alto, para observar as pessoas de cima.

Ok, ele tem mais ou menos a minha altura. Um metro e noventa e três ou mais, o que eu acho que é alto o suficiente para “encarar” Willa de cima.

Olhos verdes como os meus, mas mais escuros, da cor do dinheiro – a coisa que ele mais ama.

Eu ri disso, mas não consigo ver a cor dos olhos dele no escuro. Só sei que o

sujeito está com uma camiseta verde com gola em V.

Senso de moda ok, mas claramente tentando se vestir como se fosse simples e despojado quando, na verdade, é um bilionário engomadinho.

Jeans. Botas gastas. Algumas pulseiras nos pulsos. Braceletes de couro de um lado. Pulseiras de contas e um Rolex do outro.

Tenho que rir da descrição que Willa faz dele. É tão… Willa. Mesmo assim, a descrição definitivamente me ajudou a identificá-lo.

– Por aqui – murmuro junto ao ouvido de Bailey enquanto a levo em direção aos dois homens entretidos numa conversa.

Um deles se vira quando nos aproximamos e, de perto, posso dizer que os olhos do sujeito realmente têm uma cor incomum. Mais parecido com jade do que o musgo dourado de Willa.

– Ford? – pergunto, inclinando levemente a cabeça e segurando a mão de Bailey.

Ele me encara rapidamente antes de fazer o mesmo com Bailey. Tenho que parar de ficar animalesco toda vez que um cara bota os olhos nela. Mas admito que há uma aura de sofisticação em torno de Ford Grant que sei que não possuo. E me pergunto se Bailey gosta disso.

No entanto, o olhar de Ford não se demora. Não há nada inapropriado ou rude nele.

– Você deve ser o Beau. – Trocamos um aperto de mão firme. – E Bailey – diz, virando-se para ela.

Bailey parece assustada quando Ford a cumprimenta, como se fosse alarmante o fato de alguém se dispor a esse gesto.

– Prazer em conhecer vocês dois. – Ford dá um sorriso. Não é um sorriso relaxado, descontraído, mas nem de perto é a carranca que Willa descreveu. – Tenho certeza que minha irmã só falou bem de mim para você – diz ele enquanto se vira e desengancha a corda de veludo vermelho. – Ela tem um talento especial pra isso – comenta, bufando e gesticulando para entrarmos.

Eu rio.

– Ela de fato tem um jeito especial com as palavras, mas sei que a intenção é boa. Só fico me perguntando o que será que ela disse sobre nós.

Ele sorri, apontando para uma mesa ao longo da pista de dança rebaixada.

– Bem, a mensagem de texto que recebi mencionou *o cunhado que parece o Falcon e sua noiva "de menor"*.

Bailey engasga e cobre a boca para abafar o riso. O enorme anel de noivado em seu dedo reluz. Eu só balanço a cabeça.

Porra, Willa.

– Se querem saber – continua Ford conforme Bailey e eu deslizamos em

nossos assentos, um de frente para o outro. –, eu acho que vocês formam um casal bacana e que minha irmã precisa de uma camisa de força.

Agora é a vez de Bailey soltar uma risada.

Ford pisca para ela.

– E podem dizer a ela que eu disse isso.

Ele bate algumas vezes no tampo da mesa e diz:

– Divirtam-se, pessoal. Precisando de alguma coisa, é só me avisar. Provavelmente estarei enfiado no escritório, para não ficar com essa merda de *dance music* nos ouvidos a noite toda, mas podem pedir ao Karl, lá na entrada, para me ligar.

– Obrigado por…

Eu paro, porque Ford já está indo embora. Eu o achei objetivo e profissional, mas não exatamente o grande babaca que Willa fez parecer.

– Uau, os genes dessa família são fora de série – diz Bailey, admirada, enquanto observa Ford ir embora.

Isso me irrita mais do que deveria. Eu me endireito e lanço um olhar irritado para ela.

Ela me encara com espanto.

– O que foi? – Bailey levanta a mão esquerda, mexendo os dedos para mostrar seu anel. – Estou noiva, não morta. E só um cego não notaria que…

– Bailey.

Eu a encaro sem graça, e ela apenas sorri.

– Está com ciúme?

Seus lábios esboçam um sorriso, e eu sei que ela está me provocando. Engulo tão em seco que até escuto o barulho.

– Estou.

Os olhos dela, que já são grandes, se abrem mais.

– Está falando sério?

Fico irritado por ela pensar que nenhum homem poderia ter ciúmes dela. Que ela tenha aprendido a se ver como tão indesejável que eu não me sentiria ameaçado por mais ninguém.

Para ser franco, este é um sentimento novo para mim. E não posso deixar de me perguntar se isso está despontando por causa da natureza do nosso relacionamento. Por ser uma farsa. Porque eu nunca tive inseguranças nessa área da minha vida.

Mas não digo isso a ela.

Eu me inclino sobre a mesa, apoiando os antebraços cruzados no tampo, e digo:

– Se você quer alguém para comer com os olhos, estou bem aqui.

Acredito que ela vá ficar desconcertada, mas esta noite ela não é a Bailey de Chestnut Springs. Ela se aproxima de mim.

– E se eu quiser alguém para comer de outra maneira? – Ela cospe as palavras, que me atingem como uma rajada de tiros.

Claro que uma empata-foda se aproxima da mesa bem nessa hora.

– Oi! Eu sou a Dani e serei a garçonete de vocês esta noite. Gostariam de algo para começar?

Bailey e eu nos encaramos por mais um ou dois segundos antes de cedermos às nossas boas maneiras e voltarmos nossa atenção para a garota.

– Eu quero uma margarita com gelo – responde Bailey, suavemente, como se não tivesse acabado de me desafiar a transar com ela.

– Eu quero uma Coca-Cola – rosno, sem desviar o olhar da mulher à minha frente.

A garçonete sai, e Bailey balança a cabeça lentamente.

– Não precisa ser ríspido com ela só porque você ficou de mau humor.

Eu pigarreio e me recosto um pouco na cadeira, me afastando de qualquer estado de agressividade de que estivesse me aproximando. Claro, Bailey tem razão. Ela é a única pessoa com coragem para chamar minha atenção quando estou sendo um babaca.

– Você tem razão – resmungo, contemplando a pista de dança movimentada.

– Já decidiu qual das suas versões vai usar hoje?

A pergunta dela me assusta. Eu me empertigo, hesitante.

– Como assim?

Quase tenho que gritar para ela me ouvir.

– Você. Você é inconstante. A impressão que eu tenho é que sou incapaz de acompanhar todas as diferentes personas.

Eu a encaro. Realmente encaro. O anonimato em um bar movimentado realmente a encorajou.

A coisa mais verdadeira que já disse a ela sai da minha garganta sem freio.

– Não sei mais quem eu sou, Bailey! – grito, do outro lado da mesa, ouvindo cada sílaba ser engolida pelos acordes do baixo.

– Quem você quer ser?

A pergunta é tão simples, mas me deixa perplexo.

– Não sei. Eu estava tão envolvido com meu trabalho. Agora não faço ideia. Fazendeiro? Parte da minha comunidade? Alguém que está sempre perto da família? Um bom tio? Um bom filho?

Bailey nega com a cabeça, lentamente.

– Não, essas são coisas que você acha que as outras pessoas querem que você seja. – Ela estica o braço sobre a mesa, o dedo indicador me cutucando no centro

do peito. – Quem *você* quer ser? Seja egoísta. Você já me disse que quer ser bombeiro. Por que está fingindo que isso não é mais uma possibilidade?

Eu não sei o que dizer, mas ela continua.

– Sabe o que eu quero? Quero um trabalho que me deixe feliz. Um trabalho que não exija qual deve ser a minha aparência, que eu tenha batalhado muito pra conseguir. Quero entrar em uma loja ou num café e ser recebida com alegria. Quero que me cumprimentem. Quero uma caminhonete chique com bancos de couro e tudo a que tem direito. Não quero passar despercebida o tempo todo. Quero parecer respeitável, mas também quero *ser* respeitável. Quero ser *respeitada*.

Ela tem uma vitalidade contagiante, e quero absorver cada gota disso. Basta estar perto dela para querer mais para mim.

Quero responder à sua pergunta com o mesmo tipo de fervor e segurança, mas a única coisa em que consigo pensar é: *eu quero ser seu, de verdade.*



– Quer dançar?

Bailey já tomou duas margaritas, e dá para ver que ela está se sentindo bem. Solta. Ela parece… relaxada.

Sorrio e tomo mais um gole da minha Coca. Eu seria capaz de matar por uma cerveja, mas tenho que pilotar de volta para Chestnut Springs, e minha carga é preciosa.

– Não sou um grande dançarino, Bailey. Pelo menos não desse tipo de dança.

Gesticulo para o DJ, baseado em um tablado na pista. Corpos saltam e se contorcem ao nosso redor.

– Gosta mais de um *country*?

Ela sorri para mim e dá um tapinha no meu ombro, então se levanta. Jeans abraçando os quadris, seios fartos e à mostra sobre o decote da blusa. Bailey nem desconfia de quanto é sexy.

Enquanto a observo se afastar de mim, ziguezagueando pela multidão em direção à pista de dança com a cabeça erguida e os ombros para trás, ela não parece jovem nem inexperiente. Parece uma mulher capaz de me deixar de joelhos diante dela.

Reparo que outros homens também olham para ela.

Meus olhos nunca a deixam. Seu cabelo brilha, refletindo as luzes azuis e roxas que vêm do alto. Quando ela encontra um espaço, se move com os braços tonificados acima da cabeça e de olhos fechados, balançando os quadris no ritmo

da batida sensual da música.

É um soco no estômago.

Ela é deslumbrante pra caralho. E confiante. Não consigo tirar os olhos. Não acredito que essa é a minha Bailey Jansen.

A Bailey Jansen antes quieta, nervosa, quase tímida.

Hoje ela não é essa pessoa, de maneira alguma.

Ela é alguém completamente diferente, e a transformação é notável. É uma alegria estar sentado aqui e vê-la desabrochar.

Alegria essa que acaba quando vejo uma mão deslizar em volta de sua cintura. Um toque de outro homem sobre os únicos centímetros de pele exposta entre sua cintura e sua blusa é suficiente para que ela abra os olhos imediatamente.

Seu olhar se fixa no meu, do outro lado do ambiente.

O cara grita algo em seu ouvido, e ela sorri, ainda me encarando.

Então, ela levanta a mão esquerda.

Eu vejo sua mão.

Mas ele vê o anel.

Vejo o cara rir e dizer mais alguma coisa antes de dar um tapinha no ombro dela e se afastar. O que é perfeito, porque ele acabou de liberar lugar para mim.

Eu me levanto e atravesso a pista de dança em direção à minha noiva. Não desviamos o olhar um do outro em nenhum momento. Quando chego perto dela, passo as mãos por sua cintura, naquele centímetro de pele exposta, como se estivesse expurgando o toque do outro homem.

– Bailey… – rosno contra sua bochecha, dando um breve beijo ali enquanto ela me envolve pelo pescoço.

– Beau.

Bailey diz meu nome como se fosse uma frase completa, assim como eu faço com o dela, e devolve o beijo na minha bochecha.

Puxo ela para perto, alinhando nossos quadris, me deliciando com a sensação dela balançando contra mim, sentindo a vibração da música alta que penetra em nossos ossos.

Com meus lábios em seu ouvido, confesso:

– Não tenho ideia do que estou fazendo.

A dança, minha vida, esse acordo com ela – estou me referindo a tudo isso. Não tenho ideia do que estou fazendo. E, sendo um homem que faz planos há tanto tempo, isso me amedronta.

Ela se balança contra mim, passando os dedos pelos cabelos bem aparados na parte de trás da minha cabeça.

– Você está aqui comigo. É tudo que eu quero.

Ela se vira e apoia as costas no meu peito, a bunda roçando no meu pau. Tento aceitar a ideia de que talvez não seja tão ruim assim não saber o que estou fazendo.

De que estar aqui com Bailey é o suficiente.

De que talvez ela queira mais do que esse acordo, por mais impossível que isso parecesse a princípio.

Passo a noite toda naquela pista de dança, sentindo o ritmo, enquanto Bailey dança junto a mim com um sorriso radiante.

– Beau, me leva pra casa – pede ela, finalmente.

Claro, estou mais do que feliz em fazer isso também. Mas, desta vez, não seguro apenas a perna dela no sinal vermelho. Estico a mão e agarro sua coxa durante toda a viagem silenciosa de volta para Chestnut Springs.

E eu juro que ela se junta a mim mais do que nunca.

Quando chegamos, percebo que provavelmente darei a essa garota tudo que ela quiser.

Um anel.

Sexo.

A eternidade.

30

Beau

Nosso silêncio nos acompanha pela casa. De alguma forma, o conforto entre nós aumentou, e a tensão também.

Ela vestiu uma camiseta vintage grande da Madonna, que chega até o meio de suas coxas, e lança olhares curiosos para mim através do espelho quando levo minha escova de dentes para o banheiro dela, para fazer minha higiene ao seu lado.

Entrei no meu banheiro vazio e então optei por escovar os dentes no dela?

Sim.

Não quero ficar longe dela e neste momento estou cansado demais para lutar contra isso.

Cuspimos a pasta de dente ao mesmo tempo e, sem jeito, vamos abrir a torneira. Nossas mãos se esbarram, e as puxamos para trás, como se o breve toque soltasse faísca.

Os olhos dela se fixam em meu peito nu quando murmuro:

– Desculpa.

Ela pigarreia, desviando a atenção.

– Não se desculpe. O que você está…

– Onde você está…

Nossas palavras colidem, encabuladas. Depois de uma noite divertida gritando um com o outro em meio ao barulho da música eletrônica, a casa está silenciosa demais.

Tudo muito íntimo.

Não temos como nos esconder.

– Posso ficar com… – começo, bem quando ela diz:

– Eu preciso me masturbar.

Minha frase morre em meus lábios.

– Oi?

– Você me disse que eu deveria trepar com você primeiro… – ela se endireita com orgulho, olhando para mim pelo espelho – na próxima vez que eu pensasse em…

Eu a encaro, odiando a mim mesmo por ter dito isso em um momento de fraqueza. Odiando ter pensado isso, odiando que ela esteja jogando isso na minha cara quando estou me sentindo tão vulnerável perto dela.

– Olha, você não pode simplesmente me devorar a noite toda na pista de dança e esperar que eu não sinta vontade – acrescenta Bailey. – Eu não sou um robô como você, aparentemente.

Continuo olhando fixamente para ela, lutando para me mostrar minimamente sob controle, mas ele está escapulindo por entre meus dedos como grãos de areia que eu não tenho esperança de conter.

Bailey se vira para mim, obrigando nossos olhares a deixarem o espelho. A tensão aumenta entre nós.

– Eu senti que você estava duro, Beau. Vai me dizer que não tava? – A voz dela assume um tom venenoso, frustrado. – Vai dizer algumas palavras de sabedoria maduras e condescendentes sobre o que eu deveria ou não deveria fazer com meu corpo? Porque…

Minha mão dispara para a frente, e pego seu cabelo. Meu punho está cerrado, e eu inclino seu rosto para perto do meu, ficando de igual para igual com ela.

– Bailey, para de falar pelos cotovelos ou eu vou encontrar outra maneira criativa de deixar sua boca ocupada.

Sua língua desponta sobre os lábios carnudos, que mais parecem um botão de rosa. Seus olhos são chamas furiosas.

– Ótimo. Quero ver.

Meu queixo estala quando puxo um punhado de seu cabelo grosso e sedoso. Quero virá-la e comê-la com força, metendo rápido, selvagem. Eu sei que ela está à altura do desafio.

Mas eu nunca me perdoaria. Me incomoda pensar que o que estamos fazendo aqui possa ser classificado como falso, quando é a coisa mais real que já senti na vida. E faz tempo demais que Bailey se contenta com restos.

Não. Quando acontecer, não vai haver absolutamente nada de *falso* entre nós. Ela não vai precisar de mim para pagar as contas – não vou tirar vantagem dela dessa forma. Quero que ela precise de mim sem nenhuma outra razão além de não suportar a ideia de ficar sem mim.

– Onde está aquela caixa de brinquedos de que você tanto fala? – rosno.

– Embaixo da minha cama. – Sua voz fica mais ofegante, uma mistura de

nervosismo e expectativa.

– Ótimo, me mostra.

– Te mostrar?

Solto seu cabelo, a puxo pelas coxas e a ergo em meus braços. Suas pernas envolvem minha cintura enquanto nos levo para fora do banheiro, direto para sua cama king-size.

Quando a coloco de volta no chão, ela recua. A parte de trás de suas coxas está encostada na cama e sua respiração está ofegante, assim como a minha.

– Quem você quer ser?

Essa pergunta de novo. Como se ela pudesse me enxergar por trás da névoa de confusão.

Seja egoísta, disse ela. E aí eu respondo com a primeira coisa que me vem à cabeça.

– Quero ser o homem que vai te ver gozar esta noite.

É verdade, mas isso ainda não é o suficiente. Eu quero ser bem mais do que isso.

O olhar de Bailey dança pelo meu rosto, e ela me encara e franze os lábios. Então assente devagar, e se senta na beirada do colchão. O brilho cálido da luminária na cabeceira faz sua pele lisa brilhar.

– A caixa está embaixo da cama, Beau.

Eu me agacho e estendo a mão, sentindo a borda fria de uma pequena caixa de plástico. Quando a pego, vejo que se parece com qualquer outra em que você possa guardar lembranças e objetos antigos. Eu a abro e encontro cerca de dez objetos diferentes. Vários tamanhos, cores e formas.

Engulo em seco.

Meus dedos percorrem a borda enquanto meu cérebro viaja para um lugar onde funciono apenas por instinto. Imagens de Bailey usando isso, se contorcendo, gemendo – no quarto ao meu lado ou em seu trailer do outro lado do gramado – passam pela minha cabeça.

Avalio minhas opções. Fino com uma segunda haste. Rosa-choque. Outro que parece…

– Olha, se vai dar pra trás, por que você não…

Pego o vibrador que parece um pau de verdade, grosso e com muitas veias. Fico de pé e pouso a outra mão em sua bochecha, passando o polegar sobre seus lábios carnudos. Empurrando-os para o lado e observando-os voltarem ao lugar.

– Bailey, o que eu disse sobre falar demais?

Ela abre um sorriso recatado e diz:

– Que você encontraria algo criativo para fazer com a minha boca.

Na verdade, seu sorriso não é nada.

Eu me inclino e sussurro “safada”, pouco antes de pressionar meus lábios nos dela. Quando passo a língua em sua boca, ela solta um gemido feliz e inclina a cabeça para trás. Enredando sua língua com a minha, suas mãos deixam a borda da cama e envolvem meu pescoço, me puxando para mais perto, me beijando mais profundamente.

Eu deixo. E, por vários segundos, retribuo seu beijo. Sentindo prazer na sensação de ser tão desejado. Tão necessário.

De me sentir tão *vivo*.

Quando finalmente me afasto, ela afasta os braços do meu pescoço, e solto uma risada grave e rouca.

– Foi isso que você pensou que eu quis dizer com *maneira criativa*, delícia?

Ela arregala os olhos quando passo a cabeça do pau de silicone por seus lábios.

– Abre a boca, Bailey.

Ela abre.

– Língua pra fora. Bem abaixada. Como se você estivesse implorando.

Ela crava os dedos no colchão e pressiona as coxas. Em seguida, abre a boca e põe a língua para fora, exatamente como instruí.

Sinto que meu pau vai rasgar minha cueca quando deslizo o brinquedo sobre sua língua e ela olha para mim. Pronta. Mamilos despontando por trás do algodão fino.

Empurro o vibrador, observando o pau de borracha preencher a boca de Bailey, seus lábios se afinando enquanto ela o envolve em torno da circunferência.

Porra, eu queria muito que fosse o meu.

Vai ser o meu.

Eu retiro o brinquedo, melado com a saliva dela, e então o enfio de novo. Mais fundo dessa vez, mas não muito. Vou deixar isso para outro dia.

– Posso meter mais fundo? – pergunto, movimentando o vibrador para dentro e para fora.

Ela concorda, e eu enfio novamente.

– Chupa, Bailey. Mexe a língua. Mas sem usar os dentes. Abre bem pra mim.

Eu a observo seguindo as ordens. Suas bochechas formam um vinco, e eu quase gozo na cueca.

A saliva cobre seus lábios, um fio se estende entre o brinquedo e sua boca quando eu o puxo completamente para fora e depois enfio mais lentamente. E tiro devagar de novo, observando os lábios dela se abrirem ao redor dele outra vez.

– Caralho, você é perfeita, sabia? – Eu a encaro quando falo.

Um pequeno gemido se aloja em sua garganta, e ela segura meus quadris, se preparando para o que vem a seguir. Segurando meu pau. Minha mão em seu cabelo acompanha delicadamente seu movimento.

– Você está indo muito bem, Bailey – murmuro no quarto silencioso, recuando um pouco.

Então ela ousa. Com a boca cheia, ela começa a alisar o meu pau duro como pedra.

– Porra… – falo, com um gemido.

Fecho os olhos.

Com a outra mão, ela puxa meu short para baixo e enfim pega nele. Mãos suaves e hesitantes vagam pelo meu corpo.

Há uma inocência nisso. É exploratório. E eu a deixo se aventurar. Meus quadris se movem para a frente involuntariamente.

Seus olhos voam para os meus quando uma mão desce para segurar minhas bolas, enquanto a outra se move para cima e para baixo no meu comprimento.

– Cuidado, Bailey.

Ela recua, seus lábios fazendo um som molhado no pau de borracha.

– Por quê?

– Porque meu controle acabou, e faz muito tempo que ninguém além de mim toca no meu pau.

– Então você vai gozar em mim?

Juro por Deus que seus cílios estremecem quando ela me faz essa pergunta.

Essa garota. As perguntas que ela faz. Mal consigo acompanhar. Não ajuda nada o fato de as mãos dela não terem parado de se movimentar. Jogo a cabeça para trás e gemo.

– Eu não tenho nenhum problema com isso – diz ela. – Eu adoraria, inclusive.

Meu corpo se contrai, os músculos tensionando sob seu toque.

– Bailey…

Ela solta um murmúrio em resposta, e há quase uma risada naquele som. Ela sabe que me deixa louco e fica molhada com isso.

– O quê? Estou tomando anticoncepcional. Você pode gozar onde quiser, e provavelmente seria…

– Meu Deus – digo, levantando-a.

Com minhas mãos em suas costelas, eu a seguro facilmente e a jogo de costas contra a pilha de travesseiros que a protegem da cabeceira. Subo de joelhos na cama.

– Você é uma provocadorazinha, sabia?

Os olhos delas estão enormes, desvairados, cintilantes. E essa garota… essa

garota está com um sorriso irônico no rosto.

A blusa dela está levantada o suficiente para que eu tenha uma visão fácil do short de renda vermelha que está usando. A maneira como ela está agora – pernas abertas, bochechas coradas – me deixa louco.

– Tira a blusa. Não vou ficar olhando pra Madonna enquanto vejo você chupar esse consolo.

Ela entreabre a boca, e eu penso em enfiar meu pau para ver como ela lida com o artigo genuíno. Mas ela nunca fez isso antes, então não posso me precipitar. Tenho que me controlar. Tenho que ir devagar com ela.

Ela precisa passar por cada etapa. Ela merece toda a ansiedade dos *quase*.

Bailey arranca a blusa, jogando-a de qualquer jeito para o lado. Eu me aproximo e me ajoelho entre suas pernas, observando todas as suas curvas.

Quero guardar na memória como ela está neste exato momento. Mamilos acastanhados, peito arfante, malditas marquinhas triangulares de sol, daquele biquíni que ela sempre usa.

Meus dedos percorrem a borda de sua calcinha de renda vermelha e se engancham nela, mas sem puxar ainda.

– Posso tirar?

Ela concorda, os olhos fixos nas minhas mãos. Bailey parece muito pequena sob elas. Retiro o tecido, aproveitando cada centímetro delicioso, dobrando seu joelho para liberar um lado.

Decido que gosto da calcinha largada em uma perna, enrolada em uma coxa, como se não tivéssemos nos importado o suficiente para tirá-la completamente.

Isso a faz parecer um pouco desgrenhada. Um pouco descontrolada.

Sorrio, olhando para ela.

– Tudo bem aí, Bailey? Preciso que continue falando comigo.

Ela assente, mas vejo uma pontada de pânico no movimento.

– Delícia. – Eu avanço, me inclinando sobre seu corpo esparramado, aquele que fiquei acariciando no meio de uma pista de dança há poucas horas. Seguro seu queixo gentilmente entre o polegar e indicador. – No momento em que você quiser parar, nós paramos. Entendeu?

– Ai, meu Deus. Por favor, não para. – As palavras saem em um suspiro intenso. – Apenas me ignore. Estou tendo uma experiência extracorpórea.

– Bailey. Eu não vou ignorar você.

Ela lambe os lábios.

– Deveria.

– Impossível. Estou memorizando cada pedaço seu – respondo com suavidade, antes de beijá-la de novo e sentir seu corpo nu se curvar sob o meu enquanto me acomodo sobre ela.

Suas mãos se enroscam em meu cabelo antes de correrem sobre meus ombros e descerem pela minha coluna. Perco a noção de quanto tempo passamos assim. Meu corpo largado sobre o dela. Seus lábios se fundindo com os meus. Meus dedos beliscando seus mamilos. Seus quadris se esfregando desesperadamente contra os meus.

Não a detenho quando ela alcança o cós da minha cueca parcialmente removida.

– Isso tá me deixando louca – murmura contra meus lábios enquanto a puxa freneticamente. – Tira. Eu quero sentir você.

Expiro contra a curva do seu pescoço, e ela se inclina para terminar de tirar minha cueca. Suas mãos voltam para o meu pau e o agarram. Seu toque é desajeitado e sem pudor. Quente e firme.

– Beau… – Bailey geme meu nome, e meu quadril pressiona o dela. Suas pernas me envolvem, seus calcanhares se prendem às minhas panturrilhas. – Mais.

Ela me puxa para mais perto.

– Bailey… – A cabeça inchada do meu pau bate na parte interna de sua coxa. – Cuidado.

Cravo os dentes em seu ombro, querendo deixar outra marca nela.

– Eu… – diz Bailey num suspiro, com tanto desejo que quase perco o controle. – Eu não quero ter cuidado.

Mordo o pescoço dela mais uma vez. Sua pele está quente, assim como a minha, enquanto nos roçamos um contra o outro. É extasiante. Seu cheiro. Seu toque. Suas palavras.

Agora nós dois estamos sendo impulsivos.

Eu me ergo acima dela, os olhos captando a marca vermelha que deixei.

Suas pernas estão abertas, sua boceta plenamente exposta. Rosa e molhada, enquanto suas mãos me puxam para mais perto.

– Bailey – rosno, e ela se posiciona.

Uma gota de líquido pré-gozo brilha na minha glande. Ela a limpa contra si mesma, esfregando-a em sua boceta encharcada. Seus olhos se fecham, e ela eleva os seios com aquele primeiro contato.

– Bailey – repito, estendendo a mão para segurar meu pau pela base, empurrando suas mãos para longe no processo.

Elas vão para os seus seios, beliscando, apertando, com aquele diamante enorme piscando para mim como uma luz de alerta para desacelerar.

Ela está enlouquecida, e é por *mim*.

E eu? Também estou enlouquecido por ela.

Mas ela está contando comigo. Confiando em mim para cuidar dela. Para não

ser impulsivo *demais*.

– Beau. – Seus olhos se abrem, me queimando com o calor que dança em suas profundezas. – Eu quero.

– Eu sei, minha linda. Mas não vamos nos precipitar.

Eu deslizo meu pau por sua boceta novamente, porque adoro sofrer.

– Eu quero que seja muito bom pra você, Bailey.

Ela se contorce e geme.

– Já está sendo.

– Ainda não.

Mal consigo pronunciar as palavras, vendo minha glande sair toda molhada.

Ela geme, alto, e abre mais as pernas.

– Quando?

Agarro o pau com força e pincelo a boceta dela outra vez…

– Quando eu disser, Bailey. Eu não te disse que essa bocetinha é minha agora?

Ela geme em resposta.

Deus do céu, eu sou fraco pra caralho. Meus quadris me desafiam. Eles avançam, e alguns centímetros do meu pau desaparecem dentro dela.

Nós dois congelamos.

– Caralho – rosno, sentindo-a pulsar ao meu redor.

Ela balança a cabeça lentamente de um lado para o outro no travesseiro enquanto repete meu nome.

Estou parado na beira de um penhasco. Metade de mim diz *Pula*. A outra diz *É melhor pegar um paraquedas primeiro*.

Eu me afasto e volto a meter só a cabeça do pau, observando-a se abrir para mim.

Meu Deus. Seria tão fácil simplesmente…

Não. Eu não quero ser descuidado com ela. Não é apenas o corpo dela. É a primeira vez dela. É o coração dela.

É o meu coração. É o meu problema em fingir. É o meu controle.

É por isso que me afasto e pego o vibrador que está esquecido no colchão ao nosso lado.

Substituo meu pau por ele e a vejo se contorcer.

– Porra! – grita, enquanto eu o enfio nela.

Não é tão grande quanto o meu, mas ela ainda treme quando eu empurro tudo para dentro.

Aperto dolorosamente o meu pau, como se com isso eu conseguisse, de alguma forma, cortar o fluxo de sangue e me manter calmo.

– Bailey, baby, use suas mãos. Mostra pra mim como você faz.

Olhando para mim, ela arrasta as mãos pelo corpo até segurar a base de silicone.

Ela pressiona um botão, e o objeto vibra. A umidade dela escorre pelo vibrador, e ela geme alto no mesmo instante.

– Está gostoso assim?

Ela assente em resposta, e eu uso minha mão livre para passar um dedo sobre seus grandes lábios, perfeitamente alargados pelo vibrador.

– Você tá linda pra caralho assim.

Seguro meu pau e bombeio uma vez. Ela se move no mesmo ritmo que eu, tirando e colocando o brinquedo de volta.

É a pior provocação do mundo vê-la se masturbar e desejar que fosse eu ali. Meu corpo lateja com isso. Na parte inferior das minhas costas. Atrás dos meus ossos do quadril.

– No que você pensa quando faz isso?

– Em você.

Porra. Ela nem hesita. Ela está de boca aberta, e as duas mãos estão se movendo entre suas pernas.

Passo o polegar em seu clitóris. As pernas dela tremem, e ela move o brinquedo em um ritmo mais cadenciado.

– Você está imaginando que eu tô te fodendo, Bailey?

Não consigo parar de olhar. Somos uma confusão de membros e fluidos.

– Estou – sussurra ela, lambendo os lábios.

Continuo massageando seu clitóris, a outra mão bombeando enquanto imagino como será fodê-la como eu quero. Com força, deixando-a completamente bagunçada. Reivindicando-a.

– Não sei, não, Bailey. Eu sou maior que esse brinquedo. Você acha que aguenta?

Ela engasga e enfia o brinquedo com mais força.

– Consigo, Beau. Porra, me dá.

– Te dar o quê?

Nossas palavras saem entrecortadas. Sem fôlego. Assim como cada movimento. Cada músculo e tendão tensos. Tudo sobre esse momento está pronto para ruir e desmoronar ao nosso redor.

– Seu pau – gagueja ela levemente, fazendo o melhor que pode para não perder o fio da meada.

Não sinto falta do rubor acentuado em suas bochechas. Ouvi-la dizer coisas que provavelmente nunca disse para mais ninguém me deixa ainda mais duro. Eu sou o sortudo que pode ouvi-la experimentar tudo isso.

– E a minha porra, Bailey? Você se contentaria com isso hoje à noite?

Um gemido estrangulado fica preso em sua garganta, e ela fecha os olhos por um momento. Então os abre devagar e dá uma mordida rápida no lábio inferior antes de dizer:

– Sim, senhor.

E isso basta. Eu perco o controle.

Com uma bombeada forte, eu gozo, a mão agora apoiada na parte interna da coxa dela, deixando-a bem aberta. O primeiro jato pousa em seu vibrador, aquele que ela usa para se masturbar ininterruptamente, mesmo quando eu me derramo nela. O jato seguinte cai em seu clitóris e desce escorrendo por seus lábios.

Ela usa o vibrador para empurrar meu gozo para dentro da boceta. E eu não tiro os olhos dela.

– Cacete – solto, perdendo o controle diante de tanta beleza.

Outro jato atinge o triângulo recém-aparado dela e depois sua mão.

Bailey não para de enfiar o brinquedo na boceta. Ela observa, com lábios entreabertos e pernas trêmulas, enquanto eu faço uma bagunça nela da maneira mais sacana possível.

Ela está quente, rosada e trêmula. Só preciso limpar o meu gozo da mão dela e esfregá-lo contra seu clitóris duro, pressionando em círculos, para que ela se desmanche bem diante dos meus olhos.

Bailey grita meu nome enquanto joga a cabeça para trás, expondo seu pescoço elegante.

– Meu Deus, meu Deus, meu Deus… – repete.

Seu corpo fica impossivelmente tenso, então impossivelmente mole.

Ela joga o brinquedo no chão e coloca um braço sobre o rosto, mas não faz menção de se cobrir.

Pressiono seu clitóris mais uma vez antes que minhas mãos explorem mais de seu corpo impecável. Elas deslizam sobre o interior de suas coxas. Sua barriga. Apalpo sua cintura. Aperto seus seios com delicadeza e beijo cada um.

E ela fica parada, me deixando tocá-la. Um silêncio recai sobre nós. Uma paz.

– Você é perfeita – murmuro, e dou beijos pelo vale entre seus seios. – Cada centímetro. Cada olhar. Cada palavra.

Ela passa as mãos pelo meu cabelo e faz carinho na minha orelha. Na minha nuca.

– Estou tão louco por você que chega a ser ridículo – confesso, quase num sussurro, e então beijo seu umbigo.

Ela estremece, seus dedos deslizando pela parte de trás do meu pescoço.

Não espero que ela diga alguma coisa. Nem que sinta o mesmo que eu. Sou velho demais. Ela é jovem demais. Boa demais para mim.

E é por isso que fico atordoado quando ela sussurra:

– Não sei bem de onde você caiu… mas acho que estamos despencando juntos.

31

Beau

Beau: Preciso falar com alguém.
Jasper: Fala sério. Já faz um tempo que estou te dizendo pra fazer isso.
Beau: Não, seu babaca. Preciso de conselhos.
Jasper: Você já pensou em Harvey? Os conselhos dele são sempre os mais divertidos.
Beau: Jas, estou falando sério. Não consigo lidar com a insanidade do Harvey agora, e você é o único que sabe sobre aquela parada.
Jasper: Ah. Cerveja?
Beau: Cerveja.
Jasper: Me pega aqui. Sunny vai me levar pra casa quando terminar o treino.
Beau: Eu posso te levar de volta.
Jasper: Até pode, mas você vai preferir ficar sentado no bar como o cachorrinho apaixonado que é.

Passo na casa do Jasper para buscá-lo. Ele voltou da concentração do treinamento de verão em Rose Hill e está se preparando para a pré-temporada com os Grizzlies, o que significa que estamos entrando na época do ano em que quase não o vejo.

Principalmente agora que ele tem Sloane.

Não que eu tenha razão pra me queixar disso, visto todo o tempo que tenho passado com Bailey.

Estaciono a caminhonete e espero. Esse filho da puta está sempre atrasado. Desde que éramos adolescentes, desde que fui buscá-lo e o fiz ir morar conosco. Fiz dele um Eaton honorário.

Minha mente viaja de volta para a manhã de hoje. Para o momento em que

acordei com Bailey nua, aninhada contra mim, meu nariz em seu cabelo com um aroma doce de coco. Meus braços envolvendo seu corpo e ela agarrada a eles, como se eu fosse embora caso ela não me mantivesse bem pertinho.

Depois dos nossos orgasmos, usei um pano quente e úmido para limpar a bagunça que fizemos e me deitei com ela.

Não dissemos uma só palavra.

Às 2h11, acordei com um suspiro em vez de um grito.

Ela estendeu a mão para mim antes de ir até o banheiro e voltar com uma loção que tinha o cheiro dela. Na penumbra, ela esfregou meus pés gentilmente até que a sensação de queimação passasse e então voltou para debaixo das cobertas comigo.

Mais uma vez, não dissemos nada. Não foi necessário.

Até que amanheceu e percebi que havia coisas que eu precisava dizer a ela. Coisas que não deveriam permanecer não ditas.

E, apesar de toda a minha vontade, dei uma olhada em seu rosto pacífico e adormecido e senti meu corpo ganhar vida. Assim, me arrastei para fora da cama antes que pudesse fazer algo que não deveria.

Trabalhei o dia todo, busquei coisas para consertar só para me manter ocupado.

Então mandei uma mensagem para meu melhor amigo – meu quase irmão – e disse a ele que precisava conversar.

Um movimento na porta da frente chama minha atenção. Jasper desce correndo os degraus da frente da nova casa dele e de Sloane. Ele está vestido como se tivesse ido à academia. Cabelo com cachos caindo na altura das orelhas, moletom do Calgary Grizzlies em volta do pescoço, short e tênis.

Ao abrir a porta da caminhonete, ele sorri para mim. Praticamente cresci com Jasper e nunca o tinha visto tão feliz quanto nos últimos tempos. Ele perdeu muito, ficou sozinho de tantas maneiras. Era mal-humorado, quieto e tímido.

Mas agora ele tem Sloane.

Devolvo o sorriso.

– E aí, cara?

Ele entra e bate a porta.

– Fala, panaca. – É a resposta que ele me dá, enquanto prende o cinto de segurança. – Como vão as coisas?

Reviro os olhos e saio da garagem.

– Bem.

– Só isso? Você manda mensagem dizendo que precisa tomar uma cerveja, quando eu sei que está basicamente vivendo algum tipo de missão secreta, e tudo que você diz é *bem*?

– Estou esperando sairmos daqui.

– Por quê?

Ele está rindo da minha cara.

– Porra, sei lá, Jas. Estou paranoico, com medo de alguém nos ouvir. Não quero trair a confiança de Bailey.

– Você acha que Cade tem algum tipo de microfone especial plantado no rancho? – Ele olha ao nosso redor num gesto exagerado.

– Para com essa merda.

Mas ele não para. Em vez disso, bate palmas e aponta para mim.

– Não. Provavelmente é aquele novo aparelho auditivo supersônico que Harv ganhou.

– Papai está usando aparelho auditivo?

Jasper ri, jogando-se para trás no assento.

– Porra, cara. Você faz perguntas realmente estúpidas para alguém que foi um supersoldado.

Agora sou eu que não consigo reprimir um sorriso.

– É o que Bailey sempre diz.

Espero que Jasper comece a rir, mas isso não acontece. Na verdade, ele fica tão quieto que olho para ele enquanto saímos do rancho e seguimos para a cidade.

Ele me encara.

– O que foi?

Ele acena para mim com o queixo.

– Você.

– Não seja o Sr. Misterioso comigo. A nossa parada é outra e você sabe disso.

– Tudo bem, mas essa regra vale para os dois, beleza?

Balanço a cabeça. Nunca consigo enganar Jasper. Ele é inteligente demais. E muito atento a tudo.

Inclusive a mim, aparentemente.

– Tudo bem. Tranquilo.

– Estou contigo faz dois minutos e você já mencionou Bailey duas vezes.

– E daí?

– Só estou fazendo uma observação. Uma vez por minuto é uma frequência alta.

– Você fala de Sloane o tempo todo.

Tenho que admitir que acabei de ficar descaradamente na defensiva.

– Bem, nós somos casados. Ficamos noivos *de verdade* em algum momento.

Eu me endireito e torço as mãos no volante.

– Bem, Bailey e eu também estamos noivos.

Eu não preciso olhar para Jasper para saber como está a cara dele. Indiferente, inexpressiva. Ele faz isso bem.

– É mesmo, Beau? Vai fazer esse joguinho?

– O quê? Estamos noivos. Independentemente das circunstâncias, estamos noivos.

– Você sabe mesmo o que a palavra *circunstância* significa?

Contraio a mandíbula.

– Sei.

– Ok, ótimo. Legal. Pensei que você pudesse estar confuso.

Ele ri e apoia um pé sobre o joelho.

– Não estou confuso. Estamos noivos.

Eu me recuso a encará-lo. Mantenho os olhos na estrada enquanto o silêncio toma conta da caminhonete. Cinco segundos se estendem para dez. Vinte. Estou pronto para gritar com Jas sobre o gelo que ele está me dando quando finalmente escuto:

– Ah, merda.

– O quê?

– Você tá a fim dela.

A fim dela.

Isso é um eufemismo para como me sinto em relação a Bailey.

Enredado.

Possessivo.

Obcecado.

Passo a mão no rosto e decido não usar nenhuma dessas palavras, para que Jasper não pense que estou louco.

– Estou. – É tudo que respondo.

– Então, a parte falsa desse noivado não é mais tão falsa?

– Não sei. Acho que mudou.

– Achei que você não queria ficar amarrado…

– Não quero – resmungo. – Tá, não queria.

Jasper solta um assobio baixo, como se estivesse impressionado. Ele sabe muito bem por que eu nunca quis me amarrar a ninguém. Mas agora não há mais o risco de eu desaparecer de repente. Minhas chances de morrer são significativamente menores.

Agora estou aqui para ficar.

– Mas vocês não conversaram sobre isso?

– Não. Ainda não.

– Então por que você tá falando disso comigo?

– Porque não sei com quem mais falar – respondo.

– Que tal falar com a garota em questão?

– Hilário, vindo de você. Por quantos anos você sofreu pela Sloane antes de abrir o jogo?

Pelo canto do olho, vejo Jasper balançar a cabeça.

– Foi diferente e você sabe muito bem disso. Mas, mesmo se não fosse, agora tenho perspectiva suficiente para dizer que gostaria de ter contado a ela antes. Gostaria de não ter me isolado ou me convencido de que eu não merecia ser feliz.

Estremeço com suas palavras e disfarço, fingindo espantar uma mosca. *Não merecia ser feliz*. Ele está um pouco direto demais.

– Ninguém sai por aí dizendo a uma amiga de longa data que gosta dela, Jas. Ninguém com um mínimo de instinto de sobrevivência. Imagine se ela tivesse te rejeitado. Pô, teria sido duro. Adeus a essa amizade.

Olho para os dois lados antes de sair na rodovia principal que nos levará a Chestnut Springs. Os pneus param de moer o cascalho e passam a vibrar no asfalto. O rádio deixa de apresentar uma leve interferência e ganha um som claro.

Finalmente, Jasper fala. Mas é daquele jeito típico dele, certeiro e introspectivo, como se ele tivesse pensado em cada palavra antes de elas saírem de sua boca.

– Certo. Mas teria sido pior passar a vida me perguntando o que teria acontecido se eu tivesse contado a ela. Ou desejando ter contado.

Engulo em seco, e a linha do horizonte na nossa frente muda. Prédios surgem quando vamos chegando ao centro da cidade. Nos aproximamos do bar. De Bailey.

A garota para quem eu passaria a vida inteira desejando ter contado que nada disso é falso para mim.

32

Bailey

Beau: Jasper e eu vamos passar aí pra beber alguma coisa.
Bailey: Ah, um sinal de vida. Obrigada pelo aviso.

Eu devo ser a maior fã de Beau Eaton hoje. Ele me fez ver estrelas ontem à noite e depois dormiu agarrado comigo, como se eu fosse seu ursinho de pelúcia favorito. E aí, quando pensei que ele estava se levantando para ir ao banheiro ou beber água, ele desapareceu. Se tivesse ido trabalhar, Beau teria saído mais cedo. Mas ele dormiu até tarde e saiu sem dizer uma palavra quando achou que eu ainda estava apagada.

Beau me disse que estava louco por mim. Depois deu o fora. E eu fui covarde demais para ir atrás dele.

Coloco outro jogo de talheres sobre o guardanapo de papel e os enrolo como se eles tivessem me ofendido. Jogo tudo no balde ao meu lado, dou uma olhada no bar quase vazio para ver se alguém precisa de mais bebida e começo tudo de novo.

Passei o dia todo tentando entender, e ficou claro para mim que não tenho a mínima ideia do que estou fazendo em relação a Beau Eaton. Sou oficialmente uma qualquer, com uma paixonite avassaladora pelo homem que todas as garotas da cidade sonham em conquistar.

E eu sei que vou embora daqui. O que é um dado hilário.

É comum as pessoas se masturbarem com alguém e depois seguirem a vida como se nada tivesse acontecido? Não faço a menor ideia! Pior, não tenho ninguém para quem perguntar.

Exceto Beau. O que soa meio patético neste caso. Então passei o dia remoendo o que aconteceu, deitada ao sol, fingindo ler. Mas tenho quase certeza de que acabei lendo a mesma página várias vezes enquanto esperava por ele.

Daí comecei a me arrumar cedo para o trabalho, mas caprichando no visual: eu queria me sentir bonita pra cacete. Depois de uma tarde me bronzeando, nem precisei de muita maquiagem. Esfoliei e hidratei minha pele até ela brilhar sob a luz. Eu queria exibir meus atributos, então escolhi uma regata floral com amarração nos ombros e uma calça jeans preta, justa. Uma que eu sei que valoriza a minha bunda.

Também passei um tempão secando meu cabelo, mecha por mecha, com uma escova redonda. Ele cai pelas minhas costas, pesado e volumoso.

Estou contando que Beau vá realmente aparecer. Apesar de todos os seus sinais conflitantes entre quatro paredes, ele tem sido nada menos do que firme e confiável no que diz respeito à minha proteção no bar.

A porta se abre às 20h e, como esperado, ele entra, todo bronzeado, com a camiseta justa e o cabelo alourado pelo sol. Suas madeixas ganharam mechas loiras e castanho-avermelhadas, porque ele se recusa a usar chapéu no trabalho. Beau insiste que não pode ser considerado um caubói, mas até queima as orelhas trabalhando no rancho o dia inteiro.

Meu estômago dá cambalhotas quando ele se aproxima.

Ele não pertence a este lugar.

O pensamento surge, e eu o afasto. Descarto-o como se fosse mais um desejo do que uma constatação. Claro que ele pertence a este lugar. Ele é o príncipe de Chestnut Springs.

– Rapazes.

Dou um sorriso forçado e jogo dois porta-copos no balcão quando “meu noivo” e Jasper se aproximam, puxando bancos para se sentarem e cumprimentando Gary. Beau se debruça no balcão, evitando meu olhar, e pega minha mão. Dá um beijo nela, sua saudação de costume por aqui desde que ficamos noivos. Seus lábios roçam minha pele, e a eletricidade me faz vibrar tanto que puxo a mão para longe.

Gary balbucia algum tipo de saudação, e eu balanço a cabeça. Ele joga as chaves no balcão sem discutir e me dirige um sorriso insosso.

Volto a atenção para Beau e Jasper e pergunto:

– O que vão querer?

Meus olhos encontram os de Beau brevemente, e seu olhar é tórrido. Ele consome meu corpo. É quente e intenso. Sua língua desponta entre seus lábios quando ele olha para os meus seios, que estão adornados pelo meu melhor sutiã, porque foda-se ele por me deixar esta manhã.

– Oi, Bailey – diz Jasper com gentileza, os olhos se alternando entre mim e Beau. – Eu quero uma Rose Hill Red, por favor.

Beau franze o cenho e se vira para o amigo.

– Não é Buddyz Best? Achei que fosse a sua favorita e da Sloane também.

Jasper ri. Seus cachos cor de caramelo balançam ao redor das orelhas, e ruguinhas se formam perto dos seus olhos.

– A verdade é que eu não gosto nada. Mas Sloane gosta, então eu bebo com ela.

Beau parece confuso.

– Você bebe cerveja que não gosta só porque sua esposa gosta?

Jasper reage indiferente, dando uma piscadela de cumplicidade.

– É. Ela fica feliz. É uma coisa nossa. Eu vou me sentar e beber cerveja aguada com a Sloane pelo resto da minha vida se isso a fizer feliz.

Engulo em seco e desvio o olhar para longe. Porra. Isso é muito fofo.

Por outro lado, tenho diante de mim o equivalente emocional a uma pedra, o sujeito que saiu correndo da minha cama pela manhã, como se fosse o diabo fugindo da cruz.

E eu nem pedi a ele que bebesse cerveja aguada comigo.

– Vou querer uma Rose Hill Red também. – Beau bate os dedos longos no balcão do bar, e eu lanço a ele um olhar que diz “tem certeza?”.

Ele assente.

– Você vai gostar, cara – prossegue Jasper, imperturbável. – Tem uma pequena cervejaria em Rose Hill, onde tivemos o treinamento. Lá tem as melhores cervejas artesanais e um pátio bem de frente para um lago. É imbatível.

Daí ele começa uma conversa sobre hóquei, e eu imediatamente fico dispersa.

Enquanto sirvo as cervejas, penso em todos os alcoólatras que conheci na vida. Dou uma espiada em Gary – todos os alcoólatras a quem servi neste bar. Sei que Beau não é um deles. Presenciei Beau em um momento ruim da sua vida, mas ele parou de beber sem nenhuma dificuldade.

Eu o observo por cima da cerveja marrom-avermelhada que estou despejando no copo. E ele me flagra. Nós nos encaramos por um instante. Meu coração acelera.

E, assim como ontem à noite, dançando com suas mãos em mim, tudo ao nosso redor se desmancha. Até que as únicas coisas existentes são ele, eu e o ar entre nós, que parece denso o suficiente para fazer alguém tropeçar nele.

Sinto um líquido frio atingir minha mão e noto a cerveja transbordando.

– Ai, merda! Que bosta. Esta torneira sempre serve devagar, mas hoje resolveu funcionar como num passe de mágica.

Balanço a mão, mas isso lança uma grande quantidade de espuma de cerveja direto no meu decote. Eu a observo ali, branca e pingando, e meu olhar voa para Beau, que parece estar colado ao banco.

Tinha que ser eu.

Depois da noite passada? Isso só aconteceria comigo.

Com um dedo, limpo a espuma dos seios e balanço a mão novamente. O respingo cai no tapete de borracha sob meus pés, molhando um pouco minhas sandálias.

– Meu Deus! Vocês não conseguem segurar a onda? Estamos em público! – Jasper resmunga e esfrega o rosto.

Decido que agora não é o momento em que vou começar a me acovardar perto desses caras. Eu sou uma bartender. Sou paga para jogar conversa fora com velhos esquisitos, então vai ser fácil lidar com meu falso noivo e seu melhor amigo.

– Não sei do que você está falando, Jasper. – Arregalo os olhos de maneira exagerada, encarando o homem como se estivesse genuinamente confusa. – É só cerveja.

Pobre Jasper Gervais. Primeiro, seu pescoço fica vermelho sob a barba por fazer. Depois, o rubor do pescoço se espalha pelas bochechas.

– É que vocês dois estavam aí… – Ele arqueia as sobrancelhas e balança as mãos ao lado do rosto – E então pareceu que… bem, você sabe.

Pisco algumas vezes, canalizando meu Bambi interior e aproveitando o fato de que pareço mais jovem do que sou.

– Pareceu o quê? Não entendi.

Jasper pisca para mim e puxa a gola do moletom como se estivesse sem ar. Mas sei que não é isso. É puro constrangimento.

– É que…

– Parece espuma de cerveja? – Inclino a cabeça com um ar inocente.

Beau ri.

– Pelo amor de Deus, Bailey. Pega leve com o cara. Ele é tão bom moço que nem consegue dizer em voz alta.

Jasper se engasga, batendo com o punho no peito quando eu lhe entrego sua cerveja.

– Aqui. Pra desengasgar. Respire pelo nariz.

Eu pisco para ele, que balança a cabeça, fazendo cosplay de tomate. Então me viro para Beau.

– Dizer o quê em voz alta?

– Vocês dois têm o mesmo senso de humor pervertido, que coisa – murmura Jasper contra a borda do seu copo de cerveja.

Beau continua me olhando fixamente, um sorriso malicioso despontando em seus lábios. Quando ele me encara assim, não consigo nem lembrar por que estou irritada com ele.

– Que parece que você levou uma gozada nos peitos.

Jasper cospe cerveja na mão, numa tentativa frustrada de tapar a boca, incapaz de se controlar, mas Beau e eu apenas trocamos sorrisos.

Quando eu provoco, ele responde. Quando ele provoca, eu respondo. Estamos sempre quites.

Juntos.

Com um leve balançar de cabeça, volto ao trabalho. Entrego silenciosamente a cerveja a Beau e prossigo ignorando os dois. Eles falam de um jeito meio abafado e só consigo distinguir um ou outro nome. Os olhos de Beau me observam a noite toda, enquanto Jasper nos espia com ar de curiosidade.

Ele nos observa com atenção. Isso me faz questionar o que ele sabe.

Isso me faz sentir que estão falando de mim.

Beau toma sua única cerveja e muda para o chá. Sloane entra, o cabelo em um coque. Ela se pendura no pescoço de Jasper, que se vira em seu banquinho para beijá-la calorosamente. Quando se separam, o olhar que ele dá para a esposa me faz pensar que Jasper é menos bom moço do que Beau imagina.

Pouco depois, os dois saem juntos.

Mas não antes de Jasper sussurrar algumas palavras no ouvido do amigo, apertar seu ombro e fazer um sinal severo com a cabeça.

– Você precisa contar a ela.

Não sei se ouço ou se leio seus lábios. Tudo que sei é que a frase me atinge como uma pedra no fundo de um lago.

Contar o quê?

33

Bailey

Quando Beau e eu entramos juntos na casa, o silêncio se torna ainda mais ensurdecedor. Beau joga as chaves no balcão da cozinha, e eu estremeço com o chacoalhar do metal no mármore.

Com toda a certeza há uma torta de climão na sala e nenhum dos dois sabe como abordar o assunto. Aos 35 anos, ele deveria saber lidar melhor com toda essa merda. Aparentemente, não é o caso. Em sua defesa, lembro que ele me contou que não tem experiência com relacionamentos reais.

Mas aqui estou eu, vidrada nele mesmo assim.

Eu me dirijo até o fogão, buscando fazer algo com as mãos para combater o constrangimento que paira entre nós.

– Quer que eu faça um chá pra gente?

– A gente precisa conversar.

Congelo. Sinto um peso imenso na boca do estômago, e tudo gira ao meu redor, mas me obrigo a continuar andando. Cada movimento parece uma luta, como se eu estivesse chafurdando na areia movediça.

– Claro. Sobre o quê? – Mantenho a voz tranquila e pego a chaleira.

– Bailey, não quero chá. Vem aqui.

As batidas do meu coração bombeando sangue parecem um tambor pesado em meus ouvidos, mas me viro e vou até ele, como uma marionete.

Beau agora está sentado em um dos bancos da ilha da cozinha. Ele está com a testa franzida e cruza os braços enormes, onde dormi aconchegada ontem à noite. Achei-os quentes e acolhedores.

Mas, neste momento, esses mesmos braços tomaram uma forma completamente diferente. Grandes, ameaçadores, perfeitos para esmagar meu coração.

Apoio o quadril na ilha e cruzo os braços também, um escudo contra o que imagino que esteja por vir.

– O que foi? – A pergunta soa mais petulante do que eu pretendia, mas é assim que estou me sentindo agora. – Você me ignora e mal fala comigo o dia todo, e agora quer conversar? Que sorte a minha.

Acho que estou caprichada na insolência esta noite.

– Eu não ignorei você. Eu fui trabalhar.

– Tá.

Comprimo os lábios com força e o encaro.

Beau suspira, o peito largo subindo e descendo. Ele joga as mãos para trás e segura o pescoço.

– Olha, eu precisava de um tempo para entender as coisas, depois da noite passada.

A vontade de me repreender é avassaladora. Eu não deveria ter dito que eu também estava caída por ele. Tenho certeza de que o deixei apavorado.

– Tenha santa paciência. Se este for um daqueles momentos em que você decide admirar minha virgindade mais uma vez, vou sair por aquela porta.

– Eu não estou admirando, Bailey. O que quero dizer é que ela significa algo para mim. Que há apenas algumas primeiras vezes na vida antes que cada dia se transforme em um borrão de mais do mesmo. Quero dizer que, quer você perceba ou não, isso pode significar algo para você um dia. E eu odeio a ideia de que você possa se arrepender depois.

Eu mordo o interior da bochecha, me sentindo mais infantil e inexperiente a cada segundo. Beau, porém, não está me encarando como se eu fosse uma criança.

Não consigo decifrar o que há em seu olhar. Tudo que sei é que tenho certeza de que jamais olharam para mim do jeito que Beau me olha agora. Meu peito se aquece sob a intensidade do gesto.

Mas ele acaba com tudo no mesmo instante.

– Acho que deveríamos parar.

Parar.

É o que meu coração faz. Para de bater.

– Não posso mais fazer isso.

Estou em uma cozinha silenciosa demais, com um homem lindo demais diante de mim, e meus pulmões não bombeiam mais ar.

– Você conseguiu um emprego – diz ele.

Faço que sim, mas não ouvi de fato o que ele disse. Continuo repetindo para mim mesma: *não deixe que ele veja você chorar.*

– Um emprego seguro. Você poderá economizar para sair da cidade, sem

problemas.

– Mm-hmm. – É tudo que consigo balbuciar.

Tenho certeza de que, se eu abrir a boca para dizer algo, só vai sair um soluço.

A cada palavra, parece que ele destroça um pedaço do meu coração. Aquele mesmo coração que jurei não entregar a ele. Que pensava não ter entregado.

– … então provavelmente podemos terminar esse acordo sem maiores problemas.

Ele estava falando e eu não estava ouvindo. É um daqueles momentos em que você sabe o que está acontecendo, mas nada parece real. Tudo acontece em câmera lenta.

Pisco com força, forçando meus lábios a se abrirem num sorriso que parece mais uma careta. Beau é um cara legal. Não quero fazê-lo se sentir pior do que provavelmente já se sente. Não quero ser a garota ingênua que foi tola o suficiente para acreditar em algo que nunca daria certo.

Estou tão caído por você.

Afasto as palavras, salvando-as na pasta *coisas que os homens dizem quando têm um orgasmo incrível.*

– Aham, claro. – Minha voz está trêmula, mas não consigo evitar.

Beau se mostra preocupado e estende a mão para mim. Quando as pontas de seus dedos alcançam meu quadril, eu recuo e dou um passo para trás.

Ele acabou de me dar um fora. O fora foi falso?

Não importa como se chama essa merda, eu tenho autoestima suficiente para não querer as mãos dele em mim.

Em um movimento suave, tiro o anel de diamante do dedo e o largo no mármore entre nós.

– Sem problemas. Com toda a certeza não quero abusar da sua boa vontade. Fique com isso…

– Bailey.

Beau se levanta, e odeio notar que os músculos de suas pernas se contraem. A linha dos quadríceps, descendo até os joelhos. Até os pés machucados.

Os pés que ainda ardem todas as noites.

Os pés que massageei ao acordar no meio da noite passada.

Como ele ousa fazer isso comigo, cacete?

– Vou voltar pro meu trailer.

Não consigo nem olhar para ele.

Meus pés avançam com rapidez até a porta da frente.

– Bailey, espera…

Levanto a mão para interrompê-lo.

– Está tudo bem. Beleza. Tá tranquilo, tranquilo.

O último *tranquilo* sai com um soluço.

Minhas sandálias estão na entrada, mas não quero perder tempo tentando calçá-las de volta. Ter que afivelá-las não está nos meus planos. Abro a porta com força, sentindo-o atrás de mim.

– Porra – murmura Beau.

Ele começa a me seguir, mas então se vira, indo na direção oposta, de volta para a casa, enquanto eu corro para a noite fresca. Os dias quentes do verão acabaram. Tudo mudou com uma rapidez surpreendente. O calor da noite abrandou, ficou agradável e depois se tornou frescor. No minuto em que o sol desaparece, o calor também se vai e o ar da montanha se insinua conforme o outono se aproxima.

A grama orvalhada gruda nos meus pés descalços enquanto eu fixo a atenção no meu trailer. Se eu conseguir chegar lá, se passar daquela linha, daquela porta, estarei em segurança.

Em segurança suficiente para me acabar de chorar.

Pouso as mãos na fibra de vidro gelada e alcanço a maçaneta, meus dedos envolvendo o metal lascado.

Lá dentro, eu vou ficar bem.

Eu puxo, mas a porta não se move.

Está trancada. Claro que está trancada.

Um soluço sacode meu corpo, e bato a testa contra a lateral do trailer.

– Porra, porra, porra.

Ouço a porta dos fundos da casa de Beau bater.

– Bailey.

Desta vez, meu nome não está misturado com uma frustração divertida.

Há agressividade em seu tom, uma aspereza. Não é casual e desinteressado. É quente e inflamado com rispidez militar.

Seus passos se aproximam, e sinto a tensão que irradia de seu corpo. Por algum motivo, ele parece bravo.

– O que te fez pensar que eu tinha terminado de falar com você?

Eu rio, mas parece mais que estou chorando. Passo a mão no rosto, e meus dedos saem molhados. Acontece que estou *mesmo* chorando.

– Pois pareceu bem definitivo para mim. Não precisa se prolongar, Beau. Eu vou ficar bem. – Não me viro para encará-lo. – Só me deixe em paz. Amanhã já estarei bem.

– Para de besteira. Você não vai estar bem amanhã.

Eu me assusto com a dureza em suas palavras. Ok, provavelmente não estarei mesmo, mas parece cruel esfregar isso na minha cara.

– Vai se foder, Beau.

Ele pousa a mão no meu ombro e, quando vou me desvencilhar, Beau me vira, me pressionando com força contra o trailer. Ele chega bem perto do meu rosto, a mão em meu rosto.

– Não. Você está chorando. – Beau se inclina e beija a lágrima que escorre pelo meu rosto. – Não suporto ver você chorando.

Porra. Meu coração se aperta e dói pra caralho.

Eu sabia que seria doloroso, mas nada poderia ter me preparado para essa dor intensa e abrasadora.

Preciso de espaço. Preciso respirar.

Eu o empurro, mas não adianta. Ele é grande demais. É como sair correndo por aí tentando derrubar as árvores.

– Por favor. – Minha voz falha quando olho para ele. – Sai daqui.

– Não até eu terminar de falar o que estava tentando lá dentro de casa.

– Você me deu o fora. O que mais você quer?

A intensidade pinta cada centímetro de seu rosto estúpido e bonito, e ele me encara.

Espero que diga algo.

Mas ele não diz.

– Você esqueceu o que queria dizer, Beau? Porque *acho que não consigo mais fazer isso* já é bem esclarecedor, não?

Cuspo as palavras, me preparando. Tentando machucá-lo. Embora eu ache que ninguém se machucou mais do que eu ao ouvir aquela declaração.

Ele me pega, me agarrando enquanto empurra o joelho entre minhas pernas, me prendendo. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, grudando meus cílios, e meu peito dói tanto que o simples ato de respirar se torna insuportável.

Beau enxuga outra lágrima antes de colocar para trás uma mecha do meu cabelo cuidadosamente penteado.

– O que eu queria dizer, Bailey… – Ele enfatiza meu nome de uma forma que me causa arrepios. Sua mão segura minha cabeça para que eu não olhe para nenhum lugar além dele. – O que eu queria dizer é… você quer sair comigo?

Tudo ao meu redor para bruscamente. A frase não é apenas juvenil, mas também absolutamente confusa.

– Você acabou de terminar comigo.

Um sorriso infantil surge em seus lábios pecaminosos. Ele beija minha têmpora e volta a me encarar.

– Se você tivesse me deixado terminar, teria ouvido que eu não podia mais fazer isso porque fingir que esse negócio entre nós é falso está me matando.

– O quê?

Isso é tudo que consigo dizer. *O quê?*

– Você só conseguiu chegar até o trailer porque eu voltei em casa pra pegar o anel.

Ele tira o diamante em forma de lágrima do bolso, segurando-o entre nós.

– Cansei de *fingir* que estou perdidamente apaixonado por você. Eu estou louco por você de verdade. E agir como se eu não estivesse está me consumindo.

Eu seguro seus pulsos, apertando-os para ter certeza de que Beau é real. De que este momento é real. Porque parece inacreditável.

– Talvez seja cedo demais. Talvez isso seja impulsivo. Talvez você nem me ame como eu te amo. Mas eu vou esperar. Não me importo. Leve o tempo que for. Contanto que eu saiba que você é realmente minha, consigo ser paciente.

– Beau…

Meu peito arfa e meu cérebro luta para acompanhar o que ele está me dizendo.

Ele não me dá a chance de dizer mais nada antes de puxar minha mão e deslizar o anel de noivado de volta no meu dedo.

– Este anel pertence a este dedo – murmura.

– E se a gente namorasse por algum tempo?

Meu Deus, não estou no meu melhor momento. Eu deveria dizer que também o amo. Eu deveria beijá-lo.

– Chame do que quiser, delícia. Mas o anel fica aqui.

Nós dois encaramos o diamante, as luzes da varanda dos fundos refletindo cada face brilhante dele. Nossas respirações saem irregulares. Nós dois estamos alterados. Confusos, animados, frustrados.

– Parece que dá azar usar isso quando não se está realmente noivo.

– Mas estamos realmente noivos. – Sua resposta não deixa espaço para debate.

– Bem, se ainda vamos testar como isso vai ser, você não deveria sair por aí fingindo que pretende se casar comigo quando isso não é verdade.

Juro que ele rosna com a minha resposta. Um ronco profundo ecoa em seu peito. Seus olhos se estreitam. A veia em sua têmpora lateja. Eu me odeio. Por que estou discutindo com ele e encontrando furos em sua lógica quando isso deveria ser apenas um sonho se tornando realidade? É porque não parece real. Coisas boas como essa não acontecem com Bailey Jansen. Não com homens como ele.

– Para de pensar no que você tá pensando. Para de fingir que isso não é real. – Ele se curva um pouco e me levanta, me carregando de volta para casa na maior facilidade. – Para de me dizer o que pretendo fazer – sussurra no meu ouvido. – Porque eu pretendo me casar com você. E quero que você use essa

porra desse anel enquanto eu provo que isso é tudo real.

Então ele chuta a porta para abri-la. Sobe a escada até seu quarto. Me coloca ao pé da cama e diz:

– Tira a roupa.

34

Beau

Os olhos de Bailey se arregalam e ficam inacreditavelmente grandes. Seus lábios estão entreabertos, e ela me encara. Está chocada? Confusa? Não sei bem, mas entendo que os acontecimentos desta noite possam tê-la deixado meio confusa.

– Alguma dúvida quanto à ordem que eu te dei, Bailey?

Eu me aproximo, abaixando o queixo para manter o olhar fixo no dela. Bailey umedece o lábio inferior, e meus olhos a seguem avidamente.

– Tá bom. Vamos ver se eu entendi.

Aceno, reprimindo um sorriso. Ela está tendo dificuldade em aceitar. Pensando bem, eu deveria ter começado essa conversa de outra forma.

– Não estamos mais fingindo – diz Bailey.

– Isso.

– Porque é o que nós dois queremos. Certo?

– Parece que sim.

Uma risada profunda ressoa em meu peito enquanto vejo aqueles olhos escuros tentando entender. É uma escuridão na qual eu realmente quero me perder.

– Mas como vai ser isso? Tipo, é só seguir o baile? Eu… – Ela coloca a mão no pescoço. – Beau, eu tenho muitos planos.

Deslizo a mão para cima e para baixo em seu peito.

– Nós vamos resolver tudo. Não precisamos ter todas as respostas imediatamente.

Ela mordisca o lábio.

– Sou sua noiva de verdade?

– É.

Ela assente lentamente, a constatação brilhando em seus olhos. E então…

suas feições se tornam mais leves.

Bailey inclina a cabeça, cruza os braços e contorce os lábios num biquinho provocante.

– E se eu te disser que não quero ser sua noiva?

Eu chego bem perto, atraído pelo calor de sua pele.

Respiramos o mesmo ar.

– Daí eu te chamo de mentirosa do caralho, delícia.

Então a beijo. Não lhe dou a chance de falar besteira e testar minha paciência com piadas malcriadas.

Ela segura minha camisa, e nossas línguas se enroscam enquanto meus dedos mergulham nas mechas sedosas de seu cabelo. Esse beijo parece diferente. Melhor. Menos hesitante e mais desesperado.

– Você é louco – murmura entre beijos, e ela provavelmente está certa.

Mas já não me importo mais com como as pessoas me veem.

Eu me afasto, espalhando beijos em suas bochechas. Em seu nariz.

E confesso minha verdade para ela.

– Eu tenho feito coisas impulsivas, esperando que alguma delas me faça sentir algo. E nenhuma delas fez. Até você chegar. Então, se isso entre nós faz de mim um louco, fico feliz em carregar esse título.

Quando nossos olhos se encontram, tudo que vejo é desejo e orgulho. Nenhuma pena, nenhuma incerteza. Nós dois sabemos que isso é a coisa certa. Só parecia improvável demais para ser dito em voz alta.

– Você realmente me ama?

Se eu a amo? Meu Deus. Que pergunta besta, que inclusive parece nem abranger todos os sentimentos que tenho por ela. Não parece o suficiente. Mas vou continuar dizendo, continuar demonstrando, até descobrir palavras melhores para descrever o que sinto.

– Bailey Jansen, eu te amo – murmuro, enquanto nossos rostos dançam próximos um do outro, ao sabor de beijos suaves.

Estamos no meio da calmaria. Parados em um precipício, prontos para saltar.

– Como você sabe?

Beijo logo abaixo da orelha dela, deleitando-me ao vê-la inclinar a cabeça. Desço para seu pescoço.

– Eu apenas sei.

Beijo seu ombro, bem ao lado da alça amarrada com um laço.

– Acho que ninguém nunca me amou.

Paraliso. A dor no meu peito é aguda, instantânea, intensa.

Ela fala como se fosse um fato imutável.

Já vi muita coisa triste na vida, mas nada me feriu como essa afirmação. Não

sei o que dizer. O que se diz diante disso? Palavras são suficientes?

Acredito que não.

Um moleque poderia ficar aqui esperando que ela diga que o ama, mas não preciso dessa validação. Bailey pode não saber o que é amor, mas eu sei muito bem.

O amor me diz que estou agindo como um babaca quando ninguém tem coragem.

O amor me leva para comprar sapatos que não machuquem meus pés.

O amor acorda toda noite, durante semanas, para nadar no rio comigo, para que eu não tenha pesadelos.

Bailey não precisa de palavras bonitas.

Bailey precisa de atitudes.

Eu levanto a cabeça, me perdendo nas profundezas escuras de suas íris.

– Então deixa eu ser o primeiro a fazer isso.

Ela assente, e meus dedos se enrolam no algodão macio de sua blusa. Eu puxo a peça para cima lentamente, retirando-a de seu corpo. Seus braços se levantam sem resistência e jogo a blusa num canto qualquer, deixando Bailey parada diante de mim de sutiã rosa-claro sem alça. Minhas mãos passeiam por seu corpo, por suas costas, onde abro os colchetes e deixo o sutiã cair aos seus pés.

Quando me ajoelho na frente dela, suas mãos afundam no meu cabelo. Afagando. Acariciando.

Eu vou com calma. É um pouco como desembrulhar um presente. Mas não do jeito que eu fazia quando era criança, rasgando e picando o papel até chegar no que eu queria. Não, dessa vez eu retiro a fita com todo o cuidado, alisando cada vinco.

O botão. O zíper. O jeans. Tudo é delicadamente descartado até que haja apenas pele macia e uma calcinha rosa muito pequena.

Encontro seu olhar, e minhas mãos deslizam sobre seus quadris, segurando sua bunda durinha.

– Eu te amo.

– Tá bom… – sussurra, como se ainda não conseguisse acreditar.

E, por mim, tudo bem também. Gosto de um desafio.

– Continuo?

Ela assente depressa, um tanto frenética.

– Sim, por favor.

Meus lábios se curvam enquanto eu desço sua calcinha.

Ela está parada. Muito parada.

– Eu gosto quando você é tão meiga e educada assim, Bailey.

Uma risada nervosa sai de seus lábios, e ela volta a respirar.

– Vai se foder, Beau.

Seguro um sorriso. Essa é a minha garota.

Com a calcinha em volta dos tornozelos, eu olho para ela, dando-lhe meu sorriso mais safado para cortar a tensão.

– Não. *Você* vai fazer isso por mim depois que eu terminar de comer a sua boceta.

35

Bailey

Tenho certeza de que estou sonhando e alguém vai me sacudir e me acordar a qualquer momento.

Mas quando Beau chupa a minha boceta, tremendo a língua com velocidade no meu clitóris, me arqueio e tenho certeza absoluta de que isso não é um sonho.

Porque quando eu sonho com sexo, sempre acordo quando finalmente está ficando bom.

E isso foi realmente bom pra caralho. Eu faço algum tipo de barulho descontrolado, uma espécie de miado, e meu corpo treme num movimento involuntário.

– Está gostoso, baby? – pergunta Beau, colocando minhas coxas sobre os ombros.

Ele dá continuidade ao movimento. Bem devagar, com intenção e com a pressão perfeita.

Tento abafar outro som desesperado vindo do fundo da garganta, mas falho miseravelmente. Tento dizer um “isso”, mas as palavras saem embaralhadas.

Sinto o som baixo de sua risada bem no meu centro. Faço um barulho mais selvagem do que um gemido – esse homem sabe exatamente como lidar comigo.

Ele me devora. Minhas pernas envolvem seus ombros e acabam subindo até a parte de trás de sua cabeça, puxando-o mais para perto. Seus braços fortes envolvem minhas coxas e suas mãos grandes me mantêm aberta para que ele possa se banquetear.

– Sou o primeiro a fazer isso com você?

Faço que sim, puxando seu cabelo, alucinada por esse homem.

– É.

– Eu vou ser o único a fazer isso com você, Bailey. Guarde bem o que estou

dizendo.

Minha cabeça gira. Ele tem muita *certeza*. Eu não sei o que fazer com toda essa confiança. Como lidar com isso. No meu mundo, nada dura para sempre, e o amor nunca está no cardápio.

Beau me dá muito. Temo nunca ser capaz de retribuir.

Ele desliza um dedo para dentro de mim, fazendo movimentos no ritmo de sua boca. Minhas costas se arqueiam. Passo as mãos no rosto e depois seguro o meu cabelo.

– Quer outro dedo, Bailey? Pra deixar você pronta para receber meu pau?

– Simmm – gemo enquanto puxo ainda mais meus fios.

Ele faz exatamente o que prometeu, lento e firme, chupando meu clitóris enquanto seus dedos trabalham mais depressa. Com mais força. Meu corpo estremece, e ele não para – aperta a minha bunda, curva os dedos dentro de mim, move a língua de maneira diabólica.

– Porra, porra, porra – xingo. Todas as minhas tentativas duramente conquistadas de ser uma "dama" voam pela janela quando a cabeça desse homem está entre minhas pernas. – Beau, eu vou…

– Goza gostoso, baby. – Ele se afasta, observando seus dedos bombeando para dentro e para fora de mim. – Deixa eu ver.

Seu olhar íntimo, as palavras roucas e seu polegar esfregando o meu clitóris me fazem gozar forte. Ele me agarra como se seus braços fossem um torno, dois dedos pressionando aquele ponto mágico bem no fundo enquanto eu grito seu nome. Meu corpo está tomado pelo calor. Sinto cãibras na parte de trás das panturrilhas. Cada músculo se contrai, apertando os dedos dele, antes de liberar cada gotícula de tensão. Abalando tudo dentro de mim.

Beau é incansável. Observando. Tocando. Admirando sua obra.

– É, eu nunca vou me cansar dessa vista – diz ele com a voz rouca, enquanto estou como uma gelatina.

Só o que me resta é me concentrar na respiração e recobrar o foco da visão. Seus dedos saem de dentro de mim com um som molhado. Fecho os olhos, um fio de constrangimento encontrando seu caminho.

– O que foi isso, Bailey? – pergunta, e eu sinto a cama afundar sob o peso dele.

Seus joelhos se apoiam em ambos os lados do meu corpo nu.

Abro os olhos para encontrar os dele.

– Nada.

– Você sabia que fica linda pra caralho gozando com o meu nome na boca?

– Não – respondo com sinceridade.

Ele apenas sorri.

– E quanto você é deliciosa? Sabia que seu gosto é bom pra caralho?

Faço que não com a cabeça, meu corpo vibrando apenas com o estrondo de sua voz grave no quarto escuro.

Ele sorri, cheio de promessa e certeza. Os dedos que estavam dentro de mim percorrem meus lábios.

– Chupa, Bailey.

– Seu pau?

Meus olhos se arregalam de excitação.

– Podemos deixar isso para outro dia. Ficarei feliz em deixar você praticar. Mas, por enquanto…

Seus dois dedos tocam meus lábios, e minha boca se abre.

Ele os desliza na minha língua, e meus lábios se fecham ao redor deles. Meus olhos se fixam nos dele enquanto o gosto do que ele fez comigo enche minha boca.

– Você é tão linda – murmura, puxando os dedos de volta com um estalo. – E se eu vir você se diminuindo mais uma vez, vou deixar outra marca no seu pescoço para exibir pela cidade.

Ele me beija. Intensamente. E eu também sinto meu gosto ali. E sinto o gosto dele, aquele cheiro característico.

Eu sinto o *nosso* gosto.

Num piscar de olhos, ele nos vira e me puxa para cima da cama com ele. Estou sentada em seu colo. Ele se apoia na cabeceira, parecendo uma espécie de rei. Desgrenhado, dourado e impossivelmente grande.

– Tira a minha roupa, Bailey.

Ele não vacila nem desvia o olhar quando me diz o que fazer. Seus olhos ardem com mais intensidade, e eu não quero nada além de arder com ele. De estar à altura de seu desafio e não ceder ao peso da minha inexperiência.

Com um simples aceno em concordância, seguro a barra de sua camiseta, puxando lentamente no início, depois com mais ímpeto. Ele se inclina para a frente e levanta os braços para me ajudar. Eu jogo a peça para longe e acaricio a sua pele. Descobrindo. Tentando memorizá-lo de uma forma que não consegui até agora.

A pele dele é quente e macia. Há cicatrizes grossas sobre o peitoral. Mamilos eriçados. Belisco um e olho para ele. Seus olhos brilham, e ele faz um sinal tranquilizador.

Belisco novamente. Desta vez, os dois, notando sua respiração ganhar corpo. Meus quadris se movem para baixo em resposta e os dele se erguem ao encontro dos meus.

Meu Deus. Não acredito que estou realmente aqui, fazendo isso com *ele*.

Para disfarçar o tremor em minhas mãos, continuo alisando seu abdômen tonificado. Encontro uma cicatriz fina.

Passo um dedo sobre ela e sussurro:

– O que foi isso?

– Levei uma facada.

Meu olhar se ergue rapidamente.

– O quê?

– Nesse dia, baixei a guarda enquanto colocava um dos meus primeiros alvos sob custódia. Aprendi uma lição valiosa. Isso nunca mais vai acontecer.

Sorrio suavemente, sentindo o relevo da pele novamente.

– Acho que você não corre muito risco de ser esfaqueado em Chestnut Springs.

Suas mãos largas deslizam pelas minhas coxas, minhas costelas, sobre meus ombros, até que ele emoldura meu rosto com elas e ajeita meu cabelo atrás da orelha.

– Mesmo assim, não vou baixar a guarda. Não quando preciso manter você em segurança.

Fico toda arrepiada. Só consigo concordar com a cabeça.

Acho que ninguém, até hoje, tinha priorizado a minha segurança.

O peso do seu olhar é quase insustentável, então desvio o meu e volto a tocá-lo. Meus dedos percorrem a leve camada de pelos ao longo da borda do short que já está há tempo demais em seu corpo. Puxo o cós, depois puxo com mais força para tirá-lo. Pronto. Agora é minha vez de explorar.

Quero sentir a pele dele na minha.

Fazemos juntos um movimento rápido pra tirar a cueca dele, que desliza de suas pernas e vai parar em um canto do quarto, esquecida.

Só consigo ter olhos para o pau enorme abaixo de seu abdômen másculo. Tudo prende minha atenção. Coxas musculosas. Bolas inchadas. A veia pulsante que corre na parte inferior do seu membro.

Bom, sim, eu vejo filmes pornôs, mas não é a mesma coisa. Seria como assistir ao canal National Geographic e dizer que vi um leão na natureza.

Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Eu me ajoelho ao lado dele, salivando.

– Se você continuar olhando pro meu pau desse jeito, lambendo os lábios, vou ser obrigado a foder sua boca, não sua boceta.

Eu coro, os olhos brilhando.

– Eu quero nas duas.

– Você sempre terá tudo que quiser. Eu prometo. – A necessidade, o desejo, o tesão irradiando entre nós são totalmente elétricos. – Pega.

Arregalo os olhos, e meu cérebro tropeça na névoa dos meus hormônios.

– Pegar o quê?

Beau segura o pau grosso com firmeza. Ele desce a mão uma vez, depois outra. Isso me lembra da vez que o vi gozar em cima de mim, me marcando, enquanto eu me desmanchava sob seu olhar atento.

– Coloca o meu pau na boca. Deixa ele bem molhado, Bailey.

Continuo a observar seu pênis. A cabeça mais escura parece aveludada.

– Porra – murmura, segurando a base com força enquanto uma gotinha de pré-gozo se forma na ponta. – Bailey, se você n…

Ele não precisa terminar a frase. Estou salivando por ele. Inclino-me para a frente e seguro seu pau para finalmente sentir seu gosto.

Quero saber como é ter essa parte dele na minha boca. Ver a reação dele.

Coloco minha língua para fora, lambendo o líquido, e Beau geme. Quando olho para cima, seus olhos estão semicerrados, fixos em mim.

Ele afasta as mãos, as leva para trás da cabeça e se reclina como se estivesse pronto para assistir a um espetáculo.

O nervosismo me atinge.

Não tenho a mínima ideia do que estou fazendo. E se eu fizer tudo errado? E se ele odiar?

– Você é perfeita, Bailey.

Suas palavras me acalmam instantaneamente. Ele me lê como um livro e sabe direitinho o que se passa pela minha cabeça.

Perfeita.

Não sei se é possível ser, mas me permito desfrutar do elogio. Deixo que isso me encoraje enquanto deslizo os lábios sobre a glande inchada. Sinto todo o seu relevo com a língua, cada centímetro suave como seda.

Eu exploro, e ele permite.

Eu lambo. Chupo. Encho minha boca de Beau, e os ruídos de prazer que ele faz são tudo que ouço.

Porra, isso.

Assim mesmo.

Você tá me deixando louco.

Quanto mais ele fala comigo, melhor eu me sinto. Mais ousada.

Enfio mais o pau dele na boca, sentindo a cabeça arredondada tocar minha garganta. Eu me engasgo quando vou longe demais.

– Calma, Bailey. – Ele passa a mão no meu cabelo. – Você não precisa ir tão longe. Tudo que você faz é bom demais.

Eu levanto a cabeça um pouco tímida, mas me sentindo envolvida por seus elogios.

– Está gostoso assim?

Ele está ruborizado, os olhos um pouco brilhantes, como se tivesse bebido demais. Mas sei que está embriagado *de mim.*

– Melhor, impossível. O único problema é que vou gozar na sua boca se você continuar desse jeito. E isso seria um desperdício, quando nós dois sabemos que o que você realmente quer é que eu goze na sua boceta.

Fecho os olhos, arrepios percorrendo minha pele. Eu quero isso, mas, porra, quando ele diz em voz alta…

Ele me puxa para junto dele, e uma risada cúmplice ressoa em seu peito.

– Você gosta quando eu digo essas coisas, não é?

– Talvez… – murmuro, beijando seu ombro.

– Você gosta. Acabei de ver seus mamilos ficarem mais duros e suas bochechas ainda mais rosadas. – Ele me eleva no colo, abocanhando um dos meus mamilos. Suspiro com a sensação e estremeço quando ele mordisca suavemente. – Mal posso esperar para descobrir o que mais te deixa louca. – Seus lábios úmidos se arrastam pelo vale entre meus seios. – Você gosta quando eu te digo o que fazer?

Beijo sua pele novamente, tentando parecer mais tímida do que estou me sentindo de verdade. *Eu gosto*.

– Talvez.

Ele chupa meu outro mamilo, e uma onda de umidade escorre pelas minhas pernas.

Beau sorri contra meu peito antes de uma mordida forte me deixar ofegante.

– Bem, então chega de brincadeira e senta logo no meu pau, Bailey.

Suas mãos enormes me pegam pela cintura, e eu me ergo. Meus mamilos brilham com sua saliva e exibem marcas rosadas deixadas por seus dentes. Meu sangue dispara nas veias quando olho para o homem lindo e protetor que me deu tudo e mais um pouco e não pediu quase nada em troca.

Ele diz que me ama e eu não sei como processar isso, mas, mesmo assim, quero sentir tudo.

Inclino o quadril para trás, espalmo a mão em seu peito e alinho o pau dele na minha entrada. Sei como é ter só um pedacinho dele dentro de mim, e saber que vou ter tudo dessa vez me faz estremecer. Ele me segura enquanto eu me abaixo e seguro seu membro.

Pincelo a cabeça na minha boceta encharcada, sentindo aquele pau delicioso deslizar tão facilmente na minha fenda. Beau geme e aperta minha cintura, como se estivesse dando tudo de si para não me puxar para baixo e me alargar inteira com seu comprimento.

Quando eu o encaixo, nós nos encaramos. O peso do seu olhar quase me

desmonta. Mesmo assim, eu não desvio. Não consigo.

Estou absorta nele, em nós – ele é tudo que eu vejo.

Os músculos das minhas pernas se tensionam quando me abaixo devagar sobre ele.

Dois centímetros: sua mandíbula estremece.

Cinco centímetros: seus olhos escurecem.

Oito centímetros: porra, como ele é grosso. As mãos dele tremem. Ou meu corpo treme. Eu nem sei mais onde ele termina e eu começo.

Com um gemido, eu relaxo, e os olhos dele também. Beau deixa de observar meu rosto para olhar seu pau me preenchendo.

– Porra, Bailey.

Fico gemendo, deixando meus olhos se fecharem e movendo minhas mãos para encontrar apoio em seus ombros fortes.

– Você está bem?

Faço que sim, sentindo suas mãos afrouxarem o aperto e seu polegar acariciar minha barriga em um gesto tranquilizador.

Isso é totalmente diferente dos meus vibradores. É dez vezes mais intenso. Estou preenchida de um jeito que nunca estive antes.

– Bailey, baby, você está indo muito bem. Se precisar parar…

– Eu não preciso parar. – Minha voz está ofegante e continuo a afundar nele. Meu corpo pulsa. – Eu só… Deus. Me sinto tão preenchida…

Eu choramingo, deixando a consciência de seu tamanho me distrair por um momento. Mas, como sempre, Beau me tranquiliza.

– Você está quase lá, Bailey. Você fica tão linda com meu pau dentro de você. É só ir devagar.

Assinto e continuo gemendo enquanto olho para baixo, lutando para colocar o resto de seu comprimento dentro de mim.

Suas mãos deslizam pelas minhas costelas, contornando minha bunda.

– Eu sei, baby, eu sei.

De repente, sou atingida por uma urgência, como se esse momento pudesse escapar por entre meus dedos se eu não aproveitá-lo ao máximo. Desço o corpo e grito quando me sento completamente nele.

– Cacete.

– Ah, caralho… Humm… Isso é tão…

Ele crava os dedos em mim, e Beau está em todo lugar. Estou tão preenchida, tão… Nem sei onde estou, só sei que estou em cima dele, ele está dentro de mim, e nunca me senti mais segura.

Arquejo e cravo as unhas em seu peito.

– Está doendo? – pergunta ele, com a voz rouca e baixa.

Eu balanço a cabeça.

– Bailey, fala comigo.

Encontro aquele olhar prateado.

– Só é intenso. É tão diferente…

Ele assente, passando as mãos calejadas em minhas costas e em minhas coxas.

– Estou seguindo o seu ritmo. Me diz o que você quer.

– Eu… – Minha visão fica um pouco turva. – Quero que você se mova.

Ele levanta o queixo.

– Você primeiro. Suba e desça novamente. Sinta. – Suas mãos sobem pela minha barriga, apalpando meus seios quase com reverência. Seus olhos tomaram uma cor incomum, um brilho metálico. É difícil não se perder neles. – Não existe nada de errado que você possa fazer. Apenas faça o que seu instinto mandar.

– E você?

Ele abre um meio sorriso, e uma expressão quase dolorida enfeita seu rosto bonito.

– Confie em mim, baby. Tudo é bom com você.

Mordo o lábio e coro com seu elogio. Então, com as mãos em seu peito, eu me levanto, sentindo cada centímetro dele enquanto faço isso.

O movimento envia uma onda de espasmos deliciosos pelo meu corpo. Erguida, de joelhos, olho para baixo, querendo ver cada centímetro dele desaparecer dentro de mim. Quando afundo, não consigo desviar o olhar. É tão diferente. Tão gostoso.

Faço de novo. E de novo. Cada estocada fica menos estranha, mais prazerosa que a anterior. As mãos dele passeiam, sempre calmas. Lentas e firmes. Não consigo tirar os olhos de onde Beau e eu estamos ligados. Como se fosse algum tipo de experimento e eu estivesse completamente fascinada.

– Viu como você fica linda com o meu pau enterrado em você, Bailey?

– Hmm-hmm – murmuro distraidamente, porque é difícil discordar dele. Há algo de fascinante na cena.

Beau coloca uma mão entre nós, passando o polegar onde os lábios da minha boceta pressionam o pau dele. Ele espalha minha umidade pelo meu clitóris enquanto continuo a rebolar.

Ah.

Meus olhos se arregalam enquanto ele faz círculos suaves.

– Você gosta disso, não é?

Concordo, sem palavras. Eu não apenas gosto, eu…

– Eu quero ouvir, Bailey. Fala.

– Eu amo.

Ele sorri, confiante e brincalhão.

– Eu disse que faria isso ser bom para você.

Bom? Isso é muito mais do que bom.

Ele brinca com meu clitóris novamente e belisca meu mamilo, me fazendo gritar. Eu me sinto encharcar ainda mais quando movo os quadris de uma forma que nunca imaginei ser possível. Eu quico com força nele, rebolo, e meus músculos vão relaxando cada vez mais. E fiel à sua palavra, Beau me deixa sentir isso, *ele*.

– Isso, gostosa. Cavalga, vai – insiste, e seus dedos me masturbam habilidosamente.

Um brilho de suor cobre meu corpo enquanto o aperto, arranho. Meus olhos voam de um canto delicioso dele a outro antes de afundarem naquelas piscinas prateadas.

– Você vai gozar no meu pau, Bailey?

– Acho que sim – suspiro.

Cada canto do meu corpo está quente e vibrando em expectativa. Cada músculo se tensiona conforme ele me preenche.

– Essa é minha garota. Goza gostoso, goza.

Seu polegar pressiona mais forte. Seus dedos apertam mais forte. Seu pau pulsa dentro de mim como se estivesse em uma contagem regressiva… *três, dois, um…* e me desmancho inteira.

Atordoada por uma onda de prazer intensa, sinto como se eu tivesse saído do meu corpo. Tombo para a frente, tomada por uma combustão absurda. Eu sinto tudo.

Ele.

Eu.

Calor.

Segurança.

Antes mesmo de recobrar meus sentidos, ele nos vira, seu corpo junto ao meu. Uma mão acaricia minha bochecha, enquanto a outra levanta minhas pernas. O ângulo é novo, e eu suspiro quando ele mete por cima.

Ele para. Seu pau me invade até o talo enquanto ainda pulso.

– Bailey, baby! – exclama, a voz zumbindo sobre minha pele, incendiando-a. Meu Deus, basta a vibração dele junto a mim para acender todas as minhas terminações nervosas. – Acho que não consigo mais me segurar. Perdi o contr…

– Goza gostoso, goza – digo, repetindo suas palavras, levantando a cabeça apenas o suficiente para roçar meus lábios nos dele. – Eu quero cada gota.

– Porra.

Ele cospe a palavra e esmaga seus lábios nos meus, tomando minha boca em um beijo ardente enquanto mete com força.

A cama range com a ferocidade de suas estocadas, e meu corpo dói da maneira mais deliciosa enquanto ele me reivindica.

– A trepada mais deliciosa da minha vida – rosna.

Então ele grita meu nome contra meu ombro antes de mordê-lo com força. Seu corpo fica tenso. O pau dele vibra e pulsa, e ele se derrama dentro de mim.

– Eu te amo, Bailey Jansen – murmura, acariciando meu cabelo e lambendo suavemente o que eu tenho certeza de que será uma marca de mordida amanhã.

E tudo que eu faço é sorrir. Porque valeu a pena esperar.

Nunca me senti tão cuidada quanto me sinto quando estou abraçada com Beau Eaton.

36

Beau

Jasper: Já contou a ela?

Espalho sabonete sobre o corpo de Bailey, esfregando seus ombros para aliviar qualquer tensão, passando os polegares firmemente sobre os pontos rígidos. Sua cabeça se inclina, e ela solta um gemido enquanto se entrega à massagem.

Depois de lavar o cabelo dela com xampu, enxáguo na água morna e, em seguida, aplico uma quantidade generosa de condicionador. Passo os dedos pelas mechas para desembaraçá-las e a viro, apreciando a maneira como seu corpo se move prontamente para junto do meu. A confiança que ela deposita em mim é mais do que eu mereço.

Nossos olhares se encontram no ambiente cheio de vapor. Mas não falamos. Ela me observa enquanto continuo ensaboando e massageando seu corpo com gentileza: o tórax, os seios, as costelas.

Eu me ajoelho diante dela, ensaboando seus quadris, o triângulo aparado de pelos que a ajudei a depilar, suas coxas, panturrilhas. Droga, até mesmo seus pés.

Seus pés tão perfeitos.

Eles combinam com todas as outras coisas perfeitas nela. Estou sem palavras. Por tudo que ela compartilhou comigo esta noite. Pelo que ela compartilhou comigo nas últimas semanas. Eu me sinto profundamente indigno. Mas quero ser merecedor.

Estou desesperado para isso.

Levando as mãos para trás dela, passo o sabonete sobre sua bunda arredondada antes de colocá-lo de volta na borda e direcionar a água para

enxaguar a espuma. Repito o passo a passo, ignorando o incômodo do piso contra meus joelhos. Quando ela penteia meu cabelo com os dedos, deixo minha bochecha com a barba por fazer repousar contra sua barriga e a abraço.

Essa garota me trouxe de volta à vida sem fazer qualquer esforço. Todo esse tempo eu procurei por alguém que me fizesse sentir algo, e ela estava bem ali.

Meus lábios beijam o ponto logo acima de seu umbigo, então inclino a cabeça, e encontro seus olhos escuros confusos, cheios de emoção.

Acho que nunca amaram Bailey de verdade.

Não como eu.

E ninguém jamais a amará assim.

– Eu te amo – repito para ela, sem me importar de já ter dito isso várias vezes esta noite e ela, não.

Você não diz que ama alguém esperando que a pessoa diga o mesmo de volta. Você diz porque quer. Você diz porque é verdade.

Passei muitas horas em uma caverna no Afeganistão desejando ter dito a mais pessoas quanto elas eram importantes para mim. Prometi a mim mesmo que diria quando retornasse mas estava ocupado demais chafurdando na merda para fazer isso.

Isso acaba agora.

Bailey pressiona firmemente minhas têmporas antes de voltar a deslizar as mãos pelo meu cabelo.

– Como você sabe que me ama? – pergunta Bailey, com a voz baixa.

– Como eu sei?

– É. – Suas mãos não param de se mover, me acariciando. – Não é cedo demais? Rápido demais? Improvável demais?

Avalio as perguntas com um sorriso nos lábios.

– Não acredito que exista um tempo determinado, Bailey. Não existe uma métrica ou teste pelo qual você precisa passar para saber. Eu acho que você simplesmente sabe.

– Você simplesmente sabe – repete ela, pensativa, mordendo os lábios.

Volto a beijar sua barriga.

– Minha dor desaparece quando estou com você. Eu consigo ser uma versão melhor de mim mesmo quando estou com você. Eu durmo. Eu rio. Eu tenho algo… alguém… para esperar no final do dia. Eu sinto… – Olho de novo para ela, engolindo em seco enquanto corro minhas mãos por suas costas. – Voltei a me sentir inteiro com você.

Ela pousa as mãos no meu pescoço, e seus polegares roçam minhas maçãs do rosto.

– Não sei o que dizer.

Minhas mãos apertam seus quadris, e sei que a estou deixando ansiosa. Preciso aliviar o clima. Ela é muito jovem e eu já cheguei atropelando.

Então dou um tapa leve na bunda dela, que reverbera por causa da acústica no banheiro, e provoco:

– Diga “sim, senhor” e deixa eu tirar o condicionador do seu cabelo.

Ela solta uma risadinha nervosa quando me levanto e a viro para a ducha, observando a água com creme cair em cascata por suas costas até ficar transparente. Espero, observo e espero mais um pouco enquanto ela tenta se orientar.

Quando ela sai da água, pego um punhado de seu cabelo, inclino sua cabeça para mim e murmuro contra seus lábios:

– Eu não ouvi o que você disse, Bailey.

– Ouviu o quê?

Seus olhos brilham de excitação, e sei que ela está fingindo não saber do que estou falando.

– Você sabe o que acontece com pirralhas malcriadas?

Ela morde o lábio inferior, mas não está preocupada. Está tentando não sorrir, isso, sim.

– Espero que levem uma surra.

Eu gemo e deixo meus olhos se fecharem enquanto esfrego os lábios em seu rosto.

– Você vai acabar me matando.

Ela ri, vira o rosto para mim e sussurra:

– Mas seria uma morte e tanto. Você não acha?

Então ela me beija, e eu deixo. Porque ela não está errada.

Seria uma morte e tanto.



Acordo assustado e pulo da cama, praticamente empurrando Bailey para longe de mim.

Uma olhada no relógio me diz que são 3h26, o que é uma bela mudança em relação às 2h11. Provavelmente dormimos ou transamos nesse horário e nem vimos.

– O que foi?

Ouço a preocupação em sua voz e me viro rapidamente para ela. Bailey está de joelhos no meio da cama, as mãos sobre o peito, sobre o coração que bate acelerado.

Há algo de errado. É como se uma aranha estivesse subindo pela minha coluna. Chame do que quiser – um sexto sentido, talvez. Uma intuição que já salvou minha vida inúmeras vezes.

Levanto um dedo para Bailey, pedindo que ela fique em silêncio, enquanto me aproximo da grande janela de frente para o rio.

Escuto passos desajeitados. Um “Ai!” baixo, seguido por um “Cala a boca! Alguém vai te ouvir!”.

Reviro os olhos. Ele acabou de gritar, porra. Claro que alguém vai ouvir. Você nem precisa ser um agente de operações especiais para ouvir esses idiotas chegando. Afasto a cortina um centímetro e vejo duas silhuetas escuras no meu gramado. Balanço a cabeça, me viro e vou até a porta.

– Bailey, fica aqui. Não sai da cama.

– O que foi? – repete, apreensiva.

– Vou trocar uma ideia com os seus irmãos – resmungo, sem me dar ao trabalho de vestir uma camiseta antes de sair do quarto.

– Beau! – sussurra ela com tanta ferocidade que me viro.

Ainda bem que nem procurei a camiseta, porque ela a está usando, parecendo tão pequena, engolida por aquela camiseta branca, e o cabelo ainda está todo desgrenhado.

Ela suspira e umedece os lábios antes de falar, num tom quase choroso:

– Tenha cuidado.

Bato continência e pisco para ela, o que só me rende um sorriso fraco, e então sigo pelo corredor, direto para o meu cofre de armas.

Elas não têm muita utilidade agora, exceto para a prática de tiro ou para o caso de encontrar algo no meu quintal que queira me matar. Mas tenho certeza de que não precisaria atirar em um urso ou em um puma para ficar em segurança.

No fundo do armário perto da porta da frente, digito o código do cofre e pego meu velho rifle de caça. Eu o coloco embaixo do braço e sigo para os fundos da casa.

Os dois patetas estão se esforçando tanto para arrombar a fechadura do trailer de Bailey que não me ouvem saindo de casa. Sou bem silencioso, é claro, mesmo quando me jogo na cadeira onde Bailey pega sol usando aquele biquíni minúsculo que eu adoro.

Abro as pernas e apoio a arma no joelho. No escuro é difícil dizer, mas acho que eles estão usando um grampo para abrir a porta. Observo os dois tentarem por mais alguns segundos.

Idiotas do caralho.

Aposto que eles tentam acender fogueira fazendo fricção com as pedras do

rio.

– Precisam de ajuda? – anuncio, me forçando a não rir do pulo que eles dão ao ouvirem minha voz, que ecoa até o rio.

– Vai se foder! – diz o primeiro a se orientar. Não consigo ver quem é. – Este trailer é nosso.

Balanço o joelho, notando o olhar dos dois para a arma.

Eu não atiraria neles, mas me divirto em vê-los ficarem paralisados como duas estátuas. Me sinto como o meu antigo eu. No meu habitat natural, por assim dizer.

– O trailer não é de vocês, é da Bailey. E está na minha propriedade. E vocês também estão nela. É hora de darem o fora.

– Onde está a Bailey? Ela nos deve o aluguel! – fala o outro, lambendo os lábios quase com raiva. Mais chapado, impossível.

– Bailey não deve nada a vocês. Querem que eu dê algum recado a ela? É só me dizer. Querem entregar algo a ela? Podem me dar. Querem sequer olhar para a minha noiva? É melhor vocês virem rastejando pedir minha permissão.

– Ela é minha irmã! Nem se minha vida estivesse em risco eu pediria sua permissão pra alguma merda.

– É exatamente isso que vai acontecer se você se aproximar dela ou das coisas dela.

– Como é que é?

Vejo que é o irmão mais velho falando quando ele dá um passo agressivo em direção ao deque. Está chapado demais para ficar devidamente assustado comigo.

Eu rio e esfrego o queixo.

– Você me ouviu. Chegue perto dela de novo e eu pinto o chão com os seus miolos. Você não será o primeiro homem que eu matei, mas pode ser o último.

Agora é o mais novo quem fala. Possivelmente o mais inteligente. Provavelmente o mais sóbrio.

– Ela não pagou o aluguel! Ela resolve isso e vocês nunca mais vão ouvir falar da gente.

Eu estalo a língua.

– Vocês só podem ser tão imbecis quanto todo mundo diz, se acham que eu, de todas as pessoas, vou negociar com terroristas. Saiam da minha propriedade.

– Você vai…

Eles começam a discutir comigo, mas não os deixo ir muito longe.

Pego a arma, finjo que estou mirando e isso é o suficiente para os dois saírem correndo. Quase sinto vontade de rir. Esses dois filhos da puta são viciados, ladrõezinhos mequetrefes, não gênios do crime.

Mas também são problemáticos o suficiente para que eu saiba que vão pegar no pé da Bailey enquanto ela estiver aqui. Porque são preguiçosos demais para ir atrás dela em qualquer outro lugar. Em Chestnut Springs, ela é simplesmente um alvo fácil.

Bem, ela *era* um alvo fácil.

Não é mais.

– Você é doido! – grita um deles enquanto correm para o vale escuro do rio.

– Sou mesmo, cara. Vocês não fazem ideia! – respondo.

Ouço os palavrões e som de água e sei que eles passaram pelo riacho e entraram em suas terras.

Boçais.

Não gosto deles no nosso rio, no lugar onde Bailey e eu passamos nossa primeira noite juntos. É uma invasão, então vou instalar uma cerca elétrica naquele lado da minha propriedade também. Com um suspiro pesado, me levanto e entro em casa. Verifico todas as portas e janelas do andar principal e aciono meu sistema de alarme, quase nunca usado, antes de subir as escadas até a garota que parece ser a parte de mim que faltava há muito tempo.

Quando chego ao quarto, ela está parada na janela, pálida.

– Achei que tinha dito pra você ficar na cama.

Ela faz que sim.

– Você disse.

– Mesmo assim, aí está você, na janela.

– Eu queria assistir. – Ela dá de ombros. – Além do mais, você não manda em mim.

Dou um sorriso irônico.

– Mando, sim.

Ela revira os olhos antes de soltar a cortina e voltar para a cama. Eu a encontro lá, levantando as cobertas para poder puxá-la mais para perto e aninhá-la junto ao meu corpo, onde sei que ela está mais segura.

O silêncio nos cerca, até que ela sussurra:

– Pintar o chão com os miolos deles? – Ela dá uma bufada suave, e seus ombros tremem em uma risada. – Isso é tão romântico.

Eu a puxo para mais perto e solto um suspiro exasperado.

– Falei sério, Bailey. Você me perguntou como eu sei que te amo. É assim. Tenho na minha mira qualquer um que queira te machucar e não vou me sentir mal em puxar o gatilho.

Essa declaração a deixa em silêncio por alguns instantes.

Ela beija minha mão e me aperta de volta.

– Acha melhor chamar a polícia?

– Não, eu cuido disso.

– Obrigada.

Essas são as últimas palavras sussurradas antes de a sua respiração se tornar profunda e uniforme.

Mas eu? Fico acordado ouvindo.

Até o sol nascer e eu confirmar que ela está segura.

37

Bailey

Desabamos na cama, dois corpos suados e emaranhados. Minha cabeça está apoiada no quadril de Beau enquanto ele morde a parte interna da minha coxa, deixando mais uma marca. Tenho absoluta certeza de que ele ama fazer isso.

Eu grito e rolo para longe dele, fingindo que estou tentando fugir. Mas ele me conhece bem, então me agarra e me puxa de volta para junto de seu corpo.

– Delícia, estou começando a achar que você só me pergunta se eu já experimentei alguma posição pra eu te mostrar como se faz. Que pirralha carente.

Eu rio contra seu peito, dando uma mordida em resposta.

– Acho a logística do 69 muito confusa. Eu precisava de umas aulas, senhor.

Não consigo dizer isso sem rir. Juro que agora ando com tesão o tempo todo.

Sexo com Beau é gostoso, divertido e sensível ao mesmo tempo. Não me canso.

– Bailey – geme ele, daquele jeito exasperado como gosta de pronunciar o meu nome, mas seu pau pulsa sob minha perna.

Será que sou mesmo uma pirralha que adora dizer coisas só para impressionar? Não sei. Mas não estou nem aí, porque isso me diverte.

E também tenho muitos orgasmos.

E muitos sentimentos. Sentimentos fortes o bastante para que eu não saiba o que fazer com eles. Fortes o bastante para me deixarem muito em dúvida sobre querer ou não sair desta cidade. Eu estava tão convencida de que sexo era apenas sexo, mas, com Beau, é muito mais. Tudo é muito diferente agora.

Nós nos aconchegamos, eu colada nele e seus braços em volta da minha cintura enquanto o sol da manhã entra pela janela. Ele me acordou quando estava se arrumando para o trabalho e eu aproveitei. Estou cansada e quero voltar a

dormir, mas Beau também deve estar cansado, porque ele continua indo ao meu bar quatro noites por semana, para proteger.

Beau solta um murmúrio satisfeito e depois imita um som de ronco que me faz sorrir.

– Desculpa. Você deve estar super cansado.

Ele desliza a mão larga e calejada para cima e para baixo, acariciando as minhas costas.

– Tudo bem, baby. É por um bom motivo.

– Você não pode continuar fazendo isso.

– O quê?

– Ficar acordado a noite inteira comigo e trabalhar no rancho o dia todo.

– Claro que posso. Quando você está aqui eu durmo como um bebê, sem acordar às 2h11.

Comprimo os lábios, pesando minhas palavras com todo o cuidado.

– Precisamos conversar sobre o que está acontecendo entre nós em algum momento, Beau. Nós basicamente transamos, nos abraçamos e depois você fica de plantão no meu trabalho.

– Sim, e eu acho perfeito.

– Você mal consegue manter os olhos abertos.

– Não é culpa minha se você fica louca de tesão o tempo todo. Você me exaure. Estou velho. É difícil acompanhar.

Não consigo deixar de rir.

– Você não parece ter dificuldade em acompanhar. Tipo, nenhuma.

– No outro dia, falei com Mitch Henderson, o chefe dos bombeiros, enquanto abastecia no posto de gasolina.

– É?

Ele assente, o queixo batendo no topo da minha cabeça.

– É. Ele disse pra eu aparecer quando quiser que ele me coloca no próximo grupo de treinamento. Mitch acha que eu seria perfeito para o trabalho.

Sei que ele não quis insinuar nada com isso, mas seu comentário me irrita. Uma conversa casual no posto de gasolina lhe dá a chance de ter qualquer trabalho que ele queira. Enquanto isso, eu luto para me manter num emprego em que levei anos para ser promovida. E, sinceramente, não sei como ainda não me demitiram. E agora tenho outro emprego com uma mulher que acha que estamos prestes a nos tornar cunhadas.

Isso é injusto.

Fico rígida em seus braços enquanto tento absorver o que ele acabou de me dizer. Mas estou feliz por ele.

Mesmo.

Só não estou feliz por mim. Ele está criando raízes aqui e eu ainda estou planejando um jeito de ir embora. Vou ser a primeira pessoa da minha família a frequentar a universidade. Tenho planos para mim porque não quero ser a Bailey de Chestnut Springs. Aqui eu sempre serei uma Jansen, não importa o que aconteça. O fato de Beau achar que ainda precisa cuidar de mim é a maior prova disso. E, quer ele queira admitir, quer não, não tem como ele continuar com isso.

– Eu concordo, você seria ótimo.

– Aí, quando você for pra universidade, vai ser mais fácil pra conciliarmos nossos planos.

– Ah.

Não sei por que supus que ele não havia pensado nisso também.

– Relacionamento à distância. Pra começar.

– Relacionamento à distância. – Até eu consigo ouvir a surpresa na minha voz ao repetir a ideia dele. – Podemos lidar com isso. E não é tão longe. Uma hora? Vai ser moleza.

Mas o que significa esse *começar*? Ele espera que eu volte para Chestnut Springs?

– Claro que podemos.

Deus do céu, eu sou uma idiota. Ele provavelmente nem está pensando tão longe. Eu deveria apenas aproveitar o momento. Confiar que Beau sabe o que está fazendo.

Eu o envolvo e inspiro profundamente seu cheiro de citronela.

Relacionamento à distância.

Vou sentir falta disto. De estar com ele todos os dias. Só o tenho há uma semana e já sei que vai ser difícil ficar sem ele.

E essa perspectiva me apavora.

– Bailey.

– Sim?

– Dá pra sentir que você tá preocupada.

– Dá? – Bufo. – Isso é algo que eles ensinam na escola para agentes de elite?

Ele morde minha orelha, sempre transformando um momento sério em brincadeira para aliviar minhas ansiedades.

– Pirralha bocuda.

– *Sua* pirralha bocuda – murmuro, e me aconchego nele, meu ouvido contra seu peito, onde posso ouvir seu coração batendo.

– É, Bailey, você é minha pirralha bocuda. E eu vou te dar um negócio pra acalmar essa sua boca mais tarde.

– Besta.

– Sou mesmo.

Ele desliza para fora da cama, tirando meu corpo exausto de cima dele.

– Vejo você no trabalho hoje à noite. E, quando chegarmos em casa, quero ver você zombar de mim com a minha rola enfiada na sua garganta.

Eu rio e me viro para fitar esse homem lindo, engraçado e obsceno que invadiu minha vida e virou tudo de cabeça para baixo.

Acho que ainda estou me recuperando.

Acho que estou com muitas emoções conflitantes.

Acho que também estou apaixonada por ele.

– Vejo você hoje à noite – respondo, com uma piscadela.

Então ele me beija e sai pela porta como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

38

Beau

Beau: Faltam seis horas pra você se engasgar com a minha rola.
Bailey: Kkk. Mas quem está contando, né?
Beau: Eu. Estou contando.
Bailey: Ele é gostoso *e* sabe contar. Sério, o pacote completo.
Beau: Vou te dar o pacote completo daqui a cinco horas e cinquenta e nove minutos.
Bailey: BESTA.

Pouso a mão contra a porta fria. A barra de latão que a atravessa parece desgastada. Percebo isso quando entro no bar, no final da noite de uma segunda-feira movimentada.

Escuto o burburinho das conversas enquanto George Strait soa nos alto-falantes. Bolas de sinuca batem umas nas outras como se fizessem parte do instrumental da canção.

Avisto Bailey atrás do balcão. O cabelo lustroso, quase preto, cai em cascata sobre seus ombros tensos e erguidos.

Meus olhos correm por seu corpo. Mandíbula cerrada, movimentos quase espasmódicos, como se ela estivesse tentando agir casualmente – sem conseguir.

Ela não sabe disfarçar. Tudo nela a denuncia: da expressão no rosto à linguagem corporal. Está acontecendo algo de errado, e é como se ela fosse um letreiro de neon piscando com essa informação.

A outra pista é Gary, que está sentado ereto, com um copo de cerveja pela metade à sua frente. Ele não encosta no copo. Em qualquer outro dia, não tiraria as mãos dele. Isso me incomoda porque deixa a cerveja quente e ela fica terrível,

mas acho que ele sempre bebe tão rápido que nem faz diferença.

Seja como for, Gary também está tenso, observando Bailey com um brilho de proteção paternal nos olhos, algo que já vi antes. Mas hoje está mais evidente… mais sóbrio.

Checo a hora.

Sete e meia da noite. Já era para ele estar bêbado.

Meus olhos vasculham o ambiente, notando os sorrisos que as pessoas me lançam. Eu não retribuo nenhum. Passei de relaxado para superalerta e, quando cheguei ao canto de trás, entendi o motivo.

Os merdas dos irmãos e do pai da Bailey estão aqui. Eu pensava que o pai dela estivesse na cadeia em algum lugar, mas, pelo visto, estou meio por fora. Verdade seja dita, não falamos muito sobre a família dela. Percebo que Bailey não gosta de tocar no assunto, então não quero deixá-la desconfortável.

O pai e os irmãos estão bebendo cerveja alegremente, rindo, jogando sinuca, como se pertencessem a este lugar. Sou tomado pela fúria.

Eu já não os havia expulsado da minha propriedade?

Dou alguns passos em direção a eles, pronto para o confronto, mas me viro e olho de relance para Bailey. Devo ter sentido seus olhos em mim, porque estabelecemos uma conexão instantânea.

Ela balança a cabeça, numa negativa.

Mordo o interior da bochecha com tanta força que sangra, então, num movimento brusco, me viro em direção à porta e saio furioso dali, esperando que ela me siga. Preciso falar com ela.

Marcho de volta para o estacionamento – recém-pavimentado, para que o lugar não fique tão empoeirado o tempo todo.

– Beau! – chama ela ao passar pela porta.

– Aqui.

Aceno para ela vir comigo, contornando o bar até o pequeno galpão protegido nos fundos, onde guardamos os barris vazios. As coletas acontecem às segundas-feiras, então não há nada no depósito agora. Abro o galpão com violência, fazendo-a entrar. Bailey passa por mim, e eu bato a porta com força.

A luz passa por entre as tábuas, lançando um brilho fraco no ambiente.

Bailey está de olhos arregalados e começa:

– Sinto muito. Eu não…

Eu a interrompo pousando um dedo em seus lábios.

– Você está bem?

Ela assente, mas pisca rapidamente. Porra, minha garota é durona. Ela está dizendo que está bem, mas não está.

– Bailey… – sussurro o nome dela e afasto a mão, esfregando a boca.

Toda a tensão em meu corpo começa a dar as caras, causando um incômodo sob minha pele.

– Beau, por favor. Só não crie confusão. Eles não são tão ruins quando meu pai está por perto. Não precisa se alterar. Eu quero que eles terminem e vão embora. Quero encarar a coisa com maturidade.

– Estou farto de você ter que ser madura, Bailey. Eles sabem o que estão fazendo. Eu disse a eles para saírem da minha propriedade e ficarem longe de você. E, no entanto, aqui estão eles, me desafiando. Você merece muito mais do que isso.

Ela esfrega as têmporas, olhando para os pés. Eu queria poder tornar tudo isso muito mais fácil para ela, mas não sei como.

Ela precisa sair desta cidade, e logo.

Nós dois sabemos disso, mas simplesmente evitamos o assunto.

Não tenho ideia de quanto ela precisa para dar o fora de vez, mas desconfio que também haja uma boa dose de medo interferindo. Ela quer partir, mas também tem medo de começar do zero.

E eu tenho medo de estar atrapalhando.

Ela me encara, lacrimejando.

– Estou tão cansada, Beau… Cansada pra caralho.

Seus pulmões se esvaziam com um suspiro pesado, e meu peito afunda com aquela confissão.

Não sei o que dizer para melhorar a situação, então a beijo. Bailey solta um pequeno gemido na minha boca, mas logo suas mãos estão na minha nuca. Suas unhas passeiam pelo meu cabelo. Ela me agarra como se pudesse me sugar e se sustentar apenas com meu beijo.

Estou com as mãos apoiadas em seus quadris, mas, no minuto em que começo a movê-las, a energia no galpão muda.

Nossa paciência some.

Eu a quero com uma violência que nunca experimentei, com uma ferocidade que me choca.

Empurro Bailey contra a parede, pressionando minha perna entre as dela. Minha coxa roça contra seu centro enquanto eu a beijo e abro o botão de sua calça jeans apertada.

– Beau – sussurra ela entre beijos violentos, passando as mãos por baixo da minha camisa.

– Eu quero que você tire essa calça. Agora.

– Beau.

– Quero que você volte pra lá sabendo que é minha. Não importa o que aconteça. Não importa o que digam.

– O quê?

– Quero que você volte pra lá com cara de quem acabou de ser bem comida, para que ninguém tenha dúvidas sobre o que somos um para o outro. Especialmente você.

– Beau, os clientes…

Ela interrompe a frase quando puxo sua calça jeans, passando-a por suas coxas firmes, deixando-a caída ali, e passo meus dedos sobre sua calcinha.

– Bailey, cala a boca e deixa eu comer o que é meu. Depois a gente conversa.

– Tá bom – responde ela, ofegante, enquanto esfrego a calcinha de algodão que agora está enfiada entre os lábios de sua boceta.

– Vira pra parede e empina a bunda.

Minha voz é cortante, beirando a exigência, mas Bailey não vacila. Ela me conhece bem o bastante para saber que tenho diferentes facetas a depender do dia.

Ela diz que gosta de todas, então não me dou ao trabalho de esconder nem mesmo as minhas versões mais perversas. Aquelas que sempre deixei em algum outro país ou na base militar. Com ela, não preciso fingir que essas versões não existem.

Eu a amo ainda mais por isso.

Bailey se vira e apoia as mãos na parede de tábuas rústicas. Sua bunda está virada para mim e sua cabeça está baixa, enquanto seu corpo se move sob o ritmo da respiração ofegante.

– Tão obediente, Bailey.

Engancho um dedo em sua calcinha enquanto minha outra mão pressiona a sua lombar para arqueá-la ainda mais.

– Sim, senhor – responde apressada.

Desta vez, Bailey não está brincando. Ela sabe que fico com tesão sempre que ela diz isso.

Ela me conhece muito bem.

Mas não conhece tudo.

– Você precisa que eu te encha de porra antes de te mandar de volta pra terminar seu trabalho?

– Preciso.

Dou um tapa forte em sua bunda, que a faz pular.

– Pede com educação.

A respiração dela fica irregular, e eu vejo seus dedos arranharem a madeira.

– Sim, por favor.

Bato novamente, e ela geme.

– Sim, por favor… Sim, por favor, *senhor*.

Cacete, o jeito como ela fala isso. Eu não deveria curtir esse negócio de foder uma garota de 22 anos no trabalho dela e de fazê-la me chamar de senhor.

Mas esse pensamento logo some. Desafivelo o cinto rápido, puxo o pau para fora e o aperto com força, batendo-o contra a marca rosada provocada pelo tapa.

Afasto a calcinha dela para o lado e passo a minha glande por sua boceta molhada.

– Porra, você tá encharcada, Bailey. Devo te provocar até você melar suas coxas? Fazer todos os seus clientes esperarem? Ou prefere ver a minha porra escorrendo de dentro de você?

– Sua porra. – Bailey joga os quadris para trás e me encara por cima do ombro. Seus olhos ainda estão vidrados, mas não tristes como antes. – Por favor, senhor.

– Caralho. – Balanço a cabeça e ranjo os dentes enquanto entro nela. – Está dolorida, baby?

Começamos devagar, mas a coisa mudou bastante nos últimos tempos.

– Nem um pouco.

Ela balança a bunda novamente, e amo a sensação de ter o meu pau roçando dentro dela.

– Ótimo, porque, depois disso, você vai ficar.

Meto tudo, e o corpo dela se curva para me receber. Bailey tenta conter um grito enquanto a boceta dela engole meu pau inteiro.

– Tão apertada, Bailey… – retruco, e retiro o pau de novo. – Você se encaixa em mim como uma luva. Como se fosse feita para mim.

Volto a penetrá-la, sentindo suas pernas tremerem e lutarem contra o jeans que a impede de abri-las mais, como ela claramente quer.

Um gemido frustrado sai de seus lábios, e ela tenta abaixar as mãos, mas eu as coloco de volta contra a parede.

– Deixa as mãos aí, Bailey. Abertas.

Prendo seus braços no alto com uma mão, enquanto a outra segura sua cintura, e começo a socar meu pau nela com força.

O som dos meus quadris batendo contra sua bunda é acompanhado por nossa respiração ofegante.

Meto mais forte, e ela joga a bunda para trás, me encontrando no meio do caminho e recebendo bem cada estocada.

Nossos dedos se entrelaçam na parede à nossa frente. Não sei quem iniciou o movimento, só sei que ele dá um toque de suavidade à nossa foda, que é violenta sob todos os outros aspectos.

Ligados. Bailey e eu estamos ligados de maneiras irreversíveis.

Não fazemos amor, nós fodemos.

Eu dou uma ordem.

Ela me responde à altura, assim como tem feito desde o dia em que invadi seu bar de péssimo humor.

– Beau. Isso. Me fode. Bate em mim de novo.

Acerto sua bunda com a mão que estava na cintura.

A pele fica rosada. Seu corpo treme.

Ela adora.

– De novo.

– Com educação, Bailey.

Mordo seu ombro no meu lugar favorito, esperando que deixe uma marca.

– Por favor.

As palavras são gemidos desconexos.

É tão gostoso ouvi-la pedir o que quer, poder vê-la experimentar todas essas sensações novas.

Eu me inclino um pouco para trás e dou mais um tapa, mais ruidoso do que forte, e meu pau fica cada vez mais apertado dentro dela.

– Ai, meu Deus. Eu vou…

– Isso, minha linda. Goza no meu pau.

Dou uma metida com força, e ela se desmancha. Seu corpo me engole até a última gota enquanto nos aproximamos do ápice.

Ela tomba contra a parede, e eu me apoio nela, depois do que pode ter sido o orgasmo mais intenso da minha vida.

– Porra! – Respiro contra o pescoço dela.

– Mm-hmm – responde Bailey, apertando meus dedos contra a madeira.

Eu beijo seu pescoço, e ela estremece quando meus lábios se arrastam pelas vértebras de sua coluna.

– Pronta? – pergunto, finalmente.

– Mais do que nunca.

Meu gozo escorre de dentro dela quando me afasto, e sinto uma espécie de satisfação doentia em levantar sua calcinha para cobrir a bagunça.

– Acho que sua calcinha está destruída.

Mordisco sua orelha antes de me afastar, me recompondo, ajeitando minhas calças e dando um passo atrás para ver como ela está bonita com a marca da minha mão em sua bunda.

Que coisa mais linda.

– É uma vista e tanto, delícia – murmuro, extasiado.

Com uma risada ofegante, ela finalmente consegue se mover novamente. Bailey desliza a calça jeans para cima e me olha com um sorriso deslumbrante.

– De nada.

Ela pisca, brincalhona, como se eu tivesse eliminado todas as suas preocupações só com aquela trepada.

Mas nós dois sabemos que não é assim. Quando sairmos deste galpão, voltaremos à realidade.

Ela alisa o cabelo, esfrega o canto dos olhos e joga os ombros para trás.

– Como estou?

Eu a encaro por alguns segundos. Que mulher.

Que mulherão da porra.

Ela merece o mundo inteiro.

E sou eu quem vai lhe dar.

– Está com jeito de ser minha – digo, com um aceno firme.

Então, pego a mão de Bailey e a levo de volta para o bar, direto para a fogueira. Porque, no minuto em que passamos pela porta da frente, vejo os irmãos dela se inclinando no balcão, com impaciência praticamente jorrando de seus poros. Como se eles não pudessem esperar cinco minutos por uma cerveja.

– Ei, Bails. Agora que você já terminou de bancar a prostituta do Eaton, precisamos de outra rodada! – grita Aaron, o irmão mais novo, no meio do bar movimentado.

Ele está tentando se exibir às custas do constrangimento dela, e funciona.

Bailey solta a mão da minha e se encolhe ao meu lado enquanto todos os olhares se voltam para ela.

Eu vejo a mulher que estava se sentindo tão viva e segura de si há poucos minutos se transformar novamente na garota que ela está tentando desesperadamente deixar no passado.

Ela não queria um escândalo, mas acho que é disso que ela precisa para se libertar deste lugar.

Sei que vou pagar pelo que estou prestes a fazer. Sei que deveria ter contado há muito tempo. Mas, se isso significa que Bailey sairá vitoriosa, então que assim seja. Nunca abandonei ninguém em uma missão e não pretendo começar agora.

– Vocês três!

Aponto para os irmãos e depois para o pai dela no canto, todo musculoso e com olhos astutos.

– Beau. – Bailey sussurra e puxa minha camisa. – Não faz isso. Não tem a ver com você.

Inclino a cabeça e olho para ela, memorizando a pequena sarda ao lado do lábio superior, só para o caso de eu nunca chegar perto o suficiente para vê-la de novo.

– Na verdade, tem a ver, sim.

A confusão aparece em seu rosto. Eu me viro para o bar quase silencioso, onde todos os olhares estão voltados para mim. Então, projeto a voz, para que cada pessoa me ouça dizer em alto e bom som.

– Vocês três, saiam do meu bar! Ou eu vou mandar a polícia vir e tirá-los da minha propriedade desta vez.

Bailey suspira, mas não paro por aí.

– E qualquer um que sequer pense em tratar minha noiva e minha equipe com menos do que o máximo respeito pode sair também.

Eu me viro para a mulher que amo para ver se consigo avaliar que tipo de dano minha revelação causou. Basta ver seus olhos de relance para constatar que o dano pode ser maior do que eu esperava.

39

Bailey

MEU BAR. MINHA EQUIPE.

Gritos ecoam ao meu redor, e uma música sem graça que já ouvi um milhão de vezes toca nos alto-falantes, mas só escuto o bater do meu coração, o sangue correndo em meus ouvidos.

Olho para o piso de madeira polida. Ele já foi mais surrado. As cadeiras? Eram antiquadas. Lustres de latão substituíram as lâmpadas sujas que pendiam do teto. O The Railspur assumiu uma decoração country chic em algum momento, depois de tantos anos.

Sob nova administração, era o que se dizia na cidade, mas nunca me importei muito. Eu tinha um emprego que pagava razoavelmente bem. Fiquei na minha e fiz meu trabalho. A gerência nunca mudou e a empresa assinava o meu contracheque. A história era que havia um investidor por trás. Alguém que não interferia.

Ergo o olhar e encaro Beau. Tudo que posso fazer é balançar a cabeça.

– Não.

Ele me encara impassível, sem revelar nada. Só percebo que a veia em sua têmpora está pulsando.

Um, dois, três.

Seu coração bate.

Meu coração bate.

Ele me encara enquanto tento compreender.

– Desde quando?

– Alguns anos.

Alguns anos.

Meu Deus.

A dor no meu peito me faz ofegar. Poderia me deixar de joelhos se eu permitisse.

– Problemas no paraíso, maninha? – provoca Aaron.

O fedor de seu hálito preenche o ar ao meu redor quando ele se aproxima.

É um tapa da mão enrugada do meu pai que o faz recuar. Meu pai sempre nos batia. Umas vezes com mais força do que outras.

Meu próprio pai não me diz nada quando passa por mim. Em vez disso, murmura para meus irmãos:

– Seus infelizes, estão tentando me mandar de volta pra cadeia? Saiam daqui.

Eu não aguento e explodo.

– Vocês ouviram! Saiam! – Minha voz é alta e potente, transbordando anos de frustração. Minha mão nem treme quando aponto para a porta. – Vão pra cadeia. Vão pro inferno. Cavem um buraco com sete palmos de profundidade e se enfiem lá. Eu não estou nem aí. Mas vão *embora*. Para bem longe! Para longe de mim e da minha vida. Eu não aguento mais!

Sinto todos os malditos olhos sobre mim. Como se as pessoas estivessem confusas por eu não me dar bem com minha família.

– Estou farta de todos vocês, idiotas, e de toda essa merda! Chega de ser tratada como lixo. Chega de aturar tudo com um sorriso educado. Chega de tentar ser elegante. Chega de ficar sendo associada a vocês quando a verdade é que *eu os odeio*. Saiam. Saiam daqui!

O silêncio no bar é sepulcral. Daqueles que permitem ouvir até um fio de pensamento. Mas tudo o que eu ouço é minha respiração agitada e o sangue correndo em minhas veias.

Com um ar de escárnio, eles vão embora. Duvido que eles se importem com o que eu disse hoje. Mas foi bom colocar isso para fora.

Então eu continuo.

– E quanto a vocês. – Eu me viro e encaro os outros clientes no bar. – Parem de me olhar como se eu tivesse uma doença contagiosa. Parem de me perseguir como se eu fosse uma fonte de entretenimento. Parem de me tratar como se vocês fossem superiores. Vocês são todos cruéis, ruins e intolerantes, e fizeram a minha vida inteira aqui ser absolutamente infeliz.

A maioria das pessoas no bar parece estar em estado de choque. Parece que os atropelei com minha caminhonete a toda velocidade. Escuto alguns pedidos de desculpas murmurados e um pigarro estranho.

Apenas balanço a cabeça em uma negativa e apoio as mãos nos quadris enquanto olho para a mesa que minha família acabou de desocupar. Jantaram e saíram sem pagar, claro.

Eu sempre tive que tirar grana do meu bolso para pagar a conta deles.

Mas, desde que o “novo proprietário” assumiu, não somos mais cobrados pelos calotes. Ou melhor, *eu* não fui mais cobrada. Ninguém nesta cidade sairia sem pagar, a não ser que eu fosse a garçonete – e isso era motivo de piada. E eu tinha que ouvir o deboche e as risadas.

Até que o “novo proprietário” proibiu a entrada de qualquer um que saísse sem pagar.

Porra. *Puta que pariu*. Há quanto tempo Beau está cuidando de mim? E ele escondeu isso de mim enquanto nós…

Enquanto eu começava a sentir…

– Beau, você também pode ir. Preciso voltar ao trabalho – sussurro, empinando o queixo.

Já precisei ficar de cabeça erguida durante constrangimentos maiores. Dessa vez não será diferente.

– Eu não vou embora.

Ele cruza os braços e me encara com uma expressão séria, como se estivéssemos em algum tipo de desafio.

Mas eu não sou forte o suficiente para enfrentá-lo agora. Não com uma plateia. Ou de nenhum outro jeito.

Fecho os olhos e respiro fundo, mantendo as mãos nos quadris. Eu as pressiono ali para evitar que tremam.

– Então eu me demito.

Seu corpo rígido se sobressalta como se eu tivesse batido nele. Por essa eu não esperava.

Coloco a mão para trás e tiro do bolso o cartão magnético para o sistema de computador e entrego a ele.

– Aqui.

Ele olha para o cartão, mas não o pega.

– Tudo bem, Bailey. Eu vou embora.

– Não. – Nego com a cabeça, as lágrimas brotando, meu nariz pinicando enquanto luto para impedi-las de cair. – Eu preciso ir embora.

– Você não pode pedir demissão. Eu vou…

– Posso, sim. Preciso ficar sozinha agora mais do que preciso do salário.

Minha voz falha, e eu franzo os lábios. Empurro o cartão para ele novamente, implorando em silêncio para que ele o pegue. O enorme anel de diamante que ele me deu brilha sob a luz amarela do lustre lindo e restaurado acima de nós.

Como nunca quis saber quem poderia ser o investidor misterioso? Como nunca questionei essas coisas? Como não vi isso?

– Bailey. – Meu nome é um suspiro em seus lábios enquanto seus ombros largos cedem em derrota.

Um gemido raivoso se aloja em minha garganta, e eu deixo o cartão cair no piso de madeira perfeitamente polido antes de me virar e ir para bem longe de Beau.

Para bem longe do meu noivo.

Para bem longe do meu patrão.



Quando chego em casa…

Balanço a cabeça mais uma vez, em descrença, ao subir os degraus de concreto da entrada.

Já na casa *de Beau*, entro pela porta da frente, digito o código do alarme e retiro a chave do trailer do gancho onde todas as nossas chaves – *as chaves dele* – ficam penduradas. Nem me dou ao trabalho de tirar os sapatos ao passar direto pela sala de estar e sair pela porta dos fundos.

Por mim, ele que esfregue o chão com uma escova de dentes enquanto pensa no que fez, não me importo.

Ele mentiu. Mentir tanto e com tantos detalhes – mesmo que tenha sido bem-intencionado – que me fez acreditar que algo era real, e agora parece que talvez não seja. Agora parece que eu era só uma pecinha em algum jogo idiota para ele. Como se ele tivesse chegado em casa e feito da minha vida sua nova missão secreta.

Só que ele escondeu isso de mim e me fez ap…

– Que bosta.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha e eu a limpo com raiva, saindo em disparada para o trailer. Meto a chave na fechadura com rapidez, entro e tranco a porta atrás de mim.

Preciso ficar sozinha.

Preciso pensar.

E não consigo pensar em uma casa onde tudo me lembra Beau. Tudo tem o cheiro dele.

As lágrimas caem livremente agora, e não me preocupo em enxugá-las. Me jogo na cama, no canto daquilo que costumava ser minha casa.

Talvez volte a ser.

Pensar nisso, pensar em deixá-lo, me faz sentir que meus ossos estão rachando sob um fardo impossivelmente pesado. Tento acalmar a respiração, mas chego ao ponto em que não consigo respirar de jeito nenhum.

Estou magoada.

Estou envergonhada.

Me sinto uma idiota por ter ousado acreditar que alguém poderia me amar com tanta sinceridade.

E, ainda assim, aqui estou eu, sofrendo por ele. Beau é tudo que eu quero. Seus braços. Suas palavras. Seu cheiro.

Eu sei que ele é o único que pode fazer eu me sentir melhor, mas… estou furiosa.

Vejo as lágrimas silenciosas caírem em meu jeans, manchando-o e penetrando o tecido. Elas começam pequenas, mas se tornam maiores e mais redondas com bordas suaves.

De repente, ouço a voz dele em pânico gritando meu nome dentro da casa. Fecho os olhos e escuto.

– Bailey!

Existe dor em sua voz. Eu posso sentir. É uma dor que se igualaria à minha se eu conseguisse colocá-la em palavras.

– Bailey!

Ele está na cozinha. Sei disso porque sua voz parece mais próxima agora. E sei que me esconder dessa forma lhe causa ainda mais dor. Sinto náuseas, como se estivesse a ponto de vomitar.

Mas eu preciso deste momento. Preciso deste espaço. Este trailer pode estar no terreno dele, mas ainda é meu. Simples e sem nada, decadente, mas meu.

Eu pensava que o bar era minha bolha. Que era o único lugar onde as pessoas gostavam de mim e do meu trabalho. Que eu merecia aquele lugar no mundo.

A porta dos fundos se abre com um estrondo, e eu sei que esse homem destruiria tudo para me encontrar. Para me salvar.

Mas estou exausta de precisar ser salva.

– Bailey!

A mão dele pousa na porta do trailer. Agora está batendo nela.

Meu lado infantil quer continuar escondido e não responder. Mas meu lado apaixonado está se despedaçando, pouco a pouco, enquanto o ouço procurar por mim ensandecidamente.

– O que é? – respondo, fungando.

Um som seco surge do lado de fora, e o imagino perfeitamente com a testa encostada no material cinza fosco do meu trailer, da minha lata-velha. Todo bronzeado e perfeito.

– Bailey.

– Por que você não me contou?

As palavras saem em um soluço. Pensei que conseguiria me controlar, mas não consigo. Estou desmoronando.

Ele não diz nada, e isso me enfurece, então me levanto e empurro a porta de fibra de vidro, fazendo Beau cambalear para trás.

– Por que você não me contou? Para um cara que queria desesperadamente que nosso relacionamento não fosse baseado em uma mentira, você com certeza dobrou a aposta.

Beau umedece os lábios, a luz dourada atrás dele brilhando sobre a silhueta da casa.

– Eu não menti.

Solto uma risada amarga. Lágrimas ainda mancham meu rosto, mas não me importo.

– Ah, vai se foder. Não mentiu mas omitiu! – Balanço a cabeça e encaro o quintal. – E a revelação foi da forma mais humilhante possível. Na frente de todo mundo, Beau.

– Eu sei. – Ele apoia as mãos atrás da cabeça e me encara, totalmente desamparado. – Sinto muito.

– Eu não quero suas desculpas! Quero uma explicação. Você passou todas essas noites sentado no meu bar porque está protegendo seu investimento ou porque queria ficar comigo?

– Bailey, como você tem coragem de me perguntar isso? Fiquei totalmente por fora daquele lugar durante anos. *Sempre* foi por você.

Meu peito dói demais.

– Quero uma explicação.

Suas mãos correm pela nuca, e Beau está com uma expressão concentrada enquanto vasculha os pensamentos. Está claramente tentando escolher suas próximas palavras com cuidado.

Beau anda de um lado para outro.

– Uma noite, quando eu estava de licença e fui para o bar me encontrar com Jasper, ouvi o dono e o gerente conversando do lado de fora.

Apoio um ombro no batente da porta e cruzo os braços. Um aceno silencioso para ele continuar.

– Eles estavam comentando que o lugar estava ficando decadente. Não havia dinheiro suficiente para consertá-lo. Fred, o dono, disse a Jake que demitir você poderia trazer mais frequentadores.

Tento esconder meu choque, mas meu maxilar se contrai, e sei que ele nota. Desvio o olhar. *O filho da puta do Fred*. Aquele cara era um canalha.

– Mas Jake se opôs. Disse que você era uma boa funcionária e que precisava do emprego. Ele lutou por você e foi demitido por esse motivo.

– Jake?

Beau assente.

– Mas ele continua sendo o gerente.

Jake é de outra cidade e sempre foi legal comigo. Ele não sabia e nem se importava muito com meu passado.

– Eu o recontratei, mas fiz tudo por meio de um advogado para me manter anônimo. Fico totalmente de fora do negócio. Exceto quando entro e conserto uma ou outra coisa. Consertei aquela torneira para você outro dia. Eu ainda queria poder ir ao meu bar favorito com meus amigos e familiares e ser apenas um cliente comum. Um sujeito comum de cidade pequena em um bar comum de cidade pequena.

– Eu… eu nem sei como processar tudo isso. E por que comprou o bar?

O sorriso que toca seus lábios é triste.

– Eu observei você naquela noite. Vi como trabalhou duro. Como estava nervosa. E eu… – Ele esfrega o rosto. – Eu não sei, Bailey. Acho que sempre fui impulsivo no que diz respeito a você. Fui para os fundos do bar e fiz uma oferta irrecusável ao Fred. Era uma sacanagem o que ele queria fazer com você.

– Isso é loucura. Claro que seria uma sacanagem! Mas, para um homem que passou por tanta merda, você é terrivelmente idealista, Beau. Coisas ruins acontecem com pessoas boas. Você não precisa ser um herói o tempo todo. Você não precisa salvar todo mundo.

Ele dá de ombros.

– Você não é todo mundo.

Eu o encaro, boquiaberta. Quero abraçá-lo e bater nele, tudo ao mesmo tempo. Ele é muito irritante. Meus dentes rangem.

– Estou tão puta com você.

Beau baixa os olhos, mas não antes de eu ver a vergonha neles.

– Eu sei.

– Por que você simplesmente não me contou?

– Eu queria. Merda. – Ele passa a mão na boca, andando agitado. – Eu queria. Jasper me disse para eu fazer isso. Ele era o único que sabia de tudo. Mas eu tinha noção de que tínhamos ido longe demais para que você não se magoasse ou se sentisse manipulada. E, meu Deus, Bailey. A última coisa no mundo que eu quero é te machucar.

Minha garganta dói, a ponto de eu me sentir enjoada.

– Eu pensei que fosse sua parceira, Beau. Que você me respeitasse. Eu realmente sentia que era parte integrante de você de alguma forma. Que eu não era um projeto, uma missão secreta. Que eu não era uma peça que você usava para bancar o supersoldado para satisfazer uma necessidade ou enganar sua família.

– Eu respeito você. E você é parte integrante de mim. Eu te amo pra caralho,

Bailey.

Amor.

Merda. Quem falou que o amor machuca não estava mentindo.

– Sabe aquele emprego no bar? Aquele emprego era uma prova de que eu estava fazendo algo por mim, independentemente da minha origem. Era a prova de que eu não precisava da piedade de ninguém. De que sou forte o suficiente para superar qualquer coisa. Que se eu tivesse uma chance para mostrar como me esforço, eu seria recompensada. E você arrancou de mim a única coisa que eu achava que tinha feito de certo na vida. Dependo completamente de você e isso me apavora. E é muito pior, porque você fez eu me ap… Quer saber? – Faço um sinal de desdém com a mão. – Preciso de um tempo para pensar e não acabar dizendo algo do qual eu me arrependa.

Beau pisca, mantendo-se ereto e cheio de orgulho. Como se estivesse preparado para enfrentar as consequências com coragem. Ele não diz que está tudo bem, nem que estou exagerando.

– Eu compreendo.

Ele pega toda a minha frustração e a engole. Como um homem.

Como o homem bom, mas cheio de defeitos, que ele é.

Como o homem bom, mas cheio de defeitos, que me ama.

Agarre-se a isso.

Assinto e me preparo para fechar a porta na cara dele, mas ele me impede, subindo as escadas do trailer e segurando-a, roçando dedos nos meus.

– Quanto tempo?

Meu olhar se fixa nas esferas metálicas que são seus olhos.

– O tempo que for preciso para que a minha raiva passe.

Seus lábios se juntam com força em uma linha reta, e ele engole o que quer que estivesse prestes a dizer. Depois de um tempo, diz:

– Delícia, eu sinto muito mesmo.

Dou um sorriso triste e me afasto dele.

– Eu sei.

Isso é tudo que consigo dizer quando me tranco no meu pequeno e solitário trailer.

Volto para a cama, onde passo a noite inteira em claro, analisando minha vida de todos os ângulos e pensando em como cheguei a este ponto.

Como vou fazer para não passar o resto da vida achando que sou só um projeto de caridade de Beau Eaton?

40

Beau

Beau: Gary quer que eu diga que ele está do seu lado.
Bailey: Acho bom ele estar.
Beau: Eu também estou do seu lado.
Bailey: Acho bom você estar.

Bato na porta de Bailey.

Ela disse que precisava de um tempo, e eu não a julgo. Eu também gostaria de dar um tempo de mim. Infelizmente, estou preso comigo mesmo – me odiando – e obcecado em descobrir como consertar tudo. Na noite passada, voltei ao bar para ajudar. Mas cheguei em casa bem a tempo de vê-la nadar no rio sozinha do topo da margem, como um total idiota. Depois fui para a cama, mas não preguei o olho e fiquei acordado me recriminando.

Vejo suas cortinas farfalhando. Movimento. Um sinal claro de que ela está lá dentro e sabe que estou aqui fora como um cachorrinho triste.

– Ainda estou brava com você – diz ela lá de dentro.

Meus lábios se contraem. Ela parece tão… impaciente. E eu aguento. Posso aguentar a irritação dela comigo. Vou respeitar o momento dela. E vou esperar por ela o tempo que for, feliz da vida.

– Tudo bem. Eu só vim trazer o café da manhã e as gorjetas de ontem à noite. E mais uma coisinha.

Eu olho para a bandeja em minhas mãos. Café. Ovos mexidos. Morangos. Dinheiro. Envelope.

A porta se abre, e meu coração dá uma cambalhota. Seus olhos estão inchados. O cabelo espesso está preso em um rabo de cavalo alto.

– Por que você está me dando essas gorjetas? – pergunta Bailey.

– Porque era seu turno.

– Eu pedi demissão.

– Mesmo assim eu trabalhei no seu lugar.

Bailey funga e desvia o olhar.

– Não sabia que você tinha experiência com isso.

– Eu não tenho, e Gary foi péssimo comigo a noite toda.

Seus olhos escuros se fixam em mim, e eu percebo o esforço que ela faz para não rir daquela informação.

– Ótimo.

– Aqui.

Estendo a bandeja para Bailey e suspiro de alívio quando ela aceita. Vejo que o anel continua em seu dedo.

– O que tem no envelope? Por que está escrito #SomosTodosBailey nele?

Dou de ombros.

– Algumas pessoas da cidade apareceram com dinheiro para te dar um apoio agora que está desempregada. Gary escreveu a *hashtag*.

– As pessoas *desta* cidade deram dinheiro *para mim*?

– Parece que seu desabafo surtiu efeito. Talvez você tenha inspirado algum… remorso?

Ela funga.

– Eu não quero o dinheiro deles. Não preciso.

– Bem, boa sorte devolvendo. Tem muita coisa aí. De várias pessoas e empresas diferentes. Acho que eles não sabem como pedir desculpas a você e isso foi o melhor que conseguiram inventar.

Ela olha para a bandeja com a testa franzida. Os lábios estão entreabertos, como se ela estivesse pronta para dizer algo, mas sem conseguir encontrar as palavras. Para ser justo, também fiquei surpreso.

– Então eu que me foda, né? – exclama.

– Pois é – concordo, com uma risadinha leve, o que só me rende um olhar azedo.

– Para de concordar comigo. Ainda estamos brigados.

Levanto as mãos em sinal de rendição e começo a me afastar dela.

– Desculpa. Culpado. É que eu também sou *hashtag* cem por cento Bailey.

Ela balança a cabeça para mim.

– Você é impossível, sabia?

Eu apenas bato continência e dou uma piscadela. Porque, sim, eu sou.

Ninguém nunca ficou ao lado de Bailey, mas ela está prestes a ter a experiência completa.

– Não, delícia. Quando se trata de você, eu sou um caso perdido.



– O que é isso?

Sorrio, porque Bailey não parece tão desgrenhada hoje. Não, minha garota parece mais forte. Como se estivesse com o sono em dia.

Seu camisetão de gola redonda está solto no corpo, e seu shortinho de dormir deixa à mostra as pernas longas e bronzeadas. Noto as meias felpudas em seus pés enquanto ela, carrancuda, segura a porta do trailer.

Ela está com uma caneta presa atrás da orelha.

Imagino que é assim que ela vai ficar quando estiver estudando para as provas da universidade.

Vou levar café da manhã e da tarde para ela também.

Olho para a bandeja.

– Comida. E cafeína. Achei que você poderia precisar antes de ir pra academia de novo hoje.

– Como você sabe que eu trabalho na academia hoje?

– Eu perguntei pra Summer. Ela não sabia da nossa discussão.

– Por que ela saberia?

Bailey cruza os braços e balança o quadril. Anel brilhando em seu dedo.

Dou de ombros.

– Achei que você poderia ter mencionado quando esteve lá ontem.

Ela revira os olhos, evidenciando sua pouca idade. Mas o que ela diz em seguida indica que ela é bem mais madura do que parece.

– Não, Beau. Não vou correr pra sua família dizendo que você é um babaca, porque isso é problema nosso, não deles.

Problema nosso.

Essa forma de ver me dá esperança.

Pigarreio e assinto, sem querer ir longe demais. Ela claramente ainda está chateada comigo.

Bailey aponta para a bandeja.

– O que é isso?

– Dinheiro.

– Por quê?

– Porque ontem à noite trabalhei de novo no seu turno. Gary me chutou de lá. Disse que não estava pagando alguém tão idiota quanto eu para servir as cervejas dele e depois jogou as chaves em mim.

Ela tapa a boca e desvia o olhar. Sei que está tentando abafar uma risada.

– Você deveria ficar com isso…

– Bailey. Pegue o dinheiro. Você merece um recomeço. Merece uma chance de ter suas coisas, assim como qualquer pessoa. Pegue o dinheiro e faça acontecer. Não preciso dele.

– Beau… – Ela inclina a cabeça, hesitante.

– Não, me escuta. Você precisa sair desta cidade. Eu cheguei a pensar que não era necessário. Pensei que eu pudesse melhorar as coisas aqui pra você. Mas a verdade é que você tornou a minha vida melhor, muito melhor, e eu tenho medo de ter piorado a sua.

Ela parece chocada com minhas palavras.

Mas, mesmo assim, pega a bandeja e volta para o trailer.



– Você vai continuar fazendo o café da manhã pra ela? E insistindo pra ela ir embora?

Viro o bacon com o celular preso entre a orelha e o ombro, tentando ignorar o tom presunçoso de Jasper.

– Vou. Ela ficou acordada até tarde. Vi as luzes acesas no trailer. E ela precisa ir embora. É o melhor para ela.

– Cara, eu disse pra você contar a ela. Espero que ela faça você levar o café da manhã pra ela por anos.

– Vai à merda.

Jasper ri.

– Um pouco de humildade te faria muito bem. Vai ser bom para você. Constrói caráter.

– Eu sou cheio de caráter!

A gordura do bacon espirra na minha mão, e eu dou um pulo.

– Você é cheio de merda, isso, sim. E ela sacou qual é a sua.

– Jas, que porra é essa? Você é meu irmão e deveria ficar do meu lado. Que porcaria de lição de moral é essa?

– É uma voadora pra você ficar ligado. Acorda, Beau. Você não é a mesma pessoa de antigamente. O palhaço da turma, o herói feliz e radiante. Agora você é um mero mortal, como todos nós. Alguém que comete erros idiotas. Alguém que não recebe tudo de mão beijada.

– Ei, eu…

– Eu sei, eu sei. – Jasper me acalma. – Nem tudo foi fácil. Mas seu caminho

sempre foi mais como um atalho. As decisões que você toma são óbvias. Você pensou duas vezes antes de voltar para aquele bunker e resgatar o Micah?

– Não – resmungo. – Nada me faria mudar de ideia.

– Pois é. Exatamente. Então, qual vai ser? Você vai continuar trabalhando em um emprego que odeia, em uma cidade em que você claramente se sente desconfortável, por causa do seu senso equivocado de dever, enquanto ela vai embora viver a vida dela? Você tem uma escolha a fazer, mas tenho para mim que você não está se ligando. Você vai com ela ou não? Você continua dizendo que ir embora é o melhor pra ela, mas e pra você? O que é melhor?

– Eu tenho um plano – murmuro.

Porque tenho mesmo. E já faz algum tempo. Só não contei a ninguém. Há anos não conto sobre os meus planos a ninguém, e a única pessoa para quem pretendo contar é Bailey. Sinceramente, não quero que ninguém se meta. Confio no meu julgamento no que diz respeito a ela. Desde antes do meu acidente, eu nunca tinha tido um propósito tão claro.

E o comentário dela sobre não dividir nossos problemas com todo mundo me pegou.

Ela e eu.

Começamos como um segredo, mas nos transformamos em muito mais. Mesmo que nós dois estejamos lidando com nossas próprias questões agora, sempre parece que estamos…

Sozinhos, mas juntos.

– Ela provavelmente vai conhecer alguém muito mais novo que você na cidade – provoca Jasper, e o ciúme me deixa com um embrulho no estômago, embora eu saiba que ele está brincando.

– Você e eu temos a mesma idade, idiota.

– É. – Sua resposta é enfática, e ouço o barulho dele fazendo algo em sua cozinha. O preguiçoso poderia ter vindo aqui em casa. – Temos idade suficiente pra saber o que fazer.

– Meu Deus, cara…

Eu paro ao ver Bailey saindo do trailer. Ela está usando um lindo vestido branco e uma jaqueta jeans, e seu cabelo está todo sedoso e penteado. Eu sei que ela tem tomado banho na academia. Summer me disse isso com um olhar penetrante que dizia *não faça cagada*.

Vejo a hora e noto que ainda é cedo para que ela esteja de saída para o trabalho. Não quero deixar de falar com ela.

– Tenho que ir, Jas. Tchau.

Desligo antes que meu amigo possa dizer outra palavra e jogo o bacon no pãozinho que está esperando, completo com tomate, alface e maionese. Então,

enrolo em uma toalha de papel e corro para a porta da frente, por onde sei que ela vai passar.

– Bailey. Espera! – grito, abrindo a porta e descendo as escadas correndo. – Fiz café da manhã para você.

Ela para e se vira para mim.

– Você não precisa continuar fazendo café da manhã pra mim.

– Você ficou acordada até tarde.

Ela inclina a cabeça e me encara com uma expressão confusa.

– Como você sabe?

– As luzes estavam acesas. Eu vi.

Bailey pigarreia e estende a mão para pegar o pãozinho. O anel ainda está em seu dedo.

– Obrigada.

– De nada – digo, enfiando as mãos nos bolsos. – Para onde você vai tão cedo?

Chuto a entrada da garagem, me sentindo um adolescente conversando com sua crush.

Bailey fica em silêncio por tempo suficiente para que eu note que há algo errado.

– Para a cidade.

– Ah, é?

Bailey faz que sim, cravando os dentes no lábio inferior.

– Você pode esperar cinco minutos?

Ela suspira.

Não consigo parar de catalogar cada um dos seus movimentos. Como se isso me desse alguma ideia do que ela anda fazendo. Do que anda pensando. Como se me desse uma ideia de quando ela vai deixar eu me aproximar o suficiente para beijá-la de novo. Para marcá-la com um chupão.

– Por quê?

– Eu também estou indo pra cidade. Posso pegar uma carona?

Ela poderia dizer não. Não há motivo algum para que eu não vá dirigindo. Sinceramente, eu prefiro estar ao volante, mas também quero estar perto dela. Se ficar sentado na merda da caminhonete de Bailey enquanto ela me ignora é o que tem pra hoje, então que assim seja.

O olhar dela me diz que também está curiosa para saber por que preciso ir à cidade. E um sentimento é mútuo.

Talvez estar presa em um veículo comigo a obrigue a falar.

No mínimo, vai obrigá-la a me ouvir.

41

Bailey

Summer: Divirta-se hoje! Envie fotos dos lugares que você visitar. E me diga quais foram os bairros. Quero saber de tudo. Tudo mesmo.
Bailey: Tá bom. Obrigada.
Summer: Você está bem?
Bailey: Estou. Só não esperava que você me mandasse mensagem.
Summer: Por quê?
Bailey: Beau é a única pessoa que me manda mensagem.
Summer: Bem, agora somos Beau E eu.
Bailey: Pensei que você ficaria irritada com a minha mudança.
Summer: Por que eu ficaria irritada com isso?
Bailey: Hmm, porque eu tinha acabado de começar a trabalhar pra você.
Summer: Eu sei o que é ir atrás do que se quer. Eu amo ver isso. O mundo é seu, garota!

Beau se senta no banco do passageiro e, no mesmo instante, fica mais difícil respirar dentro da caminhonete.

Ele está um grande gostoso. Uma camisa xadrez em tons de verde e creme, com uma camiseta cáqui por baixo. Vejo a corrente prateada de suas placas de identificação desaparecendo sob camadas de tecido. Jeans. Botas de couro que o ajudei a escolher.

Faz frio esta manhã. A friagem de outono se arrasta pelas planícies ao nosso redor. A temperatura esquenta no meio do dia e, de noite, despenca.

Amo essa época do ano.

Dou partida no carro e me afasto da casa, tentando manter os olhos na estrada, e não nele.

Sinto saudade dele.

Senti saudade de Beau nos últimos três dias. Por três dias, me obriguei a não voltar para a casa dele.

E não é porque desejo puni-lo. Percebi isso no segundo dia. Isso não tem mais a ver com ele.

Tem a ver comigo. Tem a ver com meu medo ser maior do que o meu desejo. Dar meus primeiros passos para começar do zero. Ser capaz de saber que fiz isso sozinha, sem ninguém atrasando a minha vida e sem ninguém me dando vantagem. Sou vítima das minhas circunstâncias há tempo demais.

Primeiro, fiquei brava diante das injustiças da vida.

Agora estou me vingando.

– O que você tá fazendo? – pergunta ele depois que saímos dos limites de Chestnut Springs.

– Dirigindo.

Continuo guiando o volante.

– Ah, jura? Na cidade, Bailey. O que você está fazendo por lá?

Umedeço os lábios e penso no que quero dizer a ele. Beau é muito… autoritário, avassalador, superprotetor, e eu não quero que se intrometa no dia de hoje. Beau deixou bem claro no outro dia que eu preciso sair da cidade. Que ele *quer* que eu saia da cidade.

E ele? Ele tem uma família. Uma casa. O trabalho que ele quiser – que ele pode aceitar casualmente na porcaria do posto de gasolina.

Não, dar um dos próximos passos com ele a tiracolo doeria muito.

– Não quero que venha comigo.

– Tudo bem. – Ele se recosta no banco, seus bíceps enormes alargando a manga da camisa quando cruza os braços. – Também tenho coisas pra fazer.

Ele atiça minha curiosidade.

– O que você vai fazer?

Eu o espio, e ele sorri. Meu estômago dá uma pequena cambalhota nauseante. *Meu Deus*. Ele é muito lindo.

– Perguntei primeiro, delícia.

Reviro os olhos. Não consigo entender como a brincadeira idiota de me chamar de *minha delícia* se transformou em um apelido carinhoso. E, ainda assim, a referência me faz sorrir.

– Vou dar uma olhada no campus. Finalmente fiz minha matrícula para começar em janeiro.

O sorriso que Beau abre é completamente ofuscante. Semicerro os olhos, como se fosse impossível olhar diretamente para ele. Isso dói.

– Também vou dar uma olhada em alguns lugares para alugar – murmuro.

Falar sobre essas coisas com ele é meio estranho depois de tudo que aconteceu entre nós. Fomos do falso para o real e do real para o real demais.

Acho que sou muito inexperiente para saber em qual página estamos no relacionamento ou para tocar no assunto, mesmo sabendo que precisamos fazer isso.

Só sei que ele mentiu, que feriu meus sentimentos. Que me traz café da manhã todos os dias e me dá todo o espaço que pedi – espaço até demais. E que me disse que eu deveria sair da cidade.

Mas aí ele sorri para mim como se me amasse.

E eu volto a ficar confusa.

– Bom pra você.

Eu zombo. *Bom pra mim*. Isso é como me dar um tapinha nas costas, e não é isso que eu quero dele. Quero que ele me jogue nos ombros e me arraste de volta para casa.

Mas também não quero ficar em Chestnut Springs.

Estou muito perdida.

– E você está indo fazer o quê?

– Trabalho – responde ele, na maior tranquilidade.

Isso só me leva a crer que tenha alguma relação com o bar, o que me lembra que ele andou mentindo para mim por algum senso de dever equivocado.

Filho da puta metido a herói.

Ficamos em silêncio mais uma vez enquanto os campos passam rapidamente e os arranha-céus aparecem ao longe.

– Onde eu te deixo?

Ele se mexe no banco, segurando a maçaneta e olhando pela janela.

– Eu vou te dando as direções.

Filho da puta enigmático.

Vamos direto para a cidade.

– Aqui, à esquerda.

Eu viro.

– Pode dobrar à direita na próxima.

Mais uma vez, viro, seguindo a rua até um bairro aconchegante e arborizado. Casas antigas. Alguns terrenos desocupados. Uma escola de tijolos de um andar com um parquinho colorido na frente.

Eu esperava algo diferente quando ele disse “trabalho”. Não tenho ideia do que estamos fazendo aqui. Pelo menos não é longe do campus.

– Mais um quarteirão.

Franzo a testa ao ver um fluxo de crianças descendo a rua pela calçada com mochilas grandes demais penduradas nas costas.

– Bem aqui. À esquerda.

Paro no lado oposto da rua e olho para outro prédio de tijolos.

Um quartel de bombeiros.

– O que é isso?

– Puxa, eu meio que imaginei que o caminhão vermelho aí na frente já respondesse à pergunta – diz ele, rindo.

Eu o ouço soltando o cinto de segurança, mas não consigo desviar os olhos do prédio.

– Tá. Mas por quê?

– Entrevista de emprego.

Beau puxa a maçaneta e abre a porta para sair.

Quando ele desce, faço a mesma pergunta novamente, sem entender bem o que está acontecendo.

– Mas por quê?

Beau se vira, e seus olhos percorrem meu rosto, como se ele estivesse tentando memorizar cada característica minha. Então dá de ombros, um movimento indiferente que contrasta com a intensidade de seu olhar.

– Eu disse que te amo, Bailey. E estava falando sério.

Ele me dá uma piscadela e bate no teto da caminhonete duas vezes, como se eu fosse um motorista de táxi ou algo assim.

– Lembre-se de escolher uma casa que tenha espaço para organizarmos jantares em família. Você sabe que o clã Eaton vai vir nos visitar mais do que a gente gostaria.

Nós. Família.

Fico de queixo caído, sem palavras. Ele está arrumando um emprego na cidade só para ficar comigo?

Mas não tenho a chance de perguntar, porque ele se afasta, me chamando por cima do ombro:

– Mande uma mensagem quando estiver voltando. Vou me manter ocupado até você terminar.

Quando dou por mim, ele está do outro lado da rua. Indo para uma entrevista de emprego. E eu? Sou um poço de emoções.

Ando pelo campus atordoada.

Bebo um café sem graça e aguado. O do Beau é muito melhor.

Caminho atenta a cafés ou restaurantes que possam estar contratando. Deixo

um currículo em dois cuja aparência me agrada. Nos dois, sou recebida com sorrisos e entusiasmo. Pessoas que pareciam animadas com a perspectiva de me contratar.

É legal, mas… não me sinto muito bem com isso.

O primeiro apartamento para visitar fica em um condomínio, décimo segundo andar. A mulher responsável pela visita é simpática. Ela me guia pelo espaço, que tem janelas grandes e uma vista linda. Mas quando ela diz: “E tem espaço para uma pequena mesa de jantar aqui”, apontando para um espaço praticamente inexistente, eu começo a chorar.

Aqui não tem espaço suficiente para receber os Eatons. E eu quero isso. Eu quero Beau, e quero essa vida, e eu – meu Deus, como eu queria que ele estivesse aqui comigo…

Parece errado visitar lugares para morar sem tê-lo aqui comigo. Especialmente depois daquela bomba que ele soltou antes de sair da minha caminhonete. Tão casual. Como se ele soubesse o tempo todo de algo que eu não sei.

Pressiono a mão no peito para afastar a dor enquanto pego o elevador até o saguão. Tenho certeza de que este apartamento não é para mim. Não só porque tenho quase certeza de que ninguém vai querer alugar um imóvel para uma garota que chora pelo tamanho de uma sala de jantar.

Sinto mais falta de Beau neste momento do que nos últimos três dias.

Gostaria de saber o que ele está fazendo.

Gostaria de saber como ele está se sentindo.

Gostaria de saber se ele tem ideia do que está fazendo.

Gostaria de saber se ele vai se arrepender de mudar sua vida por mim. E esse peso é esmagador.

Não vou ao meu próximo compromisso. Acho que não consigo lidar com outra sala de jantar, não quando estou pensando em Beau o tempo todo. O que eu quero mesmo é me deitar na cama com ele e deixar que ele me abrace.

Não mando mensagem. Apenas dirijo de volta para o quartel dos bombeiros, pronta para esperar por ele, se for preciso.

Mas não é.

Quando chego, ele está sentado em um banco ao sol, com pernas afastadas, rolando a tela do telefone.

Pensei que, sendo agente de elite, ele teria me notado do outro lado da rua, mas não notou. Então eu o observo. Ele sorri, e seus ombros vibram com uma risada.

Me pergunto ao que ele está assistindo.

Me pergunto como foi sua entrevista.

Me pergunto há quanto tempo ele está esperando.

Me pergunto se ele está com fome ou se almoçou.

Me pergunto se ele gostaria que eu me sentasse ao seu lado.

Parece que meu cérebro é apenas uma ode a Beau Eaton. Eu penso nele o tempo todo. Me preocupo com ele. Anseio por ele.

Ainda o estou observando quando ele finalmente ergue o rosto, como se finalmente me sentisse aqui, admirando-o. Encantada por ele.

Não é a primeira vez hoje que ele abre um sorriso que faz meu corpo inteiro esquentar. É genuíno e comovente, e tão inocente.

Eu amo esse sorriso.

Sem pensar muito, giro a chave para desligar a caminhonete e saio. Depois de uma rápida olhada em ambas as direções, ando até ele. Ok, corro até ele.

– Oi – sussurro ao parar à sua frente, meus olhos se perdendo nos dele.

– Oi – responde, dando um tapinha ao seu lado no banco.

Respiro fundo e me sento. As ripas de madeira estão quentes sob minhas pernas expostas, e me sinto segura ao lado do corpo forte de Beau.

– Como foi a entrevista?

– Consegui o emprego. – Sua voz transborda orgulho, e meus olhos ardem. – E não foi porque eles sabiam quem eu era. Vão me colocar direto em um grupo de treinamento por causa da minha experiência na JTF2. E isso… eu conquistei. Eu trabalhei muito pra entrar naquela unidade. É uma grande parte de quem eu era, de quem eu sempre serei. Sinto falta disso. Mas hoje me ofereceram uma oportunidade de emprego com base nesse mérito. Não é um favor de um amigo ou um emprego no negócio da família.

Ele se vira para me olhar, batendo levemente o ombro no meu.

– Fiquei sentado aqui pensando sobre o dia de hoje. É bom ser desejado por poder fazer a diferença. Estou realmente orgulhoso dessa possibilidade, Bailey. Parece algo que mereci. E sinto muito por ter tirado isso de você.

Eu murmuro ou soluço, não tenho certeza, mas fico com um nó na garganta e pisco freneticamente para não desmoronar na frente dele.

– Obrigada – falo, e estendo a mão sobre a madeira queimada pelo sol para segurar sua mão.

Seus dedos calejados envolvem os meus, e eu suspiro, apreciando o toque.

Fecho os olhos e aproveito o momento.

– Você encontrou um lugar legal pra gente morar?

– Não. Não consegui fazer isso sem você.

Ele aperta a minha mão.

– Na verdade, fui ver um lugar. Ela me mostrou a sala de jantar e eu comecei a chorar.

– Por quê? Era legal?

– Não. – Eu fungo, sentindo as lágrimas escorrerem pelo rosto. – Era pequena demais para nossos jantares em família.

Termino a frase com um soluço verdadeiro, um que ele ouve em alto e bom som.

– Ah, Bailey. – Sua voz é terna e seu aperto é firme quando ele me puxa para si. Ele me envolve em seus braços fortes. – Amor, por favor, não chora. Eu faço qualquer coisa pra você não chorar. Eu sinto muito.

Enterro meu rosto na curva de seu pescoço e inspiro seu cheiro.

– Não minta pra mim de novo. Nunca. Não puxe o meu tapete de novo. Nunca. – Eu recuo, segurando seu rosto bonito entre as mãos, procurando seus olhos. – Eu senti saudade pra caralho. Meu Deus. Mesmo quando estou furiosa, quero estar com você.

Ele sorri.

– Não tem graça. Acho que sou obcecada por você. Como qualquer outra garota sonhadora naquela cidade esquecida por Deus.

Ele ri.

– Não ria. É uma síndrome. Fiquei brava com você e passei a noite toda acordada me perguntando se você estava dormindo. Ou se você tinha comido. Depois de anos mantendo a sanidade, eu finalmente perdi o controle.

Tento levantar a mão para enxugar minhas lágrimas, mas ele está me abraçando tão forte, tão perto, que eu não consigo.

Então opto por limpar meu rosto em sua camisa.

– Você não perdeu o controle. Se perdeu, eu também perdi. Porque eu me perguntava as mesmas coisas. Merda, sei lá quantas vezes me levantei para verificar o perímetro da casa. Então a resposta é *não*, eu não estava dormindo.

Ele ri, como se isso fosse engraçado.

Olho para ele com espanto.

– Mas por quê?

– Tem dias que você faz perguntas demais, Bailey Jansen.

– Mas eu não entendo. Você. Isso. Os cafés da manhã. Nada disso faz sentido pra mim.

Seu sorriso é diferente dessa vez, tingido de tristeza, cheio de reverência enquanto ele me toca com urgência, colocando meu cabelo atrás das orelhas.

– Você não está acostumada a ter alguém do seu lado, Bailey. É assim que funciona. Eu disse que te amo. Nunca amei uma mulher antes. Não tinha certeza se algum dia amaria. Mas agora amo. E você e eu? Somos uma equipe. Não se desiste de seus companheiros de equipe. Não se deixa ninguém para trás. Você é minha. Estou apenas sendo paciente. Esperando você voltar.

Minhas lágrimas caem livremente ao ouvi-lo abrir o coração para mim.

– É como se eu estivesse procurando algo para me amarrar a essa nova realidade. Eu não estava buscando o amor, estava buscando um propósito. Eu só não esperava que meu propósito fosse você.

Digo a única coisa que posso dizer após suas palavras, após tudo que ele fez por mim.

– Eu te amo, Beau.

Aquele sorriso ofuscante está de volta, mas, desta vez, combinado com olhos radiantes. Ele assente para mim, cada movimento transbordando amor. Admiração. Consigo sentir o carinho em tudo que ele faz.

E parece tão estranho. É muito bom.

– Eu te disse uma vez que acho que ninguém me amou antes. Mas… – Mordo o lábio. – Mas acho que nunca amei ninguém de verdade também.

Seus polegares deslizam em minhas bochechas, enxugando as lágrimas que escorrem.

– Tudo bem, amor. Eu posso ser o primeiro – diz ele.

E então ele me beija.

O primeiro, último e único homem a me amar.

E eu estou bem com isso.

42

Beau

Beau: É melhor todo mundo aparecer hoje à noite.
Harvey: SIM, SENHOR.
Beau: Você não pode dizer essas coisas, pai. Tipo, nunca.
Harvey: Por que não?
Harvey: Senhor.
Beau: Porque não. Fim de papo.
Jasper: ME APRESENTANDO PARA O SERVIÇO, SENHOR.
Rhett: NOS VEMOS NO JANTAR, SENHOR.
Cade: POR QUE EU SOU PARENTE DE TANTOS IDIOTAS, SENHOR?
Beau: Eu odeio todos vocês. Vejo vocês mais tarde.

– Todo mundo vai vir?

– Aham.

Diante do espelho, penteio o cabelo para trás despreocupado, como se mais nada no mundo importasse – e não importa mesmo.

– Tipo, todo mundo todo mundo?

Bailey para atrás de mim com as mãos enfiadas nas mangas do suéter bege. Ela está com um braço cruzado sobre a barriga e o outro roçando a parte inferior do queixo em um ritmo constante.

– Claro. Você me disse pra convidar todo mundo.

Quando dou uma olhada nela parada atrás de mim, vejo que ela está mordendo o lábio e parecendo um pouco acelerada.

– Certo. Claro.

Ela está nervosa e vasculha o banheiro, como se buscasse algo para distraí-la

de seus pensamentos.

O banheiro é pequeno, mas foi recentemente azulejado por mim. Quadrados brancos com pequenos losangos pretos em cada canto. Uma banheira com pés de garra. Uma pia com coluna. A casa fica em uma rua aconchegante e arborizada e tem um charme vintage europeu.

Por mais que eu ame minha casa no rancho, tenho que confessar… ela passou a ter menos a ver comigo desde que Bailey entrou na minha vida. As linhas retas e os espaços vazios saltaram aos olhos, se mostrando frios. Em desacordo com ela.

A casa de agora, porém, é feita com madeiras nobres de cores quentes, e grandes janelas por onde a luz se espalha. O acabamento em carvalho ao redor de cada parede me lembra a pele de Bailey bronzeada no verão. E as maçanetas de cristal que adornam as portas que levam à sala de jantar me lembram a maneira como seus olhos brilham quando ela está animada.

Não, minha casa no rancho é o antigo eu.

Esta é o novo eu. O eu com ela. E, como eu disse à Bailey, é um ótimo investimento. Cada investimento que fiz nesta mulher sempre será ótimo.

Eu me viro, tentando esconder o sorriso. Tornou-se completamente impossível não olhar para Bailey sem sorrir. Mesmo quando ela está uma pilha de nervos.

– Vem cá, minha delícia.

Bailey revira os olhos e solta um suspiro atormentado, mas se aproxima de mim mesmo assim. Ela mantém os braços onde estão e deita a cabeça no meu peito.

– Você precisa pensar em outro apelido.

– Absolutamente jamais. – Ela esfrega a testa no meu peito, e eu a envolvo em meus braços. – Bailey, para de ficar tão nervosa.

– Não dá. Eu não quero que eles me odeiem.

– Por que minha família odiaria você? – pergunto, em choque.

– Eu sei lá! Vocês todos são da realeza de Chestnut Springs. É como se você estivesse com o pária banido e estivesse escolhendo viver no exílio comigo em vez de ficar com a sua família.

Dou uma risada contida, e ela dá um tapa no meu ombro.

– Não tem graça! E se eu mudar? E se nós mudarmos de ideia e você tiver desistido de tudo por mim?

Eu a aperto mais forte.

– Bailey, Bailey, Bailey. Você *vai* mudar. Você tem… afff. Dizer sua idade em voz alta me faz me sentir velho.

– Você é velho – diz ela, brincando, mas eu ouço o sorriso em sua voz.

– Você tem 22 anos. Você começa a universidade em seis semanas. Claro que você vai mudar. Ninguém permanece o mesmo na sua idade e, no meu caso, graças a Deus, porque você teria odiado o Beau de 22 anos.

Ela ri e eu continuo:

– E nós vamos mudar. E teremos algumas dificuldades. Porque é assim que a vida é. Não tem como reconhecer os altos sem os baixos, delícia. Eu também mudei. – Seguro os ombros dela e a empurro para longe de mim para olhá-la nos olhos. – Foi assim que eu soube que você era a pessoa certa para mim. É assim que eu sei que vou amar você em todas as versões, porque estamos todos mudando constantemente. Crescendo. Nos transformando.

– Se eu quiser uma aula de filosofia, eu me matriculo num curso, soldado – diz ela, enxugando os olhos grandes e brilhantes.

– Bailey, cala a boca e me escuta. – Ela ri baixinho com outro revirar de olhos antes de voltar a me dar total atenção. – Você me enche de propósito. Fazer você feliz me traz propósito. Ver você sorrir faz com que eu me sinta inteiro. E eu nunca vou me desculpar por isso. Somos simbióticos, você e eu. Sem você, esta versão de mim não existe. Sem a próxima versão de você, a próxima versão de mim também não existe. Nós vamos crescer juntos.

– Você está estragando a minha maquiagem, Eaton – murmura ela, limpando uma lágrima perdida com a manga do suéter.

Eu apenas sorrio. Ela precisa muito ouvir essas coisas, ser reconfortada repetidamente. E eu fico feliz em fazer isso.

– Uma vez você me perguntou quem eu queria ser, e é isso. Eu. Bem aqui. Agora mesmo. Com você.

Tudo que ela faz é assentir e dar uma fungada.

– Tá certo. Não tenho uma resposta poética para isso. Além de *sim, por favor, senhor*.

Agora é a minha vez de revirar os olhos.

As mãos dela pousam nas minhas bochechas, e ela fica na ponta dos pés para me beijar.

– Eu te amo, soldado – sussurra, e se afasta.

– Acho bom amar mesmo!

Eu a beijo de volta, pegando-a no colo e envolvendo-a forte em meus braços. A tensão desaparece dela. Quando a coloco de volta no chão, nos encaramos. Os dois últimos anos da minha vida foram insanos, mas cada dificuldade valeu a pena para estar aqui olhando para essa mulher.

– Pronta pro nosso primeiro jantar com a família Eaton? – pergunto.

Ela assente, já parecendo mais calma.

– Pronto pra contar a eles que está se mudando para cá definitivamente?

Junto os pés e bato continência da forma mais fidedigna possível. Isso a faz rir.

E isso faz com que eu me sinta inteiro.



A casa está cheia. Agitada. Barulhenta. Quente. A conversa enche o espaço de vida. Longos dias escuros e silenciosos passados em uma caverna, pensando que eu nunca sairia dali, estão tão distantes que mal parecem reais. Mesmo na casa onde passei a infância, eu me sentia preso em uma caverna. E agora é como se fosse apenas um sonho esquisito.

A mente funciona de maneiras misteriosas.

Bailey senta-se de um lado, com a mão na minha coxa, conversando com Summer. Mas é Winter, à minha direita, que observa atentamente. Seu noivo, Theo, segura sua filha, Vivi, no colo e conversa com Harvey e Cordelia.

Mal ouço a mulher ao meu lado quando ela murmura:

– Estou muito feliz por você, Beau.

Inclino-me ligeiramente em direção a ela.

– Isso é um diagnóstico?

Seus lábios esboçam um sorriso, mas seu rosto permanece impassível.

– Não, eu não sou sua médica. Apenas uma amiga que se preocupa com você.

– Eu não sabia que éramos amigos.

Tudo que ela oferece em troca é um dar de ombros enquanto pega sua taça de vinho e dá um gole indiferente.

– Acho que somos família. Espíritos semelhantes? Não somos tão diferentes um do outro. Gosto de ver gente fodida como nós saindo da merda.

– Provavelmente precisamos de terapia – digo, baixinho, brincando.

Winter concorda.

– Provavelmente nada. Com toda a certeza.

– Você não é nem de longe tão má quanto dizem por aí, sabia?

Eu me inclino o suficiente para bater meu ombro no dela.

Seus lábios se curvam enquanto ela toma outro gole de seu vinho branco, batendo o ombro de volta no meu.

– E você não é nem de longe tão burro quanto dizem por aí.

Eu bufo. Ela é meio má, mas, mesmo assim, gosto dela. Theo se vira e, quando vê Winter, seus olhos ficam mais suaves, se aquecem.

Sei como é essa sensação, mas notá-la em outra pessoa é uma experiência

completamente diferente.

Eu me viro para Bailey, amando vê-la desabrochar neste ambiente. Minha família se tornou a dela. E a dela nunca mais apareceu desde que ela deixou a cidade. O que é ótimo. Eles são o combo perfeito de burros demais e preguiçosos demais para importuná-la. Longe dos olhos, longe do coração, eu acho.

Esse pensamento me incita a tomar uma atitude, então bato a faca no copo.

– Silêncio, todo mundo! Tenho um anúncio a fazer.

Winter zomba ao meu lado, mas todos os outros se acalmam.

A não ser Rhett, que consegue transformar tudo em briga.

– Isso aqui não é o exército, bundão. Eu não recebo ordens de você.

Summer resmunga e olha para o teto.

– Por que você é assim?

– Devemos resolver isso lá fora, como fazíamos quando éramos crianças, então?

Eu levanto uma sobrancelha para meu irmão caçula, esse bostinha encrenqueiro.

Rhett ri.

– É ruim, hein. Você vai me dar uma surra com essa pinta de James Bond. Eu sou encrenqueiro, não idiota.

Winter volta a ficar de deboche, mas continua bebendo. Vejo Theo abafar uma risada.

– Leve Cade com você – sussurra Willa o mais alto possível para Rhett, do outro lado da mesa, enquanto balança um bebê no colo. – Trabalho em dupla. E eu vou assistir. Ou arbitrar. Chame como quiser, não me importo. Ele fica sexy quando está bravo, então conta comigo.

– Sou do time do tio Beau! – anuncia meu sobrinho Luke.

Eu aponto para ele.

– Garoto esperto.

– Nesse ritmo, seremos apenas um bando de esqueletos sentados ao redor da mesa quando ele fizer o anúncio – diz Jasper. – Nós vamos morrer sem saber o que ele quer dizer porque vocês estavam planejando um evento de luta livre na casa nova da Bailey.

Seus olhos brilham entretidos do outro lado da mesa enquanto ele toma um gole de sua cerveja barata com um cachorro no rótulo.

– Eu odeio você.

Jasper sorri para mim, estendendo a mão para pegar a de Sloane.

– Também te odeio, mano.

– Escuta, eu serei o primeiro a virar um esqueleto – intervém Harvey. – Desembucha.

O silêncio se instala, e Bailey fica tensa ao meu lado.

– Então… esta casa não é só da Bailey. É minha também. Estou me mudando pra cá e começando um novo emprego no corpo de bombeiros.

Olho para Cade.

– Desculpa, cara, este é meu aviso prévio de duas semanas.

Ele apenas resmunga.

– Tudo bem. Você é o pior funcionário que já tive.

Reviro os olhos e continuo:

– Então eu… nós… não vamos mais morar no rancho. Iremos pra lá de vez em quando, claro, mas esta é a nossa base agora.

Todos estão em silêncio. Atentos.

Meu pai fala primeiro.

– *Esse* é o seu anúncio?

Franzo a testa, confuso.

– É.

– Esse é o anúncio mais idiota que eu já caí na besteira de esperar pra ouvir.

Jasper solta uma risada e tenta disfarçar com a mão.

– Não, olha só. Winter revelando a paternidade do bebê em um jantar de família? Isso, sim, foi um anúncio.

– Bem, às vezes eu tenho que ganhar – murmura ela, do meu lado.

– Comunicar a todos vocês que Cordelia e eu estamos juntos? Isso é um anúncio.

Ouve-se um arquejo coletivo. Cordelia tapa o rosto, mas Harvey ignora.

– Mas você e sua noiva compram uma casa… uma casa muito boa… na cidade, onde ela vai passar os próximos, o quê? Sete anos, pelo menos? E você está anunciando isso pra nós como se não fosse a coisa mais óbvia do mundo? Vocês precisam demais de atenção. Ou são idiotas. Não tenho certeza. De qualquer forma, são uns patetas.

Ele balança a cabeça.

Winter zomba. De novo.

Bailey se inclina e sussurra:

– Não falei?

– Harvey – começa Jasper, os dedos rolando pela garrafa marrom em sua mão. – Já que você não precisa chamar atenção…

Ele mal consegue pronunciar as palavras sem perder o controle.

– Você se importa em desenvolver um pouco mais a parte sobre você e Cordelia?

Harvey muda de posição na cadeira.

– Simplesmente aconteceu, sabe? Ela ficou na minha casa quando largou o

marido. E nós… bem… faz muito tempo desde que a mãe de vocês… Trinta anos, e eu nunca deixei de amá-la. E… – Ele para, olhando para Cordelia com um brilho nos olhos. Um brilho que estou feliz em ver, porque ele realmente está sozinho há muito tempo. Solitário por muito tempo. – Cordelia também nunca deixou de amá-la. E exatamente por isso nós nos unimos, eu acho. Parece outra vida, uma que as pessoas geralmente se sentem desconfortáveis demais para mencionar. Mas podemos falar sobre tudo. Rir. Relembrar. Estou feliz.

Cordelia sorri para ele, a pele enrugando ao redor dos olhos. Ele põe a mão sobre a dela, bem em cima da mesa, todo protetor.

– Eu também estou feliz.

– Estou tão feliz por vocês! – Summer bate palmas, parecendo genuinamente animada.

Todos os outros seguem o exemplo, desejando felicidades e amor.

– E, francamente, se Sloane pode se casar com o primo dela, acho que eu posso… – Harvey começa de novo, e eu resmungo qualquer coisa, constrangido.

Jasper joga a cabeça para trás, as mãos pressionando os olhos, enquanto Sloane começa a rir, fazendo círculos suaves nas costas do marido.

– Então eu posso ficar com Cordelia.

– Ela não é minha prima – diz Jasper, bufando em meio a risadas.

Harvey dá uma cotovelada nele de brincadeira.

– Claro, claro. E Cordelia não é minha cunhada.

– Bem, se estamos todos colocando tudo em pratos limpos – diz Sloane. – Como Harvey mencionou, Jasper e eu… – Ela coloca uma pequena foto em preto e branco na mesa. – Estou com catorze semanas. – Sloane olha para Harvey, feliz a ponto de parecer cintilante. – Trouxe a ultrassonografia para você se certificar de que não tem rabo.

Todos riem, lembrando-se das piadas intermináveis do meu pai sobre Sloane e Jasper terem bebês com rabo porque são parentes – mesmo que não sejam.

Depois, todos começam a conversar alegremente. Fazem mais provocações. Ouvem-se mais risadas.

Bailey se vira para mim, olhos brilhantes, sorriso largo, bochechas rosadas.

– Isso é… Isso não é estarmos sozinhos estando juntos. Isso é estarmos juntos-juntos.

Seguro seu queixo entre os dedos, observando seus olhos dançarem entre os meus. Então a beijo com força. Minha cara-metade. Minha alma gêmea.

– É desse jeito mesmo, delícia. Juntos-juntos.

EPÍLOGO

Bailey

A festa de casamento de Cade e Willa é digna de uma revista de estilo de vida country. O cabelo suavemente cacheado de Willa cai em cascata pelas costas sobre o vestido de renda justo que ela escolheu. Cade usa um terno marrom e uma gravata texana. Estão deslumbrantes.

Estamos todos sentados sob a enorme tenda branca, iluminada por cordões de luzinhas pendurados no campo atrás da sede da fazenda. Tem uma pista de dança em xadrez preto e branco e há até um palco onde Skylar Stone vai se apresentar mais tarde, cortesia do irmão de Willa.

Agora mesmo, ele está encerrando seu brinde à noiva, e seu humor ácido faz todo mundo rir. Já vi Rhett chorar de rir pelo menos três vezes.

Ford Grant está no púlpito, seu cabelo castanho um pouco bagunçado demais para ser acidental, vestindo um smoking que se ajusta como se tivesse sido criado especialmente para ele. O cara é estiloso. E mordaz. Ele olha para a irmã com tanto amor que me deixa com lágrimas nos olhos.

– Para encerrar – pigarreia –, estou aliviado por não ser mais a única pessoa a receber todas as suas mensagens de texto mais irritantes. Na verdade, a frequência delas diminuiu drasticamente desde que Cade entrou na sua vida. Ou melhor, desde que você atropelou a vida dele porque, sejamos honestos, conhecendo você, esse é o cenário mais provável. O que me leva a crer que ele se tornou o alvo de toda a sua encheção de saco desmedida, e isso não poderia me deixar mais feliz.

Os convidados riem.

– Acima de tudo, estou feliz que minha irmãzinha encontrou alguém que ama receber essas mensagens irritantes tanto quanto eu. E se vê-la tão insuportavelmente feliz significa menos chances de tirar uma com a cara dela via

mensagem de texto, então esse é um sacrifício que estou disposto a fazer. – Willa revira os olhos, mas vejo que eles estão marejados. – Porque sou um ser humano altruísta.

Ford lhe dá uma piscadela e um sorriso fulminante.

Ela diz “você é um idiota” para ele.

– Willa, se você parar de tirar sarro de mim, vou achar que você não está bem, então apareça de vez em quando. Me diga algo maldoso para eu saber que está tudo certo. Mas, como não estamos trocando mensagens agora e não te vejo com tanta frequência, vou aproveitar esta oportunidade para dizer que te amo e que estou extremamente orgulhoso da mulher que você se tornou. Só um homem especial está à altura de uma pessoa formidável como você, e estou muito feliz de você ter deixado sua calcinha cair na frente justamente desse homem.

Todos caem na risada. Todos conhecem Willa. *Todos* conhecem a história da calcinha.

Ford ergue uma taça de champanhe, inclinando o queixo para o casal feliz.

– Um brinde, maninha. Desejo a você uma vida inteira de felicidade desmedida.

Agora é possível ouvir fungadas, seguidas de palmas educadas e alguns assobios.

A mão quente de Beau aperta minha coxa sob meu vestido de seda.

– Você está bem?

Eu sorrio para ele.

– Estou – respondo, observando-o olhar para todas aquelas pessoas.

São locais – pessoas da cidade – que não me olham mais com desprezo. Esse tratamento foi prontamente execrado quando a notícia do meu discurso naquele dia no bar se espalhou. Tenho que confessar, isso torna Chestnut Springs um lugar muito melhor para se estar. O que é legal, considerando que ainda gostamos de passar fins de semana esporádicos na casa de Beau no rancho.

– Vamos fazer isso um dia, minha delícia?

Faço que sim com um sorriso.

– Pode apostar que sim, meu chapa.

– Em breve? – Ele beija minha orelha.

Viver na cidade com Beau tem sido como existir em algum tipo de mundo de sonhos. Ele terminou o treinamento. Estou na universidade e adorando.

– Sim, em breve.

– Que tipo de casamento você vai querer?

Beau continua se aproximando, girando em sua cadeira, pernas longas envolvendo minha cadeira. Basicamente me atacando.

– Algo pequeno. Não exatamente assim.

– Tudo bem.

Ele beija meu pescoço.

– Talvez lá no rio – sussurro, confessando o que já imagino há algum tempo. – Atrás da sua casa. Tipo, onde tudo começou.

Dou de ombros, me sentindo repentinamente tímida.

– Onde passamos nossa primeira noite juntos?

Sua risada ressoa sobre minha pele enquanto ele beija meu ombro.

– Onde você atravessou a água para me salvar.

– Onde fizemos um acordo.

Outro beijo, dessa vez ao lado da minha boca.

– Onde estivemos tantas vezes às 2h11.

Ele se aninha no meu pescoço agora.

– Então, o que você quer dizer é… onde eu me apaixonei perdidamente por você?

– Sim, soldado. Lá.

– Quando?

Ele pega meus quadris.

– Ontem.

Ele ri disso.

– Quer dar uma olhada no local?

– Agora?

– Sim. A gente sai daqui discretamente. Vou te mostrar o que eu estava pensando em fazer naquela manhã com meu pau duraço.

– A vida é sempre uma aventura com você, Beau Eaton.

Ele sorri, se afastando um pouco.

– É, sim.

Retribuo o sorriso, entrelaçando meus dedos com os dele.

– Vamos lá.

CENA BÔNUS

Harvey

– Simplesmente não entendo por que você não quer um jantar de aniversário.

Cordelia brinca com o chaveiro ruidosamente, diante da sede do rancho. Como se nunca tivesse aberto uma porta em toda a vida.

– Querida, você precisa de ajuda? Ou está usando seu chaveiro como instrumento musical?

Ela me lança um olhar falsamente furioso. Sei muito bem que não há raiva ali. Mas é como as coisas funcionam entre nós.

Faço piadas bestas, ela faz cara feia – mesmo quando acha graça. Sem perder a pose.

Cordelia enfia a chave na porta e a gira sem olhar para trás.

– Não quero sair pra jantar – digo. – Prefiro passar a noite em casa comemorando no meio das suas…

– Surpresa!

Sou interrompido pelo coro de gritos que explodem de dentro da casa. Arregalo os olhos, e Cordelia me dá um sorrisinho presunçoso.

– No meio do quê, Harv?

– Hum…

Finjo uma tosse e tento me recobrar do susto. Eu não esperava uma festa surpresa. De maneira alguma. Meu cérebro se embaralha, e eu tento disfarçar, vendo a noite romântica que planejei evaporar diante dos meus olhos.

– Das minhas pessoas favoritas.

Crispo os lábios com força enquanto ela tenta conter uma risada. Mas o brilho em seus olhos me diz que ela sabe exatamente o que eu estava prestes a dizer. Sabe exatamente o que eu planejei.

Então eu entro, e todas as minhas pessoas favoritas estão ali na casa.

– Vocês todos vão pagar por isso – digo, com um sorriso escancarado, enquanto olho ao redor da entrada e vejo todos os meus meninos. Cade, Beau, Jasper, Rhett… E então, lágrimas brotam dos meus olhos, porque, abraçada a Rhett, está a minha garotinha, Violet.

– Vi? Você veio de Ruby Creek?

Ela sorri com ternura.

– Claro, papai. Só se faz setenta uma vez!

Violet corre e me envolve no abraço mais apertado do mundo. Seu marido, Cole, e seus filhos aparecem atrás dela. Então sim, cada uma das minhas pessoas favoritas realmente está aqui.

Ela dá início a uma avalanche de abraços.

Fico parado, cumprimentando uma pessoa de cada vez. Todos os meus filhos. Minhas noras e meus genros. Summer, Willa, Sloane, Bailey, Winter e Theo, segurando um bebê, parecendo o pai mais orgulhoso que já vi.

Quando meus netos se revezam, começando por Luke, sinto a ponta do nariz começar a arder. Meus olhos se enchem de lágrimas, o que é incomum. Acho que não choro desde o dia do casamento de Jasper.

– Você está bem, Harv?

Jasper pousa a mão em meu ombro e olha para mim com atenção. Ele sempre foi o mais sensível do grupo. Sempre percebendo como todos ao seu redor estão se sentindo. Adoro isso nele.

– Claro, filho.

Dou um tapinha em suas costas e então me abaixo para pegar Emma, a caçula de Cade e Willa, que está abraçando minha canela.

– Tudo bem! – grita Beau por cima do ombro. – Agora todos na cozinha pra uma seleção de Gorós Especiais do Beau!

– Ei, você aí. – Vou atrás dele, sentindo o empurrão dos corpos contra mim enquanto todos se movem pela casa. – Você não pode simplesmente roubar minha marca assim. Goró Especial do Harvey é uma receita patenteada.

Sou cercado por risinhos. Bailey se vira para mim.

– Não se preocupe, ajudei a criar os drinques. Nenhuma propriedade intelectual foi violada.

Com uma piscadela rápida, ela vai empurrando Beau pela cintura dele.

Na cozinha, há um enorme arco de balões. Summer está de pé ao lado dele, sorrindo.

– Eu fiz o arco. Feliz aniversário, Harvey!

Willa aparece ao lado dela, apontando para letras metálicas sobre o conjunto de balões nas cores do arco-íris.

– Eu adicionei uma coisinha.

Está escrito: *Gatão Para Sempre.*

Cade resmunga e revira os olhos.

– Eu fiz um cartaz.

Rhett inclina a cabeça para a parede onde ele colou um cartaz.

Luke dá uma cotovelada nele.

– Ei, eu ajudei!

– Verdade – admite Rhett, com um sorriso travesso.

O cartaz está coberto de glitter e adesivos. Parece que uma papelaria despejou todo tipo de enfeite em cima dele. Diz: *Uau, você está velho pra caramba!*

Só consigo rir e balançar a cabeça. Dou um soco brincalhão no ombro do meu filho mais novo.

– Você é um encrenqueiro de merda.

Ele me dá um soquinho de volta.

– Sempre fui. Sempre serei.

– Então aqui temos o bar, pai. Todos nós demos sugestões de coquetéis inspirados em você – interrompe Beau, chamando minha atenção para uma mesa dobrável com quatro galões de bebidas. – Toma uma bebida para comemorar o fato de você *estar velho pra caramba*.

Ando um pouco e chego à frente dos galões. Cada um de uma cor diferente. Cada um com uma etiqueta no topo.

– Então, para começar – Beau gesticula para o primeiro recipiente –, temos o Martíni Leitoso. Inspirado pelo amor recente de Rhett por bebidas lácteas. Ele insiste que seja finalizado com chantilly, mas não explica o porquê. Tudo que sei é que Summer cora toda vez que falamos nisso e não faço ideia do motivo.

Olho para Summer, e ela está fazendo sua melhor cara de santa.

– Está vendo só? Olha a cara dela.

– Beau. – Desvio a mão do meu filho para baixo. – É feio apontar.

– Ok, enfim, existe uma fofoca aqui e pretendo descobrir qual é.

Rhett ri, mas não me dou ao trabalho de olhar. Encrenqueiro de merda.

– Aqui, temos a contribuição de Cade. É o Bellini Mamada no Quintal.

Beau mal consegue pronunciar o nome sem cair na gargalhada. Risadas irrompem ao meu redor, e tento não sorrir. Não quero que eles saibam quanto me divirto pegando no pé deles.

Essa foi boa.

– Aposto que é delicioso – digo.

– Meu Deus.

Ouço o gemido de Cade e nem preciso olhar para saber que está tapando o rosto.

– É o meu favorito, Harv! – exclama Jasper, que leva uma cotovelada de Sloane.

Ela põe a mão de volta sobre a barriga pronunciada.

– Cara, informação demais! – Beau balança a cabeça, mas continua. – A seguir, pai, criado por Winter e Theo – ele gesticula para onde os dois estão, lado a lado, com sorrisos quase idênticos no rosto –, temos a Piña Colada da Temporada da Procriação.

Dou de ombros.

– Nenhum outro nome combinaria mais com vocês dois.

Isso transforma os sorrisos em risadas sufocadas.

– E, finalmente, criado por mim e Bailey, principalmente para irritar Cade…

– Missão cumprida – resmunga Cade, cruzando os braços.

Os ombros de Beau tremem, e ele segue em frente.

– Temos o Gimlet Leite de Bode. Se quer saber, esse é o melhor só porque Cade revira os olhos toda vez que mencionamos seu cabrito de estimação.

– Ei! É meu cabrito de estimação – responde Luke, sério, mas então um lampejo de travessura aparece em seu rosto. – Mas o papai é obcecado por ele. Eu o vi escovando o cabrito outro dia.

Não consigo me conter. Luke acabou de levantar a bola para eu dar uma cortada.

Olho para o meu filho mais velho e digo:

– É bem melhor do que ordenhá-lo.

Cade olha feio. Todos os outros riem. Conforme as risadas perdem força, eu me volto para Jasper e Sloane, pronto para dar uma pequena cutucada neles também.

– E aí? Os dois pombinhos não conseguiram inventar um bom nome pra zombarem de mim?

O sorriso de Sloane cresce tanto que acho que pode realmente rasgar suas bochechas.

– Optamos por algo um pouco diferente, Harv.

– Ah, é? Vocês fizeram a comida? É um bolo com primos se beijando no topo ou algo assim?

Jasper ostenta seu sorriso característico enquanto balança a cabeça para a minha piada.

– Nojento – interrompe Cade. – Theo e eu preparamos o jantar e cozinhamos o dia todo. Também não demos nenhum nome estúpido à nossa comida.

– Como assim? – reage Theo. – Você me disse que eu não podia chamar o molho só de molho. Você disse que tinha que ser o “Famoso Molho Rabugento do Cade”.

Se fosse possível, Theo teria caído morto com o olhar fulminante que Cade lança para ele. Mas é Willa quem desfere o golpe final.

– Theo, esse é um tipo *muito diferente* de molho. Ele às vezes gosta de…

– Ruiva. Pare. – Cade tapa o rosto da esposa. Seus ombros se agitam enquanto ele tenta esconder o riso. – Você vai me matar – murmura ele, tentando recuperar o fôlego.

– Muito bem! – A doce Sloane bate palmas, atraindo a atenção de todos de volta para ela. – Voltemos ao nosso presente para você, Harvey.

– Cordelia também nos ajudou.

Jasper pousa uma mão gentil no ombro esbelto de Cordy.

– Ok, bem, a curiosidade está me matando – digo. – Vamos ouvir.

Sloane e Jasper saem de onde estavam.

– É mais para ver, Harvey – diz Jasper, se virando e olhando para baixo.

Aos pés deles, há um travesseiro, e em cima dele há um filhote de cachorro marrom-chocolate enrolado, dormindo.

– Seu próprio bebê de rabo, Harv. – Agora é a vez de Jasper sorrir tanto que fica parecendo uma abóbora de Halloween.

– Esse cachorro é pra ser meu mesmo? – Eu pisco, olhando para o pequeno animal quietinho.

Beau bufa.

– Bem, Violet resolveu ostentar e dar de presente a você e Cordelia uma viagem ao Havaí com tudo pago. O resto de nós providenciou bebida e um cão. É fêmea. Parabéns pelo seu novo bebê com rabo.

– Beau, sério? – Violet encara o irmão mais velho, indignada. – Você nem me deixou dar a ele!

Beau estremece.

– Desculpa, fiquei empolgado e acabou escapando.

Vejo Bailey se aproximar e cutucar Beau com o cotovelo, implicante.

– Muito discreto. Muito um agente de elite.

Fico com o coração cheio de alegria por ver Beau tão feliz. Ver todos tão felizes. Todos juntos. Mas também estou morrendo de vontade de pegar no colo a cachorrinha fofa que ainda está apagada.

– Vocês são o máximo – murmuro, avançando e me agachando para fazer carinho na cadelinha. Seus olhos se abrem, e ela se deita de lado, rolando de costas e me mostrando a barriga. – Eu não tenho um cachorro há anos. Eu… eu sinto falta.

Volto a embargar. Percebo que, durante muito tempo, me senti muito sozinho, mesmo com todos por perto.

Mas hoje, não. Não mais.

Cordelia vem se ajoelhar ao meu lado, um sorriso hesitante, mãos bem cuidadas apoiadas nas coxas.

– Você gostou dela? É uma labrador chocolate.

Continuo fazendo carinho na barriga macia e fofa da cadela enquanto olho para a mulher que mudou tanto a minha vida.

– Eu amei, Cordy.

Nossos olhos se encontram por um momento. E mais um pouco. Tempo suficiente para que alguém – provavelmente Rhett – pigarreie.

– Qual vai ser o nome dela, vovô? – pergunta Luke, enquanto mãos menores pousam no pelo macio chocolate.

Luke, Emma e Vivi se inclinam para acariciar o filhote.

– Não sei. – Balanço a cabeça, me afastando de Cordelia. – Talvez Tilly? Tilly, o bebê com rabo?

Ouço a risada rouca de Jasper atrás de mim. Ele é ótimo por aturar essa piada por tanto tempo. É a voz dele que se destaca na multidão ao nosso redor, e todos caem no riso também. Comigo ou de mim? Não tenho certeza.

E também não me importo muito. É bom ter tantos familiares sob o mesmo teto. Felizes e rindo. *Juntos.*

– É. Eu gosto. Soa bem.

Sorrindo, pego Tilly. Sinto seu hálito de filhote e seus dentes pontudos no meu antebraço enquanto ela começa a lamber e a se mexer toda. Com ela pressionada ao peito e Cordelia ao meu lado, olho para minha família e pergunto:

– Tudo bem, quem vai me servir um *Bellini Mamada no Quintal*?

Todos riem.

E eu sorrio.

Uma onda de agitação acontece bem diante dos meus olhos. Bebidas estão sendo servidas, a comida no fogão está sendo feita e a mesa está sendo posta. E é com uma batida de laranja em uma mão e Tilly na outra que me inclino e sussurro no ouvido de Cordelia:

– Você estragou a *minha* surpresa.

Ela semicerra os olhos, chega mais perto e diz, baixinho:

– É seu aniversário. Não é você que tem que surpreender outras pessoas. Nós é que temos que surpreender você.

– Certo, mas só tem uma coisa que eu quero de aniversário.

Ela pressiona os lábios.

– Uma cachorrinha?

– Não. Mas ela foi a cereja do bolo.

Todos se juntam ao nosso redor, conversando animadamente. Cordelia e eu

somos quase esquecidos enquanto ficamos ali, absorvendo tudo, falando baixinho um com o outro.

– Ok, Harvey. Vamos lá. O que você quer? É bacon?

Ela está toda piadista. Não faz nem ideia. Bato meu ombro no dela, deixo a barba rala roçar sua orelha e penso quais serão minhas próximas palavras.

– Eu te amo. Sabia disso?

Ela dá um sorrisinho.

– Você me diz isso todo dia. Então, sim, eu sei. E eu também te amo.

– Hoje eu fiz 70 anos. Acho que estou sentindo minha mortalidade. Sei que não temos muitos anos à frente, mas gosto de pensar que tenho bons anos. Você e eu merecemos alguns bons anos. E eu quero aproveitá-los ao máximo.

Ela se eriça um pouco, passando a mão rapidamente no nariz, claramente afetada por minhas palavras.

– Claro que teremos.

Eu sorrio para ela, notando que seus olhos estão focados em tudo que acontece ao nosso redor. Mas ela está atenta a cada palavra minha. O que é bom. Porque eu quero que ela ouça o que tenho a dizer a seguir.

– Mas Cordy, seria vergonhoso passar esses próximos anos sem ser casado com você.

Ela me encara, perplexa. Os olhos azuis viajam de um lado para outro enquanto ela analisa cada expressão minha.

– Eu tenho um anel lá em cima para você. Eu tinha *planos* pra esta noite, querida. Mas agora teremos que esperar esse bando de selvagens ir embora, antes que eu possa fazer o pedido direito.

Ela pisca.

Então pisca novamente.

E assente.

– Sim.

– Sim, temos que esperar?

Ela balança a cabeça, e seu lábio inferior estremece.

– Sim, seria uma vergonha passar nossos próximos anos sem estarmos casados. Eu aceito.

Eu me perco em seus olhos novamente. Meu novo lugar favorito para estar.

Ela assente e beija minha bochecha gentilmente. Sem revelar nada a ninguém ao nosso redor. Sempre a imagem perfeita da elegância, mesmo em um rancho cercado por uma turma barulhenta como a família Eaton.

Tudo bem, como vou fazê-la perder o controle mais tarde, aproveito e a vejo agora perder os movimentos por alguns minutos.

Tilly começa a tentar subir no meu peito, então eu a levanto, dou um beijo

em sua orelha aveludada e vejo minha família trabalhando unida para me dar a melhor festa de aniversário que já tive.

Três gerações sob o mesmo teto.

Um cachorrinho.

Uma recém-noiva.

E não atrapalha que a tal mamada do Bellini também seja deliciosa.

AGRADECIMENTOS

Se você está se perguntando como eu sei aquele monte de coisa sobre queimaduras de terceiro grau e enxertos de pele nos pés… Bem, eu tenho os pés queimados. Aconteceu quando eu era muito jovem, e embora, obviamente, eles estejam totalmente curados, ainda é uma luta encontrar sapatos que sejam confortáveis e não irritem a pele enxertada, mais fina.

Dito isso, dar a Beau este pedacinho da minha própria história foi de grande ajuda para eu encontrar um fio condutor que me conectasse a ele e suas lutas, porque, de muitas maneiras, ele foi o herói mais desafiador que já construí. Ele também ficará marcado como um dos mais memoráveis (e solicitados!), e espero que todos vocês tenham amado a história de amor entre ele e Bailey tanto quanto eu.

Eu disse ao Sr. Silver que precisava escrever meus agradecimentos e ele deu o jeito sarcástico dele de dizer que era de bom tom eu agradecer a ele. Acontece que ele nunca leu nenhum dos meus agradecimentos. Este é meu nono livro e ele está em todos eles. Eu literalmente o vi em pé no meu escritório, folheando cada um dos meus livros, procurando a dedicatória. Então, sinto que ele provavelmente já recebeu elogios suficientes. Mesmo assim, obrigada por tudo, amor. Eu te amo até a lua e de volta.

Para meu filho, que me faz rir todos os dias. Que me abraça todos os dias. Que diz que me ama todos os dias. Você me disse recentemente que dormiria abraçadinho comigo para *sempre*, e sinto que essa será uma conversa estranha com qualquer futura namorada, mas, honestamente, vou cobrar. Não adianta voltar atrás.

A meus pais, que são as pessoas que mais me incentivam. Obrigada por sempre acreditarem em mim, mesmo quando nem eu acreditava.

Um agradecimento muito especial à minha agente, Kimberly Brower, que acreditou nesta série (e em mim!) do começo ao fim. Eu provavelmente não digo isso tanto quanto deveria, mas *obrigada*. Você é realmente incrível. Aprecio demais seus conselhos e sua sabedoria. Eu não estaria onde estou hoje sem você ao meu lado.

Para Rebekah West, minha editora na Piatkus. Conhecer você e passar um

tempo com você foi um dos pontos altos do ano. Trabalhar com você é um privilégio. Obrigada por torcer por mim e amar esta série do jeito que você ama. Um brinde a mais espumante, e talvez até uma partida de futebol na próxima vez em que eu estiver em Londres.

Catherine Cowles, eu não teria terminado este livro sem você. Abençoada seja a sua organização, seu espírito solidário e seu coração incrível. Sou muito sortuda por ter uma amiga como você. Eu te amo.

Kandi e Lena, minhas *Spicy Sprint Sluts*, eu amo a nossa pequena comunidade. Vocês estão presas a mim para sempre. Eu amo vocês duas.

Minha assistente, Krista… desculpe, você é assistente-executiva agora. Guardiã da minha agenda. Organizadora da minha vida. A única pessoa para quem posso enviar mensagens de texto aleatórias e perguntar: “Seria sexy se ele raspasse os pelos da boceta dela?”

Stephanie e Kody, que tornam o #timeelsie completo e me ajudam a administrar todas as minhas redes sociais. Tenho muita sorte de ter as duas ao meu lado. Obrigada por todo o apoio e trabalho duro.

Paula, minha editora desde o meu romance de estreia. Não acredito que estamos há NOVE livros juntas. Que venham mais nove, minha amiga!

Minha editora de desenvolvimento, Julia. Você é talentosa e sábia. E assistir a você comer uma banana é um dos meus passatempos favoritos.

Para minha revisora, leitora beta e assistente de autógrafos (!!!), Leticia, obrigada por emprestar seu cérebro para meus livros. Não te solto nunca mais.

Para minhas meninas beta que nunca deixam de me fazer rir enquanto leem. Trinity, Josette, Amy, vocês são todas maravilhosas, obrigada por me presentearem com seu tempo e suas opiniões. Sou muito grata a vocês.

Finalmente, para meus leitores da ARC e membros da equipe de rua e influenciadores que comentam sobre mim, meus livros e esta série… obrigada. Seu trabalho é apreciado. Sua criatividade é valorizada. Esta carreira é um sonho que se tornou realidade, e eu nunca vou esquecer que vocês se uniram em torno de mim para torná-la possível. Do fundo do meu coração, obrigada.

Quer conhecer Ford melhor?
Então se prepare para viajar para Rose Hill,
onde se passa a nova série da autora.

ROSE HILL

• LIVRO 1 •

AMOR SELVAGEM

CAPÍTULO 1

Ford

– Cara. Você foi eleito o Bilionário Mais Sexy do Mundo pela *Forbes*.

Weston Belmont, meu melhor amigo, anuncia o título fazendo um escarcéu, só para me zoar. Parece que sou uma stripper prestes a subir no palco.

Eu o ignoro e me concentro na tarefa de desempacotar os produtos de limpeza da caixa aos meus pés.

– Ford. – Ele sacode a revista na minha cara. – Isso é uma loucura.

Semicerro os olhos para West, e me esforço muito para fazer a expressão mais neutra possível. Ele se espreguiça na cadeira de encosto alto com as botas em cima da minha mesa. A sujeira se solta das solas, transformando o lugar numa bagunça ainda maior do que já é.

– É uma loucura mesmo.

Apoio as mãos nos quadris e me viro para examinar o velho celeiro que vai se tornar a sede do meu novo estúdio de gravação e produtora. Estou chamando de celeiro, mas no momento não passa de um galpão vazio e empoeirado. Buracos cor de ferrugem no chão me fazem acreditar que, no passado, havia baias ali. Agora é basicamente um grande espaço aberto, bagunçado, com uma pequena área de cozinha perto da porta da frente, separada por um longo corredor estreito.

De qualquer forma, fica a uma curta caminhada da sede da fazenda, em um terreno enorme e inclinado, bem nos arredores de Rose Hill.

E quando as velhas portas do celeiro se abrem, a vista é simplesmente espetacular.

O lago margeia a parte de baixo da propriedade, emoldurado por pinheiros dos dois lados, como se fosse um oásis particular. A cidadezinha nas montanhas fica a apenas cinco minutos de distância. Depois dela, existem apenas montanhas escarpadas, que se estendem por quilômetros e quilômetros de natureza intocada no interior do Canadá.

O lugar é lindo. A propriedade inteira está caindo aos pedaços, mas tem muito potencial. Consigo visualizar claramente. Casas de hóspedes para os

artistas. Móveis antigos. Wi-fi que só funciona quando quer. Zero paparazzi.

Rose Hill Records. Uma homenagem à cidade que aprendi a amar.

Produzi *um* álbum de sucesso e agora estou viciado. Quero fazer isso de novo e, para minha sorte, tem uma fila de artistas querendo uma chance. Estou animado para ser criativo todos os dias. Ouvir música todos os dias. Fazer músicas ganharem vida todos os dias.

Especialmente *aqui*.

Rose Hill é o lugar perfeito para ter um lar e começar o negócio que sempre quis.

Um refúgio pessoal onde não preciso usar um terno careta nem me reportar a acionistas que só querem saber de lucro, nem ser perseguido pela imprensa que pergunta o que eu acho de ser "o bilionário mais sexy do mundo", como se isso fosse algum tipo de conquista suprema.

– Diz aqui que você não quis se pronunciar a respeito.

Se West fosse eleito o bilionário mais sexy do mundo, ele tiraria o máximo proveito disso.

Já eu me recuso a comentar e vou para uma cidade pequena, onde posso começar um novo empreendimento. Odeio os holofotes.

– Na verdade, eu fiz um comentário antes de dizer oficialmente que me não me pronunciaria.

West bufa.

– Ah. Lá vem bomba.

Contraio o maxilar. Ele sabe. Me conhece melhor do que quase todo mundo.

– Eu declarei que mal dá pra dizer que sou um bilionário e que, por acaso, sou mais atraente do que as outras 2.500 pessoas na lista. Querem fazer uma matéria sobre o aspecto menos interessante da minha vida. Então, sem comentários, porque essa conquista não vale nada. O ricaço com boa aparência padrão aqui diz "nem fodendo, obrigado".

– Puxa, que estranho que ninguém tenha publicado essa declaração encantadora, Ford. Um verdadeiro enigma.

Dou de ombros e ignoro a provocação. Não gosto de falar de dinheiro. Tive grana de sobra a vida inteira e já convivi com gente que faz minha infância parecer pobre. Nunca achei que fosse uma característica especialmente impressionante em ninguém que conheci. Na real, é quase o contrário. Quando se tem muito dinheiro, as pessoas agem de forma diferente perto de você. E se você começa a se apegar demais ao próprio dinheiro, acaba se transformando num verdadeiro filho da puta.

Por que alguém iria querer ler um artigo sobre o tamanho do patrimônio de alguém?

Eu também nunca me dei bem sob os holofotes. Atenção demais me deixa irritado e sarcástico, e me disseram que isso é *rude* ou demonstra falta de decoro social. Mas acho que não iria tão longe. Acontece que sou direto e muita gente se ofende com bastante facilidade.

Ao contrário de West, eu não pareço simpático. Estou ciente da opinião das pessoas, mas não tô nem aí. Quem me conhece sabe como eu sou. E não perco um minuto por causa da opinião daqueles que não conhecem.

Eu me abaixo, pego o espanador e atravesso a sala. Minhas botas batem no piso de madeira desgastado enquanto vou até o fogão vintage de ferro fundido no canto. Teias de aranha e toras parcialmente queimadas se amontoam ali embaixo. Eu me pergunto há quanto tempo elas estão lá, quem as colocou, que história elas podem contar. Se elas não fossem tão feias, eu as deixaria ali. Para ser franco, eu me sinto um pouco como um *yuppie* invadindo um lugar para deixar tudo novo e reluzente.

Eu poderia pagar outra pessoa para fazer esse trabalho pesado, mas não estou a fim de encarar a tarefa de encontrar alguém confiável. Além disso, é fascinante construir algo com minhas próprias mãos. Sim, eu tenho o dinheiro, mas não *preciso* gastar com isso quando sou perfeitamente competente. Quando tenho a ambição e a dedicação.

Trabalho duro – foi assim que acabei me tornando dono de um dos bares mais movimentados de Calgary, um point disputado para shows. Foi assim que acabei fundando um aplicativo de streaming de música que catapultou minha conta bancária a níveis estratosfericamente indecentes. Meu pai tinha muito dinheiro, muitos contatos, e poderia ter facilitado minha vida com um estalar de dedos, mas não fez isso. Ele fez questão de ensinar a mim e à minha irmã o valor do dinheiro.

E agora? A que irão atribuir todos os meus sucessos daqui por diante?

Dinheiro. Contatos. *Sorte*. E eu não acredito em sorte.

– Que foto é essa? – West segura a revista do outro lado da sala. – Parece que você está se escondendo atrás do seu casaco.

– Mas eu estava mesmo.

– Por quê?

Pobre West. A testa franzida e a cabeça inclinada revelam que ele está mesmo confuso. Para alguém como ele, não faz sentido ignorar holofotes. Ele é exuberante, divertido, um grande exibido – e eu adoro tudo isso nele. West

também tem um bom coração e é extremamente confiável. É autêntico em um mundo cheio de pessoas que não são. Quando éramos moleques, ele me encontrou lendo à beira do lago e começou a falar comigo como se me conhecesse há anos. Nunca mais parou. Por mais improvável que nossa amizade possa parecer. Por algum motivo, a gente nunca mais se desgrudou.

Somos unha e carne há vinte anos.

– Porque eu não queria que tirassem foto minha. Não gostei.

– Por quê? Quer que eu diga que você é um gato?

Dou uma risadinha irônica.

– Eu estava na rua, indo tomar um café com a minha irmã. Não era uma sessão de fotos.

Ele ri.

– Por acaso você ia cair morto se desse um sorriso?

– Ia.

Fito a lareira, espanador na mão, tentando descobrir como diabos vou dar conta de tudo que ainda tenho que fazer.

– Você vai precisar de uma pá pra esse fogão, não de um espanador.

– Obrigado, West. Que bom que você tá aqui pra me oferecer sua opinião sempre tão útil.

Ele solta um suspiro exagerado.

– Vai ser como nos velhos tempos. Só você e eu aprontando todas.

– Você aprontava. Eu só assistia.

– Eu me lembro de Rosie indo atrás da gente, xingando você o tempo todo. Meu Deus, nada me deixou mais orgulhoso dela.

Meu corpo se retesa quando ele menciona a irmã. *Rosalie*. Eu não a vejo há uma década, mas meus ombros ficam tensos do mesmo jeito.

Eu me viro para West.

– Ela não tem um mestrado e um emprego bacana em Vancouver agora?

Eu já sei que sim. Procuro me informar de tempos em tempos – só para ter certeza de que ela está feliz, claro. West a menciona quando conversamos, mas nunca dá detalhes. Fala apenas por alto, atualizações superficiais. Mas por que ele daria mais detalhes para o melhor amigo sobre a vida da irmã caçula que foi morar na cidade?

É melhor nem perguntar.

Ele gesticula, como se, para ele, o maior feito de Rosie fosse sair por aí distribuindo socos na adolescência.

– Foram os melhores verões. Eu ficava todo pra baixo toda vez que você

voltava pra cidade, para estudar.

Eu também odiava isso. De volta à cidade, de volta à escola com crianças que – ao contrário de West – me tratavam como se eu fosse diferente delas. De volta à pressão de ser filho de um dos guitarristas mais famosos do mundo. Rose Hill era meu refúgio favorito quando criança, e parece que nada mudou nesse sentido ao voltar para cá como um homem de trinta e dois anos. É como se o tempo parasse. Ninguém aqui liga se você é rico, famoso ou mesmo especial. Todo mundo cuida apenas da própria vida. O ar puro da montanha parece proporcionar uma perspectiva que falta à gente da cidade.

Mas meu apego a este lugar também tem outros motivos. Sinto uma atração muito mais profunda, que tem relação com as lembranças que ele guarda.

– Bem, este ano você não vai ter motivos pra ficar triste, West. É oficial. Você não se livra mais de mim.

Jogo o espanador de volta na caixa, aceitando o fato de que talvez eu precise contratar alguém para me ajudar a colocar este lugar em ordem, se eu quiser mesmo começar as gravações aqui em breve. A sede está habitável – eu mesmo a reformei completamente durante o inverno –, mas este galpão está muito pior.

– Perfeito. Vou te colocar no meu time de boliche.

– Não. De jeito nenhum. Você me disse que é a noite dos pais, e eu não sou pai.

Eu chuto o que pensei ser um inseto morto, mas que constato ser cocô de rato.

– A não ser que todos esses ratos contem como filhos.

– Acho que ratos não andam em manadas.

– Seja como for, acho que isso ainda não me qualifica como pai.

– Tudo bem. Na verdade, sou eu e Sebastian, quer dizer, se ele estiver na cidade, e aí temos você…

– Não conte comigo…

– E o Clyde Maluco.

– Quem é Clyde Maluco? Acho que não dá pra sair por aí chamando as pessoas de malucas.

– É o cara que mora do outro lado da montanha… praticamente um eremita… que acredita em todas as teorias da conspiração do mundo. As histórias dele são as melhores. E ele se apresenta como Clyde Maluco. Aí é contigo, se quiser corrigir.

Eu dou uma piscada para meu amigo. Isso parece um pesadelo.

– Não vou jogar boliche com você, West.

Ele zomba e ignora minhas palavras, gesticulando.

– Você diz isso agora. Sempre dizia não para minhas ideias malucas quando a gente era criança também, mas sempre aparecia. Cabelo emo caindo nos olhos, empurrando aqueles óculos enormes para cima do nariz. – Ele sorri para mim, dentes brancos perfeitos brilhando em meio à sua barba por fazer. – Todo sisudo. Provavelmente algum livro obscuro de poesia debaixo do braço.

Não consigo evitar a risada diante daquela descrição precisa. Balanço a cabeça.

– Vai se foder, Belmont.

– Olha pra você agora…

Aponto o dedo para ele.

– Nem pense em dizer isso.

Enquanto ele fala, suas mãos desenham gestos amplos e teatrais.

– O bilionário mais sexy do mundo.

– Eu te odeio.

– Não. Você me ama. Eu sou o sol que ilumina sua rabugice.

Minhas sobrancelhas se franzem.

– O quê?

– É uma coisa que li num romance.

Uma batida à porta interrompe a frase, e nós dois nos viramos para o outro lado do celeiro, em direção à frágil porta da frente e a um corredor estreito que faz uma curva acentuada para a quitinete.

– Quem apareceria por aqui? – sussurra West, como se estivéssemos em apuros.

Talvez estejamos mesmo. Estou na cidade há pouco tempo, trabalhando na sede, e não tenho ideia de quem poderia ser. Minha irmã Willa é do tipo que simplesmente entraria sem bater. Meus pais ligariam antes. Meu melhor amigo está bem na minha frente.

A verdade é que não tem mais ninguém na minha vida que se daria ao trabalho de pegar um carro e vir até aqui.

Meu círculo é bastante fechado e confio em pouquíssimas pessoas. O charme de Rose Hill é que nenhum paparazzo quer passar o dia todo dirigindo para *talvez* conseguir uma foto.

– Não sei.

Dou de ombros, e os olhos de West se arregalam como os de uma coruja enquanto ele também dá de ombros.

Outra batida.

– Tô ouvindo vocês cochichando aí dentro – diz uma voz feminina que não reconheço, do outro lado da porta de madeira.

A primeira pessoa em que penso é Rosie, mas a voz parece jovem demais para ser dela. Então solto um suspiro pesado, me dirijo até a porta e abro.

Na minha frente está uma garota. Ela veste jeans preto rasgado, tênis All Star Chuck Taylor pretos. Uma camiseta larga do Death From Above 1979, uma das minhas bandas favoritas. A peça ostenta alguns rasgos propositais. O cabelo preto está preso em duas tranças, uma em cada ombro, complementada por uma franja reta na testa. Tudo isso é acompanhado por uma expressão de indiferença. A alça superior de uma mochila JanSport balança entre seus dedos.

Não sei quantos anos ela tem. É jovem. Parece estar naquela idade estranha e confusa pouco antes da adolescência, a julgar pela cara fechada e pela enorme espinha em seu queixo. Ela cruza os braços e arrasta o olhar do meu rosto para os meus pés antes de voltar a me encarar.

– Quem é você? – pergunto.

Não quero soar como um babaca quando digo isso. Afinal, ela é apenas uma criança.

Seus lábios ficam tensos, e ela pisca uma vez, lentamente.

– Sou sua filha, seu babaca.

Agora é a minha vez de piscar lentamente. Ouço a cadeira de West deslizar pelo piso de madeira, seguida de passos pesados.

– Como assim? – digo.

Ouvi as palavras, mas meu cérebro não está processando seu significado.

– Você é meu pai – responde ela, e revira os olhos. – Biologicamente falando.

Mas não tem como. Simplesmente não tem como. A frase em si já me deixa na defensiva. É ridículo.

Um artigo idiota da *Forbes* fala sobre minha conta bancária e as baratas saem rastejando do esgoto. Conheço essa história muito bem. Quase sinto pena da garota. Ela é jovem demais pra ter pensado nisso sozinha. Alguém deve tê-la orientado.

– Olha só, seja qual for seu nome, não tenho certeza do que você quer de mim, mas tenho um palpite. E você veio bater na porta errada.

– Meu nome é Cora Holland. Seu nome é Ford Grant Junior, e você é meu pai biológico.

– Não, *Junior* não – murmura West. – Ele odeia.

Não me dou ao trabalho de olhar para o meu amigo. Em vez disso, encaro a

garotinha sarcástica jogando delírios na minha cara.

Ela tem muita coragem, tenho que reconhecer.

– Isso é impossível. Nunca transei com a Mortícia Addams.

Ela inclina a cabeça e revira os olhos de novo. Mal reage.

– Que original, nepobaby. Nunca tinha ouvido essa piada antes.

Ela vasculha a mochila. Preta, é claro. Com um floreio, tira um papel estampado com um logotipo que reconheço.

A empresa para a qual enviei DNA para poder completar uma árvore genealógica como um presente para minha mãe.

– E com um copinho de papel? Uma placa de Petri? Um tubo estéril? Já transou com um deles em troca de dinheiro alguma vez na vida?

Sinto o sangue gelar, meu estômago dar uma cambalhota e minha cabeça girar.

Porque, na realidade, eu fiz exatamente isso.

West dá um tapa no meu ombro, apertando-o firmemente enquanto passa por mim e sai pela porta.

– Certo, bem… Acho que nos vemos no boliche.

E me deixa aqui.

Sozinho.

Olhando para uma garota que pode muito bem ser minha filha biológica. E sentindo que, na verdade, o que eu posso ser é… o Pai Mais Despreparado do Mundo.

SOBRE A AUTORA



ELSIE SILVER é uma autora canadense de romances atrevidos e sensuais ambientados em cidades pequenas.

Adora se apaixonar por personagens literários e pelas protagonistas fortes que os deixam de joelhos. Devora livros românticos desde bem nova, provavelmente desde antes do que deveria.

Mora nos arredores de Vancouver, na Colúmbia Britânica, com o marido, o filho e três cachorros.

www.elsiesilver.com
@authorelsiesilver

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO



Temporada de turistas

Brynne Weaver

Cabo Matança é uma vila costeira turística cheia de casinhas coloridas, lojas excêntricas e um número extraordinariamente alto de cadáveres. É que às vezes turistas trazem problemas, e a jardineira local, Harper Starling, não admite que ninguém estrague seu lar perfeito.

Profissional habilidosa com instintos assassinos, Harper transforma visitantes mal-intencionados em adubo para suas flores – que inclusive já lhe renderam vários prêmios.

Mas Nolan Rhodes não é um turista comum. Diabolicamente bonito, charmoso e talentosíssimo no manejo de facas, ele é implacável na busca por vingança. A cada aniversário do atropelamento que destruiu sua vida, Nolan elimina um novo alvo. E ele guardou o melhor para o final: Harper Starling. Só que ela não é o monstro que ele esperava. E não vai se entregar sem lutar.

Quando um investigador amador de true crime chega a Cabo Matança em busca de um serial killer há muito desaparecido, Harper e Nolan fazem uma trégua. Se Nolan ajudar Harper a proteger a cidade, ela manterá segredo sobre os hábitos de caça dele.

Mas a aliança logo se transforma em obsessão — e ameaça revelar todos os segredos de Cabo Matança, inclusive o frágil romance dos dois.

Clique aqui para ver na loja



Partindo para o ataque

Ana Huang

Primeiro livro da série Deuses do Jogo, *Partindo para o ataque* é uma história ardente de proximidade forçada no mundo dos esportes.

Ela é a única mulher que ele quer... e a única que não pode ter.

Asher Donovan é o melhor jogador de futebol do mundo, mas sua rivalidade com um dos colegas de time acaba levando seu clube a perder o campeonato nacional.

Tentando dar um fim à hostilidade entre os dois, o técnico os obriga a passar as férias de verão dando tudo de si num treinamento de... balé.

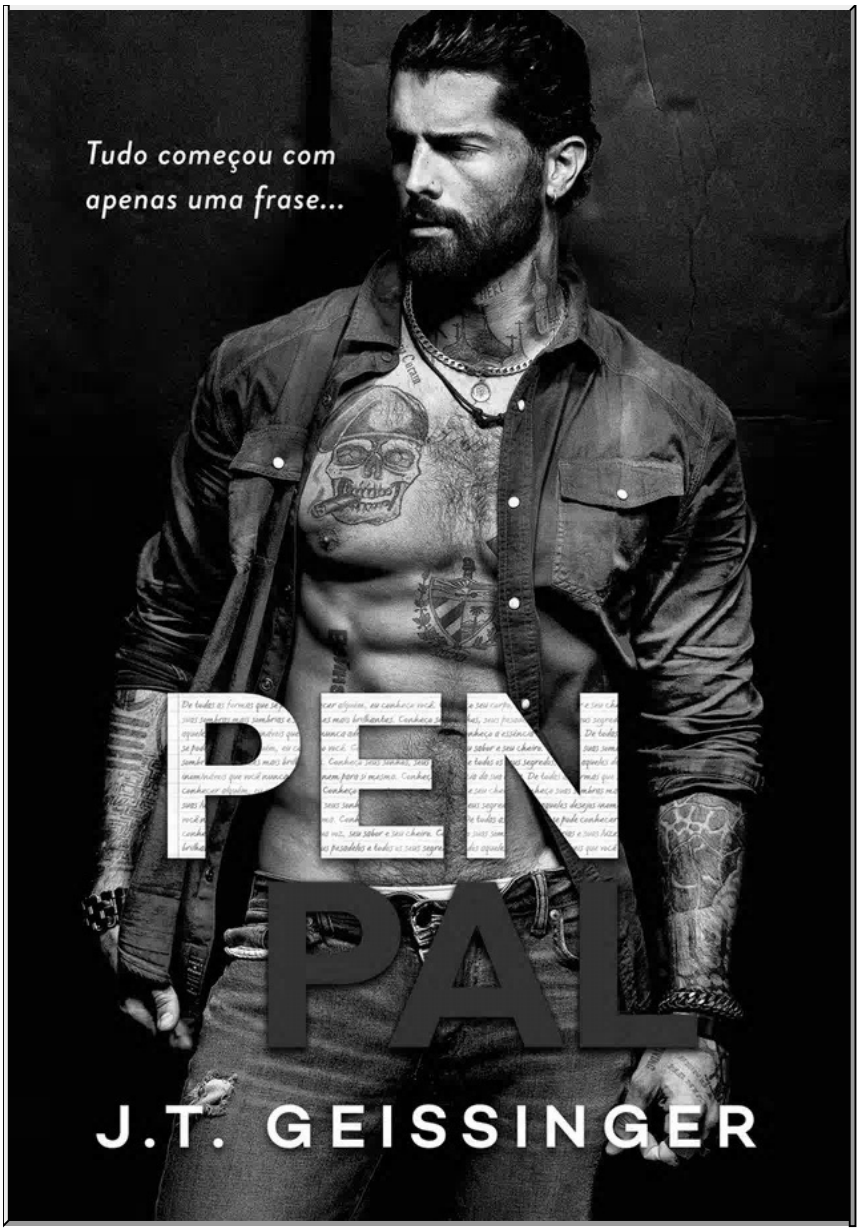
Quando conhece a nova professora – uma mulher linda e talentosa –, Asher não consegue tirá-la da cabeça. Só que ele tem um problema: ela também é irmã do seu arqui-inimigo e está completamente fora de seu alcance.

Ela jurou nunca mais dar bola para um jogador de futebol... até ele roubar seu coração.

Scarlett DuBois era uma bailarina promissora, mas seus sonhos foram despedaçados por um acidente. Agora, ela é uma dedicada professora que se vê diante de uma missão quase impossível: dar aula para o próprio irmão e para o rival dele.

É cada vez mais difícil resistir ao charme de Asher, mas se apaixonar está fora de cogitação. Principalmente quando seu novo aluno é a única pessoa com o poder de partir seu coração.

Clique aqui para ver na loja



Pen Pal

J. T. Geissinger

A primeira carta chega no dia do enterro do meu marido.

Vem da penitenciária e tem apenas uma frase:

Vou esperar para sempre se for preciso.

A assinatura é de um tal Dante, um homem que eu não conheço.

Por simples curiosidade, escrevo de volta perguntando o que exatamente ele está esperando. Sua resposta:

Você.

Digo ao homem misterioso que ele mandou a carta para a pessoa errada. Ele insiste que está certo. Escrevo que nunca nos encontramos, mas ele afirma que me conhece.

Trocamos cartas toda semana, cada vez mais íntimas. Então, um dia, elas param. Quando descubro por quê, já é tarde demais.

Dante está à minha porta.

E nada neste mundo me preparou para o que acontece em seguida.

Clique aqui para ver na loja

CONHEÇA OS LIVROS DE ELSIE SILVER

CHESTNUT SPRINGS

Sem defeitos

Sem coração

Sem controle

Sem juízo

Sem saída



Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis em audiolivro.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br